

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS E ARTES

**MAGIA^(K) EM TEORIA E PRÁTICA, DE ALEISTER CROWLEY:
TRADUÇÃO DIRETA DO ORIGINAL BRITÂNICO, ORGANIZAÇÃO,
INTRODUÇÃO, ESTUDO PRELIMINAR, EDIÇÃO E NOTAS**

Luana Camila de Souza Lima

Manaus - Amazonas

2017

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS E ARTES

LUANA CAMILA DE SOUZA LIMA

**MAGIA^(K) EM TEORIA E PRÁTICA, DE ALEISTER CROWLEY:
TRADUÇÃO DIRETA DO ORIGINAL BRITÂNICO, ORGANIZAÇÃO,
INTRODUÇÃO, ESTUDO PRELIMINAR, EDIÇÃO E NOTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras e Artes.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos.

Manaus - Amazonas

2017

Catálogo na fonte
Elaboração: Ana Castelo CRB11ª -314

L732m **Lima, Luana Camila de Souza**
Magia(k) em teoria e prática, de Aleister Crowley: tradução direta do original britânico... / Luana Camila de Souza Lima. – Manaus: UEA, 2017.
300fls. il.: 30cm.

Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, para obtenção do título de Mestre em Letras e Artes.

Orientadora: Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos

1. Fernando Pessoa - tradução 2. Aleister Crowley – tradução 3. Ocultismo I. Orientador: Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos. II. Título.

CDU 821.134

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – www.uea.edu.br
Av. Leonardo Malcher, 1728 – Ed. Professor Samuel Benchimol
Pça. XIV de Janeiro. CEP. 69010-170 Manaus - Am**

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

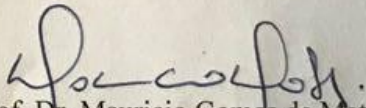
PPGI&A
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

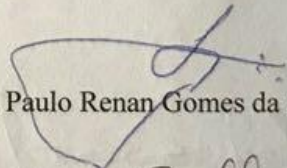


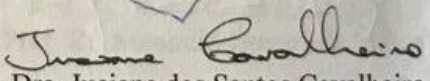
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES

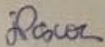
Ata nº 14/2017

Aos vinte e dois dias do mês agosto do ano de dois mil e dezessete, às dezesseis horas, nas dependências da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas, reuniu-se a décima quarta Comissão de Avaliação de Dissertação de Mestrado em Letras e Artes para arguir a candidata **Luana Camila de Souza Lima** em sua dissertação **“Magia^(k) em teoria e prática, de Aleister Crowley: Tradução direta do original britânico, organização, introdução, estudo preliminar, edição e notas”**. A Comissão de Avaliação esteve constituída pelos professores Dr. Mauricio Gomes de Matos, presidente da sessão, Dr. Paulo Renan Gomes da Silva da Universidade Federal do Amazonas, Juciane dos Santos Cavalheiro da Universidade do Estado do Amazonas. A Comissão de Avaliação **aprovou** a candidata neste requisito parcial e último para obtenção do grau de **Mestre em Letras e Artes**, na área de concentração Representação e Interpretação, linha de pesquisa Arquivo, Memória e Interpretação. Nada mais havendo a constar, o Presidente lavrou a presente ata que vai assinada pelos membros da Comissão de Avaliação e visada pela Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, aos vinte e dois dias do mês de agosto de dois mil e dezessete.


Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos


Prof. Dr. Paulo Renan Gomes da Silva


Profa. Dra. Juciane dos Santos Cavalheiro

Visto: 
Prof. Dra. Luciane Viana Barros Páscoa

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS



Dissertação de Mestrado de Luana Camila de Souza Lima

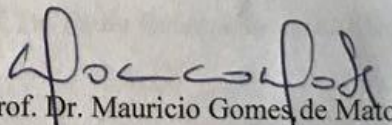
“Magia^(k) em teoria e prática, de Aleister Crowley: Tradução direta do original britânico, organização, introdução, estudo preliminar, edição e notas”.

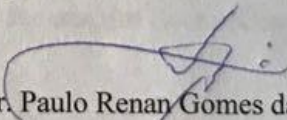
- Aprovado
- Aprovado com Recomendações
- Reprovado

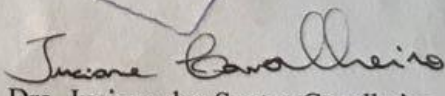
Parecer:

A BANCA RECOMENDA A PUBLICAÇÃO, RESSALTANDO A IMPORTÂNCIA E A QUALIDADE DA PESQUISA, BEM COMO SUGERE AJUSTES NAS ANÁLISES E NOS PROCEDIMENTOS TRADUTÓRIOS.

Banca Avaliadora:


Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos


Prof. Dr. Paulo Renan Gomes da Silva


Prof. Dra. Juciane dos Santos Cavalleiro



PPGL&A
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS & ARTES

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E ARTES**

TERMO DE APROVAÇÃO

LUANA CAMILA DE SOUZA LIMA

**MAGIA^(K) EM TEORIA E PRÁTICA, DE ALEISTER CROWLEY:
TRADUÇÃO DIRETA DO ORIGINAL BRITÂNICO, ORGANIZAÇÃO,
INTRODUÇÃO, ESTUDO PRELIMINAR, EDIÇÃO E NOTAS**

Dissertação aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, pela Comissão Julgadora abaixo identificada.

Manaus, 22 de agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos – Presidente e orientador
Universidade do Estado do Amazonas – (PPGLA-UEA)

Prof^ª. Dr.^a. Juciane dos Santos Cavalheiro – Membro interno
Universidade do Estado do Amazonas – (PPGLA-UEA)

Prof. Dr. Paulo Renan Gomes da Silva – Membro externo
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Dedico este trabalho à minha mãe Luz Mara, sábia e iluminada, minha tia Ana Cristina, sempre disposta a me ajudar e apoiar em todos os momentos e a meu querido tio Antônio Reginaldo, por me inspirar ao estudo de línguas estrangeiras e das Artes.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dessa jornada na qual percorremos chamada vida, tudo parece um tanto denso e pesado, muitas provações aparecem para testar nossa paciência, nossa força de vontade e determinação. Muitas pessoas aparecem em nosso caminho, algumas permanecem por um tempo ao longo do percurso e outras ficam em outras estações. A única certeza que sabemos é que cada uma dessas pessoas são, foram ou serão nossos mestres e alunos. E, a todos os que cruzaram o meu caminho eu agradeço.

Em primeiro lugar, a Deus, em suas mais diversas formas e denominações, à minha mãe Luz Mara, tia Ana Cristina e tio Antônio Reginaldo, por estarem presentes em todos os momentos da minha vida, apoiando-me e me dando ânimo para continuar minha jornada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Mauricio Gomes de Matos, por acreditar, incentivar e me direcionar ao longo da minha pesquisa, sempre gentil e solícito, um profundo conhecedor das letras e literaturas, de fato uma pessoa ímpar.

Aos membros da banca examinadora, Prof.^a Dr.^a. Juciane dos Santos Cavalheiro, pelas contribuições, sempre pronta a ajudar no que fosse preciso; e ao Prof. Dr. Paulo Renan Gomes da Silva, por nortear meus estudos acerca da tradução e língua inglesa.

A todo o momento há uma lição a ser aprendida ou ensinada, e o objetivo maior será sempre caminhar na amorosidade para que encontremos nossa essência mais pura, alcancemos universos mais sutis e a leveza do ser, estar no aqui e no agora, neste momento presente da melhor forma possível, sempre evoluindo e recomeçando a cada dia. Para cada fim um novo início.

Do what thou wilt shall be the whole of the Law.

Love is the law, love under will.¹

(Aleister Crowley)

Every man and every woman is a star.²

(Aleister Crowley)

Para ser grande, sê inteiro: nada

Teu exagera ou exclui.

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és

No mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive.

(Ricardo Reis)

¹ Tradução nossa: “Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei. O amor é a lei, amor sob vontade.” (Aleister Crowley).

² Tradução nossa: “Todo homem e toda mulher é uma estrela.” (Aleister Crowley).

RESUMO

‘Magia^(k) em Teoria e Prática’ de Aleister Crowley: Tradução direta do original britânico, organização, introdução, estudo preliminar, edição e notas, consiste na pesquisa e desenvolvimento, partindo de uma breve nota biográfica dos escritores Fernando Pessoa e Aleister Crowley, culminando na relação e análise de seus escritos de cunho místico e averiguando o ocultismo presente nas entrelinhas de seus poemas. Desta forma, torna-se possível reconhecer a suma importância de ambos os escritores no que concerne aos estudos literários, abrindo um leque acerca da relação entre eles, que começou de forma epistolar, com posterior encontro na Boca do Inferno, episódio no qual ocorreu o suicídio fingido de Crowley, com a ajuda de Pessoa. A partir desses fatos possibilita-se comprovar os pormenores em comum entre ambos, seguido da tradução de Hino a Pã realizada por Pessoa para a língua portuguesa, poema que consta na epígrafe de *Magick in Theory and Practice* e serve como base tradutória no que diz respeito ao método de traduzir de Pessoa, embasado nos métodos e técnicas existentes acerca da tradução. O resultado da pesquisa e desenvolvimento do presente trabalho tem como produto final, a tradução, editada e anotada de ‘Magick in Theory and Practice’ para a língua portuguesa, trabalho inédito intitulado: ‘Magia^(k) em Teoria e Prática.’

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Aleister Crowley, tradução, língua inglesa, ocultismo.

ABSTRACT

‘Magick in Theory and Practice’ by Aleister Crowley: Direct translation of the original British, organization, introduction, preliminary study, edition and notes, consists of research and development, starting from a brief biographical note of the writers Fernando Pessoa and Aleister Crowley, culminating in the relation and analysis of their mystical writings and investigating the present occultism between the lines of their poems. In this way, it becomes possible to recognize the importance of both writers as far as literary studies are concerned, opening a range about the relationship between them, which began in an epistolary manner, with a later encounter in the Boca do Inferno (Mouth of Hell), an episode in which occurred the feigned suicide of Crowley, with the help of Pessoa. From these facts it is possible to prove the details in common between both, followed by the translation of Hymn to Pan into Portuguese language by Pessoa, a poem that appears in the epigraph of ‘Magick in Theory and Practice’ and serves as a translation base as far as the Method of translation by Pessoa is concerned, based on existing methods and techniques of translation. The result of the research and development of the present work has a final product, the translation, edited and noted of ‘Magick in Theory and Practice’ into Portuguese language, unpublished work titled: ‘Magia ^(k) in Theory and Practice.’

Keywords: Fernando Pessoa, Aleister Crowley, translation, English language, occultism.

SUMÁRIO

| | |
|---|--------------|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | p. 10 |
| 1 BREVE NOTA BIOGRÁFICA ACERCA DE COMO SE DEU O CONTATO ENTRE FERNANDO PESSOA E ALEISTER CROWLEY..... | p. 13 |
| 1.1 Aleister Crowley, nascimento, escritor, ocultista..... | p. 13 |
| 1.1.1 Crowley escritor..... | p. 14 |
| 1.1.2 Ocultista..... | p. 16 |
| 1.2 Fernando Pessoa, vida, heterônimos, ocultismo..... | p. 17 |
| 1.2.1 O Poeta dos heterônimos..... | p. 18 |
| 1.2.2 Ocultismo..... | p. 19 |
| 1.3 Pessoa descobre o ocultista inglês Aleister Crowley e se interessa por sua obra..... | p. 21 |
| 1.3.1 Pessoa percebe um erro no mapa astral de Crowley..... | p. 22 |
| 1.3.2 O início da relação epistolar entre Pessoa e Crowley..... | p. 23 |
| 1.4 Tradução e envio para publicação do poema "Hymn to Pan" | p. 25 |
| 1.5 O desenrolar da relação epistolar entre Fernando Pessoa e Aleister Crowley..... | p. 29 |
| 1.6 O encontro do Poeta fingidor com a Besta 666..... | p. 31 |
| 1.6.1 O episódio da Boca do Inferno..... | p. 34 |
| 1.6.2 Pessoa é interrogado pela Interpol e Imprensa..... | p. 37 |
| 1.7 Após o episódio da Boca do Inferno..... | p. 37 |
| 1.8 As "vidas" de Pessoa e Crowley após suas mortes..... | p. 43 |
| 2 DE "HYMN TO PAN" A "HINO A PÃ", FERNANDO PESSOA TRADUTOR DE ALEISTER CROWLEY..... | p. 46 |
| 3 DOS CRITÉRIOS EMPREGADOS NA TRADUÇÃO DE "MAGICK IN THEORY AND PRACTICE", DE ALEISTER CROWLEY PARA A LÍNGUA PORTUGUESA..... | p. 65 |
| 4 DOS CRITÉRIOS EDITORIAIS ADOTADOS..... | p. 77 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | p. 89 |

REFERÊNCIAS.....p. 91
ANEXO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O livro *Magick in Theory and Practice* é uma obra de fundamental importância no cenário acadêmico, no que tange aos estudos da literatura envolvendo Fernando Pessoa e a sua relação com a temática de Crowley. É de conhecimento geral que se trata de uma obra sobre ‘Magia^(k) em Teoria e Prática’, escrito e organizado pelo autor, destinado a ‘todos’ os que quiserem ter conhecimento sobre o assunto. E isso é explicitado na introdução do livro, assim como, a definição de Magia^(k) como “a Ciência e a Arte de fazer com que a Mudança ocorra em conformidade com a Vontade.”* (CROWLEY, 1976, p. XII). A recepção da obra ocorreu de forma polêmica devido à má interpretação do capítulo 12 que discorre sobre Magia^(k) envolvendo ‘Sacrifícios Sangrentos’ com sangue humano e de animais. Entretanto, o mago é defendido por um de seus editores, Hymenaeus, que aponta para o equívoco cometido por aqueles que levam o teor do capítulo de forma literal. Na realidade, Crowley estaria se referindo a rituais sexuais e o sacrifício de si de forma espiritual.

Acerca das edições, *Magick* possui cerca de 22 edições encontradas até então, com ausência de reedição, sendo 17 em língua inglesa, 2 edições publicadas com o autor ainda em vida e as demais *post mortem*, incluindo publicações em francês, alemão, espanhol, russo e sérvio, por conta deste fato, foi disseminado e impresso em países, como: Inglaterra, Reino Unido, Estados Unidos, Austrália, França, Bélgica, Espanha, Rússia e Sérvia. Contudo, não havia até o momento tradução para o português, fato que comprova, portanto, o ineditismo da presente dissertação, com a tradução de *Magick in Theory and Practice*, diretamente do original britânico para o português, com o título: Magia^(k) em Teoria e Prática.

Dentre todas as edições, 3 obras em inglês e 1 em espanhol serviram como base para a elaboração do trabalho de tradução e edição anotada†, sendo a edição de 1976, reimpressão de 1929, utilizada de forma central, em comparação a edição de 1991 idêntica a citada anteriormente em termos de notas de rodapé; já a de 1997 foi

* Original em inglês: “is the Science and Art of causing Change to occur in conformity with Will.” (CROWLEY, 1976, p. XII).

† Edições consultadas para a realização da tradução da obra *Magick in Theory and Practice*: CROWLEY, Aleister. *Magick in Theory and Practice*. 1929. Reprint, New York: Dover, 1976./CROWLEY, Aleister. *Magick: Book Four (Liber ABA)*. New York: Weiser, 1997./CROWLEY, Aleister. *Magick in Theory and Practice*. New York: Castle Books, 1991./CROWLEY, Aleister. *Magia(k) en Teoria y Practica*. Madrid: Luis Cárcamo editor, 1986.

fundamental no quesito de acréscimo de notas, fator que enriqueceu a tradução e edição de forma substancial. Em termos de parâmetro, a edição em espanhol do Cárcamo, 1986, contribui ao longo do processo de tradução com a permanência do ^(k) em exponencial da seguinte forma: Magia ^(k), neologismo utilizado por Crowley para diferenciar Magia ‘ilusionismo’ da Magia tratada no livro.

Vale ressaltar o patente esforço, por parte do mercado editorial português, para ocultar as relações que houve entre Pessoa e Crowley, na tentativa de afastar o primeiro de uma possível contaminação social, devido a informações superficiais de que “a figura de Aleister Crowley teve, para quantos conviveram com ela, aspectos sumamente sinistros e desagradáveis[...]” (SENA, 1984, p.139) por ter travado contato, inclusive íntimo, com um mago,^{*} que chegou a ser considerado, ainda sem motivo substancial, como "o pior homem do mundo"[†] e acabou por autoneamar-se como “Besta 666”[‡], “uma encarnação da Besta do Apocalipse” (IBID, 1984, p.140).

O capítulo inicial trata-se de uma breve nota biográfica acerca de como se deu o contato entre Fernando Pessoa e Aleister Crowley. Discorre-se acerca do mago inglês desde o seu nascimento, família e o desenvolvimento da carreira de escritor e ocultista,

* De acordo com as definições dicionarizadas ‘Mago’ é definido como “1. influente sacerdote zoroastra, que estudava os astros. 2. Cada um dos três reis que, tendo como guia uma estrela, foram a Belém adorar o recém-nascido menino Jesus. 3. Aquele que sabe desenvolver e empregar os poderes mágicos e fazer adivinhações; bruxo, feiticeiro. [...]O que encanta e fascina; encantador, mágico, sedutor.” <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=mago> último acesso 19 de junho de 2017. O termo ‘bruxo’ é definido como: “1. Homem a quem se atribui a prática de bruxaria; feiticeiro [...] 2. mago.” <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bruxo> último acesso 19 de junho de 2017. Em relação à ‘bruxaria’ temos o seguinte: “1. Ação própria de bruxa ou bruxo; bruxedo, coisa-feita, feitiçaria, feitiço [...] 2. Conjunto de práticas que, segundo a credence popular, permitem à bruxa ou ao bruxo usar de poderes sobrenaturais de modo a prever o futuro e atuar negativamente sobre a vida de uma pessoa, causando-lhe danos ou malefícios ou, até mesmo, levando-a à morte. 3. O suposto efeito de tais práticas divinatórias e maléficas; bruxedo, coisa-feita. 4. Acontecimento que, por não ter explicação lógica, acaba tendo sua ocorrência atribuída à atuação de forças sobrenaturais; bruxedo, coisa-feita.” <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=YxaL> último acesso 19 de junho de 2017. Entende-se por ‘Alta Magia^(k)’ como “a magia^(k) do controle, a magia^(k) do domínio da realidade pelo homem. É um tipo de magia^(k) intelectualizada e fria, baseada no "puro espírito", ou melhor, na separação platônica da carne e do espírito. O Mago escraviza entidades, ordena coisas, e para tal tem que ser controlado tanto por dentro quanto por fora. O Mago Cerimonial (de Alta Magia) é um sujeito que pratica a abstinência dos prazeres corporais, pois só pode dominar o macrocosmo se seu microcosmo estiver dominado.” <http://www.mistico.com/p/magia.html> último acesso em 20 de junho de 2017. Já o ‘Ocultismo Iniciático’ tem ligação com a ordem externa ‘Maçonaria’, todavia por definição há três caminhos para o oculto: o caminho *mágico*, o caminho *místico* e o caminho *alquímico*. (MATOS, 2015, p. 13). A ‘cultura mística de tradição’ abrange a cristã e a cabala. <http://www.icls.com.br/aula/tradicao-mistica-catolicismo-e-protestantismo/> último acesso em 20 de junho de 2017, <http://www.sca.org.br/news/477/57/A-Cabala-Mistica.html> último acesso em 20 de junho de 2017.

† (CLAYTON; LACHMAN; SHARP, et al., 2012, p.1).

‡ CROWLEY, 1989, p. 14.

fazendo referência a seu primeiro poema publicado ‘Acéldama’, e seu interesse pelas ciências ocultas, a sua passagem pela ordem da ‘Golden Dawn’ e seu isolamento para a prática da magia sagrada de Abramelin e depois no Cairo, o recebimento do espírito de Thoth, resultando na composição escrita ou psicografada do ‘Livro da Lei’ e a proclamação da ‘Thelema’. Na sequência, uma breve biografia de Pessoa, vida, heterônimos e ocultismo. O fato de o Poeta ter sido alfabetizado na África do Sul, o que o torna profundo conhecedor da língua inglesa e da língua portuguesa, contribuindo para seu trabalho de tradutor, a origem de seus heterônimos, seu interesse pelo ocultismo e a relação do mesmo com os seus escritos, o seu conhecimento e interesse pelos escritos de Crowley, incluindo *Magick in Theory and Practice*. Em sequência, retrata a relação epistolar, o encontro de Pessoa e Crowley, na Boca do Inferno, a tradução de “*Hymn to Pan*”, depois do encontro, suas mortes, e *post mortem*.

No segundo capítulo, aborda-se a tradução de ‘*Hymn to Pan*’ a ‘Hino a Pã’, por Fernando Pessoa, a importância desse poema na vida de Crowley, e como ponto chave de contato entre ambos, sendo inserido na epígrafe do livro *Magick in Theory and Practice*. É discorrido acerca da relevância de Crowley como escritor e Poeta, fazendo menção a estética do fingimento de Pessoa e que estaria inserida na escrita Crowleyana. Para isso, poemas do mesmo são analisados e a tradução de Hino a Pã por Pessoa, considerando o aspecto mantenedor da métrica e rima e seu método tradutório, comparando-o ao de Machado de Assis, na tradução de O Corvo/*The Raven* de Edgar Allan Poe e uma segunda tradução de Hino a Pã, literal, pela autora desta dissertação.

Em sequência, o terceiro capítulo descreve e analisa, com base nas teorias, os critérios empregados na tradução de *Magick in Theory and Practice*, de Crowley para a língua portuguesa, em comparação ao método tradutório Pessoaano, desde as características da língua inglesa utilizada por Crowley, possíveis aspectos estruturais da linguagem, igualmente, se há influência americana ou se o inglês é unicamente britânico, comparando trechos de *Magick* a poemas do próprio Crowley, de Pessoa, da Bíblia, Shakespeare, Poe, Henley e Alexander Search. Trata, ainda, do neologismo empregado por Crowley da palavra *Magick* com (k), mantido como Magia^(k).

No capítulo quarto e último, trata dos critérios editoriais adotados, diferença entre *publisher* e editor, as edições da obra *Magick in Theory and Practice*, a ausência

de reedições, a recepção da obra ao ser publicada, e a constatação da inexistência de tradução para o português, comprovando o ineditismo da tradução feita de Magia ^(k) em Teoria e Prática editado e anotado.

1 BREVE NOTA BIOGRÁFICA ACERCA DE COMO SE DEU O CONTATO ENTRE FERNANDO PESSOA E ALEISTER CROWLEY

1.1 Aleister Crowley, nascimento, escritor, ocultista

Moralismo, conservadorismo e perseguição a artistas, escritores e intelectuais tal como grandes avanços em diversas áreas e crescimento econômico¹ marcam um período na história da Inglaterra conhecido como era Vitoriana. E, é nessa atmosfera política e social que em “doze de outubro de 1875, na cidade Leamington, condado de Warwickshire, Inglaterra [...] entre 23 horas e a, meia-noite, nascia, sob o signo de Libra com ascendente em Leão, Edward Alexander Crowley”²(SUTIN, 2000, p.15). Mais tarde, conhecido como Aleister Crowley, uma das figuras mais polêmicas de sua época. Foi mago, escritor, pintor, astrólogo, enxadrista, alpinista, e cabalista influente. Fundador da doutrina Thelema, assim como co-fundador da A.A³ e líder da O.T.O.⁴ Crowley descreve em sua autobiografia o evento de seu nascimento em terceira pessoa:

Ele trazia em seu corpo as três marcas mais distintivas de Buda. Tinha a língua presa, e no segundo dia de sua encarnação teve o freio da língua cortado por um cirurgião [...]. Tinha também a membrana característica, o que exigiu uma operação de fimose [...]. Por fim, tinha sobre o centro de seu coração quatro ondulações da esquerda para a direita, a forma exata de uma suástica. (SUTIN, 2000, p. 15-16).⁵

Foi uma criança que cresceu em um lar estritamente rígido, com pais religiosos e participantes de “uma seita de fanáticos protestantes, a Irmandade de Plymouth. “O pai que era pregador e segundo Crowley, um homem de notáveis dotes oratórios, além de fortes qualidades humanas”(ROZA, 2010, p. 31) morre quando ele tinha 11 anos ⁶

¹ (cf. MORAIS, 2004, p. 41).

² HEYSS, 2010, p.21. Primeira e única biografia sobre Crowley em língua portuguesa, por um brasileiro.

³ A.A (*Argenteum Astrum*) ou Estrela de Prata, Ordem integrante da Grande Fraternidade Branca. (CROWLEY, 1989, p. 17).

⁴ O.T.O “Order of Oriental Templars”/Ordo Templi Orientis, ordem fundada na Alemanha cuja linha de ensinamentos baseava-se em magia sexual e ritos maçônicos. (CHURTON, 2014, p.53-54).

⁵ Original em inglês: “He bore on his body the three most distinguishing marks of a Buddha. He was tongue-tied, and on the second day of his incarnation a surgeon cut the fraenum linguae [...]. He had also the characteristic membrane, which necessitated an operation for phimosis [...]. Lastly, he had upon the center of his heart four curling left to right in the exact form of a Swastika.” (SUTIN, 2000, p. 15-16).

⁶ Em Crowley (1989, p.14) a idade mencionada por ele quando o pai morre é de 11 anos já em Roza (2010, p. 31) a idade de Crowley quando o pai morre que consta na biografia inicial é de 6 anos.

(CROWLEY, 1989, p. 14), deixando-lhe uma imensa fortuna (BELÉM, 1995, p. 9)“sua mãe volta a casar com o tio, Tom Bishop [...] outro fanático de um tipo mais intolerante. Desde cedo colocaram o jovem Alexander numa escola da irmandade, onde os mesmos princípios de rigidez e intolerância eram inculcados.”(Ibid., 2010, p. 31).

Nessa época, o universo infantil girava em torno do medo da punição e poucas certezas que aquele mundo apresentava (cf. MORAIS, 2004, p. 68). As crianças recebiam dos pais toda a carga preocupante sobre um futuro de incertezas, com rápida evolução tecnológica e permanência da moral e dos bons costumes. E tudo o que fosse contra as normas seria visto com maus olhos. Crowley (1989, p.14), em confissões que descrevem essa ambientação, afirma que crescera fora dessa matriz do Vitorianismo com seu olhar cor-de-rosa do mundo, e seu ideal medieval de beleza e Deus. Foi também um entre muitos, aqui podem ser citados Freud, Pessoa e Oscar Wilde que ajudaram a derrubar as falsas, hipócritas, auto justificadas atitudes da época⁷.

1.1.1 Crowley escritor

No despertar de sua adolescência, passa por momentos difíceis devido à rígida educação nos moldes ingleses da época de saúde frágil, que o obrigou a se afastar do colégio, tendo suas aulas com um tutor. Escreve seu primeiro poema “Aceldama”, por volta dos 13 anos, tendo a poesia como suas maiores paixões até o fim de sua vida. (ROZA, 2010, p. 32). A seguir uma estrofe de sua composição:

*“Um lugar para enterrar estranhos
Um poema filosófico
‘Eu me contemplo naquela esfera escura
Cujo no centro oco eu estou em pé
Com olhos ardentes intencionando penetrar
A circunferência preta, e descobrir Deus.[...]’”⁸
(CROWLEY, 2013, p. 7)*

O poema foi publicado em seu primeiro livro de poesia quando cursava graduação na *Trinity College*. De cunho filosófico em que o prefácio prenunciava seus interesses futuros e a direção ambígua a qual estava indo [...] “Deus e Satanás lutaram pela minha alma naquelas três longas horas. Deus conquistou - agora só tenho uma dúvida - qual dos dois era Deus?”. (CROWLEY, 1989, p:15).⁹

⁷ CROWLEY, 1989, p.14.

⁸ CROWLEY, 2013, p. 7.

⁹ Original em inglês: [...] “God and Satan fought for my soul those three long hours. God conquered – now I have only one doubt left – which of the Twain was God?”(CROWLEY, 1989, p:15).

Durante seus estudos em Cambridge, a qual vem a abandonar posteriormente,¹⁰ [...]“dedicou a maior parte do seu tempo à poesia, inspirado nas obras de Baudelaire e Swinburne. Revelou-se igualmente um excêntrico rebelde, cujas ideias cedo foram consideradas, pelos superiores, nocivas aos colegas.”(BELÉM, 1995, p. 9). Tinha a prosa como estilo e foi um Modernista impaciente a restrições sobre a forma e o pensamento.¹¹ De acordo com Sutin (2000, p. 5):

Crowley é considerado um escritor místico, de rara sofisticação e originalidade, o qual reformulou brilhantemente, no século XX, termos, as ideias vitais da tradição esotérica ocidental - uma tradição que se estende por toda a história registrada, das lendas do rei Salomão e do egípcio Hermes Trismegisto, através dos escritos dos gnósticos e neoplatônicos aos alquimistas, aos rosacruzes e aos maçons. Crowley pode assim ser justamente (ou injustamente, dependendo do seu ponto de vista) ser considerado como a fonte primária dessa diversa, fértil [...] gama de movimentos vagamente denominada "Nova Era".¹²

É notório que a vida de escritor de Crowley segue corroborando com suas experiências ocultistas. Em seu romance *Moonchild*, publicado em 1929, tendo como título original *The Butterfly Net*, refere-se à captura da alma (a borboleta) através da (rede) ritual mágico, faz menção também aos três primeiros meses de gestação de um feto, possíveis encarnações de seres superiores e magia sexual (SUTIN, 2000, p.262). No mesmo ano, inicia-se a comunicação epistolar entre Crowley e o Poeta dos heterônimos, Fernando Pessoa¹³, relação que ocasionará na futura tradução para o português do poema “Hino a Pã”¹⁴, parte integrante do prefácio do livro *Magia*^(k) em Teoria e Prática, insumo principal deste trabalho. Publica outros livros de magia e ocultismo, entre eles *O Livro da Lei*, ou *Liber AL*, pelo qual divulgou a lei da Thelema¹⁵, *The Book of the Goetia of Solomon the King*, *The Equinox VolS (I,II,III)*, *Book 4*, *Diary of a Drug Fiend*, *The Confessions of Aleister Crowley*, entre outros trabalhos notórios e de suma importância literária.¹⁶

¹⁰ CROWLEY, 1989, p.17.

¹¹ SUTIN, 2000, p. 4.

¹² Texto original em inglês:“Crowley was a mystical writer of rare sophistication and originality, one who brilliantly reformulated, into twentieth-century terms, the vital insights of the Western esoteric tradition-a tradition that extends across recorded history, from the legends of King Solomon and the Egyptian Hermes Trismegistus through the writings of the Gnostics and Neoplatonists to the alchemists, Rosicrucians, and Freemasons. Crowley thus may fairly (or unfairly, depending upon one’s point of view) be regarded as the primary fount of that diverse, fertile [...] range of movements loosely termed "New Age".” (SUTIN, 2000, p. 5).

¹³ Vide ROZA, 2010, p. 66.

¹⁴ Vide CROWLEY, 1976, p. 5-7.

¹⁵ CROWLEY, 1989, p.399.

¹⁶ Vide CROWLEY, 1997, p. 791-797.

1.1.2 Ocultista

O interesse de Crowley pelo ocultismo e esoterismo inicia “depois de ter lido um livro de Waite, sobre magia negra, escreve ao autor pedindo-lhe mais informações sobre os Superiores Desconhecidos.” (ROZA, 2010, p. 32-33). Já no fim de sua adolescência, depois da morte do pai, segundo Belém (1995, p. 9):

Em 1896, recebeu a “revelação” de que possuía poderes mágicos. A sua tarefa, a partir dessa data, foi procurar os segredos que desenvolveriam as suas capacidades em ciências ocultas, primeiro entrando em sociedades secretas a que teve acesso no Ocidente, depois visitando mosteiros no Tibet, contactando diretamente com Yogi na Índia, e Mestres na China distante.

Inicia sua carreira mágica como Neófito na Golden Dawn¹⁷, que foi a Primeira ou Externa Ordem da Grande Fraternidade Branca; ele rapidamente alcança o grau mais alto (o de Filósofo) na Ordem, onde recebe o nome de “*Perdurabo* (Eu durarei até o fim)”(SUTIN, 2000, p.55). Descobriu que tinha aptidão notável para a magia; isso posteriormente atribuído a suas encarnações anteriores (CROWLEY, 1989, p.16). Refugia-se na Escócia para a prática de Magia Sagrada de Abramelin, por meio da qual experimenta durante 6 meses o isolamento (ROZA, 2010, p.33-34).

O ápice de sua carreira mágica se dá quando recebe o espírito de Thoth, no Cairo (1904), onde passava lua de mel com sua recém esposa Ouarda, episódio narrado por Crowley, que se inicia no apartamento onde eles estão hospedados, no qual Ouarda entra em transe repetindo “Eles estão esperando por você” (CROWLEY, 1989, p.393):¹⁸

17 de março. Eu não me lembro se eu repeti minha tentativa de mostrar a ela os sílfides, mas provavelmente o fiz. Está no meu caráter persistir. Ela novamente entrou no mesmo estado e repetiu suas observações, acrescentando: ‘É tudo sobre a criança’. E ‘Tudo Osiris’. Acho que devo ter ficado aborrecido com sua contumácia. Talvez por esta razão invoquei Thoth, o deus da sabedoria [...]. Eu também poderia estar subconscientemente perguntando se não havia algo em suas observações, e queria ser esclarecido. O registro diz: ‘Thoth, invocado com grande sucesso, habita em nós’.¹⁹

¹⁷ Ordem Hermética da Golden Dawn (Aurora Dourada), a famosa sociedade mágica do *fin-de-siècle*/fim do século (CLAYTON; LACHMAN; SHARP, et al., 2012, p.49)

¹⁸ Frase dita por Ouarda, Rose: “They are waiting for you” (CROWLEY, 1989, p.393).

¹⁹ Citação original em inglês: “March, 17th. I don’t remember whether I repeated my attempt to show her the sylphs, but probably did. It is in my character to persist. She again got into the same state and repeated her remarks, adding, ‘It is all about the child’. And ‘All Osiris.’ I think I must have been annoyed by her contumacy. Perhaps for this reason I invoked Thoth, the god of wisdom [...]. I may also have been subconsciously wondering whether there was not something in her remarks, and wanted to be enlightened. The record says, ‘Thoth, invoked with great success, indwells us.’” (CROWLEY, 1989, p.393).

De acordo com Crowley (1989, p. 395) os acontecimentos dessa revelação resultam no que ele chamou de O livro da Lei, composto de três capítulos, escritos durante três horas, “por intermédio dele quando recebe o novo Aeon, espírito de Hórus”²⁰. É através desse livro que é proclamada a “Thelema” sobre a “Vontade.” “Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei”²¹, presente no prefácio de Magia^(k) em Teoria e Prática²², foi a sua principal crença.” Crowley influenciou através de sua filosofia e escrita diversos escritores, como James Branch Cabell, Dion Fortune, Anthony Powell²³, o Poeta português Fernando Pessoa, que era seu leitor assíduo e o tratava como Frater.²⁴

1.2 Fernando Pessoa, vida, heterônimos, ocultismo

Em 13 de junho de 1888, nasce em Lisboa, no Largo de S. Carlos, Fernando António Nogueira. Filho de Maria Madalena Xavier Pinheiro Nogueira e Joaquim de Seabra Pessoa. Seu pai morre quando ele tinha 5 anos e, no ano seguinte, seu irmão Jorge, com 1 ano de idade. Seus primeiros heterônimos surgem aos 6 anos: “Chavalier de Pás” e “Capitão Thibaut”; Escreve seu primeiro poema aos 7 anos e dedica-o à sua mãe (ROZA, 2010, p. 19):

“À minha querida Mamã”
 “Ó terras de Portugal,
 Ó terras onde eu nasci.
 Por muito que goste delas,
 Ainda gosto mais de ti.”²⁵

Após a morte do pai, sua mãe casa-se novamente com comandante Henrique Rosa²⁶. E, em 6 de janeiro de 1896 partem para Durban, na África do Sul, o que Pessoa chama de primeiro exílio ou primeira adolescência (BRÉCHON, 1998, p.36-39). Fora educado no Lyceu (*High School*) e na Universidade do Cabo de Boa Esperança, onde ganhou o prêmio Rainha Victoria de estilo inglês em 1903, primeiro ano em que esse prêmio se concedeu. (MARTINES, 1998, p.74).

²⁰ CROWLEY 1989, p. 22.

²¹ SUTIN, 2000, p. 3.

²² Tradução realizada pela primeira vez p/ língua portuguesa neste trabalho.

²³ Ibid., 2000.

²⁴ ROZA, 2010, p. 66.

²⁵ Vide BRÉCHON, 1998, p.36.

²⁶ Vide BRÉCHON, 1998, p.35.

1.2.1 O Poeta dos heterônimos

As obras de Pessoa são feitas por três heterônimos principais – Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, cada qual com a sua individualidade (MARTINES, 1998, p. 74). Todavia, há outros existentes, Alexander Search²⁷, de quando ainda morava em Durban, África do Sul, período pelo qual ele escrevia seus poemas em inglês, há o heterônimo francês Jean Seaul²⁸, os semi-heterônimos Bernardo Soares, autor do livro do Desassossego, os heterônimos pequenos António Mora, Rafael Baldaya, e Vincente Guedes²⁹ e seu ortônimo, próprio Pessoa (BRÉCHON, 1998, p.195). E, entre tantos, tem como precursor “Chavalier de Pas”, que surge aos seis anos e Pessoa dizia que “Escrevia cartas dele a mim mesmo”(Ibid., 1998, p. 33).

Em 1927, ocorre um fato que provocará o surgimento desses heterônimos. Um poema evoca a surpresa do garotinho (Fernando) que, ao passar por um desdobramento da consciência, produz duas etapas: primeiro o excesso de consciência de si, seguido da dispersão do ego. Ao brincar com um brinquedo qualquer, descobre de repente que *eu é Outro* (BRÉCHON, 1998, p. 32):

“Sentiu-
se brincando
E disse, eu sou dois!
Há um a brincar
E há outro a saber,
Um vê-me a brincar
E o outro vê-me a ver...”

Em 13 de Janeiro de 1935 (Lisboa), Pessoa escreve a Casais Monteiro respondendo a três questões, primeiramente sobre o futuro da publicação de suas obras, em segundo lugar sobre a *origem de seus heterônimos* e por fim sobre o ocultismo. Acerca da gênese de seus heterônimos diz:

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heteronymos é o fundo traço de hysteria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente hystérico, se sou, mais propriamente, um hystero-neurasthenico. Tendo para esta segunda hypothese, porque ha em mim fenômenos de abulia que a hysteria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus symptomas. Seja como fôr, a origem mental dos meus heteronymos está na minha tendencia organica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenômenos – felizmente para mim e para se outros – mentalizaram-se em mim: quero dizer, não se manifestam na minha vida practica, exterior e de contacto com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu só commigo [...]– e nos homens a hysteria assume principalmente aspectos mentaes; assim tudo acaba em silencio e poesia... (PESSOA, 1998:253-254)

²⁷ BRECHÓN, 1998, 97-107.

²⁸ Ibid., 1998, p. 67.

²⁹ Ibid., 1998, p. 203.

Sobre a origem e criação, Pessoa deixa claro que são existentes apenas dentro de si, mas o fato é que além de personalidade própria, os heterônimos tinham data de nascimento, morte, profissão, características físicas e mapa astrológico. Como descreve o próprio Pessoa sobre seus heterônimos em continuação à carta a Casais Monteiro: “Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma”. Em seguida, acerca de Alvaro de Campos que “nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me Ferreira Gomes,³⁰ e é na verdade, pois feito horoscopo para essa hora, está certo). Este como se sabe, é engenheiro naval[...]” E, segue descrevendo fisicamente Alvaro de Campos que “é alto [...], e Caeiro louro sem côr, olhos azues[...]” (MARTINES, 1998, p. 257).

O fato é que o Poeta dos heterônimos também se interessa por astrologia, esoterismo, misticismo, magia, espiritismo, Rosa Cruz e outras ciências ocultas. Segundo Bréchon (1998, p. 294) “O pensamento esotérico de Pessoa tem duas ambições: esboçar uma teologia, ou seja, identificar o objetivo de sua busca; e reconhecer o caminho por seguir para lá chegar, que é de caráter iniciático.”

1.2.2 Ocultismo

A relação de Pessoa com as ciências ocultas se dá ao mesmo tempo que ocorre o paganismo em seus escritos. Para compreender essas características em suas composições é necessário compreender a diferença entre os termos e a existência deles. Conforme Howard Rollin Path (1983), o paganismo celta assim compreendido contava com divindades cultuadas, sobretudo, nos territórios hoje reconhecidos como a Escócia, a Irlanda e o País de Gales – mais notadamente este último –, e tiveram seus mitos transmitidos oralmente até seu registro escrito já datado da alta Idade Média, a cujos conceitos Pessoa recorre frequentemente, sobretudo, a partir de sua herança mantida em rituais iniciáticos de seitas ou irmandades secretas ou quase secretas.

Pessoa, de acordo com sua “metafísica ocultista” (cf. Matos, 2010), elenca – com evidente autoridade – três formas através das quais chega-se ao Outro para chegar-se a si mesmo: a magia, como ciência oculta, o misticismo e a alquimia. À primeira estão relacionados os rituais pagãos de que lança mão para *ressubstanciá-los* em forma de poesia ou de estudos do oculto em relação à alteridade absoluta.

³⁰ Augusto Ferreira Gomes: guia que iniciou Pessoa na prática da Astrologia. (BRÉCHON, 1998, p.292).

Compreende-se *paganismo* como um paradigma de crenças relativas em uma única verdade absoluta, bem como as propostas de vias – rituais ou não – para estabelecer materialmente contato com tal possibilidade de abstração, como se pode verificar na epígrafe do poema de Pessoa “Eros e Psique”³¹, assim como em “O Último Sortilégio”, descrito pelo próprio Poeta como sendo “uma interpretação dramática da ‘magia de transgressão’”(BELÉM, 1995, p.66).

Relação presente também no heterônimo possivelmente mais próximo de Pessoa, Alexander Search, que carrega no significado sua própria Busca (Search)³², em posição antagônica ao mestre de todos, Alberto Caeiro, que simboliza “o ‘mestre’, e parece interiorizar aí o discípulo (Pessoa)” (BRÉCHON, 1998, p. 213).

Vale ressaltar ainda que *Mensagem*, único livro lusófono de Pessoa publicado em vida, em 1934, meses antes da carta a Casais Monteiro, finda por uma saudação pagã, ao menos conforme o conceito de paganismo aqui utilizado: “*Valete, Fratres*”³³

Em 1935, na carta a Casais Monteiro, Pessoa responde à última pergunta dirigida a ele a respeito de suas relações com o ocultismo, e também acerca dos três caminhos possíveis para o oculto, afirmando que:

Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes nesses mundos, em existências de diversos graus de espiritualidade, utilizando-se até chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Póde ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam creado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. Por estas razões, e ainda outras, a Ordem Externa do occultismo, ou seja, a Maçonaria, evita (excepto a Maçonaria anglo-saxônica) a expressão “Deus”, dadas as suas implicações theologicas populares, e prefere dizer “Grande Architecto do Universo” [...]. Ha trez caminhos para o oculto: o caminho magico [...]; o caminho mystico [...]; e o que se chama o caminho alchymico [...]. (PESSOA, 1998, p. 259).

O caminho do ocultismo pode ser constatado na relação que o Poeta dos heterônimos teve com o ocultista inglês Aleister Crowley o qual tratava por Frater³⁴ e lia seus livros tais como *As Confissões*, o qual encomenda em carta a Mandrake Press³⁵, e *Magick*, “publicados de 1930 a 1935 sob o nome esotérico de Mestre Therion, e que Fernando Pessoa possuía na sua biblioteca” (BELÉM, 1995, p. 42), Livro este que possui em seu prefácio o poema “Hino a Pã” traduzido para o português por Pessoa.³⁶

³¹ (BELÉM, 1995, p. 80).

³² Utiliza-se “Busca” com inicial em caixa-alta em respeito à economia conceitual do texto.

³³ Vide (PESSOA, 2008, p. 126).

³⁴ Vide (ROZA, 2010, p. 76).

³⁵ (Ibid., 2010, p. 65).

³⁶ (BELÉM, 1995, p. 42).

1.3 Pessoa descobre o oculista inglês Aleister Crowley e se interessa por sua obra

A relação entre Pessoa e Crowley inicia-se antes mesmo de se encontrarem pessoalmente, por meio da literatura, escritos os quais não tinha dificuldade de ler, já que falava fluentemente o inglês, pois fora alfabetizado na África do Sul.³⁷

Em Março de 1929, ano em que se inicia o contato entre eles, Aleister Crowley foi declarado “persona non grata” na França, tendo sido expulso com seu secretário e a “mulher escarlate”³⁸, nessa época Maria Teresa, a notícia teve eco em toda a imprensa europeia. O Mago voltou então à Inglaterra (BELÉM, 1995, p.17), e publicou os dois primeiros volumes da autobiografia intitulado *As Confissões* e o pequeno volume de três histórias, *Estratagema*, pela Mandrake Press (CROWLEY, 1989, p. 23-24).

Em novembro de 1929, em carta a *Mandrake Press*, Pessoa encomenda o livro *As Confissões* de Crowley, assim como afirma já obter uma de suas obras, 777, e fica claro seu interesse pelo autor recém descoberto:

Recebi um anúncio sobre *As Confissões* de Aleister Crowley e muito agradeço que me informem se o primeiro volume já saiu e que verba devo enviar, a fim de receber em Portugal, por correio registrado (livros). Gostaria de ter os seis volumes da obra completa, remetendo o pagamento separadamente para cada volume, mal sejam publicados.[...]Queiram indicar, por favor, logo que possível, as respectivas datas de publicação. O *Estratagema*³⁹ já foi publicado? Se assim foi, gostaria de juntar o respectivo montante à remessa relativa ao primeiro volume das *Confissões*. [...] Possuo uma obra de Aleister Crowley – 777 – mas não sabia que era de sua autoria. (ROZA, 2010, p. 59-60).

O livro *Magick in Theory and Practice* com tradução para o português: *Magia*^(k) em Teoria e Prática, tema da presente dissertação, também estava presente em sua biblioteca⁴⁰ ao lado de obras de Platão, Aristóteles, Schopenhauer, Ribot, Byron, Poe, Molière, Tolstoi, Shakespeare, entre outros (BRÉCHON, 1998, p. 65), os quais considerava “criadores de civilização”⁴¹, Ele mesmo se tornaria mais tarde um desses criadores, por meio de sua genialidade poética de múltiplas facetas, assim como Crowley em sua originalidade, “alguém que começou por admirar como mestre e iniciador.”(ROZA, 2010, p.11).

³⁷ BRÉCHON, 1998, p. 39-49.

³⁸ Denominação das mulheres com as quais Crowley se envolveu, o termo vem da representação ritualística da obtenção do grau de Mestre do Templo, simbolizada pelo adepto derramando toda a gota de seu sangue que é toda a sua vida individual, na Taça da “Mulher Escarlate”, que representa a Vida Universal Impessoal. (CROWLEY, 1989, p. 795)

³⁹ *Stratagem and Other Stories* (O *Estratagema* e outras histórias) livro de Aleister Crowley, publicado em setembro de 1929 pela *Mandrake Press*. (SUTIN, 2000, p. 344).

⁴⁰ BELÉM, 1995, p. 42.

⁴¹ BRÉCHON, 1998, p. 49.

1.3.1 Pessoa percebe um erro no mapa astral de Crowley

Pessoa se interessava pelas questões que Crowley abordava em seus escritos, tendo ele próprio utilizado os temas “[...] da astrologia ao esoterismo rosa-cruciano e maçônico, tudo tentou, estudou e navegou” (ROZA, 2010, p. 23). E, portanto, buscava explicações aos seus questionamentos. Em considerações sobre Fernando Pessoa esotérico, tendo como ponto de partida a criticidade, António Quadros diz que:

[...] A partir desta crítica da mediunidade, do espiritismo e da Teosofia, vai Fernando Pessoa empenhar-se a fundo no estudo das chamadas ciências ocultas, e nomeadamente da Cabala, da Alquimia, da Astrologia, do Misticismo, da Mitologia, da Magia, da Matemática e da Geometria Sagradas, da Simbologia, da Profecia, dos Mistérios Antigos, do Hermetismo em geral ou do pensamento de Hermes Trimegisto, da Gnose e enfim de Filosofia dos Rosa-Cruzes[...] (BELÉM, 1995, p. 53).

Os interesses sobre o oculto não ficam apenas na teoria, Pessoa aprofunda-se nos temas estudados e pratica-os, tendo inclusive se iniciado nos três graus menores, da aparentemente extinta, Ordem Templária de Portugal⁴² (BELÉM, 1995, p. 87). Todavia, é na astrologia, por duvidar, que começa a testar, e tudo fazia muito sentido para ele:

Para o especialista em astrologia que virá a ser (chegará a querer fazer disso profissão), [...] estudioso fanático de numerologia que pretenderá ser, o ter nascido em 13 de junho de 1888, às 15 horas e 20 minutos, sob o signo de Gêmeos, tudo isso tem sentido. Durante a vida toda fez centenas ou milhares de horóscopos – de parentes, de amigos, dos heterônimos, de personalidades históricas (Napoleão, Victor Hugo, Shakespeare, D.Sebastião, Chopin), [...] entidades como “Portugal” ou “a República”. É evidente que se interrogou muitas vezes sobre seu próprio destino. Como, por uma diferença de minutos, não tinha certeza da hora em que nascera, fez várias séries de cálculos, supondo por exemplo que tinha nascido dez minutos antes ou depois [...]. Um especialista português, Paulo Cardoso, refazendo [...] chegou à conclusão de que, seguindo o raciocínio de Pessoa, e desde que se parta do princípio de que nasceu às 15:22 e não às 15:20, se deveria logicamente fixar a data da morte em 30 de novembro de 1935, ou seja, no dia em que efetivamente ocorreu. (BRÉCHON, 1998, p. 30)

Aleister Crowley não escapa de fazer parte da lista de personalidades as quais Pessoa realizava o mapa astrológico. O fato é que “Pessoa conhece a obra de ‘Mestre Therion’⁴³ e está a par de seus feitos. Leu Confissões. Aí o autor reproduz seu próprio horóscopo[...] Pessoa descobriu aí um erro quanto à hora do nascimento, e escreve a Crowley”(BRÉCHON, 1998, p.452). Esse episódio ocasionará no encontro de ambos.

⁴² “Ainda que não existam provas documentais suficientemente fortes para fazer a ligação entre um dos cavaleiros inicialmente fundadores da Ordem do Templo, em Jerusalém, e Portugal, apesar de algumas teses, mais ou menos insuficientemente fundamentadas, o certo é que este país veio a obter, desde os primórdios históricos dos Templários, uma forte presença desta ordem militar-religiosa.”(SILVA, 2005, p.159.)

⁴³ “Therion” era um dos nomes iniciáticos de Crowley, resultado da contagem do número da Besta e do homem: Th=400 R=200 I=10 V=6 N=50, com ortografia ThRiVN. (CROWLEY, 1989, p. 834).

Em 4 de Dezembro de 1929, mesmo ano em que encomenda *As Confissões* de Crowley, Pessoa envia a *Mandrake Press*⁴⁴ outra carta dessa vez agradecendo pelo recebimento de sua encomenda e também discorre sobre um suposto erro no mapa astral do mago Crowley:

Agradeço a vossa carta de 22 de Novembro, e a vossa gentileza pelo rápido envio dos dois livros que eu tinha indicado. [...] Por favor, enviem-me cada volume das *Confessions* assim que sair, e do mesmo modo que enviaram este [...] Se tiverem ocasião de comunicar, como provavelmente terão o Sr. Aleister Crowley, podem informá-lo de que o horóscopo dele não está rectificado, e que se ele calcula ter nascido às 11h. 16m. 39s. da noite, do dia 12 de Outubro de 1875, terá que ter Carneiro 11 como meio-céu, com o correspondente ascendente e cúspides. Encontrará então as suas direcções mais exactas do que encontrou até agora. É, evidentemente, uma mera especulação, e peço desculpa por fazer esta intrusão puramente fantasiosa no que é, afinal, apenas uma carta comercial. (ROZA, 2010, p. 62-63).

Segundo Belém (1995, p.18), “Não há dúvida que Pessoa, com essa primeira carta de 4 de Dezembro, conseguiu chamar a atenção do Mago: seria este desafio certamente F.P tinha em mente.” Sobre essa iniciativa de contato, “terá sido o primeiro passo para cativar o ‘Super Mágico?’”(ROZA, 2010, p. 63).

1.3.2 O início da relação epistolar entre Pessoa e Crowley

Em 11 de Dezembro de 1929,⁴⁵ Crowley escreve a sua primeira Carta ao Poeta português, “a ciência astrológica de Pessoa, e também seus outros comentários, maravilharam-no de tal modo que lhe respondeu imediatamente. Parece ter reconhecido logo nele quase um igual, outro ‘mestre’”(BRÉCHON, 1998, p. 452). Segue a carta precursora da relação entre eles:

Care Frater. Faz o que queres será o todo da Lei. A Mandrake Press passou-me a sua carta para eles, de 4 do corrente, para que pudesse responder ao último parágrafo. A hora do meu nascimento não é muito segura. No n.º 10 do primeiro volume de *The Equinox*, tomei 0º.3’ a Leão nascente. Mas a seguir, pensei que a hora poderia ser um pouco mais tardia porque suspeito de que Urano e Saturno estão entre a primeira e a sétima casa, respectivamente. Atrevo-me a dizer que a sua posição é bastante acertada. Não me importo com direcções. Faço muito pouca astrologia, excepto simples natividades e trânsitos. Ficaria muito contente se me desse alguma informação sobre a minha situação actual. O amor é a lei, ama segundo a vontade. Fraternalmente seu, O Grande Thérion 666. (ROZA, 2010, p. 66-67)

Inicia-se a partir de então uma relação epistolar entre ambos, o escritor dos heterônimos e o mago inglês, em “troca de missivas que, segundo a correspondência, abrange três meses, de Dezembro de 1929 a Fevereiro de 1930.” (BELÉM, 1995, p. 17).

⁴⁴A Mandrake Press, Ltd. era a editora de Aleister Crowley. (ROZA, 2010, p. 61).

⁴⁵ROZA, 2010, p. 66-67.

As afinidades parecem não ser apenas nas questões do ocultismo como também relacionadas à literatura. Com uma troca enriquecedora para ambos, que levará Crowley a conhecer os escritos em língua inglesa de Pessoa. Em carta de 15 de Dezembro de 1929 direcionada a *Mandrake*, a comunicação entre eles continua, o poeta discorre sobre suas obras enviadas e possível viagem:

Muito agradeço a vossa carta de 9 e o segundo volume das *Confissões*. Recebi ambos ontem (sábado) à tarde; como saio de Lisboa amanhã cedo, não conseguirei remeter-vos o montante da factura senão quando regressar, a vinte e tantos deste mês. Também recebi a carta do Sr. Crowley, conforme vossas expectativas. A ela também responderei oportunamente. Envio-vos, como oferta de cortesia e apenas como curiosidade sem interesse, três pequenos livros de versos em inglês que aqui publiquei há algum tempo. Tal como esta carta, serão postos no correio em Lisboa na terça-feira – não amanhã. Idênticos livros serão enviados ao Sr. Crowley amanhã. [...]Não tenho interesse bibliófilo em nenhum livro. O meu interesse nas *Confissões* do Sr. Crowley é de ordem diversa. (ROZA, 2010, p. 69-70).

O fato é que segundo o sobrinho de Pessoa por parte de mãe, Roza (2010, p.70), o mais provável em relação a essa viagem era não ter dinheiro por essa altura, pois como se sabe, o poeta não vivia abastadamente, quanto ao envio dos três fascículos de versos em inglês, poderia haver no pensamento do Poeta a esperança de que os mesmos fossem publicados na Inglaterra.

No mesmo ano (22 de Dezembro de 1929), Crowley responde a Pessoa em agradecimento aos fascículos recebidos e elogia inclusive seu estilo de escrita, vale evidenciar a forma de tratamento “Care Frater” onde “só a hipótese da irmandade numa Ordem comum explicaria”(BELÉM, 1995, p. 91). A resposta de Crowley a Pessoa:

Care Frater: Faz o que tu queres serás o todo da Lei. Muito obrigado pelos três livrinhos. Penso que são realmente notáveis pela excelência. Nos sonetos, ou talvez melhor catorzilhas, foi por si retomado o impulso original isabelino – o que é magnífico. Gosto dos outros poemas, também, mesmo muito. O amor é a Lei, ama segundo a vontade. Fraternalmente seu, Aleister Crowley (ROZA, 2010, p.71).

Crowley demonstra interesse mútuo pelas obras de Pessoa, o que agrega ainda mais profundidade à relação de ambos. E, de fato, os escritos em inglês de Pessoa eram bons, tanto que estão na lista de obras publicadas que, de acordo com Belém (1995, p. 87) acerca dos poemas em inglês, Pessoa tem sua obra “essencialmente dispersa [...]por várias revistas e publicações ocasionais. O que de livros ou folhetos, considera como válido, é o seguinte: ‘35 Sonnets’ (em inglês), 1918; ‘English Poems I e II’ e ‘English Poems III’ (em inglês também), 1922[...].”

Futuramente, Sena⁴⁶ (1984, p.97), um dos maiores estudiosos de Pessoa e o primeiro poeta e crítico literário a investigar, em Londres, quem era Aleister Crowley e descobrir coisas importantes, numa atitude revolucionária para seu tempo, descreve o estilo de escrita de Pessoa, mais especificamente fazendo um paralelo entre as suas obras preciosísticas e o ensaísmo inglês dos anos 90 como tendo “um tom ao mesmo tempo sentimental e agressivo, irônico, e profundamente empenhado em afirmar contraditoriamente a verdade, e que preparava, por um lado, pelas afinidades de raiz nietzscheana[...]”⁴⁷, ainda segundo as palavras do próprio Mestre Therion, Pessoa era “realmente um bom poeta, o único homem que já escreveu Sonetos Shakespearianos segundo o estilo de Shakespeare. Trata-se do mais notável fenômeno literário em minha experiência”(KACZYNSKI, 2010, p. 450).⁴⁸

Todavia, Pessoa não era apenas astrólogo, ocultista e escritor de múltiplas facetas, tem como profissão “tradutor”, mais exatamente de “correspondente estrangeiro em casas comerciais”. Traduziu *The Raven* de Edgar Allan Poe, tradução considerada, inclusive, superior ao original em inglês. (BELÉM, 1995, p.43). Já o ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação. (BELÉM, 1995, p. 86). E é a partir do conhecimento do “Pessoa tradutor” que os próximos eventos se seguem.

1.4 Tradução e envio para publicação do poema "Hymn to Pan"

Em 16 de Outubro de 1930, antes de remeter o poema “Hymno a Pan” de Crowley, tido como um “poema mágico”, Pessoa envia, em carta a Gaspar Simões, o “Último Sortilégio”, possivelmente inadequado à publicação, considerado por ele uma interpretação dramática da “magia de transgressão”, ou seja, um “poema sobre magia”:

Mando-lhe uma composição minha – aliás feita hontem – para a “Presença”,mas realmente não sei se ainda chegará a tempo. Chamo a sua atenção para um pormenor que é preciso vigiar nas provas – o qual pormenor é dois pormenores. Trata-se de não esquecer as aspas que marcam o poema como “dramático”, isto é, falado por terceira pessoa, e de verificar que, como essa pessoa é mulher (e digamos, bruxa) os adjectivos não saiam no masculino onde a pessoa falante se refere a si-mesma. Uma advertência: este poema é uma interpretação dramática da “magia de transgressão”. Se, por alguma circunstancia, achar melhor não o publicar, não hesite em não o publicar[...] (PESSOA, 1998, p. 129).

⁴⁶ Jorge de Sena, poeta e crítico literário que dedicou 38 anos de sua vida a estudar Fernando Pessoa, de fato, revolucionário por demonstrar destemor e desconfiança acerca da insistência de Portugal oficial, ou seja, o Portugal conservador da ditadura de Salazar.

⁴⁷ Para compreender o pensamento Nietzscheano nas obras de Pessoa, vide (SENA, 1984, p. 97-117).

⁴⁸ Texto original em ingles: "a really good poet, the only man who has ever written Shakespearian Sonnets in the manner of Shakespeare. It is about the most remarkable literary phenomena in my experience" (KACZYNSKI, 2010, p. 450).

O poema de gênero ocultista traz à luz aspectos mais íntimos e misteriosos da personalidade artística do Poeta. O fato é que “esta composição, intitulada *O Último Sortilégio*, não chegou a tempo para o n.º 28 da *presença* (Agosto-Outubro de 1930), aparecendo só no n.º 29 (Novembro-Dezembro de 1930).” (MARTINES, 1998, p. 129).

Este não seria o único poema de cunho esotérico. Em carta a Gaspar Simões de 26 de Outubro de 1930, Pessoa afirma ter composto outros 5 poemas inéditos do mesmo gênero: o poema incompleto intitulado *Lúcifer* e mais 4 poemas que fazem parte do conjunto denominado *Além-Deus* incluindo um Soneto a Gomes Leal⁴⁹. Pessoa, em tese, não dá explicações sobre a gênese particular dos escritos e na verdade afirma não poder dar tais elucidações:

[...] Muito obrigado pela sua carta, que acabo, literalmente, de receber. Nada ha de especial a indicar na genese do poema “O Ultimo Sortilegio”. Escrevi-o a 15 d’este mez, á noite, em seguida a escrever trez quadras muito simples. Tanto estas, como elle, foram productos directos e espontaneos. Causou-lhe extranheza, talvez, o assumpto. Isso, porém, procede de v. desconhecer outros poemas meus, ineditos, no mesmo genero. Tenho um, incompleto, “Lucifer”, que vae muito além d’este na mesma direcção; e esse é já antigo. A mesma nuvem paira sobre os cinco poemas a cujo conjuncto chamei “Além-Deus”, e que escrevi ha ainda mais tempo; são cinco pequenos poemas, completos, e estiveram para ser publicados (chegaram a ser impressos) num “Orpheu 3” que foi frustrado de cima. E, além d’estes, ha ainda outros poemas, incluindo um soneto sobre Gomes Leal[...] Deveras e realmente, não posso dar-lhe explicação nenhuma sobre a genese particular d’este poema. Sobre a genese geral d’essa ordem de poemas é que talvez haveria alguma cousa a dizer. Mas isso não tem interesse esthetico nem psychologico[...] (PESSOA, 1982, p.134).

De acordo com Belém (1995, p. 69), “estes poemas datam, provavelmente, de 1913 (tinha Fernando Pessoa 25 anos)[...] Foram publicados, pela primeira vez por Adolfo Casais Monteiro *in Poemas inéditos destinados ao n.º 3 de Orpheu*.”⁵⁰ Sendo publicados posteriormente em 1969 *in Fernando Pessoa – obra poética* por Maria Aliete Galhoz. Os poemas concomitantes, em ordem, são: I-Abismo; II-Passou; III-A voz de Deus; IV- A Queda; V- Braço sem Corpo Brandindo um Gládio; Gomes Leal; e o inacabado *Lúcifer*.⁵¹

⁴⁹ Poema dedicado a Gomes Leal, escritor, poeta e planfetério da época, que tinha uma visão apocalíptica do futuro do mundo. Defendeu o ideário do Anti-Cristo nos seus livros, *Fim do mundo e Autópsia final*.” (BELÉM, 1995, p. 71).

⁵⁰ *Orpheu*, foi a revista publicada em Lisboa, fundada por Fernando Pessoa e o grupo de amigos das letras e das artes, Almada Negreiros, Mário de Sá-Carneiro, Côrtes-Rodrigues, Luís Montalvor, o brasileiro Ronald de Carvalho, entre outros, rompendo com a “Renascença Portuguesa” dando inicio ao movimento modernista em Portugal. Tais poemas em conjunto *Além-Deus* estavam previstos para serem publicados no *Orpheu* n.º3, mas não chegaram a ser veiculados, visto que a revista durou apenas três meses com dois números lançados. O fim da revista coincidiu com a situação política em Portugal, que estava passando por um regime autoritário. (BRÉCHON, 1998, p. 263-279).

⁵¹ *Além-Deus*, conjunto de poemas na íntegra, vide (BELÉM, 1995, p.69-73) e (GALHOZ, 1969).

Conforme Bréchon (1998, p. 187), “*Além-Deus* inaugura na obra de Pessoa tanto uma inspiração como uma forma nova. É o primeiro dos poemas chamados ‘esotéricos’ ou ‘ocultistas’. Falou-se também dele como ‘poesia sagrada’[...] em verso e em prosa.”

Segue-se o poema inacabado, intitulado *Lúcifer*, publicado por Teresa Sobral Cunha, in *Fausto*⁵² – *Tragédia Subjetiva*. Trata-se de uma fala de Lúcifer, incluída no poema Fausto Acto I. Tendo como último fragmento a fala manuscrita encontrada no espólio do Poeta que seria incluída na composição:

Lúcifer

“Como quando o mortal, que a terra habita,
Aprende que esse céu todo estrelado
É cheio de outros mundos, na infinita
Pluralidade do criado,

E um abismo se lhe abre na consciência
E uma realidade invisível gela,
Seu sentimento da existência,
E um novo ser-de-tudo se revela,
Assim, pensando e, a meu modo, vendo
Na interna imensidão do espaço abstracto,
Fui como deuses vários conhecendo,
Todos eternos e infinitos sendo,
Os astros.

E vi que Deus, se é tudo para o mundo,
Se a substância e o ser do nosso ser
Não é o único Deus mais que profundo.
Há infinitos de infinitos.[...]”

Lucifer

“Há um mysterio maior que Deus em tudo.”
(BELÉM, 1995, p.72-73)

O poema descrito é definido por Pessoa como um “poema sobre magia” assim como os demais que constituem o *Além-Deus* e não propriamente um “poema mágico”, que é o caso de Hino a Pan de Crowley. Concomitante a isso, é evidente ao longo da vida, dizia que um poeta não tem biografia, sua biografia era sua obra, parafraseando Octavio Paz Torna-se, portanto, inequívoco os interesses em comum entre Pessoa e Crowley. Assim

⁵² *Fausto*: obra escrita por Pessoa em dois fragmentos, o primeiro de carácter propriamente dramático, com situações e personagens, e os que são apenas solilóquios em que Fausto-Pessoa solta o lamento de uma consciência enterrada em si mesma a poder de reflexão. Publicado em 1988, cinquenta anos após a sua morte por Teresa Sobral Cunha que reconstituiu o texto provável de *Fausto* em cinco atos, em verso livre denominado “tragédia subjetiva.” Sobrepõe-se uma aventura de outro gênero, a aventura de dar um corpo e existência, à *escrita* onde essa aventura primeira é substituída pela da dúvida acerca dos poderes mesmos da própria escrita. O tormento de não saber exprimir seu tormento, tendo pouca relação com a relação objetiva e soberana que Goethe tem com o seu Fausto (BRÉCHON, 1998, p. 181).

como teor esotérico⁵³/ocultista em seus escritos.

O Hino a Pan é o prefácio do trabalho intitulado *Magick*⁵⁴ (Magia), publicado em Paris em quatro tomos, os quais Crowley enviou a Pessoa e depois desapareceu no ocorrido da Boca do Inferno. *Magick* (Magia) foi traduzido pela primeira vez, do original britânico para língua portuguesa, tendo uma extrema importância nesse quadro de estudos, feito de acordo com os critérios que Pessoa utilizou para a realização da tradução do Hino a Pan, em absoluta conformidade com o texto original. Em carta a João Gaspar Simões, o Poeta lusófono refere-se ao poema de Crowley como sendo um ser supremo, poeta, mago, astrólogo, o mistério inglês e que vulgarmente chamava-se Aleister Crowley, intitulado ainda por Besta 666. Na verdade Pessoa não revela seus critérios de tradução, apenas afirma manter o sentido dos versos e a métrica onde há métrica, característica confirmada ao escrever a Gaspar Simões sobre sua tradução de “Hymn to Pan”, incluindo no escrito possíveis menções ao misticismo. Vejamos o fragmento da carta de 4 de Janeiro de 1931:

[...]Lembrei-me um dia de traduzir o “Hymno a Pan”, o que fiz, conforme o meu criterio de traduzir verso, em absoluta conformidade rhythmica com o original. Mandeí a v. o poema para, como lhe disse, v. ver o que é propriamente um “poema magico”, em comparação com um simples “poema a respeito de magia”, como é o meu “Ultimo Sortilégio”. Reflecti, depois de lhe escrever, sobre o que lhe havia dito de o poema não dever ser publicado. Não vejo afinal, inconveniente nisso, se v. achar interessante publical-o. Tem, pelo menos, a vantagem de ser singular; não creio que haja em portuguez (natural ou traduzido) outro poema precisamente d’essa ordem. [...] (PESSOA, 1998:147-148[Sem cota])

A tradução de Hymno a Pan é apenas o ato precursor de uma troca de interesses que surge com a iniciativa de Pessoa de enviar a carta a *Mandrake* retificando o mapa astrológico de Crowley. Fato que desencadeou numa série de eventos futuros entre o Poeta dos heterônimos e o mago inglês, muito além de um contato meramente epistolar, mas um encontro presencial que repercutiu em diversas esferas.

⁵³ Acerca do termo ‘esotérico’: “[...]Diz-se de ensino que, em escolas da Grécia antiga, era transmitido apenas aos discípulos que já tivessem completado sua instrução. [...] Diz-se de todo ensinamento transmitido a um círculo restrito de ouvintes. [...] que só é compreensível por iniciados; hermético, obscuro. [...] conhecimento ou prática que tem por base a ordem sobrenatural das coisas.” <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=9Pvx> último acesso em 19 de junho de 2017. Já o termo ‘exotérico’ tem como definição: “[...]Diz-se de ensino que pode ser ministrado ao grande público, não ficando restrito a um grupo de pessoas seletas. [...]Sabido de todos. [...] ensinamentos transmitidos em público pelos filósofos gregos. [...] textos aristotélicos em forma de diálogos, destinados ao grande público.” <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=QVmE> último acesso em 19 de junho de 2017.

⁵⁴ Crowley explica que seu próprio termo “*Magick*” com “K” foi para distinguir de “*Magic*” que tinha atraído “dilettantes e excêntricos” que procuravam “uma fuga da realidade.” (SUTIN, 2000, p. 6). Ou seja, *Magick* estava relacionada a concepção de Magia de Crowley e *Magic* com sentido de ilusionismo.

1.5 O desenrolar da relação epistolar entre Fernando Pessoa e Aleister Crowley

A relação entre Pessoa e Crowley teve como ato precursor o interesse que Pessoa tinha em relação aos escritos do mago inglês. Sabe-se que Pessoa traduziu o poema esotérico e obscuro de Mestre Therion, intitulado *Hino a Pan*, que faz parte do primeiro volume de *Magick*. Tradução publicada em 1931 na revista *presença* n.º 33 concernente a Julho-Outubro (SENA, 1984, p. 142).

No ano anterior à publicação do poema, haverá um suposto encontro pessoal entre eles em Lisboa, que ocorrerá por iniciativa do próprio Crowley, que em carta datada de 22 de Dezembro de 1929, agradece os poemas em inglês enviados por Pessoa e propõe uma futura visita ao *Frater*, o qual gostaria de encontrar confidencialmente:

[...]Care Frater. Faz o que queres será o todo da Lei. Muito obrigado pelos três livrinhos. Penso que são realmente notáveis pela excelência. [...] Considero, realmente, a chegada da sua poesia como uma verdadeira Mensagem, que gostaria de explicar pessoalmente. Acaso estará em Lisboa nos próximos três meses? Se assim for, gostaria de ir aí visitá-lo: mas sem dizer a ninguém. Informe-me, por favor, na volta do correio. 666 (ROZA, 2010, p. 71).⁵⁵

De acordo com Belém (1995, p. 18), esta seria possivelmente a primeira carta de um possível encontro proposto. Todavia, na carta de Pessoa em resposta a Crowley em 6 de Janeiro de 1930, o Poeta considera duas adendas importantes sobre a carta recebida em 11 de Dezembro e de acordo com Marco Pasi estaria se referindo a hipótese de o Mago se deslocar até Lisboa. A seguir a carta de Pessoa ao mago:

Carissime Frater: Agradeço-lhe muitíssimo as suas cartas de 11 e 22 de Dezembro, particularmente a segunda, e especialmente a sua adenda manuscrita. Acabei de regressar a Lisboa, por isso a minha resposta vai inevitavelmente um pouco atrasada, ainda que esteja a escrever de imediato. Estarei em Lisboa durante os próximos três meses. Mesmo quando estiver ausente, é somente para ir a Évora [...] Se, porém, qualquer dos três primeiros meses do ano lhe convier, preferiria encontrar-me consigo aqui em *Março* [...] Não estarei ausente de Lisboa por todo esse mês e estou ocupado, no presente mês e em Fevereiro [...] À parte tudo isto, *razões astrológicas* aconselham-me a sugerir *Março*; de facto, é o próprio sentido da direcção, que torna Janeiro e Fevereiro meses impeditivos, que faz de *Março* um mês propício [...] Além disso, há uma vaga possibilidade de eu ir a Inglaterra no fim de Fevereiro. Se assim acontecer, informá-lo-ei com bastante antecedência [...] Não falarei a ninguém evidentemente, da sua visita. [...] Fraternalmente seu Fernando Pessoa (ROZA, 2010, p. 74-75)

⁵⁵ Sobre o 666: “[...] Em quase todas as religiões não cristãs o número seis não é considerado maléfico. Na cabala [...] é considerado a perfeição dos números, relacionando-se com os seis dias de criação e com as seis letras do nome judaico de Deus, as seis ordens de anjos, os seis corpos celestes [...] Na geometria hebraica [...] querendo antes dizer um messias – um indivíduo que tem uma mensagem particularmente divina a transmitir; [...] (ROZA, 2010, p. 73).

Nota-se que “Pessoa dirige-se a Crowley como ‘Carissime Frater’, estabelecendo assim uma cumplicidade iniciática. Ao mesmo tempo, o Poeta (dando como exemplo a

sua amizade com Raul Leal) afirma que não é dado a intimidades”(BELÉM, 1995, p. 18). Ademais, Pessoa fala de sua ida a Évora (lugar onde Pessoa iria visitar a irmã Henriqueta Madalena e o seu marido, Coronel Caetano Dias, com quem Pessoa editou a ‘*Revista de Contabilidade*) e de que o possível encontro entre eles deveria ser no mês de Março, por razões astrológicas. Crowley responde a Pessoa em 14 de janeiro:

Care Frater: Faz o que queres será o todo da Lei. Fiquei muito satisfeito com a sua carta de 6 de Janeiro. Concordo consigo quanto a Março. Tenho muita coisa a pôr em ordem. Mas será ainda melhor se você estiver em Londres em Fevereiro. O nosso encontro aí elucidaria alguns pontos confusos no meu pensamento acerca da Mensagem*, pelo que devemos fazer os devidos planos. Espero receber notícias suas assim que souber dos seus próprios planos. O amor á a Lei, ama segundo a vontade. Fraternalmente seu, 666* Não disse, ou quis significar, advertência. (ROZA, 2010, p.81).

Verifica-se que o Mago concorda que o mês de Março seja propício, contudo, segundo Belém (1995, p. 19), é indiferente quanto ao lugar do encontro, seja em Lisboa ou Londres. Destaca-se a sentença a qual Crowley se refere: “no nosso encontro terão de ser esclarecidas algumas questões em que eu tenho dúvidas acerca da Mensagem” e, em nota de rodapé Crowley escreve: Não usei a palavra “Aviso” deliberadamente. “Tem como curiosidade, a data em símbolos astrológicos” (ROZA, 2010, p. 82). De fato, é óbvio que o Mago havia recebido uma *Mensagem*, a qual a presença de Pessoa seria necessária, tratando-se de uma *Mensagem* e não de um *Aviso*. Podendo se referir à ida do Mago a Lisboa, mas que em tese, não havia sido encontrada no espólio de Crowley.

Em seguida a resposta de Pessoa a Crowley, esta que é considerada a derradeira correspondência, que se tem acesso, antes do suposto encontro em Lisboa, endereçada em 25 de Fevereiro de 1930, na qual Pessoa discorre novamente sobre as viagens à Évora e confirma que estará em Lisboa na data prevista. De acordo com Belém (1995, p. 19), “esta carta põe ponto final à hipótese do encontro em Londres e informa que o mapa astral vai andando, é uma questão de dias, escreve o Poeta.”:

Care Frater: O meu atraso em escrever-lhe significa simplesmente que só ontem tive a certeza de que não iria a Inglaterra. Não estarei fora de Lisboa – a não ser para uma curta e ocasional viagem a Évora, de onde posso regressar em quatro horas – até meados do ano, e mesmo nessa altura posso não estar ausente. Se, portanto, deseja cá vir, ou pensa que o Destino assim o determina, basta que me avise previamente e eu estarei aqui para o receber. A minha astrologia anda um pouco atrasada, mas espero ter a carta do nascimento rectificada dentro de alguns dias. Fraternalmente seu, Fernando Pessoa (ROZA, 2010, p. 83).

De acordo com Sutin (2000, p. 354), “havia afinidades óbvias entre os dois homens. Pessoa, como Crowley, empregava nomes pseudônimos (“heterónimos”, como Pessoa os denominou) em várias de suas obras; A fragmentação deliberada da

identidade e a exploração inexorável da mente foram temas-chave nos escritos de ambos.”⁵⁶ E os acontecimentos que se sucedem à relação epistolar entre o Poeta dos heterônimos e o Mago inglês resultarão num provável encontro presencial com repercussão nos meios midiáticos da época que reverbera até os dias de hoje.

1.6 O encontro do Poeta fingidor com a Besta 666

Pessoa e Crowley, duas personalidades tão dispares e ao mesmo tempo semelhantes, com intenções de um encontro que poderia ter vertentes diversas, podendo ser a busca por um caminho espiritual em comum ou interesses de outra ordem. O fato é que “o Mago inglês com 54 anos, o Poeta português com 42 anos- [...]se irão encontrar, sabe-se lá por que desígnios astrológicos, como dois cometas no Universo Astral, na prosaica e pacata cidade de Lisboa, no ano da graça de 1930”(ROZA, 2010, p. 16). “Numa vida tão pobre de acontecimentos exteriores, o encontro com Crowley é autêntica dádiva para os biógrafos” (Bréchon, 1998, p. 448).

Para compreender a situação de forma visceral, é necessário o entendimento da forma que compunha a escrita de Pessoa, analisada por Jorge de Sena, a então denominada “estética de fingimento”, uma vertente de raiz nietzscheana presente nos seus escritos, que parte do princípio de que “o Poeta é um fingidor”, premissa que deve ser levada em consideração, por meio deste íterim, para uma clareza maior dos fatos que se seguem e as intenções pelas quais se ocasionaram. Segue-se um fragmento poético de Nietzsche composto antes do nascimento de Pessoa:

DIE BÖSEN

*“Der Dichter, der lügen kann
wissentlich, willentlich,
der kann allein Wahrheit reden.”*

OS MAUS

*“O poeta capaz de mentir
conscientemente, voluntariamente,
só ele é capaz de dizer a Verdade.”
(SENA, 1984, p. 98).*

⁵⁶ Texto original em língua inglesa: “There were obvious affinities between the two men. Pessoa, like Crowley, employed pseudonymous names (“heteronyms,” Pessoa termed them) for various of his works; the deliberate fragmentation of identity and the relentless exploration of mind were key themes in the writings of both.” (SUTIN, 2000, p. 354).

O fato é que Pessoa foi um “grande leitor de Nietzsche desde os vinte anos” (BRÉCHON, 1998, p. 115), conjuntura que corrobora com a estética do fingimento e a ideia da criação, percorridas ao longo da análise dos fragmentos, em até que ponto o *fingir* se torna um ato de compreensão desse mundo descrito por meio da poesia

Pessoa e da distinção do ato ficcional. Veremos de acordo com Sena (1984, p. 98) que diz:

Isto é, segundo Nietzsche – e esta atitude contraditória é largamente patente na sua obra -, o poeta, para dizer a Verdade, precisa de, em consciência e vontade, ser capaz de mentir. Claro que esta capacidade de mentir não significará o “criar ficções” – terminologia que durante tantos séculos dominou a poética ocidental -, nem significa o pura e simplesmente *fingir*, qual os detractores de Fernando Pessoa leram no primeiro verso (e não nos outros) da “*Autopsicografia*” que de “ele-mesmo-ele mesmo” o poeta da *Ode Marítima* escreveu. A “mentira” consciente e voluntária do poeta, qual nietzscheaneamente é proposto, no fragmento citado, refere-se especificamente à ordem do conhecimento, ou mais exactamente, à ordem da *expressão autêntica* de um conhecimento do Mundo.

Segue-se, portanto, para fins de análise do que foi supracitado, os poemas que contribuem, a priori, para tal, “Autopsicografia” e “Isto” (que não foi mencionado mas que é fundamental como eixo de sustentação da análise):

| AUTOPSILOGRAFIA | ISTO |
|---|---|
| O poeta é um fingidor Finge tão completamente Que chega a fingir que é dor A dor que deveras sente. | Dizem que finjo ou minto Tudo que escrevo. Não. Eu simplesmente sinto Com a imaginação. Não uso o coração. |
| E os que lêem o que escreve, Na dor lida sentem bem, Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm. | Tudo o que sonho ou passo, O que me falha ou finda, É como que um terraço Sobre outra coisa ainda. Essa coisa é que é linda. |
| E assim nas calhas de roda Gira, a entreter a razão, Esse comboio de corda Que se chama coração. (PESSOA, 1995:235) | Por isso escrevo em meio Do que não está ao pé, Livre do meu enleio, Sério do que não é. Sentir? Sinta quem lê! (PESSOA, 1995:236) |

É notória a presença de traços de um Poeta filósofo que retrata o fingir em seus versos e “só o poeta que se domine conscientemente e voluntariamente, durante a gestação do poema cujo significado desconhece ainda, só ele será capaz de atingir, tão mais de perto quanto possível, uma *verdade* não perturbada pelas circunstâncias factuais da criação.” (SENA, 1984, p. 98).

Partindo da premissa do suposto encontro e as circunstâncias que levaram a esse evento, ou seja, um suicídio fingido de Crowley com a ajuda de Pessoa, é possível averiguar, nesta disposição, características próprias da “estética de fingimento” do Poeta, quando contribui aos possíveis interesses reais do encontro de ambos. Evento que

chamaria a atenção da imprensa para a figura polêmica de Crowley e resultaria na escrita de uma novela policial por Pessoa, logo após o suicídio:

A ideia básica - um suicídio fingido - foi concebida por Crowley. Pessoa serviria como cúmplice, entrando em contato com a imprensa após finalizada a encenação. Esta não era a primeira vez que Crowley tinha considerado a publicidade potencial que resultaria de seu desaparecimento. Em março de 1929, em Paris, pediu a Francis Dickie, um jornalista britânico, que atuasse como agente de imprensa para tal golpe publicitário, com a intenção de promover - e elevar os preços - os trabalhos anteriores de Crowley, dos quais Crowley ainda possuía uma quantidade substancial. Dickie havia recusado sem rodeios. Pessoa mostrou-se muito mais entusiasmado. (SUTIN, 2000, p. 354).⁵⁷

Como pode ser visto, não é a primeira vez que Crowley tenta fantasiar uma situação inusitada. E, entre possíveis explicações para o ocorrido, há, ainda, a tese de Marco Pasi que “além de Crowley estar ligado aos grupos que estiveram na base do *nazismo*, ele próprio tinha convicções fascistas e que a razão da sua relação com Fernando Pessoa estaria relacionada com uma tentativa política de aproximação, tendo pouco a ver com o ocultismo.” Partindo da premissa de que Pessoa nunca havia se definido politicamente.⁵⁸ (BELÉM, 1995, p. 61). Opiniões como essas, rodeiam o fato

⁵⁷ Texto original em inglês: “The basic idea - a feigned suicide - was conceived by Crowley. Pessoa would serve as accomplice, contacting the press after the staging was complete. This was not the first time that Crowley had considered the potential publicity that would ensue from his demise. In March 1929, while in Paris, he had asked Francis Dickie, a British journalist, to serve as press agent for just such a stunt, with the intention of promoting - and raising prices - for Crowley’s previous works, of which Crowley still possessed a substantial inventory. Dickie had flatly declined the proposal. Pessoa was far more enthusiastic.” (SUTIN, 2000, p. 354).

⁵⁸ Breve nota sobre a visão política de Fernando Pessoa: Sabe-se que “[...]a República pequeno-burguesa não era o que Pessoa admirava; e que um Pessoa, lúcido como era, se seria perfeitamente sensível ao vácuo ideológico, encontrava-o, por outro lado, preenchido por um aparente ‘despertar da Nação’ que o elegante Sidónio corporizara. O que *não* havia sido, algum tempo antes, a atitude dele contra a ditadura de Pimenta de Castro, que ele ridicularizara com o panfleto *O Preconceito da Ordem*, primeiro publicado em Maio de 1915. É de sublinhar que não é a ‘ordem’ o que fascina Pessoa em Sidónio, e que essa aversão transparece nos poemas mais tarde escritos contra o salazarismo, muito curiosamente e compreensivelmente. É o carisma do ‘chefe’, do D. Sebastião possível. Por outro lado, quando, em Janeiro de 1928, Fernando Pessoa lançou o seu panfleto *Interregno*, em ‘defesa e justificação da ditadura militar em Portugal’, não era de modo algum um salazarismo futuro o que ele pretendia ou fingia defender (naquela sua terrível ambiguidade luciferina), nem a ordem, mas uma ‘suspensão’ (digamos) preparatória de reformas políticas que fossem ao encontro de um desgosto bastante generalizado contra a Primeira República e o que parecia ser ou era a sua ineficácia governativa.[...]” (SENA, 1984, p. 363).

da excentricidade de Crowley e de que ele estaria ligado a algo maléfico. Esse ponto de vista cabe aos detractores. O fato é que Crowley iria a Lisboa encontrar-se com Pessoa, e este evento repercutiria nos meios midiáticos da época.

Segue-se os detalhes da viagem de Crowley a Lisboa, supostamente para conhecer Pessoa, ou por motivos de saúde teria que sair da Inglaterra, todavia, com o

intuito de ter Pessoa como cúmplice e contar com sua colaboração no suicídio *fingido* da Boca do Inferno. Segundo o próprio: “Em 29 de Agosto recebi um telegrama anunciando que chegava no ‘Alcântara’ e pedindo que fosse esperar. O ‘Alcântara’, retido em Vigo pelo nevoeiro, chegou a 2 – em vez de 1– de Setembro. Esperei Crowley, e encontrei-o, como se combinara.” (BRÉCHON, 1998, p. 452).

Gaspar Simões⁵⁹ narra os pormenores da cena que se passa de manhã muito cedo no decurso de um nevoeiro. Com características físicas e feições de Crowley no momento do encontro, com quem havia chegado, o lugar onde ficara hospedado, assim como a frequência e onde se encontraram:

“Em terra, Fernando Pessoa, transido e tímido, vê avançar para ele um homem alto, espadaúdo, envolto numa capa negra, cujos olhos, ao mesmo tempo maliciosos e satânicos, o fitam repreensivamente, enquanto exclama: ‘Então que idéia foi essa de me mandar um nevoeiro lá para cima?’ (É também numa manhã de nevoeiro que, segundo a lenda, D. Sebastião deverá voltar, subindo a foz do Tejo).⁶⁰ Crowley não veio só. Acompanha-o a amante ou “concubina”[...], ou talvez sua nova “mulher escarlate”: uma jovem alemã chamada Hanni Larissa Jaeger. “Ficaram os dois no Hotel de l’Europe, de onde foram, no dia seguinte, para o Hotel Paris, no Estoril. Encontrei-os (aos dois) só duas vezes depois da chegada – uma vez no Estoril, no dia 7; outra vez em Lisboa, no dia 9.”(BRÉCHON, 1998, p. 452).

A priori, segundo a narrativa, tudo parece se seguir em conformidade com o que haviam planejado em contato epistolar. Os acontecimentos que se seguem são relativos ao episódio do suposto suicídio de Crowley na Boca do Inferno com a ajuda de Pessoa.

1.6.1 O episódio da Boca do Inferno

Existia um caminho-de-ferro, no limite Sul de Lisboa, composto de pequenas praias, terminando em Cascais, uma pequena cidade num monte rochoso. Lugar belo, porém, perigoso. “Do lado esquerdo desta estrutura peculiar há uma fractura na rocha, de considerável altura [...] Este local, sinistro sem ser pitoresco, é mortífero, enquanto a Boca não é senão muito perigosa.[...]aquí tem havido suicídios.”(ROZA, 2010, p. 417).

⁵⁹ João Gaspar Simões foi crítico e pesquisador português, que conviveu com Fernando Pessoa. (ZENITH, 2006).

⁶⁰ D. Sebastião, Rei de Portugal desaparecido morto em batalha de Alcácer-Quibir nas cruzadas. Faz parte do único livro de Pessoa publicado em vida, intitulado “Mensagem” (Pessoa, 2008, p. 160-161).

Pessoa descreve-o em sua novela policiária⁶¹ de mesmo nome “A Boca do Inferno”, de 1930, deixando claro no prefácio que “é a exacta e pormenorizada narrativa da investigação que foi incumbido de fazer sobre o presumível suicídio” (ROZA, 2010, p. 409) (na voz do detetive inglês narrador), de acordo com Roza (2010, p. 417):

O sítio é uma espécie de cratera negra, talhado nas rochas negras, com uma pequena abertura por onde entra o mar. As vagas irrompem por essa entrada e

rebentam lá dentro. A Boca do Inferno é sempre um local maravilhoso, mas torna-se particularmente sublime e sinistro em dias de temporal. Não é recomendável uma pessoa aproximar-se demasiadamente da borda daquela cratera negra. Aí têm ocorrido certamente muitos suicídios.

Lugar conhecido também como Fenda do Diabo e Mata Cães⁶² e que chamou a atenção de Crowley e sua namorada Jaeger, a atual mulher escarlate, logo quando chegaram a Portugal. Os eventos que se seguem nesse período (meados do início de setembro), desde sua estadia no hotel l'Europe e práticas de magia, ocasionaram na partida prematura de sua companheira a Berlim, fato que supostamente levará Crowley a cometer suicídio (fingido) tendo Pessoa como cúmplice:

Os acontecimentos que levaram ao suicídio fingido surgiram pouco depois da chegada de Crowley e Jaeger em Lisboa, no dia 2 de setembro. Eles decidiram fazer um tour pelos pitorescos locais de Portugal. Entre estes, encontra-se a cidade costeira de Cascais; nas proximidades estava a Boca do Inferno, [...]. Encontraram um quarto de hotel próximo e conduziram várias óperas sexuais; Mas Jaeger ficou perturbada por uma destas, no dia 13 de setembro, e caiu no que Crowley descreveu como "um longo ataque de soluços histéricos". [...] foram solicitados pelo gerente do hotel a partir no dia seguinte. Jaeger fugiu para Lisboa. A Besta a localizou lá, e eles se envolveram em magia sexual com o objetivo de reconstituir seu amor. [...] Jaeger partiu para a Alemanha, deixando Crowley recomençar a turnê por Portugal sozinho. A Besta retornou à Boca do Inferno onde, no dia 21 de setembro, registrou em seu diário: "Decidi fazer uma encenação de suicídio para incomodar Hanni, providenciar detalhes com Pessoa." (SUTIN, 2000, p.354-355).⁶³

⁶¹ Acerca da novela e possível publicação: "Fernando Pessoa teria começado a escrever a sua novela 'policíaria' pouco depois de ter acontecido o "suicídio" de Aleister Crowley. Redigiu, no entanto, várias hipóteses, não só de ordenação dos capítulos, como de diferentes fases da novela [...]. Fica-se no entanto a impressão de que, à medida que ia avançando na investigação do detective e nas diferentes hipóteses e raciocínios sobre os acontecimentos, teria começado a perder o interesse. Foi espaçando [...]e teria acabado por desistir. Provavelmente por pensar que a oportunidade de ser publicada já teria passado, pois as notícias do acontecimento tinham perdido a actualidade." (ROZA, 2010, p. 401).

⁶² ROZA, 2010, p. 418.

⁶³ Texto original em inglês: "The events leading to the feigned suicide arose soon after the arrival of Crowley and Jaeger in Lisbon on September 2. They decided upon a tour of the picturesque locales of Portugal. Amongst these was the coastal town of Cascais; nearby was the Boca do Inferno (Mouth of Hell),[...]. They found a hotel room nearby and conducted several sexual opera; but Jaeger was unsettled by one of these, on September 13, and fell into what Crowley described as "a very long fit of hysterical sobbing." [...] they were asked by the hotel manager to depart the next day. Jaeger fled to Lisbon. The Beast tracked her down there, and they engaged in sexual magic with the object of reconsecrating their love. But the rapprochement did not hold; Jaeger departed for Germany, leaving Crowley to recommence touring Portugal on his own. The Beast returned to the Boca do Inferno where, on September 21, as he recorded in his diary: 'I decided to do a suicide stunt to annoy Hanni. Arrange details with Pessoa.'(SUTIN, 2000, p.354-355).

Já no final do mesmo mês de setembro são encontradas as evidências: uma carta e uma cigareira, objetos supostamente pertencentes ao Mago inglês Aleister Crowley, em lugar propício a desaparecimentos e mortes (A Boca do Inferno). O achado ocasionou repercussão da polícia local e internacional, assim como o surgimento de hipóteses e possíveis motivos que acarretaram tal fato:

Em 25 de setembro o jornalista Ferreira Gomes⁶⁴, que é amigo de Pessoa, encontra perto da Boca do Inferno um maço de cigarros debaixo de que fora colocada uma carta em inglês, em papel timbrado do Hotel de l'Europe, assinada por um nome chinês: “Não posso viver sem ti. ‘A outra Boca do Inferno’(sic) apanhar-me-á; não será tão quente como a tua Hisos Tu Li Yu.” Ferreira Gomes alerta a polícia e faz, diz ele, sua própria investigação. Os jornais de Lisboa, mas também os de Londres e de Paris, anunciam o desaparecimento de Crowley.[...] Imediatamente se espalha o boato de que o Mago se jogou dali: suicidara-se por amor a Hanni. Mas também se diz que teria sido empurrado, e atribui-se o crime a um agente de uns Serviços Secretos, ou até a um agente do Vaticano... A Scotland Yard envia inspetores a Lisboa para investigar.(BRÉCHON, 1998, p. 453).

Em relação às evidências, foi comprovado pela *Empire News* de que a carta realmente foi escrita por Crowley, e que tais palavras: *Hisos Tu Li Yu* (a assinatura oriental), seriam uma saudação de adeus, e , estava comprovado também que Crowley estava vivo e que havia deixado Portugal dois dias após o sucedido:

A assinatura oriental do pseudônimo era um trocadilho em uma expressão britânica padrão de adeus. O *Empire News*⁶⁵ considerou a nota como inescrutável, embora tenha identificado Crowley como seu autor e comunicou a polícia portuguesa sobre o fato de que um homem identificado como Crowley tinha partido do país dois dias depois, em 23 de setembro. (SUTIN, 2000, p.355).⁶⁶

Sabe-se, também, de acordo com Sena (1984, p. 141), que: “A cigareira de Crowley, um dos indícios que, no local, a polícia descobriu e serviu de identificação do desaparecido, era, apesar das ponderosas considerações do *Times*, pertencente ao actual coronel Caetano Dias (Coronel Caetano Dias, hoje o representante dos herdeiros do poeta), cunhado de Fernando Pessoa”. E que ele mesmo havia cedido a cigareira. Fato revelado pelo próprio coronel Caetano Dias a Jorge de Sena.

As evidências foram deixadas no lugar, mesmo que mais tarde fosse descoberto que a cigareira não pertencia a Crowley, o evento virou notícia rapidamente nos meios

⁶⁴ Ferreira Gomes foi amigo de Pessoa e supostamente o iniciou na astrologia (BRÉCHON, 1998, p. 292).

⁶⁵ *The Empire News*: Jornal britânico.

⁶⁶ Original em inglês: “The pseudonymous Oriental signature was a punning play on a standard British expression of farewell. The Empire News regarded the note as inscrutable, though it did identify Crowley as its author and quoted the Portuguese police to the effect that a man identified as Crowley had departed from the country two days later, on September 23.” (SUTIN, 2000, p.355).

de comunicação da época. “A notícia se espalhou pela Europa. Foi suicídio, espionagem ou magia?”⁶⁷ (CHURTON, 2011, p. 337). O seu cúmplice seria chamado a depor.

1.6.2 Pessoa é interrogado pela Interpol e Imprensa

O fato de Pessoa ser o único que conhecia o desaparecido levou-o a ser interrogado pela polícia e pela imprensa, por ser considerado testemunha. José Blanco⁶⁸ reproduz as declarações no livro intitulado *Prosas*, e as considera muito fantasiosas. O poeta português diz ter montado essa encenação a pedido de Crowley, que queria assustar “Miss Jaeger” ou seria para ludibriar os inimigos, tais como policiais, espiões, magos, rivais ou credores. (BRÉCHON, 1998, 453).

O relato de Pessoa que se segue aos fatos ratifica o fato do suicídio fingido, assim como o paradeiro de Crowley e Hanni, que haviam deixado Lisboa antes mesmo da carta, e a cigareira ter sido encontrada no local do suposto suicídio (na Boca do Inferno). Confirma, também, as datas de suas partidas. Segundo o relato de José Blanco:

Todo o episódio está impregnado do humor tipicamente pessoano, que seu lado “cara-de-pau” muitas vezes nos impede de detectar. Hanni (que, afinal, se descobriu ser americana) partira de Lisboa no dia 20 de setembro a bordo do *Werra*, com destino à Alemanha. O próprio Crowley passara a fronteira em 23 e, atravessando a Espanha, foi também para a Alemanha, por certo para ir ter com a amante. (BRÉCHON, 1998, p. 453).

De fato, Crowley havia voltado à Alemanha para encontrar-se com Hanni. Quanto ao suicídio, “a história foi bem aceita na imprensa por um breve tempo. Crowley, naturalmente, esperava que essa publicidade lhe permitisse vender um romance baseado na encenação de suicídio de um proeminente editor inglês.” (SUTIN, 2000, p. 355).⁶⁹Pessoa iniciou a escrita de sua novela policiária sobre os fatos, entretanto, não a finalizou, tampouco a publicou.⁷⁰

1.7 Após o episódio da Boca do Inferno

Sabe-se que o ocorrido em Portugal marcará para sempre a vida de ambos, Pessoa e Crowley. Todavia, ocorreram ainda fatos importantes após o evento até a chegada de suas mortes, como quando Pessoa envia a Gaspar Simões o seu poema *O Último Sortilégio* e em seguida a tradução do poema *Hino a Pã*, composto por Crowley, presente no prefácio do livro *Magick*:

⁶⁷ “The news broke across Europe. Was it suicide, spying, or magick?” (CHURTON, 2011, p. 337).

⁶⁸ José Blanco foi um dos bibliógrafos que mais conheceram a vida de Pessoa (BRÉCHON, 1998, p. 65).

⁶⁹ Texto em inglês: “the story played well in the press for a brief time. Crowley, of course, had hoped that this publicity would enable him to sell a novel based on the suicide stunt to a prominent English publisher.” (SUTIN, 2000, p. 355).

⁷⁰ Vide as versões em português /inglês da novela inacabada escrita por Pessoa: “A Boca do Inferno”, na qual na voz de um detetive de nacionalidade Inglesa (mais um potencial heterônimo de Fernando Pessoa) narra os fatos do evento ocorrido (ROZA, 2010, p. 401-569).

Em 16 de outubro Pessoa envia a Gaspar Simões o poema *O último Sortilégio*, escrito na véspera, o qual sai no número de dezembro da *Presença*. E em 6 de dezembro lhe escreve: “[...] envio-lhe,[...] a tradução que fiz do inglês, de um

‘poema mágico’ a valer – o *Hino a Pã*, que constitui o prefácio do tratado *Magia do Mestre Therion*. (BRÉCHON, 1998, p. 454-455).

Além das publicações na revista *Presença*, Pessoa dedica-se “a escrita diária das páginas de prosa do *Livro do Desassossego* (obra deixada inacabada na data da morte) [...], publica em revista onze fragmentos, assinados por Bernardo Soares”(BRÉCHON,1998, p.475) e em 1934, um ano antes de sua morte, publica *Mensagem*⁷¹, “único livro que Pessoa compôs, terminou, reviu e corrigiu, e finalmente publicou.[...], é o mais importante e o mais representativo do gênio singular”(BRÉCHON, 1998, p. 502).

Em manifestação política contra a ditadura de Salazar, Pessoa “escreve apressadamente um libelo, que sai em 4 de fevereiro no *Diário de Lisboa*, [...] é o primeiro atrito grave na colaboração com o poder salazarista.”⁷² (Ibid., 1998, p.515). Depois disso, há a reação contrária contra Pessoa.⁷³ Já era fim de outubro, quando escreve o poema de Campos sobre “as cartas de amor”, são todas ridículas: “é como um último gesto de zombaria, antes de se despedir do passado.” (BRÉCHON, 1998, p. 525).

Ao mesmo tempo, Crowley volta à Alemanha e participa dos meios literários, é apresentado a Aldous Huxley e possivelmente o influencia no uso de mescalina que resultará em seu ensaio *As Portas da Percepção*, mas isso é negado por Huxley:

De volta à Alemanha, Crowley tentou manter laços com membros dos literatos britânicos que estavam saboreando a vida em Berlim. Em outubro de 1930, jantou com seu velho amigo J. W. N. Sullivan, que trouxe Aldous Huxley para encontrar a Besta. "Huxley melhora seu conhecimento", era a nota concisa de Crowley em seu diário. Uma lenda persistente diz que a Besta promoveu em Huxley um interesse pela mescalina, conduzida, mais de vinte anos depois, ao famoso ensaio de Huxley, *The Doors of Perception* (1954). Isso é muito discutível. No ensaio, Huxley confirmou que ele não experimentou mescalina até 1953 [...] (SUTIN, 2000, p. 355, tradução nossa).⁷⁴

⁷¹ Vide: (PESSOA,2008).

⁷² Sobre Pessoa: “[...]. Não é de se excluir a hipótese de se ter deixado manipular, e de o governo desejar ver aberta uma polêmica que serviria a seus próprios interesses. (BRÉCHON, 1998, p. 515).

⁷³ Vide (Ibid., p. 516).

⁷⁴ Texto original em inglês: “Back in Germany, Crowley tried to keep up ties with members of the British literati who were tasting life in Berlin. In October 1930, he dined with his old friend J. W. N. Sullivan, who brought along Aldous Huxley to meet the Beast. "Huxley improves on acquaintance," was Crowley’s terse note in his diary. One persisting legend has it that the Beast now fostered in Huxley an interest in mescaline that led, over twenty years later, to Huxley’s famous essay, *The Doors of Perception* (1954). This is most dubious. In *Doors*, Huxley confirmed that he did not try mescaline until 1953 [...]”(SUTIN, 2000, p. 355).

O meio literário era parte dos pontos por onde circulou na cidade, todavia, “o interesse primário de Crowley tinha a ver com suas possibilidades sexuais sem restrições[...]buscando numerosos romances com mulheres e homens; frequentemente em seu diário, ele exaltava a eficácia mágica de seu trabalho amoroso na capital alemã.” (SUTIN, 2000, p. 355-356).⁷⁵ Enquanto os encontros com Hanni Jaeger continuavam, tendo ela participado de orgia juntamente com Karl e Cora Germer.⁷⁶

Eram tempos difíceis financeiramente, o que não impede Crowley de ter mais de um romance, onde conta: “Conheci Bertha Busch no dia 3 de agosto. 36 anos, [...] que gostava de ser chamada de 'Bill. Bill'”⁷⁷ (CHURTON, 2011, p. 345) Bertha chamou a atenção de Crowley por suas qualidades peculiares.⁷⁸ Na mesma época em que Crowley descobre-se pintor, incentivado por Nierendorf, desenvolve sua arte, começa a fazer, então, parte dos círculos artísticos das artes plásticas, com seu estilo próprio, mas não tinha o intuito de se tornar famoso. Conhecido como um *outsider*, que pode significar tanto alguém que vem de fora como aquele que se isola:

A vida de Aleister Crowley como um artista de Berlim propriamente começou em 1 de outubro de 1930, quando ele conheceu o negociante de arte moderna e patrono Karl Nierendorf. [...] A arte de Crowley deve estar diretamente relacionada às características marcantes do homem que criou as pinturas, de cuja essência das obras foi expressão. Crowley não estava buscando o reconhecimento como um inovador do estilo artístico; Seu trabalho era muito idiossincrático, muito variado para isso. Crowley foi apresentado como um outsider nos círculos artísticos convencionais. Isso não era estritamente verdadeiro, no entanto [...] entendê-lo como captura a sua auto imagem como a Besta, o "Andarilho Inútil". O título próprio de sua auto biografia⁷⁹ era *O Espírito de Solidão*, uma impressionante concepção da sensibilidade artística germânica.(CHURTON, 2014, p. 180-181).⁸⁰

⁷⁵ Texto em inglês: “Crowley’s primary interest[...]had to do with its untrammled sexual possibilities [...] pursuing numerous affairs with both women and men; frequently in his diary, he would extol the magical efficacy of his amorous workings in German capital.” (SUTIN, 2000, p. 355-356).

⁷⁶ “Karl Germer foi amigo de Crowley e ‘tesoureiro honorário’ da Ordem OTO.” (CHURTON, 2014, p. 17); “Cora Germer era esposa de Karl Germer (CHURTON, 2014, p. 34); Vide (SUTAN, 2000, p. 356).

⁷⁷ “I met Bertha Busch on the 3rd Aug. Aged 36, [...] who liked to be known as 'Bill. Bill'”(CHURTON, 2011, p. 345).

⁷⁸ Vide (CHURTON, 2011, p. 345).

⁷⁹ Auto hagiografia: é um tipo de biografia que descreve a vida dos santos, beatos ou servos de Deus.

⁸⁰ Texto original em inglês: “Aleister Crowley’s life as a Berlin artist properly began on 1 October 1930 when he met leading modern art dealer and patron Karl Nierendorf. [...] Crowley’s art should be related directly to the outstanding characteristics of the man who created the paintings, of whose essence the works were expression. Crowley was not seeking recognition as an innovator of artistic style; his work was too idiosyncratic, too varied for that. Crowley was presented as being an outsider to conventional artistic circles. This was not strictly true, however[...] understanding it as capturing his self-image as the Beast, the "Wanderer of the Waste." His autohagiography’s proper title was *The Spirit of Solitude*, an awesome conception to the Germanic artistic sensibility.” (CHURTON, 2014, p. 180-181).

Em meio ao clima descontraído que Crowley parecia passar em Berlim, alguns problemas de cunho financeiro surgiram, com desperdício de recursos advindos da Thelema, o Mestre Therion recebia ajuda de Karl e Cora, contudo, o clima de depressão era constante quando se tratava desta questão:

A serenidade não prevaleceu por muito tempo. Uma fonte de tensão era a presença de Karl e Cora Germer, sobre quem Crowley era em grande parte dependente para sua sobrevivência financeira. Eles, por sua vez, irritavam-se com suas constantes exigências. A Depressão havia esgotado as economias de Cora, e ela se ressentia da dispersão de fundos de Crowley que Germer havia suplicado a ela para conceder a causa de Thelema.(SUTIN, 2000, p. 356)⁸¹

Pessoa e Crowley viviam intensamente suas vidas após o ocorrido em Portugal. Sabe-se que Crowley permaneceu durante dois anos na capital da Alemanha⁸² e “depois, voltará para a Inglaterra e instalar-se-á em Hastings, onde passará o resto de seus dias. Vai sobreviver doze anos a Pessoa.” (BRÉCHON, 1998, p. 454).

Em meio a uma vida dedicada à escrita e à literatura, aos 47 anos,⁸³ no ano de 1935⁸⁴, morre (antes de Crowley), o Poeta dos heterónimos, Fernando Pessoa, o então considerado por ele mesmo “cristão gnóstico [...] fiel [...] à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com [...] a Santa Kabala e com a essência oculta da Maçonaria; [...] partidário de um nacionalismo místico [...]” e que teve como últimas considerações o combate aos três assassinos: a Ignorância, o Fanatismo e a Tirana. (ZENITH, 2006, p. 205-206).

Nem ele mesmo previu a própria morte, “acredita nos números, que lhe vai acontecer alguma coisa em 1935⁸⁵ [...] como seu horóscopo, feito em 1934, prevê a morte para 1937, crê ter diante de si pelo menos dois anos, o que deve parecer-lhe suficiente para organizar a obra.” (BRÉCHON, 1998, p. 513-514). A causa da morte foi

⁸¹ Texto original em inglês: “Serenity did not long prevail. One source of tension was the presence of Karl and Cora Germer, upon whom Crowley was largely dependent for his financial survival. They, in turn, rankled under his constant demands. The Depression had depleted Cora’s savings, and she resented Crowley’s spendthrift dispersal of funds that Germer had pleaded with her to bestow to the cause of Thelema.” (SUTIN, 2000, p. 356).

⁸² (CHURTON, 2011, p.332).

⁸³ Vide (Ibid., p. 530).

⁸⁴ Vide (Ibid., p. 513).

⁸⁵ “Embora tenha cometido um erro em seu horóscopo, e não esteja à espera de morrer esse ano, já não tem esperança de dispor de muito mais tempo para organizar esse ‘pensamento’. E depois, de qualquer maneira, sabe ele, que acredita nos números, que lhe vai acontecer alguma coisa em 1935. Sabe que todos os anos importantes em sua vida acabavam em 5: 1895: Segundo casamento da mãe;1905: Regresso a Lisboa; 1915: *Orpheu*; 1925: Morte da mãe. Sabe que todos marcam o início de um novo período. (Ibid., 513-514).

cirrose hepática, devido ao alcoolismo, o enterro em 2 de Dezembro, ocorreu no cemitério dos Prazeres, tendo sido uma cerimônia simples, apenas com os amigos mais íntimos, alguns admiradores e representante da família. Pessoa nesta época ainda não havia atingido a fama como Poeta que viria *post mortem*:

Pessoa sofreu de alcoolismo em grau acentuado, causa de uma cirrose hepática responsável pela sua morte. [...] O enterro realizou-se em 2 de dezembro, às 11 horas, no Cemitério dos Prazeres, no jazigo da sua avó louca, D. Dionísia, e na presença de cerca de cinquenta pessoas, parentes, amigos próximos, admiradores. “A cerimônia fúnebre”, conta Gaspar Simões, “foi discreta, e as lágrimas poucas ou nenhuma. [...] Alguns velhos amigos, os velhos companheiros que restavam de *Orpheu*, alguns admiradores novos, um ou outro dos seus patrões, o barbeiro seu amigo.” O cortejo, da capela do cemitério ao túmulo, era seguido, entre outros, por António Ferro, Raul Leal, Alfredo Guisado e Almada Negreiros, do *Orpheu*; Gaspar Simões, representando a *Presença*; Ferreira Gomes, o Dr. Jaime Neves, António Botto, António Pedro, Carlos Queiroz. O capitão Caetano Dias representava a família. Foi Luís de Montalvor, “seu companheiro de 25 anos de vida literária”, quem, diante do caixão, fez o elogio fúnebre do defunto[...] (BRÉCHON, 1998, p. 531-532).

No que concerne a Crowley, em 1947, já no ano de sua morte, escreve a Karl Germer suas famosas definições sobre magia como arte e ciência assim como o misticismo sendo uma elevação do indivíduo, de forma revisada e estendida. Crowley embora estivesse adoentado, sua mente estava em perfeita forma⁸⁶:

Ele escreveu a Karl, a revisão e Extensão de sua famosa definição de magia como 'a arte e a ciência de causar mudanças na natureza em conformidade com a vontade, dizendo a Germer que "Magick é entrar em comunicação com indivíduos que existem em um plano mais elevado do que o nosso. Misticismo é a elevação de si mesmo ao nível deles". Perfeito. (CHURTON, 2011, p. 417).⁸⁷

Escreve, também, uma carta, pela primeira vez, ao seu filho Ataturk, com recomendações e ao seu biógrafo John Symonds no final de Agosto, revelando que tem estado muito doente durante todo o verão⁸⁸. “Enquanto o outono se transformou em inverno gelado, sua saúde declinou. Em 1 de Dezembro de 1947, aos 73 anos⁸⁹, Aleister Crowley morre pacificamente em sua cama.[...] causa de morte [...] degeneração do miocárdio e bronquite crónica [...]” (CHURTON, 2011, p. 417-418).⁹⁰

⁸⁶ Vide (CHURTON, 2011, p. 417).

⁸⁷ Texto original em inglês: He wrote to Karl, revising, or extending, his famous definition of magick as 'the art and science of causing changes in nature in conformity with will', telling Germer that 'Magick is getting into communication with individuals who exist on a higher plane than ours. Mysticism is the raising of oneself to their level.' Perfect.” (CHURTON, 2011, p. 417).

⁸⁸ (Ibid., 2011, p. 416-417).

⁸⁹ A idade de falecimento aqui aparece como 72 anos. (CROWLEY, 1989, p.13).

⁹⁰ Texto original em inglês: “As autumn turned into freezing winter, his health declined. On 1 December 1947, in his 73rd year, Aleister Crowley died peacefully in his bed.[...] cause of death [...] myocardial degeneration and chronic bronchitis[...]” (CHURTON, 2011, p. 417-418).

Pat, mãe de Ataturk, diz que: “[...] no momento de sua morte [...] um grande influxo de vento soprou as cortinas para dentro, e depois para fora novamente enquanto a Besta expirava pela última vez. Ela ouviu trovões e estava convencida de que os deuses o tinham levado para casa.” (CHURTON, 2011, p. 417).⁹¹

Ao contrário do simples funeral de Pessoa (doze anos antes), a despedida de Crowley teve repercussão mundial, com declamação de *Hino a Pã*, outros Hinos de composição de Crowley e uma suposta Missa Negra feita pelos presentes em luto, que chamou a atenção da imprensa com manchetes veiculadas sobre a morte do “Homem mais terrível do Mundo”. A urna contendo suas cinzas está hoje em Nova York, na propriedade de Karl Germer:

Em Dezembro, às 14h45, os restos mortais de Crowley foram cremados no crematório público de Brighton. Louis Umfraville Wilkinson, amigo de longa data [...], leu, com grande vigor, o *Hino a Pã*, seleções do *Livro da Lei*, a coletânea e o Hino da *Missa Gnóstica* de Crowley. Houve queixas ao conselho de que uma "Missa Negra" tinha sido realizada dentro dos limites sagrados da propriedade. (CHURTON, 2011, p. 418).⁹² O público que se fez no dia incluiu tanto os enlutados fervorosos como os membros frustrados da imprensa. As manchetes que se seguiram, na Inglaterra e na América, alardearam a morte do "Pior Homem do Mundo" e da sua "'Magia Negra' de Adeus." [...] A urna contendo as cinzas de Crowley foram enviadas a Germer em Nova York. [...] ele enterrou a urna ao lado do maior pinheiro em sua propriedade em Hampton, New Jersey - uma árvore que agora se chamada "Aleister." (SUTIN, 2000, p. 419).⁹³

Crowley, embora tenha tido um funeral que chamara a atenção da mídia, um evento solene e grandioso, com o passar dos anos foi caindo no “ostracismo”, enquanto que Pessoa ressurgiu como grande Poeta. “A imagem de Pessoa acabará por se tornar semimítica, como a de todos os heróis cujo brasão moldou na Mensagem, de Henrique, o Navegador, a D. Sebastião.” (BRÉCHON, 1998, p. 537).

⁹¹ Texto original em inglês: “At the moment of his death [...] a great influx of wind that blew the curtains in, and then out again as the Beast breathed his last. She heard thunder and was convinced the gods had taken him home.” (CHURTON, 2011, p. 417).

⁹² Texto em inglês: “On December at 2.45 pm, Crowley’s mortal remains were cremated at Brighton public crematorium. Louis Umfraville Wilkinson, friend to the last from far-off days [...], read, with great power, the *Hymn to Pan*, selections from *The Book of the Law*, and the Collects and Anthem from Crowley’s Gnostic Mass. There were complaints to the council that a 'Black Mass' had been held within the sacred bounds of council property.” (CHURTON, 2011, p. 418).

⁹³ Original em inglês: “The audience that day included both fervent mourners and discomfited members of the press. The ensuing headlines, in England and America, trumpeted the demise of the "World’s Worst Man" and his "Black Magic' Farewell." [...] The urn containing Crowley’s ashes was sent to Germer in New York. [...] he buried the urn beside the largest pine tree on his property in Hampton, New Jersey - a tree he now named 'Aleister.'” (SUTIN, 2000, p. 419).

integrada à memória nacional, lhe vale notoriedade em parte retrospectiva[...].” (BRÉCHON, 1998, p. 537). Tendo publicado seus *Poemas Ingleses e Mensagem*.⁹⁴

1.8 As "vidas" de Pessoa e Crowley após suas mortes

Fernando, “quando morreu, [...] era apenas uma figura pitoresca da vida literária local, um sobrevivente da aventura do *Orpheu*, Pessoa surge como um legítimo representante da literatura portuguesa após o achado de seu baú (arca)⁹⁵, no final da década de 1980, com milhares de escritos inéditos que viriam a ser organizados e publicados e virariam peças de teatro como *Morte do Príncipe* e *Hora do Diabo* e outros que ainda estão por ser conhecidos, contudo, Pessoa surge:

Com efeito, na data de sua morte, se é incontestável que tem um nome, é o nome de um escritor sem leitores, quase sem livros. Nem os próprios amigos do *Orpheu* e da *Presença* fazem-lhe a menor idéia, [...] da dimensão real da obra; e os dentre eles que viveram o suficiente para ver-lhe todo o brilho da glória ficaram desconcertados ao descobrir que tinham convivido com um espantoso gênio.[...] Pessoa não guardava os manuscritos em gavetas, em pastas ou armários, mas num grande baú, que se tornou lendário. [...] os milhares de folhas que continha [...] encontram-se na Biblioteca Nacional.[...] Dessa massa informe de inéditos [...] podemos extrair quantas “obras” ou “livros” quisermos[...] *Morte do Príncipe*, *Hora do Diabo*, *O Guardador de Rebanhos*, *O Banqueiro Anarquista*, *Mensagem*, *Livro do Desassossego* [...] (BRÉCHON, 1998, p. 538-540).

O reconhecimento, de suas obras filósofo-poéticas também vem quando, “em 1985 e 1988 a cidade de Lisboa e Portugal comemoraram respectivamente o cinquentenário da morte e o centenário do nascimento de Pessoa com um fervor que se aproxima da idolatria. [...]” (BRÉCHON, 1998, p. 541). No ano da comemoração de seu cinquentenário teve seus restos mortais trasladados para o mosteiro dos Jesuítas como reconhecimento a um dos maiores Poetas do século XX, ao lado de figuras históricas como Vasco da Gama, Luís de Camões e Alexandre Herculano:

Em 1985, ano do cinquentenário de sua morte, mas no dia de seu nascimento, 13 de junho, o corpo será trasladado para o claustro do Mosteiro dos Jerônimos, onde está o túmulo de duas outras glórias nacionais: Vasco da Gama e Camões. (BRÉCHON, 1998, p. 582). Conta-se que, ao desenterrarem Pessoa no Cemitério dos Prazeres a fim de o conduzir para uma morada mais gloriosa, encontraram, em vez do esqueleto que se esperava ver após meio século de sepultura, um corpo intacto, natural ou miraculosamente mumificado[...]. (BRÉCHON, 1998, p. 542).

No mesmo ano aconteceu a exposição de uma obra coletiva organizada por Teresa Rita Lopes e coordenada, dirigida e editada por Philippe Arbaizar no Centro

⁹⁴ Vide (BRÉCHON, 1998, p. 537).

⁹⁵ Sobre o “baú”: “[...] Podemos vê-lo, na última página da *Fotobiografia*, colocado simbolicamente depois das imagens do túmulo. Alguns o chamam de ‘cofre’, o que tem o mérito de evocar os piratas da *Ilha do Tesouro*, que Pessoa adorava. A palavra mais adequada em português é *arca*.[...]“Teve como precursora nas buscas entre os milhares de papéis escritos, a pesquisadora Teresa Rita Lopes que entre 1988-1989, iniciou seu trabalho no “espólio” do escritor juntamente com sua equipe, evitando o que já estava ocorrendo na época, furtos e manuscritos leiloados.(BRÉCHON, 1998, p. 538-539).

Georges Pompidou, em Paris. Intitulada *Pessoa, poète pluriel*. Em 1993, é inaugurada a *Casa Fernando Pessoa*, no prédio onde vivera com a família (BRÉCHON, 1998, p. 541-542).

Crowley, por sua vez, é lembrado em 1955 pelo cineasta Kenneth Anger, que após um trabalho de restauração de pinturas e decorações da Abadia de Thelema, escreve o livro *Hollywood Babylon*, a famosa frase de Crowley: "Cada homem e cada mulher é uma estrela" consta em sua epígrafe, fazendo menção à "Mulher Escarlate":

[...]Cineasta experimental kenneth Anger faz uma peregrinação a Cefalù para restaurar e fotografar as pinturas e a decoração ritual da Abadia de Thelema.[...] Mais tarde, Anger escolheria, como a epígrafe para seu clássico alternativo [...], *Hollywood Babylon* (1975), a máxima do *Livro da Lei* que "Cada homem e cada mulher é uma estrela." O livro de Anger é dedicado "À Mulher Escarlate", a quem faz reverência no título. (SUTIN, 2000, p. 421).⁹⁶

Todavia, é na década de 1960 que o Mago inglês ressurgue na mídia de forma emblemática, o evento ocorreu no ano de 1967, momento em que "a cabeça raspada de Crowley aparece entre a multidão psicodélica de elite na capa dos 'Beatles' *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*." (SUTIN, 2000, p. 421).⁹⁷ Dois anos depois, em 1969, "O *London Times* cita Crowley como uma das "1000 Personalidades mais influentes do Século XX".(SUTIN, 2000, p. 421).⁹⁸

Na década de 1970, tem sua frase "Do What Thou Wilt" que completa seria "Do What Thou Wilt Shall be the Whole of the Law" (Faze o Que Tu Queres há de ser o Todo da Lei) gravada no III álbum do *Led Zeppelin*. No Brasil, a doutrina thelêmica teve forte influência nas músicas de Raul Seixas,⁹⁹ em discos como *Gita* (1974) e *Novo Aeon* (1975), admirado por Jimmy Page e forte influente da cena musical, especificamente do metal mais pesado, como *Iron Maiden*,¹⁰⁰ *Ozzy Osbourne*,¹⁰¹ ex-vocalista do *Black Sabbath*, fez uma música intitulada *Mr. Crowley*. Nos anos 90 tem

⁹⁶ Texto em inglês: "Experimental filmmaker kenneth Anger makes a pilgrimage to Cefalù to restore and photograph the paintings and ritual decor of the Abbey of Thelema. Later, Anger would choose, as the epigraph for his underground classic [...], *Hollywood Babylon* (1975), the dictum of *The Book of the Law* that "Every man and every woman is a star." Anger's book is dedicated "To the Scarlet Woman," to whom tacit reverence is paid in the title." (SUTIN, 2000, p. 421).

⁹⁷ Texto em inglês: "Crowley's shaven head appears amongst the elite psychedelic throng on the cover of the Beatles' *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*." (SUTIN, 2000, p. 421).

⁹⁸ Texto em inglês: "*The London Times* cites Crowley as one of the "1000 Makers of the Twentieth Century." (Ibid., p. 421).

⁹⁹ <https://www.lashtal.com/?s=raul+seixas>, ultimo acesso em 09 de junho de 2017.

¹⁰⁰ O vocalista da banda, Dickinson, inclusive escreveu e lançou o filme *The Chemical Wedding*, no qual Crowley é lembrado na figura de um professor que acreditava ser a reencarnação da Besta, nome também da uma famosa música da banda *The number of the beast*, trata-se do número: "666" <https://www.lashtal.com/?s=iron+maiden>, último acesso em 09 de junho de 2017.

¹⁰¹ <https://www.lashtal.com/?s=Mr+Crowley+Ozzy+Osbourne>, último acesso em 09 de junho de 2017.

seu nome reconhecido e registrado no Dicionário de Biografia Nacional Britânica e publicado pela renomada Universidade de Oxford:

As palavras "Do What Thou Wilt" (Faze o Que Tu Queres) estão sutilmente gravadas no vinil central do *Led Zeppelin III* álbum. Neste mesmo ano, Jimmy Page, guitarrista do Led Zeppelin, que já tinha acumulado uma grande coleção de livros, manuscritos e artefatos de Crowley, compra Boleskine House na Escócia, onde Crowley começou o ritual Abra-Melin em 1900. A partir deste momento, Crowley se torna uma presença recorrente na cena musical do Heavy Metal. (SUTIN, 2000, p. 421).¹⁰²[...] (1993):O nome de Aleister Crowley é adicionado ao *Dicionário de Biografia Nacional*, o grande registro de realização britânica publicado pela Oxford University Press. (Ibid., 2000, p. 423).¹⁰³

A popularidade de Crowley continua no século XXI, quando Paul McCartney, integrante dos Beatles, na época do lançamento do *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, onde Crowley ressurgiu na mídia na capa com outras personalidades históricas, declara à revista *Rolling Stone* que o segredo do sucesso da banda é a "magia":

O século XXI testemunhou uma grande reavaliação do lugar de Aleister Crowley na cultura moderna[...]. Evidências da popularidade de Crowley são onipresentes. Quando *Rolling Stone* perguntou a Paul McCartney o que explica a popularidade duradoura dos Beatles, ele respondeu: "Eu acho que é basicamente magia. Há alguma coisa como magia, e os Beatles eram mágicos [...]"(KACZYNSKI, 2010).¹⁰⁴

Pessoa e Crowley, de um lado o Poeta dos heterónimos e do outro o Mago inglês. "A paixão que une as duas figuras é sem dúvida a mesma: a de uma caminhada espiritual de conhecimento e progresso"(ROZA, 2010, p.11), ambos tornaram-se "criadores de civilização". Tiveram uma relação epistolar e encontraram-se. Em pensar que, em (1946) "Aleister Crowley, estava completamente esquecido em Portugal, a ponto de todos os estudiosos de Pessoa, sem exceção, imaginarem que Crowley era mais uma das mistificações com que o poeta tinha por costume divertir-se"(SENA, 1984, p. 139). Estudos comprovam o contrário. A tradução que Pessoa realizou do poema *Hymn to Pan* de Crowley corrobora para uma análise mais profunda.

¹⁰² Texto em inglês: "The words "Do What Thou Wilt" are subtly engraved in the center vinyl of the Led Zeppelin III album. This same year, Jimmy Page, guitarist of Led Zeppelin, who had already amassed a major collection of Crowley books, manuscripts, and artifacts, purchases Boleskine House in Scotland, where Crowley began the Abra-Melin ritual working in 1900. From this time onward, Crowley becomes a recurrent presence in the Heavy Metal music scene."(Ibid., 2000, p. 421).

¹⁰³ Texto em inglês: "The name of Aleister Crowley is added to *The Dictionary of National Biography*, the grand register of British achievement published by the Oxford University Press." (SUTAN, 2000, p. 423).

¹⁰⁴ Texto em inglês: "The twenty-first century has witnessed major reassessment of Aleister Crowley's place in modern culture [...]. Evidence of Crowley's popularity is ubiquitous. When *Rolling Stone* asked Paul McCartney what accounts for the Beatles' enduring popularity, he answered: 'I think it's basically magic. There is such a thing as magic, and the Beatles were magic [...]"(KACZYNSKI, 2010).

2 DE "HYMN TO PAN" A "HINO A PÃ", FERNANDO PESSOA TRADUTOR DE ALEISTER CROWLEY

O poema *Hymn to Pan*, traduzido por Pessoa como “Hino a Pã” consiste de um escrito de importância incalculável na vida de Crowley, e é um dos mais fortes pontos de contato entre Pessoa e Mestre Therion. Foi publicado na revista “*Presença*, nº33, julho-outubro de 1933, de que há grande número de versões (manuscritas e datiloscritas) no espólio do Poeta”¹⁰⁵(MATOS, 2015, p. 13). O poema foi inserido também na epígrafe¹⁰⁶do livro *Magick in Theory and Practice* “Magia^(k) em Teoria e Prática”, no qual Crowley reúne seus ensinamentos acerca do tema¹⁰⁷. Realizar-se-á ao longo do capítulo um aparato desde a análise e descrição cronológica, temática e estrutural da poesia de Crowley, culminando em Hino a Pã, até o ponto no qual os critérios (técnicas e métodos) de tradução de Pessoa serão averiguados.

Considerar, a priori, o contexto histórico no qual Aleister Crowley estava inserido ao longo de sua produção poética, é fundamental para uma análise mais assertiva e descritiva da temática e estrutura de sua obra. Época limiar e dicotômica, a era Vitoriana (séc.XIX início do XX), onde de um lado havia o frevo da revolução industrial (MORAIS, 2004, p.13-15) e do outro o puritanismo exacerbado e a manutenção dos valores familiares ditos como exemplares¹⁰⁸ e o medo do novo:

Havia uma crença de que o momento presente, embora de grandes dúvidas e confusão, era o término de uma fase crítica (séc. XVIII e suas revoluções) e, portanto, as portas estavam abertas para o renascimento, para o novo. No entanto, o novo também amedrontava.(MORAIS, 2004, p16).

O reflexo da realidade ocorria, sobretudo, na literatura que seguia o ritmo da dualidade. “O exemplo de Tennyson é bem ilustrativo do espírito dividido da Era Vitoriana, ao mesmo tempo sustentando um otimismo exterior, [...] e carregando em seu íntimo inquietações e dúvidas existenciais profundas” (MORAIS, 2004, p. 35). É notório também os romances de Jane Austen, retratos tranquilos da vida social inglesa, ressaltando a importância da família e dos costumes. Mas a escritora não deixou de mostrar os preconceitos e a felicidade forjada pelas conveniências (MORAIS, 2004, p. 35), através de um estilo sutil e incisivo.

¹⁰⁵ O espólio de Pessoa encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa. (cf.MATOS, 2015, p.13).

¹⁰⁶CROWLEY, 1976, p. 5.

¹⁰⁷SUTIN, 2000, p. 6-7.

¹⁰⁸MORAIS, 2004, p. 23-25.

E, é neste clima paradoxal, no ano de 1890 que, de acordo com Sutin (2000, p. 30), Crowley passa a ter aulas com tutores que lhe apresentam ao universo das ciências e das técnicas. Contudo, é na literatura que encontrará refúgio e subsídio para uma compreensão mais profunda do ritmo e dos versos. Inspira-se em Shakespeare e Swinburne, imbuído da ideia de escrever como os grandes poetas que o fascinavam:

Os tutores conseguiram ajudar Crowley a progredir rapidamente em matemática, literatura, grego e latim. Igualmente importante, no entanto, era a liberdade de ler o que desejasse, que lhe havia sido anteriormente negada. Em Forsinard, Crowley descobriu alguns velhos fólhos de Shakespeare e debruçou-se sobre eles noite após noite, convencido agora de que "a poesia era de suma importância". Crowley passou a fazer um levantamento do verso inglês. Dos poetas vitorianos, ele abraçou Swinburne, a extensão e a sonoridade de cujas letras tiveram uma influência duradoura. O desejo de alcançar a grandeza como um poeta se apoderou do menino. (SUTIN, 2000, p. 31).¹⁰⁹

No que se refere ao âmbito dos dotes como escritor, “Crowley era um poeta prolífico que exibia, intermitentemente, um talento puro e genuíno.”¹¹⁰(SUTIN, 2000, p. 4). Considerado escritor místico¹¹¹ e esotérico¹¹² pelos seus registros sobre o universo de lendas como Rei Salomão, textos Gnósticos e referências ao antigo Egito. (SUTIN, 2000, p. 5). Em análise temática de sua poesia é possível identificar os seguintes temas recorrentes: Mitologia, Religião, Sexualidade e Magia (CROWLEY, 2013).

Partindo do ponto de tais especificidades, serão analisados em ordem cronológica, os poemas: *Aceldama*, *Mathilde*, *Ode to Venus Callipyge* (Ode a Vênus Calipígia), *The Soul of Osiris* (A alma de Osíris), *The Two Secrets* (Os dois Segredos), e *Hymn to Pan* (Hino a Pã), tradução de Pessoa. Inicialmente, será posto em estudo, o primeiro poema escrito por Crowley, “Aceldama”¹¹³, de 1898, que consta em seu livro de antologias, conjunto de 264 poemas, de cunho filosófico¹¹⁴. Sua introdução foi citada

¹⁰⁹ Texto em inglês: “The tutors did succeed in helping Crowley to progress rapidly in mathematics, literature, Greek, and Latin. Equally important, however, was the freedom to read what he wished, which had previously been denied him. At Forsinard, Crowley discovered certain old folios of Shakespeare and pored over them night after night, convinced now that "poetry was of paramount importance." Crowley went on to make a survey of English verse. Of the Victorian poets, he embraced Swinburne, the sweep and sonority of whose lyrics had a lasting influence. The yearning to achieve greatness as a poet took hold in the boy.” (SUTIN, 2000, p. 31).

¹¹⁰ Texto em inglês: “Crowley was a prolific poet who displayed, intermittently, a pure and genuine talent.” (SUTIN, 2000, p.4).

¹¹¹ O termo é utilizado na poesia de Crowley com frequência, vejamos a definição dicionarizada: “por *misticismo* (datação: 1836 *apud* MATOS, 2015): ‘inclinação para acreditar em forças e entes sobrenaturais e preocupar-se com eles, em detrimento das explicações racionais e científicas.’ [...]Donde se depreende que, para Pessoa, o *misticismo* seria apenas um dos três ‘caminhos para o oculto’ (In: *Obras em prosa*, p.98-99 *apud* MATOS, 2015).

¹¹² Vide nota 53.

¹¹³ Vide subtítulo 1.1.1 do capítulo I.

¹¹⁴ CROWLEY, 1989, p. 15.

no primeiro capítulo desta dissertação e agora segue em continuidade:

ACÉLDAMA

“[...] Foi uma noite ventosa, aquela memorável sétima noite de dezembro, quando essa filosofia nasceu em mim. Como o velho professor se perguntou sobre meus devaneios! Eu tinha sido chamado em sua casa, pois ele era um amigo que prezava muito, e eu sentia estranhos pensamentos e emoções tremerem dentro de mim. Ah! Como eu delirava! Eu o chamei para que me detivesse, ele recusara. Passamos juntos a noite tempestuosa. Eu estava a cavalo, como eu galopava ao seu redor em meu frenesi, até que ele se tornasse a presa de um verdadeiro medo físico! Como eu gritei palavras estranhas! E o pobre e bom homem tentou de tudo para me acalmar; ele pensou que eu tinha enlouquecido! O bobo! Eu estava em luta mortal com o eu: Deus e Satanás lutavam pela minha alma naquelas três longas horas. Deus venceu - agora tenho apenas uma dúvida - qual dos dois era Deus? Todavia, eu aspiro! [...]” (CROWLEY, 2013, p. 7).¹¹⁵

O poema carrega a ambiguidade típica de seus interesses futuros (CROWLEY, 1989, p. 15). “A ‘luta mortal’ pode ter sido ‘com o eu’, mas Crowley encenado luta em termos da dicotomia dramática de Deus e Satanás. O papel potencialmente crucial da magia cerimonial dado a esses protagonistas era óbvio.”¹¹⁶ (SUTIN, 2000, p. 41). Temática e questionamento filosófico encontrados no *Livro dos Fingimentos do Perdurabo*, contendo aspectos de uma possível estética de fingimento em sua escrita:

A criação e a destruição de deuses tem sido durante séculos a mania religiosa e o exercício filosófico favoritos da humanidade. *O Livro dos Fingimentos* é uma coleção espirituosa, instrutiva e totalmente admirável de paradoxos, em si mesmos contraditórios, resumindo e ilustrando vários experimentos de se criar deus. (CROWLEY, 1989, p. 688).¹¹⁷

¹¹⁵ Texto em inglês: “It was a windy night, that memorable seventh night of December, when this philosophy was born in me. How the grave old Professor wondered at my ravings! I had called at his house, for he was a valued friend of mine, and I felt strange thoughts and emotions shake within me. Ah! how I raved! I called to him to the trample me, he would not. We passed together into the stormy night. I was on horseback, how I galloped round him in my phrenzy, till he became the prey of a real physical fear! How I shrieked out I know not what strange words! And the poor good old man tried all he could to calm me; he thought I was mad! The fool! I was in the death struggle with self: God and Satan fought for my soul those three long hours. God conquered – now I have only one doubt left – which of the twain was God? Howbeit, I aspire!” (CROWLEY, 2013, p.7).

¹¹⁶ Texto em inglês: “The “death struggle” may have been “with self,” but Crowley staged struggle in terms of the dramatic dichotomy of God and Satan. Given such protagonists, the potentially pivotal role of ceremonial magic was obvious.” (SUTIN, 2000, p. 41).

¹¹⁷ Texto em inglês: “Creation and destruction of gods has been for centuries mankind’s favourite religious mania and philosophical exercise. The Book of Lies is a witty, instructive and wholly admirable collection of paradoxes, in themselves contradictory, summing up and illustrating various experiments in god-making.” (CROWLEY, 1989, p. 688).

Diante de uma temática de dualidades, a obra contém “93 capítulos [...] número da Thelema (Vontade) e Ágape (Love), dois termos-chave do *Livro da Lei*. Os dois primeiros capítulos [...] exibem apenas ‘?’ e ‘!’¹¹⁸[...] representando os processos oscilantes da dúvida e insight.¹¹⁹ (SUTIN, 2000, p.224) Possibilitando um paralelo com a estética do fingimento na escrita de Pessoa, assim como o processo criativo e a relação espiritual, fatores evidentes em seu poema “*Autopsicografia*”:

[...] que começa “O poeta é um fingidor”[...]ambivalência fundamental do que, sendo “autopsicográfico”, [...] *genericamente*, uma profissão de fé na objectividade da criação artística, uma análise dos binômios poeta-poema e poema-leitor, e uma irônica e melancólica conclusão sobre a servidão sentimental de toda a criação artística, naquele que a cria e naquele que a procura como seu alimento espiritual. (SENA, 1984, p. 134).

No que se refere à estrutura do poema, é possível analisar a partir de uma outra estrofe, a rima *interpolada* (ABBABCC) com terminação (BCC) onde o (B) rima de forma alternada com o verso (B) anterior e finaliza-se com dois versos (CC) que rimam entre si. É identificável inicialmente a divisão silábica de *redondilha maior*, todavia, nos últimos três versos (BCC), essa estrutura se perde, caracterizando versos livres. Quanto à tradução para o português, a estrutura é de *versos livres* do início ao fim, não havendo a permanência da métrica original, em língua inglesa [grifos nossos].¹²⁰

| ALCELDAMA[sic]. | ALCÉLDAMA |
|---|---|
| “DARK night, red night. This lupanar (A) Has rosy flames that dip, that shake, (B) Faint phantoms that disturb the lake (B) Of magic mirror-land. A star (A) Like to a beryl, with a flake (B) Of olive light (C) Struck through its dull profound, is steadfast in the night.”(C) (CROWLEY, 2013, p. 7). | “Noite ESCURA, noite vermelha. Este lupanar Tem chamas rosadas que mergulham, que agitam, Fantasmas fracos que perturbam o lago De mágica terra espelhada. Uma estrela Como a um berilo, com um floco De luz verde-oliva Atravessado por sua monótona profundidade, é firme na noite.” (CROWLEY, 2013, p. 7, tradução nossa). |

Em continuidade, serão averiguados, em ordem cronológica de seus escritos: “Mathilde” e Ode to Venus Callipyge” (Ode a Vênus Calipígia), poemas que constam no diário de Crowley, publicado pela primeira vez em 1973, após sua morte (1947), e White Stains 1973 (Manchas Brancas).

¹¹⁸ Símbolos explicados em seu ensaio ‘O Soldado e o Corcunda’ (SUTIN, 2000, p. 224). Texto original em inglês: “The symbols explicated in his essay ‘The Soldier and the Hunchback’” (Ibid, 2000, p. 224).

¹¹⁹ Texto original em inglês: “[...]93 chapters[...]number of Thelema (Will) and Agape (Love), two key terms of *The Book of the Law*. The first two chapters [...]displaying only “?” and “!”, as representing the oscillating processes of doubt and insight.”(Ibid, 2000, p.224).

¹²⁰ “Quando não houver esta indicação, os grifos são de responsabilidade do autor.”

Os poemas são descritos por Crowley como sendo relatos de suas experiências mágicas que incluem detalhes de sua magia sexual¹²¹ secreta e do consumo de drogas perigosas.¹²² Não sendo esperado por ele que fossem publicados, contudo são usados como referência em sua obra *Magick in Theory and Practice*, 1929. (CROWLEY, 1973). A seguir, o primeiro poema da obra a ser analisado, Mathilde, estruturalmente em *versos livres* nas duas versões [grifos nossos]:

| MATHILDE | MATHILDE |
|--|---|
| “O large lips opening outward like a flower To breathe upon my face that clings to thee! O wanton breasts that heave deliciously And tempt my eager teeth! O cruel power Of wide deep thighs that make me furious As they enclasp me and swing to and fro With passion that grows pale and drives the flow Of the fast fragrant blood of both of us Into the awful link that knits us close With chain electric! O have mercy yet In drawing out my life in this desire To consummate this moment all the gross Lusts of to-night, and pay the sudden debt That with strong water shall put out our fire!” (CROWLEY, 1973, p. 42). | “Os grandes lábios abrindo-se para fora como uma flor Para respirar em meu rosto que se apega a ti! Ó seios que agitam que se agitam lascivos E tentam meus dentes ansiosos! Ó poder cruel De coxas largas e profundas que me deixam furioso Enquanto elas me encaixam e balançam para lá e para cá Com paixão que fica pálida e impulsiona o fluxo Do sangue perfumado rápido de nós dois Na ligação terrível que nos une bem apertado Com corrente elétrica! Tenha misericórdia ainda Ao sugar minha vida nesse desejo Para consumir neste momento todas as Luxúrias de hoje à noite, e pagar a dívida súbita Que com água forte apaga nosso fogo!” (CROWLEY, 1973, p. 42, tradução nossa). |

A magia sexual de Crowley revela-se na temática deste poema, dando ao ato sexual um sentido do divino e da luxúria como ideia central desta prática, onde a Mulher Escarlata representada por Mathilde representa o poder o qual *todos* (all) os homens necessitam. E *todos* (all) destaca-se como palavra mágica representando a *lei* (law) [grifos meus].¹²³ Obra de Crowley resultado da união da Besta com a força feminina, que leva ao caminho da alegria e da Luz Verdadeira:

¹²¹ Acerca da magia sexual e a finalidade inerente a tal prática, [Tradução nossa]: “Em *Confissões*, Crowley enfatizou que o segredo da magia sexual - que ele descreveu em termos velados como "a arte de produzir fenômenos sob vontade" - foi conhecido por ele desde o verão de 1911, o qual ele passou em Fontainebleau com Leila Waddell. [...]. Sua principal influência não era o Tantra indiano, mas sim a vertente da tradição esotérica ocidental que interpretava os símbolos alquímicos em termos sexuais e acreditava na possibilidade de um *summum bonum* ou pedra filosofal que pudesse ser criada, no nível físico, pela preparação esotérica e mistura de fluidos sexuais. O fato de Crowley acreditar literalmente em transmutações materiais através do uso da magia sexual é evidenciado em uma das passagens mais surpreendentes das *Confissões*: ‘Pessoalmente, acredito que se este segredo [da magia sexual], que é um segredo científico, fosse perfeitamente compreendido, como não é nem mesmo por mim após mais de doze anos de estudo e experimentação quase constante, não teria nada que a imaginação humana pudesse conceber que não pudesse ser realizado na prática.’[...]”(SUTIN, 2000, p. 216).

¹²² No livro *Diary of a Drug Fiend*, Crowley relata suas experiências com o tema. (Ibid, 2000, p.153).

¹²³ A palavra *Law* = Lei, ditada por Crowley na Thelema “Amor é a Lei, amor sob vontade”, é monossílabo que fonologicamente é o contrário de *All* = tudo, todo, todos. Possíveis palavras mágicas que serão aprofundadas em análise da tradução de *Hymn to Pan*, “Hino a Pã”, por Pessoa.

Em um comentário, Crowley descreveu a simbiose da Besta e sua Mulher Escarlata: "Eu, a Besta 666, sou chamado para mostrar esta obra e enviá-la para o mundo: Por minha Mulher chamada a Mulher Escarlata, que é qualquer

Mulher que recebe e transmite a minha Palavra e o Ser Solar, é esta a minha Obra alcançada: porque sem a Mulher o homem não tem poder. Por Nós deixe que *todos* os homens aprendam que *tudo* o que pode ser é o seu Caminho da Alegria por onde eles vão e que *todas* as almas são da Alma da Luz Verdadeira ". Crowley também afirmou que os papéis da Besta e da Mulher Escarlate não estavam abertos à suposição individual: " Eu e minha mulher somos escolhidos para esta Obra, *todos* os outros são melhores e mais verdadeiros quando procuram Nuit¹²⁴ nos seus próprios caminhos." ¹²⁵ (SUTIN, 2000, p. 131).

A representação da união através da magia sexual também é presente no poema que remete à Deusa Romana do amor Vênus¹²⁶, "Ode a Vênus Calipígia" e em se tratando da conjuntura do universo "Mercúrio e Vênus são os planetas entre nós e o Sol, como se a Mãe e o Filho fossem mediadores entre nós e o Pai (CROWLEY, 1989, p. 721).¹²⁷ O nascimento da Deusa é dramatizado no decorrer dos versos livres:

| ODE TO VENUS CALLIPYGE | ODE A VÊNUS CALIPÍGIA |
|--|--|
| CHORUS | REFRÃO |
| "Daughter of Lust by the foam of the sea! Mother of flame! Sister of shame! Tiger that Sin nor her son cannot tame! Worship to thee! Glory to thee! Venus Callipyge, mother of me. Fruitless foam of a sterile sea, Wanton waves of a vein desire, Maddening billows flecked with fire, Storms that lash on the brine, and flee, Dead delights, insatiate ire Broke like a flower to the birth of thee, Venus Callipyge, mother of me!" (CROWLEY, 1973, p.50). | "Filha da Luxúria pela espuma do mar! Mãe da chama! Irmã da vergonha! Tigre que nem o Pecado nem seu filho podem domar! Adoração a ti! Glória a ti! Vênus Calipígia, mãe minha. Espuma infrutífera de um mar estéril, As ondas lascivas de um desejo venoso, Ondas enlouquecidas salpicadas de fogo, Tempestades que açoitam na salmoura, e fogem, Prazeres mortos, ira insaciável Romperam como uma flor para o nascimento teu, Vênus Calipígia, mãe minha!" (CROWLEY, 1973, p.50, tradução nossa). |

¹²⁴ Nuit é uma Deusa egípcia que representa o espaço infinito, juntamente com Hadit, o Deus egípcio que representa um ponto infinitamente pequeno, atômico e onipresente, "a palavra" que ecoa no imenso vazio, cria-se o universo [grifos meus]. Formando-se, assim, uma das teorias mágicas cosmológicas, teoria esta citada no capítulo 0 de Magia^(k) em Teoria e Prática. (CROWLEY, 1976, p. I). Tabela de Deuses egípcios (Ibid, 1976, p. 310).

¹²⁵ Texto original em inglês: "In one commentary, Crowley described the symbiosis of the Beast and his Scarlet Woman: 'I, the Beast 666, am called to shew this workshop & to send it forth into the world: By my Woman called the Scarlet Woman, who is any Woman that receives and transmits my Solar Word and Being, is this my Work achieved: for without Woman man has no power. By Us let all men learn that all that may be is their Way of Joy for them to go, and that all souls are of the Soul of True Light. 'Crowley also adjured that the roles of Beast and Scarlet Woman were not open to individual assumption: ' I and my woman alone are chosen for this Work; all others are best and truest as they seek Nuit in their own Way.'" (SUTIN, 2000, p. 131).

¹²⁶ Tabela dos Deuses Romanos (CROWLEY, 1976, p. 312).

¹²⁷ Original/inglês: "[...] Mercury and Venus are the planets between us and the sun, as if the Mother and the Son were mediators between us and the Father." (CROWLEY, 1989, p. 721).

O próximo poema de Crowley a ser analisado "*The Sonnet*" ("O Soneto"), faz parte do livro "*The Soul of Osiris: A History*" (A Alma de Osíris: Uma História), Deus egípcio¹²⁸ de fundamental importância, presente no evento no Cairo, em 1904 onde

Crowley tem a revelação através de sua então esposa Ouarda “‘É tudo sobre a criança.’¹²⁹ E ‘Tudo Osíris.’”¹³⁰(CROWLEY, 1989, p. 393). A Lei de Thelema passa a ser propagada através do *Livro da Lei*. “A Alma de Osíris: Uma História” é publicada três anos antes, em 1901.¹³¹O poema abaixo “O Soneto” (com 14 versos cada uma de suas partes I, II e III) foi extraído do segundo capítulo *The Court of the Profane* (O tribunal do Profano) do livro, em parte e não na íntegra, é considerado um poema mágico¹³², repleto de metalinguagem:

| “THE SONNET.” | “O SONETO.” |
|---|--|
| <p>I.</p> <p>“The solemn hour, and the magnetic swoon (A) Of midnight in a poet’s lonely hall! (B) Grave spirits answer (angels if he calls) (B) The invocations of his lofty tune.(C) Thus in his measures nature craves the boon (A) To be reflected; and his rhymes appal (B) Or charm mankind as tides that flow or fall,(B) Waxes or wanes the tempestival moon. (A)</p> <p>Her course is measured in the sonnet’s tether,(A) Waxes the eight-fold ecstasy; exceeds (B) The minor sestet, where some passion bleeds(B) Or truth discourses: or eclipse may end,(C) Proof against thought; but if man comprehend(C) The stars in all their stations sing together. (A)¹³³</p> <p>[...]</p> <p>III.</p> <p>Eternal beauty in eternal truth, Isis! And Thoth, the scribe of destiny, [...]</p> <p><i>Lie</i> hidden all the secrets of the world, And as the lightning of your look is hurled So glean I something of life’s harmonies.” (CROWLEY, 1901, p.16-17).</p> | <p>I.</p> <p>“A hora solene, e o desmaio magnético Da meia-noite no corredor solitário de um poeta! Espíritos solenes respondem (anjos se ele chamar) As invocações de sua melodia elevada. Assim, em suas medidas, a natureza anseia pela dádiva Ser refletida; E suas rimas amedrontar Ou encantar a humanidade como marés que fluem ou caem, Aumenta ou diminui a lua tempestival.</p> <p>Seu curso é medido no laço do soneto, Sobe o êxtase de oito vezes; Excede O sexteto menor, onde alguma paixão sangra Ou discursos da verdade: ou o eclipse pode terminar, Prova contra o pensamento; Mas se o homem compreender As estrelas em todas as suas estações cantam juntas.</p> <p>[...]</p> <p>III.</p> <p>Eterna beleza na verdade eterna, Ísis! E Thoth, o escriba do destino, [...]</p> <p><i>Fingimento</i> escondido, todos os segredos do mundo, E conforme o relâmpago de seu olhar é lançado Então, Eu extraio algo da harmonia da vida.” (CROWLEY, 1901, p.16-17).</p> |

¹²⁸ Vide a tabela dos Deuses egípcios, onde Osíris aparece como Asar (CROWLEY, 1976, p. 310).

¹²⁹ Para compreender o termo criança [tradução nossa] “Quando Crowley se refere ao sacrifício de crianças em dezenas de ocasiões, ele quer dizer contracepção e sexo sacramental. Crowley acreditava que muito conhecimento oculto sobre o sangue era um eufemismo para o sêmen. (CHURTON, 2011, p. 308).

¹³⁰ Texto em inglês: “It is all about the child. And All Osiris.” (CROWLEY, 1989, p. 393).

¹³¹ O livro é Dividido em cinco partes solenes: O prólogo, O tribunal do profano, O portão do Santuário, O Lugar Santo e O Santo dos Santos. Cada parte com um conjunto de poemas. (CROWLEY, 1901).

¹³² Vide a tradução e envio para publicação do poema “Hymn to Pan”, descrição de um poema mágico.

¹³³ Rima *interpolada* (ABBCABBA) e (ABBCCA). Versos livres na tradução para o português.

Destacando-se a palavra *Lie* (Fingimento) como sendo o segredo escondido em relação a *All* (Tudo/Todo/Todos) Osíris, supostas palavras mágicas que se relacionam, e fazem menção à estética Pessoa de escrever poemas, através de um paralelo do prefácio de *The Book of Lies* (O Livro dos Fingimentos)¹³⁴ é notória esta relação:

Donde decorrerá que a verdade em poesia, aquela verdade não perturbada pelos factores ocasionais, e aquela verdade que é visão, resultarão da elisão da antinomia “*verdadeiro-falso*”, elisão essa que irá processar-se através de um ultrapassamento do *em-si* do poeta, ao qual tradicionalmente se identificava a essência da poesia que o poeta materializava, existenciava objectivamente. Isto mesmo, à sua maneira, realizou Fernando Pessoa. (SENA, 1984, p. 99).

Em continuidade cronológica das obras de Crowley, o poema que se segue é *The Two Secrets* (Os Dois Segredos). Destacando-se a palavra *fingimento* mais uma vez presente em meio à temática acerca de mitologia egípcia em versos livres:

| THE TWO SECRETS | OS DOIS SEGREDOS |
|---|---|
| <p>“She used to <i>lie</i>, superbly bare, Wrapped in her harvest flame of hair, And shooting from her steel-grey eyes Inexorable destinies:</p> <p>Mute oracles-mysterious- A soul in a sarcophagus! For I, through all my life astrain, Through all the pulsing of my brain, Through all the wisdom I had won From this one and the other one Saw nothing. Nothing. Had I Known And loved some Sphinx of steel or stone While countless chiliads rolled, may be I had not guessed her mystery.</p> <p>So there she lay, regarding me. And I?-I gave the riddle up. I drank the wine, admired the cup; As I suppose a wise man does Unless he be the Man of Uz To scrape with shards a sore that grows The more he irks it. I suppose All men are fools who seek the truth At such a price as joy and youth.[...]” (CROWLEY, 1992, p. 45-46).</p> | <p>“Ela costumava <i>fingir</i>, magnificamente nua, Envolvida em sua chama de cabelos ruivos, E disparando de seus olhos cor de cinza Inexoráveis destinos:</p> <p>Mudos Oráculos-misteriosos Uma alma em um sarcófago! Pois eu, durante toda a minha vida, Através de todo o pulsar do meu cérebro, Com toda a sabedoria que eu ganhei A partir desta e da outra Não vi nada. Nada. Tivesse eu sabido E amado alguma esfinge de aço ou pedra Enquanto inúmeros milênios rolaram, talvez Eu não tivesse adivinhado seu mistério.</p> <p>Então ali jazia ela, olhando para mim. E eu? - Eu desisti do enigma. Bebi o vinho, admirei o cálice; Como suponho que um homem sábio faça A menos que ele seja o homem de Uz Raspar com estilhaços uma ferida que cresce Quanto mais ele a irrita. Eu suponho São tolos todos os homens que procuram a verdade Ao preço da alegria e da juventude.[...]” (CROWLEY, 1992, p. 45-46, tradução nossa).</p> |

¹³⁴ Prefácio de *The Book of Lies* (O Livro dos Fingimentos): [Tradução nossa]O Livro dos Fingimentos, que também é falsamente chamado ‘Quebras’, os devaneios ou falsificações do único pensamento de Frater Perdurabo (Aleister Crowley) cujo pensamento é em si falso. “Quebra, quebra, quebra/ Ao pé das tuas pedras, ó Mar!/E eu gostaria de poder pronunciar/Os pensamentos que surgem em mim!” (CROWLEY, 1981).

O poema foi extraído de uma coletânea de Perdurabo, livro publicado em 1910¹³⁵ (1ª publicação), intitulado “*Winged Beetle* (Besouro Alado), contém alguns dos melhores versos de Crowley, fruto de sua maturidade como poeta.”¹³⁶ (CROWLEY, 1992). “Crowley é mais conhecido como místico e mago; encontramos muitos poemas aqui influenciados pelo Ocultismo e seus companheiros praticantes. Na tradição

derivada da ordem hermética da Aurora Dourada.¹³⁷ (CROWLEY, 1992, p. 8).¹³⁸ Um dos escritores simbolistas¹³⁹ que pode ser citado neste contexto é William Butler Yeats, que possivelmente influenciou Crowley em seus escritos, com temáticas acerca de magia e suas musas que se comparam à *Scarlet Woman*, através de um paralelo com *A Vision* “Uma Visão” (1925), a correlação é notória, apesar da relação conflituosa:

[...]William Butler Yeats e *A Vision*. [...] as relações hostis entre Crowley e Yeats durante seu tempo na Golden Dawn foram discutidas, bem como sua unidade essencial na importância que colocaram sobre a magia. As circunstâncias em torno da composição de *A Vision*, que refletem este ponto de vista posterior, causaram uma grande desconfiança entre certos estudiosos de Yeats. [...] ¹⁴⁰O "nós" falando com Yeats eram vários professores desconhecidos - a quem ele chamou de "comunicadores" - de cuja origem, natureza ou morada ele nunca chegou a uma opinião fixa. Yeats fez uma analogia com a função lendária das Musas na composição poética. Para aqueles que criticaram o tom espiritualista de *A Vision*, Yeats ofereceu essa defesa elíptica, mas desafiadora, da exploração completa da consciência. [...] O papel da Musa [...] por Yeats tem uma semelhança simbólica limitada com A Mulher Escarlate de Crowley. Yeats não defendia a magia sexual. Mas ele via a interação do masculino e do feminino como uma chave para a percepção imaginativa[...] (SUTIN, 2000, p. 136-137). ¹⁴¹

¹³⁵ CROWLEY, 1992.

¹³⁶ Texto original em inglês: “The Winged Beetle contains some of Crowley’s best verse, the fruit of his maturity as a poet.” (CROWLEY, 1992).

¹³⁷ Vide nota ¹⁷.

¹³⁸ Texto original em inglês: “Crowley is best known as a mystic and magician; we find many poems here influenced by Occultism and his fellow practitioners. In the tradition derived from the Hermetic order of the Golden Dawn.” (CROWLEY, 1992, p.8).

¹³⁹ Oscar Wilde e Walt Whitman são poetas também simbolistas presentes no mesmo contexto histórico de Crowley, ambos homossexuais. Oscar Wilde derrubou alguns paradigmas sociais da época, refletidos em sua escrita. (CROWLEY, 1989, p. 343-344). E, Walt Whitman é considerado por Crowley um escritor de primeira linha, assim como Poe. (CROWLEY, 1989, p. 735).

¹⁴⁰ Yeats havia criado juntamente com a esposa Georgie um sistema de escrita de auto possessão e poder, onde inicialmente parecia algo ilegível, todavia ao juntarem as frases, a dinâmica começou a fazer sentido, ampliando o campo de metáforas poéticas (SUTIN, 2000, p. 136).

¹⁴¹ Texto original em inglês: “[...]William Butler Yeats and *A Vision*. In Chapter Two, the hostile relations between Crowley and Yeats during their time in Golden Dawn were discussed, as well as their essential unity in the importance they placed upon magic. The circumstances surrounding the composition of *A Vision*, which reflect this later viewpoint, have caused marked discomfiture amongst certain Yeats scholars. [...] The "we" speaking to Yeats were several unknown teachers - whom he termed "communicators" - as to whose origin, nature or abode he never came to a fixed opinion. Yeats did draw an analogy to the legendary function of the Muses in poetic composition. For those who decried the spiritualist tone of *A Vision*, Yeats offered this elliptical, yet defiant, defense of the full exploration of consciousness.[...] The role of the Muse [...] by Yeats bears a limited symbolic resemblance to the Scarlet Woman of Crowley. Yeats was no advocate of sexual magic. But he did see the interplay of masculine and feminine as a key to imaginative realization[...].” (SUTIN, 2000, p. 136-137).

Após uma análise detalhada da seleção de poemas de Crowley em ordem cronológica de publicação, acerca da temática, estética e correlações com outros autores e o próprio Pessoa, o poema “Hino a Pã” será posto em via de observação e análise em cotejo aos temas inerentes, tais como magia, mitologia e ocultismo, contexto de execução (declamação), tradução, e critérios de tradução, aspectos intrínsecos como

sexualidade, características de escrita de ambos, Crowley (ativo) e Pessoa (passivo). A partir dos seguintes questionamentos: Qual o motivo de traduzir logo este e apenas este poema do Crowley? Por que utilizar este poema como epígrafe? Quais as características que diferem este como sendo um "poema mágico", ou seja, "magick"¹⁴², e não um poema "sobre magia"? E, por que este poema foi escolhido para ser declamado repetidamente (segundo testemunhas) durante o velório e o sepultamento de Crowley?

O poema *Hymn to Pan* “Hino a Pã” traduzido por Pessoa, foi publicado pela primeira vez na revista *Equinox* (*Blue Equinox* - vol.III em 1919), juntamente com a Missa Gnóstica¹⁴³ e mais tarde (dez anos depois) no epílogo do livro *Magick in Theory and Practice* “Magia^(k) em Teoria e Prática” cuja finalidade é a de instruir neófitos à iniciação de Magia. Um dos primeiros a contemplar tais ensinamentos foi um dos discípulos de Crowley, Grant, acompanhado pelo próprio Mestre Therion na época:

Tendo elaborado o horóscopo de seu aluno e mergulhado em sua história familiar, de educação e todas as conexões Maçônicas, Crowley começou o processo de formação de Grant para a iniciação em magia. O texto definido era *Magick in Theory and Practice*, em que professor e aluno passaram juntos, sedutoramente página a página. [...] depois que o mestre se aposentou, seu ávido estudante examinou uma cópia do *Equinócio* Vol. III, publicado em 1919 (o "Equinócio Azul"), cujo conteúdo incluiu 'A Missa Gnóstica' e 'Hino a Pan'. (CLAYTON; LACHMAN; SHARP, et al., 2012, p.92).¹⁴⁴

A escolha de apenas este poema¹⁴⁵ a ser traduzido requer o conhecimento de que “Pã” é recorrente nos escritos de um dos heterônimos de Pessoa, “Ricardo Reis”, além da admiração que o Poeta tinha por Crowley, tratado por ele como “Mestre”, que se

¹⁴² Vide nota ⁵⁴.

¹⁴³ “A Missa Gnóstica, um ritual formal e coreografada com múltiplos papéis falados, era composta por Crowley com o propósito expresso [...] de prover uma cerimônia da O.T.O paralela à Missa Católica Ortodoxa Oriental ou Católica. Na Missa Gnóstica, Sêmen e menstruação - podem ser transformados em essências físico-espirituais.[...]” (SUTIN, 2000, p. 234, tradução nossa).

¹⁴⁴ Texto original: “Having drawn up his pupil’s horoscope and delved into his family background, educational history and any Freemasonic connections, Crowley began the process of training Grant for initiation into magick. The set text was *Magick in Theory and Practice*, which teacher and student ‘ 56 through together sedulously page by page. [...] after the master had retired, his avid student pored over a copy of the *Equinox* Vol. III, published in 1919 (the 'Blue Equinox') whose contents included 'Gnostic' Mass' and 'Hymn to Pan'.” (CLAYTON; LACHMAN; SHARP, et al., 2012, p.92).

¹⁴⁵ “16 de Outubro de 1930”(MARTINES, 1998: 129).

prontificou a traduzir tal poema de tamanho apressado e importância para o Mago inglês que o pôs em epígrafe de seu livro (obra) sobre magia *Magick in Theory and Practice* “Magia^(k) em Teoria e Prática”, (livro que fazia parte das leituras do Poeta português). Pessoa, ao traduzir *Hymn to Pan*, o faz segundo os seus critérios de traduzir poemas, mantendo ao máximo a métrica e rima original, como diz tê-lo feito a Gaspar Simões, em carta. A tradução foi publicada em *Presença*, nº 33, julho-outubro de 1933. Poema a

tal ponto especial que foi escolhido (em seu original, inglês) por Crowley para ser entoado em sua cerimônia fúnebre. De acordo com Matos (2015, p.13):

‘Alegrai-vos [...]. *O Grande Pã nasceu!* Ricardo Reis.’ Extraído do “Prefácio” aos *Poemas Completos* de Alberto Caeiro (de organização póstuma), escrito a pedido dos parentes do falecido heterônimo-Mestre – naturalmente, e talvez não fosse preciso explicar, tudo isso ocorre no estrito universo dramático-ficcional da chamada “*coterie inexistente*” de Fernando Pessoa. A referência a Pã pode encontrar inspirações no poema “Hino a Pã”, de autoria de Mestre Therion, um dos *nomes mágicos* do controverso ocultista britânico Aleister Crowley, incluído como “espécie de prefácio” na obra *Magick in Theory and Practice* (Paris: Lecram Press, s/d, edição consultada pelo Poeta, conforme informado pelo mesmo [...], do qual Fernando Pessoa preparou uma criteriosa tradução, publicada em *Presença*, nº 33, julho-outubro de 1933, de que há grande número de versões (manuscritas e datiloscritas) no espólio do Poeta, depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Para dar a público a citada tradução, esclarece Pessoa a João Gaspar Simões (um dos diretores de *Presença*), em carta de 4 de janeiro de 1931: “O Mestre Therion não é um heterônimo meu; é simplesmente o ‘nome supremo’ do poeta, mago, astrólogo e ‘mistério’ inglês que em vulgar se chama (ou chamava) Aleister Crowley [...]. Lembrei-me um dia de traduzir o ‘Hino a Pã’, o que fiz, conforme o meu critério de traduzir verso, em absoluta conformidade rítmica com o original. Sabe-se que a versão original anglófona de “Hino a Pã” viria a ser lida, durante homenagem póstuma a Aleister Crowley, a 05 de dezembro de 1947 (havia morrido quatro dias antes), por seus seguidores. Esta cerimônia ficou conhecida como “O Último Ritual” (MATOS, 2015, p. 13).

Em carta a Gaspar Simões, Pessoa envia seu poema *O Último Sortilégio*, diferenciando-o de o *Hino a Pã*, tendo em vista que o primeiro se tratava de um poema “sobre” magia e o poema do Mestre Therion um “poema mágico”, com resultados de um praticante de magia. Motivo contundente para que este poema fizesse parte do epílogo de *Magick in Theory and Practice*, que é um livro sobre práticas mágicas:

[...] em 16 de outubro¹⁴³ Pessoa envia a Gaspar Simões o poema *O Último Sortilégio*[...], o qual sai no número de dezembro da *Presença*. E em 6 de dezembro lhe escreve: “Como se interessou tanto por *O Último Sortilégio*, envio-lhe, como simples curiosidade, a tradução que fiz do inglês, de um ‘poema mágico’ a valer – o *Hino a Pã*, que constitui o prefácio do tratado *Magia do Mestre Therion*.” A obra de Crowley não pode comparar-se à de Pessoa. Um é praticante de “magia” que exprime em verso para dar dela uma ideia simbólica; o outro é poeta para quem a evocação das práticas de magia tem antes de mais nada significado poético. O *Hino* é uma espécie de litania de exclamações e de orações. (BRÉCHON, 1998, p. 454-455).

Há de se considerar, ainda, a correlação entre os escritos de Pessoa e Crowley, onde Alberto Caeiro é para Pessoa o que Aiwás foi para Crowley, tornando-se notório este ponto em comum nas suas composições: *O guardador de rebanho* e *O livro da lei*, onde mediadores de um plano superior, com traços físicos convergentes, por meio de cada um deixa registros em forma de literatura, abrindo para a hipótese de que AC possa

ser, ao mesmo tempo, Alberto Caeiro e Aleister Crowley, tendo ainda a estética do fingimento¹⁴⁶ como mote que caracteriza tanto a escrita Pessoaana como a de Crowley:

Note-se que, assim como o Poeta afirma a Casais Monteiro ter visto “no espaço incolor mais real do sonho” Alberto Caeiro, quando da composição de *O guardador de rebanhos*, e o descreve como “de estatura média, e [...] realmente frágil”, “louro sem cor, olhos azuis”, Crowley dia que Aiwás, enquanto lhe ditava *O livro da Lei*, lhe aparecera como “homem alto, trigueiro, de seus 30 anos, bem coordenado, ativo e forte, com a força de um rei selvagem” e “pronúncia inglesa sem sotaque, quer nativo ou estrangeiro; completamente sem maneirismos provinciais ou de casta”. A partir destas *revelações*, não será forçado perceber a identidade entre as versões de Pessoa e Crowley para a composição, respectivamente, de *O guardador de rebanhos* e *d’O livro da Lei*, ambos concebidos em “êxtase” a partir do *aparecimento* de “alguém em” seu autor. [...] E é neste passo que se faz pertinente recordar que Pessoa participou do suicídio fingido de Aleister Crowley, ocasião em que se conheceram, na Boca do Inferno (Portugal, 1930), pois, *autopsicograficamente*, “O poeta é um fingidor” e a poesia, logo, um fingimento. Note-se ainda que Alberto Caeiro tem as mesmas iniciais de Aleister Crowley (AC, como abreviava Pessoa; Álvaro de Campos era abreviado por *A de C*.” (MATOS, 2015, p. 18-23).

A seguir o poema *Hymn to Pan*, original, escrito por Crowley, em Língua Inglesa (britânico), a tradução de Fernando Pessoa para a Língua Portuguesa “Hino a Pã” e “tradução nossa” em cotejo para a compreensão da(s) técnica(s) de tradução utilizada(s) por Pessoa. Considerando-se, ainda, a interpretação temática e características de escrita de cada um (Pessoa e Crowley):

¹⁴⁶ Acerca do ‘fingimento’ na poesia de Pessoa, vide: *Autopsicografia e Isto* em 1.6 desta dissertação. Há, também, a explicação contundente sobre a palavra ‘fingimento’, segundo MATOS (2015, p. 23): “Em aula, Cleonice Berardinelli aponta para a origem etimológica de *fingir*: ‘do latim *fingere* ‘modelar na argila’, depois ‘dar forma a qualquer substância plástica, esculpir’, donde ‘dar feição a afeiçoar’, p.ext. ‘reproduzir’ os traços de, representar, imaginar, fingir, inventar’.” Registro inédito feito por Mauricio Matos, em seu livro *Ao longo da ribeira: Estudos de Literatura Portuguesa 2000-2010*. Manaus: UEA Edições, 2015., contributo de grande valia para a *estética do fingimento*, bem como a obra na íntegra em si para os estudos de literatura portuguesa.

| | Aleister Crowley 1875 – 1947 (Hymn to Pan – 1929) | Fernando Pessoa 1888 – 1935 (Hino a Pã – 1931) |
|----|--|---|
| | <p>“Ἐφρῆξ’ ἔρωτι περιλαρχῆς δ’ ἀνεπτόμαν ἰὼ ἰὼ πᾶν πᾶν ὃ πᾶν πᾶν ἀλλπλαγκτε, κυλλανίας χλονοκτύπολ πετραίς ἀπὸ δειράδος Φάνηθ’, ὃ θεῶν χοροπόλ’ ἄναχ SOPH. AJ.</p> | |
| 5 | <p>Thrill with lissome lust of the light, (A) O man! My man! (B) Come careering out of the night (A) Of Pan! Io Pan. (B) Io Pan! Io Pan! Come over the sea (C)</p> | <p>“Vibra do cio subtil da luz, (A) Meu homem e afã! (B) Vem turbulento da noite a flux (A) De Pã! Iô Pã! (B) Iô Pã! Iô Pã! Do mar de além (C)</p> |
| 10 | <p>From Sicily and from Arcady! (A) Roaming as Bacchus, with fauns and pards (B) And nymphs and satyrs for thy guards, (B) On a milk-white ass, come over the sea (A) To me, to me, (A)</p> | <p>Vem da Sicília e da Arcádia vem! (A) Vem como Baco, com faunos e feras (B) E ninfa e sátiro à tua beira, (B) Num asno lácteo, do mar sem fim (A) A mim, a mim! (A)</p> |
| 15 | <p>Come with Apollo in bridal dress (A) (Shepherdess and pythoness) (A) Come with Artemis, silken shod, (B) And wash thy white thigh, beautiful God, (B) In the moon of the woods, on the marble mount, (C)</p> | <p>Vem com Apolo, com veste nupcial (A) (Pegureira e pitonisa), (A) Vem com Artémis, leve e estranha, (B) E a coxa branca, Deus lindo, banha (B) Ao luar dos bosques, em marmóreo monte, (B)</p> |
| 20 | <p>The dimpled dawn of the amber fount! (A) Dip the purple of passionate prayer (B) In the crimson shrine, the scarlet snare, (B) The soul that startles in eyes of blue (C) To watch thy wantonness weeping through (C)</p> | <p>Manhã malhada da àmbrea fonte! (A) Mergulha o roxo da prece ardente (B) No ádito rubro, no laço quente, (B) A alma que aterra em olhos de azul (C) O ver errar teu capricho exul (C)</p> |
| 25 | <p>The tangled grove, the gnarléd bole (A) Of the living tree that is spirit and soul (A) And body and brain - come over the sea, (B) (Io Pan! Io Pan!) (C) Devil or god, to me, to me, (B)</p> | <p>No bosque enredo, nos nós que espalma (A) A árvore viva que é espírito e alma (A) E corpo e mente — do mar sem fim (B) (Iô Pã! Iô Pã!), (C) Diabo ou deus, vem a mim, a mim! (B)</p> |
| 30 | <p>My man! my man! (A) Come with trumpets sounding shrill (B) Over the hill! (B) Come with drums low muttering (C) From the spring! (C)</p> | <p>Meu homem e afã! (A) Vem com trombeta estridente e fina (B) Pela colina! (B) Vem com tambor a rufar à beira (C) Da primavera! (C)</p> |
| 35 | <p>Come with flute and come with pipe! (A) Am I not ripe? (A) I, who wait and writhe and wrestle (B) With air that hath no boughs to nestle (B) My body, weary of empty clasp, (C)</p> | <p>Com frutas e avenas vem sem conto! (A) Não estou eu pronto? (A) Eu, que espero e me estorço e luto (B) Com ar sem ramos onde não nutro (B) Meu corpo, lasso do abraço em vão, (C)</p> |
| 40 | <p>Strong as a lion, and sharp as an asp-- (A) Come, O come! (B) I am numb (B) With the lonely lust of devildom. (C) Thrust the sword through the galling fetter, (D)</p> | <p>Áspide aguda, forte leão – (A) Vem, está vazia (B) Minha carne, fria (B) Do cio sozinho da demonia. (C) À espada corta o que ata e dói, (D)</p> |
| 45 | <p>All-devourer, all-begetter; (A)</p> | <p>Ó Tudo Cria, Tudo-Destrói! (A)</p> |

| | | |
|----|--|---|
| | Give me the sign of the Open Eye, (B) And the token erect of thorny thigh, (B) And the word of madness and mystery, (C) O Pan! Io Pan! (D) | Dá-me o sinal do Olho Aberto, (B) E da coxa áspera o toque erecto, (B) E a palavra do Louco e do Secreto, (B) Ó Pã! Iô Pã! (C) |
| 50 | Io Pan! Io Pan Pan! Pan Pan! Pan, (A) I am a man: (A) Do as thou wilt, as a great god can, (A) O Pan! Io Pan! (A) Io pan! Io Pan Pan! Iam awake (B) | Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã Pã! Pã, (A) Sou homem e afã: (A) Faze o teu querer sem vontade vã, (A) Deus grande! Meu Pã! (A) Io Pã! Iô Pã! Despertei na dobra (B) |
| 55 | In the grip of the snake. (A) The eagle slashes with beak and claw; (B) The gods withdraw: (B) The great beasts come, Io Pan ! I am borne (C) To death on the horn (C) | Do aperto da cobra. (A) A águia rasga com garra e fauce; (B) Os deuses vão-se; (B) As feras vêm. Iô Pã! A matado, (C) Vou no corno levado (C) |
| 60 | Of the Unicorn. (A) I am Pan! Io Pan! Io Pan Pan! Pan! (B) I am thy mate, I am thy man, (B) Goat of thy flock, I am gold , I am god, (C) Flesh to thy bone, flower to thy rod. (C) | Do Unicornado. (A) Sou Pã! Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã! (B) Sou teu, teu homem e teu afã, (B) Cabra das tuas, ouro, deus, clara (C) Carne em teu osso, flor na tua vara. (C) |
| 65 | With hoofs of steel I race on the rocks (A) Through solstice stubborn to equinox. (A) And I rave; and I rape and I rip and I rend (B) Everlasting, world without end, (B) Mannikin, maiden, maenad, man, (C) | Com patas de aço os rochedos roço (A) De solstício severo a equinócio. (A) E raivo, e rasgo, e roussando fremo, (B) Sempiterno, mundo sem termo, (B) Homem, homúnculo, ménade, afã, (C) |
| 67 | In the might of Pan. (A) Io Pan! Io Pan Pan! Pan! Io Pan! (A)” | Na força de Pã. (A) Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã! (A)” |

O poema inicia-se com a saudação em grego, extraído do texto de Sófocles: “Oh Pã, O Pã, apareça a nós, Oh Pã, vagando pelo mar, a partir do cume escarpado de Cilene derrotado pela neve, o Rei que faz danças aos deuses”. (CROWLEY, 1997, p.121).¹⁴⁷ O Deus Pã recitado no poema de Mestre Therion, a partir de uma visão etimológica, tem ligação com a palavra “todo” e o deus dos rebanhos, ligação aqui também ao poema de Alberto Caeiro, *O guardador de rebanhos*:

A etimologia popular antiga referia-se ao adjetivo πᾶς, "todo", pois este deus alegraria o coração de todos (Hymn.Hom. in Pana, 19, 47), ou porque teria sido o fruto das uniões de todos os pretendentes com Penélope (sempre Schol. ad Theocr. 1, 3/4c, que cita Epimênides). Outros o definem "sem pai, porque é um símbolo (σημεῖον) do Todo" (Schol. ad Theocr. 1, 3/4d). Já por muitos estudiosos (Schulze, Kl. Schr. 217 ss.) fora notada a semelhança com o sânscrito Pū an-, também ele deus dos rebanhos;[...] (DEMGOL, 2013, p. 244).

¹⁴⁷ Texto original em inglês: “[Grk., ‘I thrill with rapture, I soar on wings of sudden joy! O Pan, O Pan, appear to us, O Pan, roving o’er the sea, from the craggy ridge of snow-beaten Cyllene, King who makest dances for the gods.’]” (CROWLEY, 1997, p.121). [Tradução nossa]: “Sófocles, Ajax, linhas 693-8, trans. Jebb (1896).” (Ibid, 1997, p. 727). Note-se que tal epílogo não foi traduzida por Pessoa em sua tradução para o português.

De forma que o nome Pã em grego, a qual Pessoa mesmo traduzindo o poema para uma língua latina, não utiliza de um Deus correspondente como: “Eros”, comum ao Poeta, que inclusive, faz referência do mesmo em seu poema “Eros e Psique”, que pode ser interpretado como uma versão do conto da “Bela adormecida”:

EROS E PSIQUE

“... E assim vedes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade

Do ritual do grau de Mestre do Átrio na Ordem Templária de Portugal

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino —
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.
E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.”
(PESSOA, 1942).

Pessoa, procura de fato manter ao máximo o original de Crowley. E, note-se que a palavra Pã, não parece ter sido escolhida ao acaso pelo Mestre Perdurabo, por fazer parte de um conjunto de palavras supostamente mágicas e convergentes foneticamente, “Pan” (todo) “all”(todo)/”law” (lei-som de “all” ao contrário), “‘Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei’. *O Livro da Lei*, no entanto, não é apenas para matemáticos e místicos. Em uma ou outra frase do Livro há uma mensagem direta para cada ser humano.” (CROWLEY, 1996, p.7-15)¹⁴⁸ e “lie”(fingimento)¹⁴⁹ ligado à estética da escrita de ambos, Pessoa e Crowley.

O *Hymn to Pan*, “Hino a Pã”, é especial para Crowley, que vale lembrar que este poema “mágico” foi escolhido para ser declamado repetidamente (segundo testemunhas) durante o velório e o sepultamento de Crowley. E quanto ao teor sexual que transmite em seu escrito, de forma ativa, reflete sua própria característica como escritor, em que o “tudo” se remete a “Pã” e sua atividade como Deus da fertilidade, que vem para “todos”, e como um ciclo da vida que se segue (vida-morte-vida) não haveria poema mais pertinente de ser declamado no cortejo de Mestre Therion [grifos nossos]:

"Hino a Pã", que foi lido no funeral de Crowley [...] é talvez o seu mais retoricamente impactante, e emocionalmente inquietante, mágico lírico. O "Hino" não foi concebido por Crowley como um chamado à violência sexual, mas utiliza imagens de tal violência para transmitir - em suas linhas finais - a união da humanidade e do deus da fertilidade. (SUTIN, 2000, p. 234).¹⁵⁰

Enquanto Crowley tinha uma forma ativa de escrita, Pessoa em seu oposto, tinha uma forma passiva de se expressar, enquanto um viajava pelo mundo, o outro fincava suas raízes em Portugal,¹⁵¹ e tinha como inspiração um dos maiores poetas simbolistas

¹⁴⁸ Original em inglês: “‘Do what thou wilt shall be the whole of the Law.’ The Book of the Law, however, is not only for mathematicians and mystics. In some one phrase or other of the Book there is a direct message for every human being.” (CROWLEY, 1996, p. 7-15).

¹⁴⁹ Vide 1.6 desta dissertação, acerca da “estética de fingimento” nos escritos Pessoaanos.

¹⁵⁰ Original em inglês: "Hymn to Pan," which was read at Crowley's funeral [...] is perhaps his most rhetorically riveting, and emotionally unsettling, magical lyric. The "Hymn" was not intended by Crowley as a call to sexual violence, but it does utilize images of such violence to convey-in its final lines-the union of humankind and the fertility god. (SUTIN, 2000, p. 234).

¹⁵¹ Vide CROWLEY, 1989; BRÉCHON, 1998, p. 16.

de seu tempo Camilo Pessanha: “A leitura e o encontro de Pessanha ajudaram Pessoa a desprender-se do saudosismo [...] e superar o simbolismo francês[...] O exemplo de

Pessanha contribui para pôr no caminho do que deveria ser o “modernismo”. (BRÉCHON, 1998, p. 143). A forma passiva pela qual Pessoa escrevia, descreve de certa forma, ainda, uma certa passividade também expressa em sua sexualidade.¹⁵² Em análise ao poema de seu heterônimo Álvaro de Campos, que vivia, e escrevia bêbado, e portanto, sem “filtros”, nota-se fatos relevantes a serem pontuados:

SAUDAÇÃO A WALT WHITMAN [a]

“[...]Mas perante o universo a tua atitude era de mulher,[...]
 Pertença à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,
 Sou dos teus, desde a sensação dos meus pés até à náusea em meus
 sonhos[...].”
 (ÁLVARO DE CAMPOS, 1993).

Quanto às técnicas utilizadas por Pessoa para traduzir o poema *Hymn to Pan* “Hino a Pã” da língua inglesa (britânico) para o português, o Poeta/Tradutor não as descreve, todavia, procura manter rima onde há rima e métrica onde há métrica¹⁵³ do poema original como revela em carta a Gaspar Simões em 1931. É possível notar ao longo do poema que de fato Pessoa o faz. A métrica e a rima seguem constantemente, num trabalho hercúleo que é fazê-lo de um idioma totalmente díspar que é a língua inglesa para o português. Salvo, no verso 45. Para atingir tal perfeição estética, o Poeta acaba por não seguir uma tradução de forma literal, todavia, procura manter os sentidos das palavras. Para uma comparação do que seria a tradução de *Hymn to Pan* de forma literal para a língua portuguesa, segue-se a “tradução nossa”:

| | Aleister Crowley 1875 – 1947 (Hymn to Pan – 1929) | Tradução literal – [Luana Lima] (Hino a Pã – 2017) |
|--|--|---|
| | “Ἔφριξ’ ἔρωτι περιαρχῆς δ’ ἀνεπτόμαν λὼ λὼ πᾶν πᾶν ὃ πᾶν πᾶν ἀλλιπλαγκτε, κυλλανίας χλονοκτύποι πετραίς ἀπὸ δειράδος Φάνηθ’, ὃ θεῶν χοροπόλ’ ἄναχ SOPH. AJ. | |

¹⁵² Pessoa se refere aos seios de Hanni Jaeger como “Dois montinhos que amanhecem”, no poema “Dá a surpresa de ser”, (PESSOA, 1942), demonstrando pouco ou nenhum interesse pelo sexo oposto. Demonstra também passividade no trecho “Rasga-me todo, abrir-me completamente, torna-me passente a todos os perfumes de óleos e calores [...]” em “Ode Trinfal” (ÁLVARO DE CAMPOS, 1944).

¹⁵³ Vide 1.4 da presente dissertação, em carta a Gaspar Simões em 4 de Janeiro de 1931, Pessoa descreve a forma pela qual traduziu *Hymn to Pan* “Hino a Pã” de Aleister Crowley.

| | | |
|--|--|--|
| | Thrill with lissome lust of the light, (A) O man! My man! (B) Come careering out of the night (A) Of Pan! Io Pan. (B) | Emoção com luxúria ágil da luz, Oh homem! Meu homem! Vem a correr saindo da noite De Pã! Io Pã. |
|--|--|--|

| | | |
|----|---|---|
| 5 | Io Pan! Io Pan! Come over the sea (C) | Io Pã! Io Pã! Venha sobre o mar |
| 10 | From Sicily and from Arcady! (A) Roaming as Bacchus, with fauns and pards (B) And nymphs and satyrs for thy guards, (B) On a milk-white ass, come over the sea (A) To me, to me, (A) | Da Sicília e da Arcádia! Vagueando como Baco, com faunos e leopardos E ninfas e sátiros por teus guardas, Em um burro branco lácteo, venha sobre o mar A mim, A mim, |
| 15 | Come with Apollo in bridal dress (A) (Shepherdess and pythoness) (A) Come with Artemis, silken shod, (B) And wash thy white thigh, beautiful God, (B) In the moon of the woods, on the marble mount, (C) | Venha com Apolo em vestido de noiva (Pastora e pitonisa) Venha com Ártemis, calçado de seda, E lave sua coxa branca, lindo Deus, À lua dos bosques, no monte de mármore, |
| 20 | The dimpled dawn of the amber fount! (A) Dip the purple of passionate prayer (B) In the crimson shrine, the scarlet snare, (B) The soul that startles in eyes of blue (C) To watch thy wantonness weeping through (C) | A madrugada alva da fonte de âmbar! Mergulhe o roxo da oração apaixonada No santuário carmesim, o laço escarlate, A alma que surpreende em olhos de azul (tristeza) Para assistir tua omissão que chora completamente |
| 25 | The tangled grove, the gnarléd bole (A) Of the living tree that is spirit and soul (A) And body and brain - come over the sea, (B) (Io Pan! Io Pan!) (C) Devil or god, to me, to me, (B) | O bosque emaranhado, o nodoso tronco Da árvore viva que é espírito e alma E corpo e cérebro - vêm sobre o mar, (Io Pã! Io Pã!) Diabo ou deus, a mim, a mim, |
| 30 | My man! my man! (A) Come with trumpets sounding shrill (B) Over the hill! (B) Come with drums low muttering (C) From the spring! (C) | Meu homem! meu homem! Venha com trombetas soando estridente Sobre a colina! Vem com tambores murmurando baixo Da primavera! |
| 35 | Come with flute and come with pipe! (A) Am I not ripe? (A) I, who wait and writhe and wrestle (B) With air that hath no boughs to nestle (B) My body, weary of empty clasp, (C) | Venha com flauta e venha com gaita de foles! Não estou maduro? Eu, que espero e me retorço e luto Com ar que não tem ramos para se encaixar Meu corpo, cansado de abraço vazio, |
| 40 | Strong as a lion, and sharp as an asp-- (A) Come, O come! (B) I am numb (B) With the lonely lust of devildom. (C) Thrust the sword through the galling fetter, (D) | Forte como um leão, e afiado como uma áspide - Venha, Oh venha! Eu estou entorpecido Com a luxúria solitária do demônio. Empurre a espada através do grilhão, |
| 45 | All-devourer, all-begetter; (A) Give me the sign of the Open Eye, (B) And the token erect of thorny thigh, (B) And the word of madness and mystery, (C) O Pan! Io Pan! (D) | Tudo devora, tudo gera; Dê-me o sinal do olho aberto, E o símbolo ereto de coxa espinhosa, E a palavra de loucura e mistério, Oh Pã! Io Pã! |
| 50 | Io Pan! Io Pan Pan! Pan Pan! Pan, (A) I am a man: (A) Do as thou wilt, as a great god can, (A) O Pan! Io Pan! (A) Io pan! Io Pan Pan! Iam awake (B) | Io Pã! Io Pã Pã! Pã Pã! Pã Eu sou um homem: Faça o que quiser, como um grande deus pode, Oh Pã! Io Pã! Io Pã! Io Pã Pã! Eu estou acordado |
| 55 | In the grip of the snake. (A) The eagle slashes with beak and claw; (B) The gods withdraw: (B) The great beasts come, Io Pan ! I am borne (C) To death on the horn (C) | No aperto da cobra. A águia talha com bico e garra; Os deuses se retiram: As grandes bestas vêm, Io Pã! Eu nasci Para a morte no corno |
| 60 | Of the Unicorn. (A) I am Pan! Io Pan! Io Pan Pan! Pan! (B) | Do Unicórnio. Eu sou Pã! Io Pã! Io Pã Pã! Pã |

| | | |
|----|--|--|
| | I am thy mate, I am thy man, (B) Goat of thy flock, I am gold, I am god, (C) Flesh to thy bone, flower to thy rod. (C) | Eu sou teu companheiro, eu sou teu homem, Bode do teu rebanho, sou ouro, sou deus, Carne em teu osso, flor no teu cajado. |
| 65 | With hoofs of steel I race on the rocks (A) Through solstice stubborn to equinox. (A) And I rave; and I rape and I rip and I rend (B) Everlasting, world without end, (B) Mannikin, maiden, maenad, man, (C) | Com cascos de aço eu corro sobre as rochas Através do solstício teimoso ao equinócio. E deliro; e violo e rasgo e fendo Eterno, mundo sem fim, Manequim, donzela, Ménade, homem, |
| 67 | In the might of Pan. (A) Io Pan! Io Pan Pan! Pan! Io Pan! (A)” | No poder de Pã. Io Pã! Io Pã Pã! Pã Io Pã! |

Em critério de análise, a tradução literal, diverge da de Pessoa no ponto chave que é a versificação e a rima. Enquanto a primeira mantém ambas em perfeita harmonia com a original em inglês, a segunda tem como característica rimas “livres”, embora mantenha o sentido mais próximo das palavras ao seu original (A palavra “blue” do verso 19 ganha novo possível sentido, o de tristeza e não somente a cor azul). É possível, ainda, fazer uma análise da tradução poética de Pessoa por meio do poema *The Raven* de Edgar Allan Poe, em paralelo à tradução de Machado de Assis do mesmo poema:

| The Raven (Edgar Allan Poe-1845) - | O Corvo (Machado de Assis-1883) | O Corvo (Fernando Pessoa-1924) |
|--|---|---|
| “Once upon a midnight dreary, (A) while I pondered, weak and weary, (A) Over many a quaint and curious volume of forgotten lore— (B) While I nodded, nearly napping, (C) suddenly there came a tapping, (C) As of some one gently rapping, rapping at my chamber door. (B) ‘Tis some visitor,’ I muttered, ‘tapping at my chamber door— (B) Only this and nothing more.’”(B) | “Em certo dia, à hora (A) Da meia-noite que apavora, (A) Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,(B) Ao pé de muita lauda antiga, (B) De uma velha doutrina, agora morta, (C) Ia pensando, quando ouvi à porta (C) Do meu quarto um soar devagarinho, (D) E disse estas palavras tais: ‘É alguém que me bate à porta de mansinho; (D) Há de ser isso e nada mais.’”(E) | “Numa meia-noite agreste (A), quando eu lia, lento e triste, (A) Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais, (B) E já quase adormecia, (C) ouvi o que parecia(C) O som de alguém que batia levemente a meus umbrais.(B) ‘Uma visita’, eu me disse, ‘está batendo a meus umbrais. (B) É só isto, e nada mais.’”(B) |

A partir da observação do poema *The Raven* de Poe, em comparação à tradução de Machado e Pessoa, a diferença é evidente em relação à rima e métrica. A tradução de Machado de “O Corvo” parece ser um novo poema, com versificação, rima e sentido divergentes do escrito em inglês. Já, Pessoa, tem sua tradução do poema publicado na revista *Athena*,¹⁵⁴ 1924, onde “ele próprio traduz poetas ou romancistas estrangeiros de que gosta: o primeiro número contém uma tradução do *Corvo*, de Poe, “ritmicamente conforme o original”. (BRÉCHON, 1998, p.384-385). E, é partindo do presente critério tradutório, o qual Pessoa traduziu *Hymn to Pan* “Hino a Pã” e *The Raven* “O Corvo”, que serão descritos os critérios empregados na tradução de *Magick in Theory and*

Practice “Magia^(k) em Teoria e Prática, de Aleister Crowley do inglês britânico para a língua portuguesa, processo no qual se encontra o cerne da presente dissertação.

3 DOS CRITÉRIOS EMPREGADOS NA TRADUÇÃO DE "MAGICK IN THEORY AND PRACTICE", DE ALEISTER CROWLEY PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

No decorrer da tradução de “*Magick in Theory and Practice*” para a língua portuguesa foi possível averiguar as características da língua inglesa utilizada por Crowley, possíveis aspectos estruturais da linguagem, bem como, se há influência americana ou se o inglês é unicamente britânico; seguido pela descrição dos critérios e métodos empregados no decorrer do processo tradutório em comparação aos Pessoanos.

Ao analisar as características da língua inglesa empregada na escrita de Crowley, torna-se factível constatar suas influências e modelos de estilo, e é notória a sua admiração pelos parâmetros Shakespearianos. Em carta a seu filho Ataturk, antes de seu falecimento, Aleister revela o que considera pertinente e de suma importância desde a literatura de Shakespeare aos escritos bíblicos:

[...] Os melhores modelos de escrita inglesa são Shakespeare e o Antigo Testamento, especialmente o Livro de Jó, os Salmos, os Provérbios, o Eclesiastes e o Cântico de Salomão. Será uma coisa muito boa você memorizar o máximo que puder, ambos os livros e as melhores peças de Shakespeare à memória, para que eles formem a base do seu estilo: e ao escrever em inglês, a qualidade mais importante que você pode adquirir é estilo. [...] (CHURTON, 2011, p. 416).¹⁵⁵

¹⁵⁴ BRÉCHON, 1998, p.384.

¹⁵⁵ Original: [...] “The best models of English writing are Shakespeare and the Old Testament especially the Book of Job, the Psalms, the Proverbs, Ecclesiastes, and the Song of Solomon. It will be a very good thing for you to commint as much as you can, both of these books and of the best plays of Shakespeare to memory, so that they form the foundation of your style: and in writing English, the most important quality that you can acquire is style.[...].” (CHURTON, 2011, p. 416).

A seguir, uma tabela comparativa que contém trechos de *Magick in Theory and Practice*, assim como, poemas compostos por Crowley: *The Wizard Way*; *Love*,

Melancholy, Despair e The Two Minds. “*They shall be no more twain, but one flesh*” em face de fragmentos da Bíblia, Shakespeare, Edgar Allan Poe, William Ernest Henley e Alexander Search (heterônimo anglófono de Pessoa), os quais torna-se possível perceber um parâmetro da escrita de Crowley através das obras e estilos contemporâneos e anteriores, enriquecendo, desta forma a análise:

| <i>Magick in Theory and Practice</i> (CROWLEY, 1929/1976) | Bible, Psalm: 139, King James Version - KJV | Análise |
|---|---|---|
| “Do what thou wilt shall be the whole of the Law.” (CROWLEY, 1976). ¹⁵⁶ | “O lord, thou hast searched me, and known me. Thou knowest my downsitte and mine uprising, thou understandest my thought afar off.” (Bible, Psalm: 139, King James Version - KJV). ¹⁵⁷ | Thou (pronome): frequentemente utilizado nos escritos bíblicos em língua inglesa, versão King James, publicada em Escócia e Inglaterra no séc. XVII. O pronome que tem suas variações thee, thine, thy tem o significado correspondente a tu, ti, te, você. Evidenciando o inglês arcaico, ou inglês médio, utilizado entre os séc. XII e XVI. ¹⁵⁸ |
| (Aleister Crowley – 1929/1976) | (SHAKESPEARE, 1988) | Análise |
| “Majesty of Godhead, wisdom-crowned TAHUTI, Thee, Thee I invoke. Oh Thou of the Ibis head, Thee, Thee I invoke”; and so on. (CROWLEY, 1976, p. 18). ¹⁵⁹ | “ <i>Queen Margaret</i> . I called thee then vain flourish of my fortune; I called thee then poor shadow, painted queen, The presentation of but ^o what I was, The flattering index ^o of a direful pageant, One heaved a-high ^o to be hurled down below,[...]” (SHAKESPEARE, 1988, p.137). ¹⁶⁰ | Thee (pronome): frequentemente utilizado por Crowley/Shakespeare em seus escritos. Em comparação o trecho de <i>Magick</i> escrito em 1929 (Séc. XX) compara-se a um fragmento de <i>Richard III</i> , escrito no séc. XVI). ¹⁶¹ |

¹⁵⁶ Tradução nossa: “Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei” (CROWLEY, 1976).

¹⁵⁷ “Senhor, tu me buscaste e me conhecestes. Tu conheces o meu assentamento e a minha insurreição, tu compreendes o meu pensamento de longe.” (Bíblia, Salmo: 139, Versão Rei Tiago - KJV).

¹⁵⁸ WILLIAMS, 1975, p. 247-249.

¹⁵⁹ Tradução nossa: “Majestade de Deus, coroada de sabedoria TAHUTI, Tu eu invoco. Oh tu da cabeça de Íbis, Tu, Tu eu invoco”; e assim por diante.” (CROWLEY, 1976, p. 18).

¹⁶⁰ Tradução nossa: “*Rainha Margaret*. Eu te chamei, em seguida, vago florescimento da minha fortuna; Eu te chamei então sombra pobre, rainha pintada, A apresentação senão do que eu era, O índice lisonjeiro de um desfile terrível, Um deles levantou alto para ser arremessado abaixo, [...]” (SHAKESPEARE, 1988, p.137).

¹⁶¹ Ibid., 1975, p. 247-249.

| The Wizard Way (CROWLEY, 1992) | A Dream within a Dream (Edgar Allan Poe 1809 - 1849) | Análise |
|-----------------------------------|---|---------|
|-----------------------------------|---|---------|

| | | |
|--|--|--|
| <p>[...] “Wherever he leads my foot shall follow; (A) Over the height, into the hollow, (A) Up to the caves of pure cold breath, (B) Down to the deeps of foul hot death, (B) Across the seas, through the fires, (C) Past the palace of desires; (C) Where he will, whether he will or no, (D) If I go, I care not whither I go. “(D)¹⁶² (CROWLEY, 1992, p. 31).</p> | <p>“Take this kiss upon the brow! (A) And, in parting from you now, (A) Thus much let me avow- (A) You are not wrong, who deem (B) That my days have been a dream; (B) Yet if hope has flown away (C) In a night, or in a day, (C) In a vision, or in none, (D) Is it therefore the less <i>gone</i>? (D) All that we see or seem (E) Is but a dream within a dream.”¹⁶³ (POE, 1849).</p> | <p>De acordo com CROWLEY (1989, p. 345): Um poema é uma série de palavras dispostas de tal modo que a combinação de significado, ritmo e rima produz o efeito definitivamente mágico de exaltar a alma para o êxtase divino. Edgar Allan Poe [...] compartilha essa visão.¹⁶⁶</p> |
| <p>Love, Melancholy, Despair. (Crowley, 1901)</p> | <p>Invictus “IV To R. T. H. B.” (William Ernest Henley 1849 - 1903)</p> | |
| <p>Like to a star, deep beauty’s avatar (A) Pales in the dusky skies so far above: (B) Seven rays of gladness crown its passionate star, (A) One heart of love. (B)¹⁶⁴ (CROWLEY, 1901, p. 47).</p> | <p>“Out of the night that covers me, (A) Black as the pit from pole to pole, (B) I thank whatever gods may be (A) For my unconquerable soul.” (B)¹⁶⁵ (HENLEY, 1893, p. 56).</p> | |

¹⁶² Tradução nossa: “A maneira do feiticeiro’ Aonde quer que ele me leve meu pé seguirá; /Nas alturas, na profundidade, /Até as cavernas de pura respiração fria, /Até as profundezas da morte de um bafo fétido, /Através dos mares, através dos incêndios, /Passado o palácio dos desejos; /Onde ele vá, queira ele ou não, / Se eu for, não me importa para onde vou.” (CROWLEY, 1992, p. 31).

¹⁶³ Tradução nossa: “‘Um sonho dentro de um sonho’ Tome este beijo na testa! /E, ao separar-se de você agora, /Este tanto, deixe-me confessar - /Você não está errado, em considerar /Que meus dias tenham sido um sonho; /No entanto, se a esperança voou para longe/Em uma noite, ou em um dia, /Em uma visão, ou em nenhuma, /É, portanto, menos que se foi? /Tudo o que vemos ou parecemos /Não é senão um sonho dentro de um sonho.”(POE, 1849).

¹⁶⁴ Tradução nossa: “‘Amor, Melancolia, Desespero’. Como uma estrela, avatar de beleza profunda/ Empalidece no céu sombrio até agora acima: /Sete raios de alegria coroam sua estrela apaixonada, /Um coração de amor.” (CROWLEY, 1901, p. 47).

¹⁶⁵ Tradução nossa: “‘Invictus’. ‘IV Para R. T. H. B’. (Robert Thomas Hamilton Bruce) Fora da noite que me cobre, /Preto como o poço de pólo a pólo, /Agradeço a todos os deuses que podem ser / Para minha alma incontestável.” (HENLEY, 1893, p. 56).

¹⁶⁶ Original em língua inglesa: “[...] A poem is a series of words so arranged that the combination of meaning, rhythm and rime produces the definitely magical effect of exalting the soul to divine ecstasy. Edgar Allan Poe [...] share this view. Henley’s poem conforms with this criterion.” (CROWLEY, 1989, p. 345). Sendo Poe escritor norte-americano e Henley Inglês, ambos contemporâneos no estilo Vitoriano, Crowley, notoriamente, possui o inglês britânico, seguindo os padrões de estilo de versos e rimas impecáveis, com técnica, ritmo e sonoridade poética.

| <p style="text-align: center;">The Two Minds. “They shall be no more twain, but one flesh.” (Aleister Crowley 1875 - 1947)</p> | <p style="text-align: center;">Here and There (Alexander Search – heterônimo de Fernando Pessoa 1896 - 1905)</p> | <p style="text-align: center;">Análise</p> |
|--|---|---|
| <p>“Man has two minds: the first beholding all, (A) As from a centre to the endless end: (B) The second reaches from the outer wall, (A) And seeks the centre. This I comprehend. (B) But in the first: "I can -- but what is worth?"(C) And in the second: "I am dust and earth!" (C) (CROWLEY, 2013, p. 84).¹⁶⁷</p> | <p>“Here is the same as there, my friend, (A) All places in this world are like. (B) If doomed thy life in grief to spend, (A) What change can then thy fate amend, (A) What from thy soul the pain can strike?” (B) (SEARCH, 1997, p.41).¹⁶⁸</p> | <p>Comparando os dois fragmentos de Crowley/Pessoa, nota-se afinidade temática, ambos retratam o dual, duas mentes ou dois lugares, em que ambos fazem parte integrante um do outro. Os poemas abordam a alma como centro de um sentimento ambíguo. Em comum também a língua inglesa.¹⁶⁹ A questão da rima e métrica se diferem.</p> |

Na escrita de Crowley, há ainda, a presença de neologismo que “pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas linguísticos” (ALVES, 2007, p.5). Crowley utilizou recursos da própria língua inglesa, ao acrescentar o “k” ao final da palavra *Magick* para distinguir o termo, a partir de uma palavra já existente *Magic*, dando-lhe novo significado.¹⁷⁰ Designando, assim, a prática descrita em sua obra, de mesmo nome, que descreve os ensinamentos do mago/escritor inglês:

Magia^(k) é uma extensão e florescimento deste trabalho inicial. Começa com uma explicação do que é a magia^(k), ou seja, uma técnica através da qual se pode fazer a natureza obedecer a vontade de alguém, trazendo o poder por trás dos fenômenos para seguir no encaixe de palavras apropriadas proferidas e ações realizadas, no estado de espírito correto. (SYMONDS, 1973, p. 406).¹⁷¹

No que concerne ao processo tradutório de *Magick in Theory and Practice*, a

¹⁶⁷ Tradução nossa: ‘As duas mentes. "Eles não serão mais dois, mas uma só carne": O homem tem duas mentes: a primeira contemplando tudo, De um centro ao fim sem fim: A segunda alcança o muro exterior, E procura o centro. Isso eu compreendo. Mas na primeira: "Eu posso - mas o que vale?" E na segunda: "Eu sou pó e terra!"’ (CROWLEY, 2013, p. 84).

¹⁶⁸ Tradução nossa: “Aqui é o mesmo que lá. Aqui é o mesmo que lá, meu amigo/Todos os lugares neste mundo assemelham-se/Se condenares tua vida em tristeza gastar, /Que mudança pode, então, o teu destino alterar,/O que de tua alma a dor pode atacar?” (SEARCH, 1997, p.41).

¹⁶⁹ BRÉCHON, 1998, p. 90.

¹⁷⁰ Vide nota 54.

¹⁷¹ Original em inglês: “Magick is an extension and flowering of this early work. It begins with an explanation of what magick is, namely a technique whereby one can make Nature obey one’s will by bringing the power behind phenomena to heel with appropriate words uttered, and actions performed, in the right frame of mind.” (SYMONDS, 1973, p. 406).

questão do neologismo da palavra *Magick* contida no título da obra é o início de uma dinâmica que ocorreu de forma criteriosa, tendo como base as teorias da tradução que mais se adequaram no decorrer de cada momento, assim como, os parâmetros e procedimentos de tradução característicos de Pessoa, que não revela seu método, todavia, explicita traduzir os versos em absoluta conformidade rítmica com o original.¹⁷²

É importante salientar pontos primordiais no que diz respeito à equivalência semântica e estilística, sendo assim a “tradução é a substituição de uma representação de um texto em uma língua por uma representação de um texto equivalente em uma segunda língua.” (MEETHAM AND HUDSON, 1972, p. 713 *apud* BELL, 1991).¹⁷³ Tendo tal termo como ponto chave, a problemática acerca da ‘equivalência’ ocorre quando “os textos em diferentes línguas podem ser equivalentes em graus diferentes (total ou parcialmente equivalentes), em relação a diferentes níveis de apresentação (equivalentes no contexto, na semântica, na gramática, no léxico, etc.) e em diferentes classificações (Palavra-por-palavra, frase-por-frase, sentença-por-sentença).” (Ibid., 1972, p. 713 *apud* BELL, 1991).¹⁷⁴

O título do livro *Magick in Theory and Practice*, teve sua tradução do inglês para o português de forma equivalente em termos semânticos, gramaticais e sintáticos. Palavras cognatas “vocábulo que têm raiz comum com outro (s)” (Aurélio *apud* SANTOS, 1981)¹⁷⁵ foram recorrentes, tais como: *Magick*, *Theory* e *Practice*.

No que se refere ao neologismo de Crowley ocorrido na palavra *Magick* foi resolvido com o acréscimo do (k) em exponencial ao final da palavra *Magia*^(k), foi a

¹⁷² Vide 1.4 acerca envio e publicação do poema *Hymn to Pan* de Crowley, traduzido por Pessoa para a língua portuguesa, e a carta a Gaspar Simões, na qual Pessoa não revela seus métodos tradutórios, porém, afirma manter rima e métrica dos versos originais.

Vide capítulo 2: Partindo da análise de poemas de Poe e Crowley traduzidos da língua inglesa para o português é possível identificar suas escolhas ao compor suas versões.

¹⁷³ Original em inglês: “Translation is the replacement of a representation of a text in one language by representation of an equivalent text in a second language.” (MEETHAM AND HUDSON, 1972, p. 713 *apud* BELL, 1991).

¹⁷⁴ Original em inglês: “Texts in different languages can be equivalent in different degrees (fully or partially equivalent), in respect of different levels of presentation (equivalent in respect of context, of semantics, of grammar, of lexis, etc.) and at different ranks (word-for-word, phrase-for-phrase, sentence-for-sentence).” (Ibid., 1972, p. 713 *apud* BELL, 1991).

¹⁷⁵ “Cognatos aqui são palavras que são semelhantes em forma e sentido, independentemente da origem. O sentido comum do termo é ‘aparentado em origem’. [...] mesmo se duas palavras não forem aparentadas na origem serão chamadas cognatos se forem semelhantes em forma e sentido” (LADO, R., 1972 p.115 *apud* SANTOS, 1981).

solução encontrada pelo editor espanhol Luiz Cárcamo para grafar a tradução para o espanhol de "Magick", mantendo a distância que Crowley, prudentemente, estabeleceu entre "Magia" e "Ilusionismo"¹⁷⁶, como exemplo no capítulo 0 acerca do “segredo final de toda a ‘Magia^(k)’ prática.” (CROWLEY, 1976, p. 2). Em seguida, Magic = Magia, no capítulo I, “Veja o "Livro da ‘Magia’ Sagrada de Abramelin o Mago”; e Liber 418, 8º Aethyr, Liber Samekh; ver Apêndice 3.” (CROWLEY, 1976, p. 11). Nota-se que neste caso a palavra *Magic* foi mantida sem o ^(k).

Outro fator a ser considerado ao longo do processo tradutório é o tratamento dado às falsas cognatas, ou seja, “palavras semelhantes na forma, mas diferentes no significado” (PAIS, C. T, RECTOR, Mônica e outros, 1978, p. 156 *apud* SANTOS, 1981). Na sentença: “essencialmente, assim como o sublime, e ‘na verdade’ o mais desacreditado, de todos os termos disponíveis.” (CROWLEY, 1976, p. XII)¹⁷⁷; o termo ‘na verdade’ refere-se a *actually*. Em seguida: “será ‘observado’ que cada capítulo deste livro é atribuído a uma delas”, referente ao falso cognato *noticed* (CROWLEY, 1976, p. 4).¹⁷⁸

Palavras cognatas e falsas cognatas são fatores que aparecem ao longo do processo tradutório, todavia, existem outros pontos a serem considerados. Assim, para esclarecer como ocorre a tradução e suas etapas desde a ‘língua-fonte’ até a ‘língua-alvo’, incluindo as equivalências e não equivalências entre as línguas, Bell (1991, p. 45)¹⁷⁹ divide “o processo em análise e síntese e, dentro delas, três áreas de operação distinguíveis: (1) sintática, (2) semântica e (3) pragmática [...]” Essa dinâmica trata da análise de determinada sentença na língua fonte, passando por todas essas etapas supracitadas para que possa gerar uma síntese tradutória na língua-alvo, que “prossegue tanto ‘de baixo para cima’ como ‘de cima para baixo’ no processamento de texto e integra ambas as abordagens por meio de um estilo de operação que é simultaneamente em cascata e interativo.” (BELL, 1991, p. 44).¹⁸⁰

¹⁷⁶ (CÁRCAMO, 1986).

¹⁷⁷ Em inglês: “as essentially the most sublime, and actually the most discredited, of all the available terms.” (CROWLEY, 1976, p. XII).

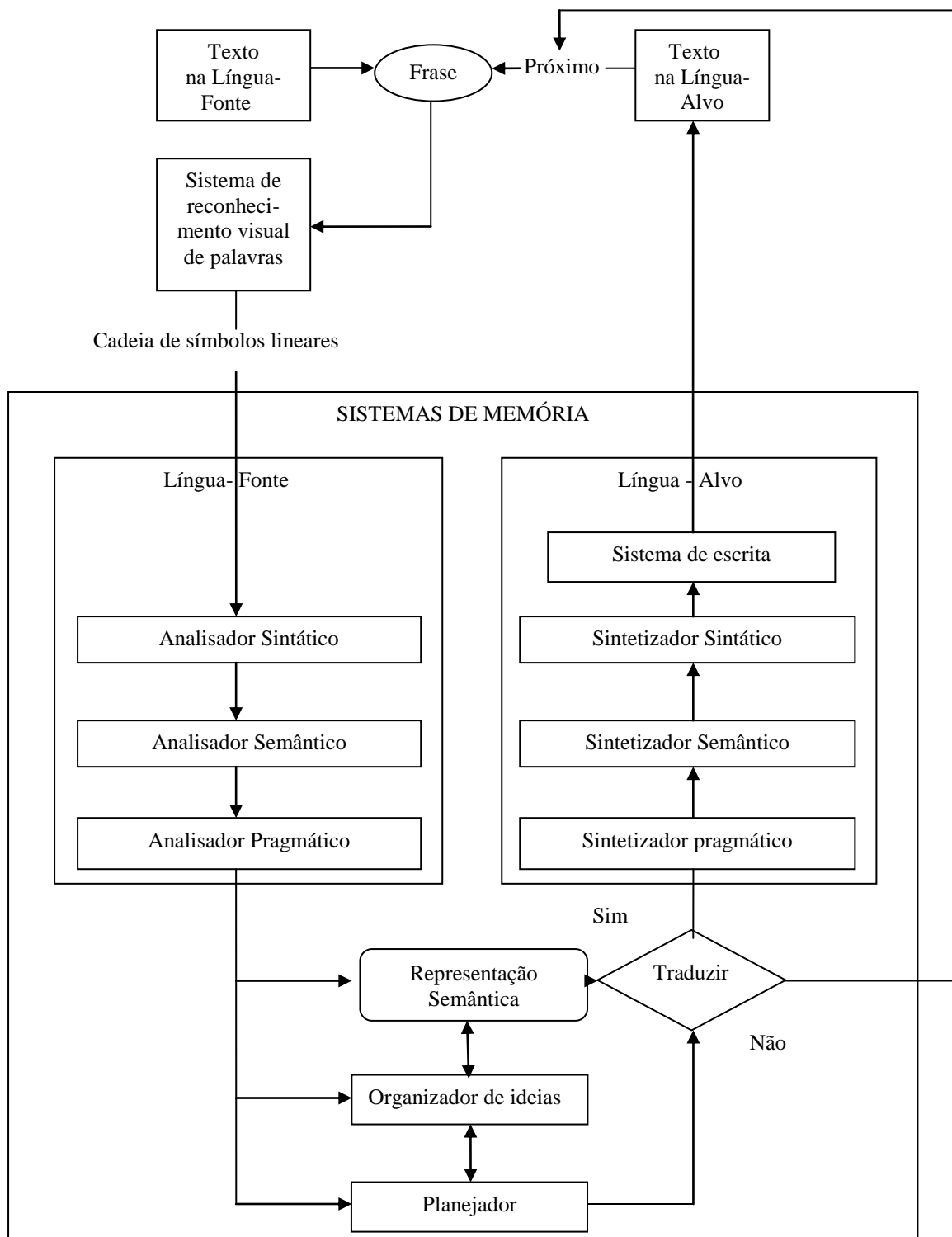
¹⁷⁸ Em inglês: “It will be noticed that each chapter of this book is attributed to one of them.” (CROWLEY, 1976, p. 4).

¹⁷⁹ Em inglês: “the process into analysis and synthesis and, within them, three distinguishable areas of operation : (1) syntactic, (2) semantic and (3) pragmatic [...]” (BELL, 1991, p. 45).

¹⁸⁰ A ‘língua-fonte’ e a ‘língua-alvo’ são provenientes dos termos em inglês *source language (SL)* e *target language (TL)*, respectivamente. Vide (BELL, 1991, p. 44). Original em inglês: “proceeds in both a

bottom-up and a top-down manner in processing text and integrates both approaches by means of a style of operation which is both cascaded and interactive. (BELL, 1991, p. 44).

A seguir, a tabela de representação do processo tradutório, elaborada por Bell, na qual o insumo (frase) 'Língua-Fonte' passa pelo 'analisador sintático', 'representação semântica', 'organizador de ideias', 'planejador' e filtradas no que pode ou não ser traduzido, para então gerar uma síntese tradutória na 'Língua-Alvo':



Na epígrafe do livro *Magia*^(k) em Teoria e Prática, há o poema intitulado *Hymn to Pan*, traduzido por Pessoa para o português, dando origem a “Hino a Pã”, poema de suma importância na vida de Crowley.¹⁸¹ A partir da tradução desse poema foi possível averiguar os parâmetros tradutórios de Pessoa e analisar suas técnicas tradutórias em face das teorias da tradução. Segue, parte do poema em seu original e em português:

| Aleister Crowley 1875 – 1947 (Hymn to Pan – 1929) | Fernando Pessoa 1888 – 1935 (Hino a Pã – 1931) |
|--|---|
| “Ἔφρξ’ ἔρωτι περλαρχῆς δ’ ἀνεπτόμαν ἰὼ ἰὼ πᾶν πᾶν ὦ πᾶν πᾶν ἀλπιλαγκτε, κυλλανίας χλονοκτύπο πετραίς ἀπὸ δειράδος Φάνηθ’, ὦ θεῶν χοροπόλ’ ἄναχ SOPH. AJ. | |
| Thrill with lissome lust of the light, (A) O man! My man! (B) Come careering out of the night (A) Of Pan! Io Pan. (B) Io Pan! Io Pan! Come over the sea (C) | “Vibra do cio subtil da luz, (A) Meu homem e afã! (B) Vem turbulento da noite a flux (A) De Pã! Iô Pã! (B) Iô Pã! Iô Pã! Do mar de além (C) |
| From Sicily and from Arcady! (A) Roaming as Bacchus, with fauns and pards (B) And nymphs and satyrs for thy guards, (B) On a milk-white ass, come over the sea (A) To me, to me, (A) | Vem da Sicília e da Arcádia vem! (A) Vem como Baco, com fauno e fera (B) E ninfa e sátiro à tua beira, (B) Num asno lácteo, do mar sem fim (A) A mim, a mim! (A) |
| Come with Apollo in bridal dress (A) (Shepherdess and pythoness) (A) Come with Artemis, silken shod, (B) And wash thy white thigh, beautiful God, (B) In the moon of the woods, on the marble mount, (C) | Vem com Apolo, nupcial na brisa (A) (Pegureira e pitonisa), (A) Vem com Artémis, leve e estranha, (B) E a coxa branca, Deus lindo, banha (B) Ao luar do bosque, em marmóreo monte, (B) |

É notório que a saudação em grego, extraída do texto de Sófocles: “Oh Pã, O Pã, apareça a nós [...]”¹⁸² não consta na tradução de Pessoa, todavia, é evidente o fato de que métrica e rima foram mantidas conforme o original. Imbuído do conhecimento do conjunto de léxico em ambos os idiomas e estilística, fez com que o sentido e a sonoridade se mantivessem no poema. Conforme Santos (1981, p. XLIV), “não se pode isolar o aspecto semântico do estilístico e [...] isto impõe um estudo comparativo da estrutura da língua de origem e da língua-alvo.” Acerca da tradução de poemas, nota-se

¹⁸¹ Vide o capítulo 2, acerca de “Hymn to Pan” a “Hino a Pã.

¹⁸² Vide (CROWLEY, 1997, p.121).

o levantamento de questões a favor da preservação das características originais ao traduzi-los, por meio da transposição estilística em seus mais íntimos detalhes:

Para o tradutor de poemas, a tradução começa pela transposição de visibilidade. Um soneto deve ser traduzido por um soneto, um poema em versos livres por um poema em versos livres e assim por diante. Caso contrário, estaríamos afastando-nos da tradução rumo à recriação livre, à simples intertextualidade. [...] a tradução tem compromisso com a visibilidade do original, compromisso que admite alguma flexibilidade, é claro, mas que o tradutor deve tentar preservar. Dentre as muitas marcas exteriores a serem mantidas na tradução, podemos listar a paginação, os caracteres tipográficos usados, a distribuição das linhas, a repartição ou não do poema em estrofes, a presença ou ausência da maiúscula no início dos versos ou no corpo do texto, a presença ou ausência de pontuação [...] (LARANJEIRA, 2003, p. 103).

O conceito de manter as marcas exteriores ao longo da tradução do livro *Magia*^(k) em Teoria e Prática segue conforme a questão estilística abordada por Laranjeira. No que diz respeito à paginação, foi feito o possível para que o texto se mantivesse de acordo com a paginação original desde a introdução, capítulos e notas de rodapé, com o acréscimo apenas de correções necessárias acerca da impressão equivocada de algumas palavras, através da Nota do Tradutor.¹⁸³

Todavia, nem sempre é possível manter ou traduzir determinados insumos. Voltando à escolha de não tradução da epígrafe do grego para a tradução em português do poema Hino a Pã, Pessoa deixa sua marca tradutória no livro *Magia*^(k), visto que termos em grego, latim, alemão e italiano são mantidos, salvo, em nota de rodapé. Na introdução: “Ἐσσεαλ ἄθανατος θεός, ἄμβροτος, οὐκ ἔτι θνητός (PITÁGORAS *apud* CROWLEY, 1976, p. IX) pela sonoridade é que essa opção foi tomada, quem dirá a entonação de palavras mágicas, foram, portanto, mantidas e transpostas.¹⁸⁴

Esse processo se dá claramente tanto no caso acima quanto em todo o processo tradutório “como se trata de uma comunicação verbal, o código é simplesmente uma língua natural (combinação de signos linguísticos).” (LARANJEIRA, 2003, p.16). Jakobson formulou esse percurso da tradução da seguinte forma:

contexto
destinador ----- mensagem ----- destinatário
contato
código¹⁸⁵

¹⁸³ Vide CROWLEY, 1976.

¹⁸⁴ Vide Capítulo I./ (CROWLEY, 1976, p.10, V, 33,196).

¹⁸⁵ LARANJEIRA, 2003, p. 16.

No esquema de Jakobson há o destinador I (autor do original), que no contexto de *Magick in Theory and Practice* é Aleister Crowley; seguido do contexto I; Mensagem I, insumo textual; contato I; código I que é a língua inglesa, mais especificamente o inglês britânico; o destinatário I; tradutor/destinador II a autora desta dissertação e tradutora, assim como Fernando Pessoa que traduziu o poema epígrafe; contexto II, aquilo gerado a partir da tradução para o português, mensagem II, contato II, código II, a própria língua portuguesa e destinatário II que são os leitores/decodificadores do resultado da tradução Magia^(k) em Teoria e Prática.¹⁸⁶

Cabe neste momento apresentar um embasamento teórico referente às escolhas feitas ao longo da tradução, bem como a análise do método de traduzir de Pessoa. Partindo do conceito de tradução, em si, conforme as bases teóricas elaboradas por Jakobson, o mesmo afirma que “quando a substituição se dá entre os signos linguísticos de uma língua e os de outra língua, tem-se a tradução *interlingual* ou tradução propriamente dita¹⁸⁷ (LARANJEIRA, 2003, p. 18). Afirmação coerente, já que se trata da tradução de códigos distintos: língua inglesa para língua portuguesa.

Quanto à definição de teoria, pode-se tratar da tradução como um processo, como um produto¹⁸⁸, ou entender de acordo com Bell (1991, p. 26): “uma teoria da tradução como processo e produto (isto é, uma teoria sobre traduzir e tradução).¹⁸⁹ E, ao longo dessa dinâmica existem os métodos e técnicas, entende-se por técnica como um conjunto de métodos utilizados, visto que o tradutor tem à sua disposição um leque de possibilidades, tais como a tradução literal e oblíqua:

“A posição tradutória é comparável à *Enciclopédia*: toda vez que a tradução “direta” ou “literal” chega a um enunciado equivalente no plano linguístico e estilístico, ela será mantida; caso contrário, será necessário recorrer à tradução “oblíqua”. A isso poderíamos chamar de princípio de literalidade. O segundo princípio ao qual VD¹⁹⁰ obedece é o da idiomaticidade: a tradução deve dar a impressão de que o original foi escrito diretamente em português: a intenção é “pró-alvo”. (OUSTINOFF, 2011, p. 77-78).

¹⁸⁶ Vide LARANJEIRA, 2003, p. 17.

¹⁸⁷ Jakobson denomina outras duas classificações quanto a tradução, a *intersemiótica* quando o código I for pictórico e o II linguístico, por exemplo ou vice-versa; e a *intra lingual* quando a substituição dos signos linguísticos no decorrer da tradução é feita por signos do mesmo código linguístico, seja por meio de sinonímia, paráfrase, metalinguística ou interpretação. (LARANJEIRA, 2003, p. 17-18).

¹⁸⁸ Vide BELL, 1991, p. 26-27.

¹⁸⁹ Original em inglês: “A theory of translation as both process and product (i.e. a theory of translating and translation).” (BELL, 1991, p. 26).

¹⁹⁰ VD é a abreviatura de *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, trata-se da linguística de Ferdinand de Saussure, tal como ela foi entendida e transformada em “estilística comparada” por seu discípulo Charles Bailly. (OUSTINOFF, 2011, p. 77-79).

Fazer-se entender, com o mínimo de perda do original, consiste a tradução. O signo = Significante/Significado de acordo com a tradução literal, tem, embora, provenientes de códigos distintos, a função mantenedora de significante e significado: “Em termos mais simples, de um lado, a forma, de outro, o sentido. Num quadro desses, a tradução literal conserva, ao mesmo tempo, o significante e o significado, levando-se em conta a diferença das línguas[...]” (OUSTINOFF, 2011, p.79).

No poema “Hino a Pã”, Pessoa procura manter rima e métrica, e em alguns momentos, opta pela tradução literal, quando não ocasiona perda da sonoridade original do poema, como no primeiro verso da primeira estrofe “Thrill with lissome lust of the light,” e “Vibra do cio subtil da luz”, o vocábulo ‘light’ é traduzido de forma literal para ‘luz’, mesmo significante e significado, sem perder a rima e métrica. Todavia, nem sempre a tradução literal será suficiente e será necessário a utilização da tradução oblíqua, seja por meio de transposições quanto modulações:

Quando a tradução literal se mostra como impossível ou malfeita (“decalque”), é fácil perceber que a tradução “oblíqua” fará essencialmente duas espécies de transformações: as que se operam sobre o significante e aquelas que se operam sobre o significado (os dois procedimentos podendo naturalmente ser combinados). As primeiras transformações são chamadas por Vinay e Darbelnet de “transposições”; as segundas, de “modulações”. As transformações mais comuns são as “transposições” – também chamadas de “re categorizações” porque consistem em substituir uma categoria gramatical por outra. (OUSTINOFF, 2011, p. 80-81).

No verso seguinte de “Hino a Pã” intercalado da mesma estrofe, “Come careering out of the night”, a forma ‘literal’ seria: “Vem a correr saindo da noite”, a tradução de Pessoa: “Vem turbulento da noite a flux”, optando pela ‘modulação’, visto que há a mudança do ponto-de-vista ou foco quando passa da língua-fonte para a língua-alvo, refletindo as diversas interpretações possíveis de tal verso, mantendo a rima e a métrica. A ‘transposição’ ocorre no primeiro verso da segunda estrofe: “From Sicily and from Arcady!”, a forma ‘literal’: “Da Sicília e da Arcádia!” traduzido para: “Vem da Sicília e da Arcádia vem!”. Há a mudança da classe gramatical da preposição ‘from’ para o verbo ‘vem’ mantendo o sentido, rima e métrica.

No decorrer da dinâmica tradutória de Magia^(k) em Teoria e Prática ocorrem casos de tradução ‘literal’, no próprio título do livro *Magick = Magia^(k)*, in=em, Theory=Teoria, and=e, Practice=Prática e em outras ocasiões como em: “The first task of the Magician in every ceremony is therefore to render his Circle absolutely impregnable” com tradução: “A primeira tarefa do Mago em cada cerimônia é, portanto,

tornar seu Círculo absolutamente inexpugnável.”¹⁹¹ Há, ainda, exemplos de ‘modulação’ como em “In evocations the danger is not so great[...]” (CROWLEY, 1976, p. 99), de forma ‘literal’: “Em evocações o perigo não é tão grande[...]” com a tradução “Em evocações o perigo é pequeno”¹⁹², mantendo o mesmo sentido do original. Já, em “He then states the purpose of the ceremony, and proves that it is necessary to perform it and to succeed in its performance”(CROWLEY, 1976, p. 123), há um caso de ‘transposição’ da palavra *performance* por ‘execução’, não se trata de ‘transposição’ de classe gramatical mas sim estilística, com a tradução: “Ele então declara o objetivo da cerimônia, e prova que é necessário realizá-la e ter sucesso em sua execução.”¹⁹³

Fazem parte, ainda, dos procedimentos técnicos a ‘condensação’ ou ‘síntese’ e a ‘amplificação’, a primeira se refere a “palavras e expressões que revelam a concisão da língua inglesa em comparação com a portuguesa”(SANTOS, 1981, p. L), como aparece em: “I present this theory in a very simple form.[...]”(CROWLEY, 1976, p. 1), de forma ‘literal’ “Eu apresento esta teoria de forma muito simples[...],” todavia, há a ‘omissão’ de um elemento desnecessário na estrutura da tradução para a língua-alvo, que é o pronome pessoal *I*, “Eu”, tendo a seguinte tradução: “Ø Apresento esta teoria de forma muito simples”¹⁹⁴. Em sequência, ocorre o oposto, ou seja, a ‘amplificação’ que foi um “termo aplicado por Vinay e Darbelnet para definir os ‘casos em que a língua-alvo emprega mais palavras do que a língua de origem para exprimir a mesma ideia.” (Ibid., 1981, p. L), há, portanto a ‘explicitação’, acréscimo do artigo definido que é desnecessário no inglês: “For this reason the weapons, Ø altar, Ø circle, and Ø magus are all carefully proportioned one with another.” (CROWLEY, 1976, p. 61), com tradução da seguinte forma: “Por esta razão as armas, o altar, o círculo, e o mago estão cuidadosamente proporcionais um com o outro.”¹⁹⁵

Ao longo da tradução de *Magick in Theory and Practice*, acerca dos procedimentos técnicos, fez-se necessário, algumas vezes, a consulta de ferramentas de tradução, tais como: o dicionário reverso da *Oxford*, o *Cambridge Dictionary* e o *Linguee*. Todavia, a tradução se deu de forma direta, com a necessidade de consulta em alguns momentos a outras edições do livro em inglês e em espanhol.

¹⁹¹ CROWLEY, 1976, p. 101.

¹⁹² CROWLEY, 1976, p. 99.

¹⁹³ CROWLEY, 1976, p. 123.

¹⁹⁴ CROWLEY, 1976, p. 1.

¹⁹⁵ CROWLEY, 1976, p. 61.

Durante o processo tradutório houve, ainda, a correção de alguns erros de digitação da edição, postos em nota de rodapé como nota da tradutora, iniciando por N. de T. = Nota de Tradução, conforme a tabela no capítulo seguinte. Nesses casos, a seguir, foram necessárias tais notas, a troca do ‘n’ pelo ‘m’: “To consider in a more particular ‘mammer’ this question of the Nature of Ritual[...]”(CROWLEY, 1976, p. 12), com a tradução: “Para considerar de uma maneira mais particular, esta questão da natureza do Ritual[...]”, em nota de rodapé: “N.de T. = Na edição do livro em inglês aparece a palavra ‘mammer’ ao invés de *manner*, forma ou maneira, a primeira se trata de um erro de grafia, tendo em vista que esta palavra é inexistente no idioma original.”¹⁹⁶, já no caso seguinte há a repetição do *that*: “[...]No more can be said in this place ‘that’ ‘that’ Aleph[...]” (CROWLEY, 1976, p. 25), com a tradução para o português e acréscimo da nota de rodapé: “N. de T. = [...]Nada mais pode ser dito neste lugar (‘que’ repetido, erro de impressão) que Aleph[...]”¹⁹⁷ e no próximo, um caso de troca do posicionamento do ‘ci’ pelo ‘ic’: “[...] It will be best for him to consider (provisionally) Truth in the sense in which it is taken by Physical ‘Sicence’.” (CROWLEY, 1976, p. 62) com a seguinte tradução: “[...]Será melhor para ele considerar (provisoriamente) Verdade, no sentido em que é tomada pela Ciência Física.” e respectiva nota: “N. de T. = Erro de digitação, no lugar de *Science* (Ciência) aparece na edição em inglês ‘Sicence’.”¹⁹⁸

4 DOS CRITÉRIOS EDITORIAIS ADOTADOS

O livro *Magick in Theory and Practice* de Aleister Crowley possui cerca de 22 edições, tendo seu primeiro volume ‘*princeps*’ publicado em 1929, todavia, de fato publicado em maior escala em 1930¹⁹⁹. O ocorrido se deu por conta da falta de recursos financeiros, na época, para impressões por parte da editora, a sua última edição publicada com o escritor em vida foi no ano de 1940, em inglês, tendo as demais edições *post mortem* traduzidas para o francês, alemão, espanhol, russo e sérvio. Foi disseminado e impresso em diversos países, como: Inglaterra, Reino Unido, Estados Unidos, Austrália, França, Bélgica, Espanha, Rússia e Sérvia. Todavia, não havia até então tradução para o português, fato que comprova, portanto, o ineditismo da presente dissertação, com a tradução de *Magick in Theory and Practice* para o português:

¹⁹⁶ CROWLEY, 1976, p. 12.

¹⁹⁷ CROWLEY, 1976, p. 25.

¹⁹⁸ CROWLEY, 1976, p. 62.

¹⁹⁹ SUTIN, 2000, p. 344-350.

Magia^(k) em Teoria e Prática, tradução esta iniciada por Pessoa com o poema ‘Hino a Pã’, tendo como edição anterior a esta, em inglês, publicada em 2015.

A seguir a tabela das edições do livro *Magick* em ordem cronológica de publicação, Países onde foram publicados, editoras, assim como os idiomas, seja no original, inglês ou as traduções para outros idiomas, edição ‘princeps’, e última publicação em vida do autor, Aleister Crowley:

| Edições de <i>Magick in Theory and Practice</i> de Aleister Crowley | Países | Idiomas |
|---|----------------------|----------------|
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . Paris: Lecram Press, 1929. (primeira edição ‘princeps’) . | França Inglaterra | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . New York: Peter Smith Pub Inc, 1940. (última publicação em vida) . | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . New York: Krishna Press, 1973. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick</i> . New York: Samuel Weiser, 1974. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . 1929. Reprint, New York: Dover, 1976. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . York Beach, Maine: Samuel Weiser, Inc., 1983. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magia(k) en Teoria y Practica</i> . Madrid: Luis Cárcamo editor, 1986. | Espanha | espanhol |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . London: Arkana / Weiser, 1989. | Inglaterra | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . New York: Castle Books, 1991. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . New York: Magickal Childe, 1991. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . USA: Book Sales, 1992. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . New York: Castle Books, 1992. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magika</i> . Serbia: Esotheria, 1995. (Magike u teoriji i praksi) . | Sérvia | sérvio |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theorie und Praxis</i> . Germany: Phänomen-Verl.-Gitta-Peyn, 1996. | Alemanha | alemão |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick: Book Four (Liber ABA)</i> . New York: Weiser, 1997. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magiya v Teorii y Na Praktike</i> . Moskva (Moscow): LOKID-MIF, 1998. | Rússia | russo |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . UK: I-H-O Books, 1999. | Reino Unido | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick: Book Four (Liber ABA)</i> . New York: Weiser, 2008. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . USA: Martino Fine books, 2011. | E.U.A | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick: Livre quatre (Liber ABA)</i> . Bruxelles: ESH Éditions, 2013. | Bélgica | francês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . AU: Createspace, 2014. | Austrália | inglês |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . AU: Createspace, 2015. (última edição publicada) . | Austrália | inglês |

As edições supracitadas passaram por um processo de editoração no qual vale a pena ressaltar a diferença entre *publisher* e editor, ambos os termos tem como significado a pessoa que produz e publica a obra, porém o primeiro, em inglês, pode ser traduzido, também, como: editora,²⁰⁰ ou seja, o lugar onde ocorrem as etapas de editoração, que de acordo com Araújo (2008, p.54-61) pode ser definida como:

[...] o conjunto de tarefas do editor, que consistem basicamente em supervisionar a publicação de originais em todo o seu fluxo pré-industrial (seleção, normalização) e industrial (projeto gráfico, composição, revisão, impressão e acabamento). [...] A margem da atuação do editor, no sentido mais amplo, é proporcional à finalidade intrínseca do texto, de *qualquer* texto: a comunicação escrita, a mensagem visual de cada frase, de cada linha, de cada página. Em outras palavras, a principal tarefa do editor de texto em relação ao original consiste em veicular esse tipo de comunicação da maneira mais clara possível para o leitor.

Dentre as primeiras *publishers* de Crowley, sobretudo, no caso de *Magick in Theory and Practice*, estava a Lecram Press²⁰¹, a qual, na época, chamou “P.R. Stephensen, o diretor editorial da recentemente fundada Mandrake Press, em junho 1929.[...] Stephensen, um jovem australiano que tinha ido a Oxford [...]ele era, enfim, o editor ideal para Aleister Crowley.”(SUTIN, 2000, p. 344).²⁰² As demais primeiras principais editoras de *Magick* são: Peter Smith Pub Inc., Krishna Press, Samuel Weiser, responsável também pela publicação de *The Book of Lies*²⁰³, Dover, Arkana, Castle Books, *Magickal Childe* e Book Sales. *Magick*, teve também como editor Hymenaeus Beta em sua segunda edição revisada da Weiser, *Book 4* (1997), mantendo as edições da *Dover* (1976), em sua edição da Castle Books (1991).²⁰⁴

²⁰⁰ Ibid (2008, p. 58): “De qualquer forma, numa editora de livros, continua a ser chamar de *original* o texto que o autor entrega para publicação – e que será o texto-base a ser editado.”

²⁰¹SUTIN, 2000, p. 344-345.

²⁰² Original em inglês: “P.R. Stephensen, the editorial director of the newly founded Mandrake Press, in June 1929. [...]Stephensen, a young Australian who had gone to Oxford[...]he was in short, the ideal editor for Aleister Crowley.” (SUTIN, 2000, p. 344).

²⁰³ CROWLEY, Aleister. *The Book of Lies*. York Beach: Weiser, 1997.

²⁰⁴ Vide “Edições de *Magick in Theory and Practice* de Aleister Crowley” neste capítulo 4 da dissertação.

Crowley teve ainda seus principais biógrafos e editores, tais como John Symonds²⁰⁵ e Kenneth Grant que editaram uma das principais obras biográficas escrita pelo próprio Crowley *The Confessions of Aleister Crowley: An Autobiography*²⁰⁶ John Symonds escreveu ainda *The Great Beast – The Life and Magick of Aleister Crowley*.²⁰⁷

A recepção de *Magick* ocorreu de forma polêmica, quando Crowley foi comparado a Gilles²⁰⁸, lendário assassino de crianças, pelo fato de seu livro fazer alusão ao sacrifício com sangue, “A passagem em questão ocorre no capítulo 12, "Do Sacrifício Sangrento e Assuntos Cognatos", que analisa o significado do sangue humano e animal - e outros fluidos e substâncias corporais (o "Assunto Cognato") - no ritual mágico.”²⁰⁹ (SUTIN, 2000, p.347). Todavia, a conduta do mago é claramente defendida por um de seus editores Hymenaeus:

No começo deste capítulo, Crowley observou claramente que suas observações finais sobre sacrifício aludiam a um mistério que poderia ser mal interpretado. Mas uma boa porcentagem de leitores poderia ter sido contada por tomar suas observações literalmente, como provou ser o caso. Hymenaeus Beta observou que "Não há passagem nos escritos de Crowley com tantas advertências contra a má interpretação, mas nenhuma passagem foi usada contra Crowley com tanta frequência, na vida ou postumamente. [...] é o sacrifício sexual, 'sacrifício de si mesmo espiritualmente,' que é o tema sutilmente evelado do capítulo.”(SUTIN, 2000, p. 348).²¹⁰

²⁰⁵ Vide SUTIN, 2000, p. 349. / KACZYNSKI, Richard, 2010, p. 540-541.

²⁰⁶ CROWLEY, Aleister. *The Confessions of Aleister Crowley: An Autohagiography*. London: Arkana, 1989.

²⁰⁷ SYMONDS, John. *The Great Beast – The Life and Magick of Aleister Crowley*. Great Britain: Ed. Mayflower, 1973.

²⁰⁸ SUTIN, 2000, p. 347.

²⁰⁹ Original em inglês: “The passage in question occurs in Chapter 12, "Of the Bloody Sacrifice and Matters Cognate," which analyzes the significance of human and animal blood - and other bodily fluids and substances (the "Matters Cognate")-in magical ritual.” (SUTIN, 2000, p.347).

²¹⁰ Original em inglês: “At the outset of this chapter, Crowley had pointedly observed that his concluding remarks on sacrifice alluded to a mystery that might be misunderstood. But a goodly percentage of readers could have been counted on to take his remarks literally, as proved to be the case. Hymenaeus Beta has observed that "There is no passage in Crowley’s writings with as many warnings against misinterpretation, yet no passage has been used against Crowley as frequently, in life or posthumously.[...] it is sexual sacrifice, the 'sacrifice of oneself spiritually,' that is the thinly veiled subject of the chapter.” (SUTIN, 2000, p. 348).

Quanto à recepção do público, *Magick* teve pouco impacto imediato, porém, a declaração de Neuburg, ex-discípulo de Crowley, sobre a obra, fez com que a credibilidade do mago, como escritor, fosse enaltecida, assim como sua imagem que foi posta, de fato, no lugar de um mestre e conhecedor da Magia ^(k):

A emissão de *Magick* no verão de 1930 teve pouco impacto do público. Mas houve uma resposta notável. Victor Neuburg, discípulo mágico de Crowley e de grande amor pelos anos da pré-guerra, resenhou entusiasticamente o livro para o *The Sunday Referee* em outubro de 1930: "A realização do escritor é patente, ele é um mestre, de qualquer modo, da prosa; seu poder de expressão é tão perfeito quanto o de qualquer autor que eu tenha lido". Este julgamento de Neuburg, que causou um incômodo duradouro em relação ao seu ex-mestre, pode ser visto tanto como um exemplo de coragem intelectual e como um gesto de reconciliação tácita - à distância. (SUTIN, 2000, p. 350).²¹¹

Acerca do poema *Hymn to Pan* de Crowley, presente na epígrafe de *Magick*, foi publicado pela primeira vez na revista *Equinox* em 1919, traduzido por Pessoa para Hino a Pã, posteriormente publicado em 1931, na revista presença nº33 Julho-Outubro²¹² e recitado no funeral do Mestre Therion.²¹³ Quanto a sua aceitação, teve a priori sua autoria questionada por Gaspar Simões, com a hipótese de que poderia ser um dos heterônimos de Pessoa, todavia, o Poeta logo esclarece como sendo de Aleister Crowley, de acordo com Martines (1998, p.146-147):

Escrever-lhe hei mais longamente a propósito da poesia do Mestre Therion. É curiosíssima. Quero porém que me desvende o mistério. Não será o Mestre outro heterónimo? [...]O Mestre Therion não é heteronymo meu; é esse simplesmente o “nome supremo” do poeta, mago, astrólogo e “mysterio” inglez que em vulgar se chama (ou chamava) Aleister Crowley, que também se designava por “A Besta 666”.

Foi, portanto, bem aceito e inclusive elogiado por Simões, tendo dito que “[...] o poema é singularmente belo, digo-lhe sem sombra de hipocrisia. Você bem sabe que êle é belo e que eu sou sincero sempre[...]” (MARTINES, 1998, p.162). Anos mais tarde, *Hymn to Pan* teve seu auge na Missa Gnóstica do Funeral de Crowley em 1947, onde

²¹¹ Original em inglês: “The issuance of *Magick* in the summer of 1930 had little public impact. But there was one remarkable response. Victor Neuburg, Crowley’s magical disciple and great love of the prewar years, glowingly reviewed the book for *The Sunday Referee* in October 1930: “The writer’s accomplishment is patent; he is a master, at any rate, of prose; his power of expression is as near perfect as that of any author I have read.” This judgment by Neuburg, who bore a lasting unease toward his former master, may be seen both as an instance of intellectual courage and as a gesture of tacit reconciliation-at a distance.” (SUTIN, 2000, p.350).

²¹² Vide capítulo 1 desta dissertação.

²¹³ Vide capítulo 2 desta dissertação.

foi declamado justamente por ser um poema mágico e por esse motivo também consta na epígrafe de *Magick in Theory and Practice*, assim como, em sua tradução para o português, *Magia* ^(k) em Teoria e Prática, tendo a tradução do poema de Pessoa mantida.

Quanto às edições utilizadas para a tradução e edição de *Magick*, constam na seguinte tabela, em ordem cronológica de publicação, todas foram consultadas para que houvesse a tradução da obra do inglês para o português, editada e anotada:

| Edições de <i>Magick in Theory and Practice</i> | Detalhes: |
|---|---|
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . 1929. Reprint, New York: Dover, 1976. | Edição base em inglês, utilizada de forma central na tradução, a qual Pessoa possuía. |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magia(k) en Teoria y Practica</i> . Madrid: Luis Cárcamo editor, 1986. | Edição em espanhol, utilizada como parâmetro em casos como a tradução de <i>Magick</i> para <i>Magia</i> ^(k) . |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick in Theory and Practice</i> . New York: Castle Books, 1991. | Edição em inglês, similar à da Dover, 1976. |
| CROWLEY, Aleister. <i>Magick: Book Four (Liber ABA)</i> . New York: Weiser, 1997. | Edição em inglês, mais atual, editada, anotada e introduzida por Hymenaeus Beta. |

Foram utilizadas notas de rodapé, como técnica de diagramação, de acordo com as normas gráficas existentes, foram fundamentais para a exemplificação de insumos e diferenciação de termos e editores ao longo da tradução e edição. Segundo Araújo (2008, p. 96):

[...]Quando, a partir do século XVIII, abandonou-se o procedimento de colocar as glosas ou ‘notas’ (já então subtítulos ou apenas rubricas de índice) à margem do texto, seria tomada a técnica de diagramação dos incunábulo para localizar *na mesma página* temas particulares ou elucidaciones, necessariamente mais longos que um simples subtítulo ou rubrica. Desenvolveram-se, com isso, vários sistemas de remissivas ligadas às respectivas comissivas, o que persiste até hoje[...]

Ao longo da tradução foram utilizados os seguintes critérios quanto as notas de rodapé: “Asteriscos, repetidos em sequência de acordo com o número de remissões: *, **, ***, ou (*), (**), (***) e assim por diante [...] iniciando-se a sequência em cada página” (ARAÚJO, 2008, p. 96). Aparece dessa forma nas notas do editor de 2008 ”* N. do E. 2008 = [Al., “dor do mundo” ou melancolia pessimista.]”(CROWLEY, 1976) e também nas notas da editora desta edição “* N. do E. = Há um erro de digitação na

edição, ao invés de *completely* (completamente) aparece a palavra ‘competely’.”(Ibid., 1976). Os asteriscos, porém, não tiveram uma sequência na mesma página, foram, todavia, intercalados por “Números arábicos, sem dúvida o sistema mais utilizado, colocados em geral acima da letra, do sinal de pontuação: ¹, ², ³, ou (1), (2), (3), ambas as formas, em princípio, num corpo menor que o normal – quase sempre dois pontos abaixo” (ARAÚJO, 2008, p. 96). O primeiro critério foi utilizado:

² N. do A. = Esta substância não precisa ser concebida como o "material" no sentido bruto da ciência vitoriana; agora sabemos que fenômenos como os raios e emanações de substâncias radioativas ocupam uma posição intermediária. Por exemplo, a massa não é, como uma vez foi suposta, necessariamente impermeável para massa, e a própria matéria só pode ser interpretada em termos de movimento. Assim, como o "prana", pode-se supor um fenômeno no éter análogo ao isomerismo. Nós já sabemos de corpos quimicamente idênticos, cuja estrutura molecular torna um ativo, outro inativo, a certos reagentes. (CROWLEY, 1976).

Outro sistema possível é o da “Adaga (†), dupla adaga(‡), barras duplas (||), estrela(★), positura (¶) e outros signos, combinados na mesma página – sobretudo em livros ingleses - , numa sequência preestabelecida, de modo a não repetir nenhum deles, na mesma página” (ARAÚJO, 2008, p. 96). Tal critério foi encontrado nas notas de rodapé da edição de *Magick* (2008), assim como sequências de asteriscos. A seguir uma tabela com as notas e suas modificações de símbolos durante a tradução:

| Notas de rodapé <i>Magick</i> (2008) | Tradução Magia ^(k) |
|--|--|
| * [Lat., “Inflame in us, Therion, the fire of your love, and the flame of eternal devotion.”] p. 215 | * N. do E. 2008 = [Lat., “Tu me purificarás com hissopo, Ó Therion, e serei limpo; lavar-me-ás, e ficarei mais branco do que a neve.”] |
| † [Gr., “lyre” and “wand.”] p.161 | * N. do E. 2008 = [Gr., "lira" e "varinha."] |
| * It appears from the Magical Records of FRATER PERDURABO that He made this particular sacrifice on an average about 150 times every year between 1912 E.V. and 1928 E.V. Contrast J.-K. Huyman's <i>Là-Bas</i> , where a perverted form of Magic of an analogous order is described. p. 207 | ⁴ N. do A. = Consta nos registros mágicos de Frater Perdurabo que Ele fez esse sacrifício particular, em média cerca de 150 vezes a cada ano entre 1912 e.v e 1928 e.v. Contrasta J.K. Huyman's "Là-Bas", onde uma forma pervertida de Magia de uma ordem análoga é descrita. |
| ‡ [Lat., “third something.”] p.193 | * N. do E. 2008 = [Lat., “terceiro algo.”] |
| § [Crowley specifies self-sacrifice that does not result in serious injury or death; his remarks also have a sex-magical interpretation. He is advocating neither suicide nor ritual murder.] p. 207 | * N. do E. 2008 = [Crowley especifica auto sacrifício que não resulta em ferimentos graves ou morte; suas observações também têm uma interpretação mágica-sexual. Ele não defende suicídio nem assassinato ritual.] |

| | |
|---|---|
| <p>**This is the magical aspect of eating animal food, and its justification, or rather the reconciliation of the apparent contradiction between the carnivorous and humanitarian elements in the nature of <i>Homo Sapiens</i>. p. 202</p> | <p>³ N. do A. = Este é o aspecto mágico de comer alimentos de origem animal, e a sua justificação, ou melhor, a reconciliação da aparente contradição entre os carnívoros e elementos humanitários na natureza do <i>Homo Sapiens</i>.</p> |
|---|---|

É pertinente salientar sobre a combinação de sistemas de notas, para que haja um critério de organização, leva-se em consideração editores e autor de forma que acréscimos ou apontamentos acerca do texto sejam esclarecidos, mantendo a forma, conteúdo e pensamento do autor da obra em questão:

Posto que a nota constitui, *lato sensu*, um acréscimo ou adiantamento ao texto, pode apresentar-se, de acordo com os critérios do autor, em variadas formas e tamanhos. Em certos casos, o editor literário chega a programar uma determinada combinação de sistemas de notas à qual o autor se subordina, principalmente em séries ou coleções onde a normalização editorial deve exercer-se de maneira rígida. Salvo isso, é imprescindível levar-se em conta a orientação intelectual do autor[...] (ARAÚJO, 2008, p. 97).

Ao longo da tradução para o português, constam, portanto, as notas do Autor, Crowley, seguida das notas do Editor de 2008 e as notas do Editor [desta edição] traduzida, seguindo o seguinte formato ao longo das notas de rodapé de cada capítulo:²¹⁴(N. do A. = Nota do Autor./ N. do E. 2008 = Nota do Editor de 2008./ N. do E. = Nota do Editor [desta edição]).

Os acréscimos do autor, Crowley e editores foram de imensa valia para a obra, visto que detalhes pertinentes foram abordados, acerca de consultas a obras “¹ N. do A. = Equinócio I, VII, 5-9” (CROWLEY, 1976, p. 191).²¹⁵ Para um esclarecimento mais aprofundado sobre determinado tema ou palavra. De acordo com Crowley (1976, p. 177):

¹ N. do A. = A palavra é injustificavelmente universal. Não seria impraticável adotar esse método para operações como Magia^(k) Talismã. Por exemplo, pode-se consagrar e cobrar um Pantáculo pela comunicação com AIWAZ ao Escriba do LIVRO da LEI, o Mago que representa o Anjo, o Pantáculo sendo o Livro, e a pessoa a quem o Pantáculo destina-se a intervir, tendo a parte do Escriba.²¹⁶

²¹⁴ A edição de *Magick* (1991) foi consultada, mas não aparece com acréscimos de notas, visto que é idêntica a edição de (1929), reedição (1976).

²¹⁵ Original em inglês: “¹. Equinox I, VII, 5-9.” (CROWLEY, 1976, p. 191).

²¹⁶ Original em inglês: “The word is unwarrantably universal. It would not be impracticable to adopt this method to such operations as Talismanic Magick. For example, one might consecrate and charge a Pantacle by the communication by AIWAZ to the Scribe of the BOOK of the LAW, the Magician representing the Angel, the Pantacle being the Book, and the person on whom the Pantacle is intended to act taking the part of the Scribe.” (CROWLEY, 1976, p. 177).

As notas tradutórias do grego, latim, alemão e italiano, por Hymenaeus Beta, foram traduzidas pelo Editor de 2008 para o inglês e traduzidas pela editora desta edição para o português, e postas em N. do E. 2008 em rodapé. Vale ressaltar que a edição de *Magick* 1929, reedição de 1976, não havia tradução desses termos para o inglês. Pessoa também não traduz a introdução em grego do poema epígrafe Hino a Pã. A seguir a tabela da tradução em cada idioma:

| <i>Magick</i> (1929/1976) | Idioma | Tradução |
|---|-------------------|--|
| <p>“Hino a Pã “Ἔφριξ’ ἔρωτι περιλαρχῆς δ’ ἀνεπτόμαν lō lō pān pān ὦ pān pān ἀλλπλαγκτε, κυλλανίας χλονοκτύποl πετραίς ἀπὸ δειράδος Φάνηθ’, ὦ θεῶν χοροπόλ’ ἀναχ SÓF.AJ. * (CROWLEY, 1976, p. V).</p> | Grego | “*N. do E. 2008 = [<i>Gr.</i> , "Eu me emociono com arrebatamento, eu voo em asas de repentina alegria! O Pan, O Pan, aparece-nos, O Pan, vagueando sobre o mar, do íngreme cume de neve-batido Cyllene, rei que Fazer danças para os deuses ".]“ |
| <p>“Solvitur ambulando”(CROWLEY, 1976, p. 10).</p> | Latim | “* N. do E. 2008 = [<i>Lat.</i> , literalmente "é resolvido caminhando", isto é, na prática.]” |
| <p>“Weltschmerz” (CROWLEY, 1976, p. 91).</p> | Alemão | “* N. do E. 2008 = [<i>Al.</i> , “dor do mundo” ou melancolia pessimista.]” |
| <p>"Pesce"(CROWLEY, 1976, p. 49).</p> | Grego Italiano | “* N. do E. 2008 = [<i>Gr., It.</i> , “peixe.”]” |

Acerca da tradução do grego e as dificuldades do editor, desde a colocação das letras gregas de forma correta até a diferenciação de seus sons, de origem latina. Cada letra com a sua peculiaridade, detalhes que devem ser levados em consideração pelos editores de originais na hora de transpor tais palavras. De acordo com Araújo (2008, p. 171-172):

A dificuldade de editoração de simples termos gregos começa, para o preparador de originais, com a própria equivalência latina de certas letras de seu alfabeto[...]Além disso, o alfabeto grego possui *e* breve e um *e* longo (*ē*), um *o* breve e um *o* longo (*ō*), um *s* para maiúsculas e iniciais e mediais e outros *s* para as finais (todos, para felicidade dos editores de texto e tipógrafos, transliterados apenas pelo nosso *s*), e a dental *tau* (19ª letra), equivalente ao *t* português, que não se deve confundir com a dental surda *thēta* (oitava letra), transliterada *th*, pronunciada como em inglês.

No que concerne à tradução do latim, torna-se um pouco mais viável em se tratando da origem latina do português, todavia, vale ressaltar que a tradução foi feita para o inglês. Ao longo desse processo, fez-se necessário atentar-se aos detalhes dos ditongos e acento para a diferenciação dos vocábulos:

Uma vez que a língua portuguesa proveio do latim vulgar, pode-se dizer que o português é o próprio latim vulgar modificado, como, de resto, todas as línguas românicas. Contudo, não se pode esquecer que essas línguas constituem uma espécie de evolução do latim, que, por ser a ‘língua-mãe,’ guarda enorme importância, embora se registrem diferenças ponderáveis entre elas. Ao preparador de originais, pela frequência de termos, expressões e frases incorporadas à linguagem profissional e culta interessam sobremaneira os pontos em que se notam aquelas diferenças. E o latim apresenta várias discordâncias ortográficas em relação ao português[...] os ditongos *ae, oe* [...] a ausência de sinais diacríticos para indicar acentos; em casos especiais assinalam-se, contudo, as quantidades das vogais do latim clássico por meio do macrão (¯) e da braquia (ˇ), respectivamente para as longas e breves[...] (ARAÚJO, 2008, p. 173-174)

Quanto ao processo tradutório da língua alemã, essa de fato se assemelha mais ao inglês, e difere-se do português. Alguns detalhes devem ser notados ao traduzir, um acerca do sinal β e a questão da grafia de inicial maiúscula para todos os substantivos; o segundo caso ocorre no exemplo da tabela supracitada:

Embora a escrita em caracteres góticos tivesse sido utilizada durante séculos na Alemanha, considera-se aqui apenas a latina, de uso generalizado na atualidade. Registra-se ainda, contudo, em seu alfabeto, um duplo *s* representado pelo sinal β , que se segue a uma vogal longa, mas também encontrável no fim das palavras; por motivos gráficos, substitui-se normalmente esse sinal por *ss*: *Muβe* = *Musse* (ócio, lazer), assim como *Stravβ* = *Straus* (ramo de flores, ramalhete). [...] Na ortografia alemã[...] todos os substantivos, sem exceção, incluindo-se até os comuns, merecem o destaque da inicial maiúscula.[...] (Ibid., 2008, 175-176).

A tradução da língua italiana também tem seus miúdes, mesmo sendo a língua mais próxima do latim, passou por algumas reformas semelhantes ao português, no aspecto da grafia; porém, algumas regras de pronúncia ocorrem de forma diferenciada, a acentuação também se difere:

Para as línguas românicas, o italiano tem especial importância, pois, como elas, é o latim evoluído, mas, neste caso, na própria terra em que o latim nasceu e se desenvolveu. A língua culta constituiu-se à base do dialeto toscano (região de Florença), e sua ortografia estabeleceu-se em torno do século XIII, reformada no século XVI, quando se admitiram as letras *v* e *j* e se renunciou, como em português, à grafia etimológica grega (por exemplo, *ph* = *f*, *th* = *t*). Contudo apesar de óbvias semelhanças com a língua portuguesa, o editor de texto deve atentar para algumas peculiaridades da ortografia italiana, em especial nos casos seguintes: - tem apenas os acentos grave e agudo: *ché*, *virtù*. [...] - é facultativo o uso em homógrafos de mais de uma sílaba, com função diacrítica: *pèsca* (pêssego) e *pésca* (pesca), *dàno* (dão) e *danno* (perda, desgosto)[...] (Ibid., 2008, 178).

É pertinente esclarecer, após discorrer acerca da tradução do grego, latim, alemão e italiano para o inglês, que o texto das notas de rodapé foram, ainda, traduzidas

do inglês para o português pela editora desta edição de *Magick*; tradução feita de forma criteriosa, atentando aos seguintes detalhes da língua inglesa, *Ibid* (2008, p.174).

A mais difundida internacionalmente dentre as línguas modernas[...]uma particularidade ortográfica do inglês reside no uso das maiúsculas, além dos nomes próprios, o destaque da maiúscula inicial comparece também nos adjetivos gentílicos (*Greek, French*), exceto quando adquiriram um significado próprio e independente[...]nomes de meses (*October, February*) e dos dias da semana (*Saturday, Tuesday*); nos substantivos e adjetivos derivados de nomes de pessoas (*Marxism, Marxist*), além de palavras consideradas importantes, especialmente nos títulos (*Lord, Mister*, este abreviado *Mr.*)

Outro pormenor a ser pontuado é acerca da nota do editor = a N. do E. 2008 em defesa de Mestre Therion, que teria sido mal interpretado por seus detratores, sobre sacrifício humano: “* N. do E. 2008 = [Crowley especifica auto sacrifício que não resulta em ferimentos graves ou morte; suas observações também têm uma interpretação mágica-sexual. Ele não defende suicídio nem assassinato ritual.]” (CROWLEY, 2008, p. 207).²¹⁷ Há, ainda a explanação sobre a ordem dos capítulos de *Magick*, após o capítulo XIV, a sequência muda, e autor pula para o capítulo XVI (Parte I), volta, então ao capítulo XV, para depois inserir o XVI (Parte II), dando continuidade à sequência com o capítulo XVII e assim segue normalmente até o capítulo final XXI. Com a seguinte explicação do editor (2008): “A parte I do Capítulo XVI precede o Capítulo XV intencionalmente.” (CROWLEY, 2008, p.226.)²¹⁸

No que concerne a N. do E. = Nota do Editor [desta edição], houve o trabalho de corrigir erros de digitação e acrescentar os vocábulos escritos de forma correta em nota de rodapé. Tais equívocos ocorrem de variadas formas ao longo do texto, seja por erro do digitador ou equívoco de impressão, de acordo com Araújo (2008, p.191-192):

O trabalho de correção (*emendatio*), imprescindível para o estabelecimento de estemas ou mesmo de simples correspondência de afinidades com vistas à fixação de grupos de manuscritos estreitamente ‘aparentados’, consiste, em essência, na justa avaliação da crítica verbal, i.e., na verificação de erros ou no levantamento de conjecturas quando da impossibilidade absoluta de correção segura. Este último tipo de emenda, aliás, às vezes é muito difícil para o editor, que o encontra tanto nos manuscritos quanto, ao seu lado, no aqui e no agora, na cópia digitada de seu próprio original. O digitador, como o copista manuscrito, erra devido ao cansaço, à má compreensão de letras, ao desconhecimento de regras gramaticais, à separação defeituosa de sílabas, ao imperfeito entendimento de siglas e abreviaturas do manuscrito etc. Esses, contudo, são na maioria considerados *erros óbvios*, facilmente reconhecíveis.

²¹⁷ Original em inglês: “ †[Although Crowley intersperses cautions against literal interpretation of his remarks throughout this chapter, his detractors frequently cite this statement out of context to assert that he advocated literal human sacrifice, a practice he repudiated.]” (CROWLEY, 2008, p. 207).

²¹⁸ Original em inglês: “[Part I of Chapter XVI precedes Chapter XV intentionally.]”(CROWLEY, 2008, p.226).

Segue a tabela com as devidas correções por conta da editora desta edição de *Magick*. Tais erros ocorrem, sobretudo, pela troca de letra em uma palavra específica, palavra repetida ao lado da outra, falta de acentuação, troca da ordem de duas letras em uma palavra, omissão de uma letra, acréscimo de letra desnecessária, troca de classe de palavras e substituição equivocada de uma letra. Consta, também, na tabela o acréscimo de duas notas com a tradução de dois vocábulos do latim para o português:

| N. do E. = Nota do Editor [desta edição] |
|--|
| * N. do E. = Na edição do livro em inglês aparece a palavra “mammer” ao invés de “manner” forma ou maneira, a primeira se trata de um erro de grafia, tendo em vista que esta palavra é inexistente no idioma original. (CROWLEY, 1976, p.12). |
| * N. do E. = Há um erro de impressão, a palavra <i>that</i> (que) se repete. (CROWLEY, 1976, p.25). |
| * N. do E. = A palavra <i>He</i> aparece sem o acento, antes citada <i>Hé</i> . (CROWLEY, 1976, p.25). |
| * N. do E. = Erro de digitação, no lugar de <i>Science</i> (Ciência) aparece a palavra ‘Sicence’. (CROWLEY, 1976, p.62). |
| * N. do E. = Há um erro de digitação na edição, ao invés de <i>completely</i> (completamente) aparece a palavra ‘competely’. (CROWLEY, 1976, p.90). |
| * N. do E. = Erro de digitação na edição, <i>imprudently</i> aparece como ‘impudently’. (CROWLEY, 1976, p.97). |
| * N. do E. = Erro de digitação, <i>irreconcilably</i> , aparece como ‘irreconciliably’. (CROWLEY, 1976, p.100). |
| * N. do E. = Erro de digitação: “hinself”, forma correta: <i>himself</i> . (CROWLEY, 1976, p.116). |
| * N. do E. = No terceiro parágrafo da página 147 há um erro: <i>You may also try</i> (Você também pode tentar), é a forma correta e não: ‘Your’ may also try. (CROWLEY, 1976, p.147). |
| * N. do E. = No primeiro parágrafo, na última linha a palavra <i>the</i> se repete duas vezes. ‘the’ the Body Light[...].(CROWLEY, 1976, p.149). |
| * N. do E. = <i>Puella</i> [<i>Lat.</i> , “menina.”] (CROWLEY, 1976, p.160). |
| * N. do E. = <i>Daemon</i> [<i>Gr.</i> , “demônio.”] (CROWLEY, 1976, p.160). |
| * N. do E. = No segundo parágrafo, última linha, há um erro de digitação, ao invés de ‘copses’, a palavra seria <i>corpses</i> (cadáveres). (CROWLEY, 1976, p.199). |
| * N. do E. = Erro de digitação no último parágrafo, ao invés de THERION, aparece a palavra TUERION. (CROWLEY, 1976, p.202). |

Por fim, a correção de tais erros é de fundamental importância para esta edição, inédita, traduzida para a língua portuguesa: Magia ^(k) em Teoria e Prática, sendo, portanto, organizada, editada e anotada segundo todos os critérios citados nessa dissertação e embasada nas teorias e procedimentos de tradução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes nesses mundos, em existências de diversos graus de espiritualidade, sutilizando-se até chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Póde ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam creado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não[...] (PESSOA, 1998, p. 259).

O motivo propulsor da realização dos estudos acerca da relação entre Fernando Pessoa e Crowley, no âmbito da escrita e pormenores em comum, vem da suma importância que se tem em esclarecer fatos até então obscuros ou mal interpretados, seja no que concerne ao misticismo e magia até o estilo da escrita, no oculto que se encontra nas entrelinhas de suas obras, se Pessoa acredita em ordens de existência, em *Magick in Theory and Practice*, Crowley (1976, p. XVI) firma que:

Cada homem está mais ou menos consciente de que sua individualidade compreende várias ordens de existência, mesmo quando sustenta que seus princípios mais sutis são meramente sintomáticos das mudanças em seu veículo bruto. Pode-se presumir que uma ordem semelhante se estende por toda a natureza.¹

A figura de Crowley, muitas vezes deturpada por seus detratores, gerou um certo desconforto por parte dos estudiosos da área, salvo Jorge de Sena e Mauricio Matos, em associar à imagem de Pessoa, uma figura conhecida como o ‘Homem mais terrível do mundo’ ou a ‘Besta 666’ a de Fernando Pessoa, um símbolo para Portugal, bem como Camões. Todavia, as figura de ambos, através do estudo aprofundado resultando no desenvolvimento desta dissertação, são claramente associadas seja no que concerne a mestre, ou frater, como Pessoa tratava Crowley, e como este chamava o Poeta dos heterônimos, seja no que se refere à estética do fingimento em “The book of lies”, “O livro das mentiras” de Crowley, presente nos escritos de Pessoa: “O poeta é um fingidor /Finge tão completamente/Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.[...]” (PESSOA,1995, p. 235).

Outro fato emblemático, acerca da relação entre eles, foi o descobrimento de um erro por Pessoa no mapa astrológico de Crowley, levando a comunicação epistolar, com a culminância no encontro na Boca do Inferno e o suicídio fingido de Crowley, que gerou grande polêmica na época. No desenvolvimento da pesquisa, certificou-se a

¹ Original em inglês: “Every man is more or less aware that his individuality comprises several orders of existence, even when he maintains that his subtler principles are merely symptomatic of the changes in his gross vehicle. A similar order may be assumed to extend throughout nature. (CROWLEY, 1976, p. XVI).

qualidade das obras de Crowley, escritor frutífero, profundo conhecedor de Shakespeare aos escritos bíblicos, de família rígida e religiosa, frequentou a Cambridge e superou as limitações de uma Inglaterra vitoriana, em sua jornada de autoconhecimento, pesquisador daquilo que ia além do que era pregado pelos padrões sociais vigentes, enriquecendo a literatura do que temos hoje acerca da Magia, Misticismo, influente na música, por Beatles, Iron Maiden, Raul Seixas, tornou-se um mito, uma lenda.

Pessoa encontra-se no mesmo nível de Poeta com “P” maiúsculo, deixando um legado em vida e *post mortem*, representante da língua portuguesa, todavia, tão rico em seus escritos, que não se absteve em escrever apenas nesse idioma, mas também em francês e língua inglesa. Seus heterônimos revelam uma parte de si que ultrapassa aquilo que se chama de comum, com a auto-observação do agente das ações, o efeito místico e oculto de seus escritos ultrapassa o tempo, deixando assim o seu legado.

A tradução de Hino a Pã para a língua portuguesa é ponto chave, por se tratar de um poema de suma importância para Crowley e que consta na epígrafe de *Magick*, servindo de parâmetro para a descoberta do método mantenedor de traduzir de Pessoa, por meio dos procedimentos tradutórios, da equivalência semântica e estilística, de forma (total ou parcialmente equivalentes), diferentes níveis de apresentação (equivalentes no contexto, na semântica, na gramática, no léxico, etc.), classificações diversas (Palavra-por-palavra, frase-por-frase, sentença-por-sentença), palavras cognatas e neologismo.

A representação do processo tradutório, elaborada por Bell, serviu como base para a grande variante que surge ao traduzir, pela qual por vezes o tradutor passará de um método a outro. Nesta teoria o insumo (frase) ‘Língua-Fonte’ passa pelo ‘analisador sintático’, ‘representação semântica’, ‘organizador de ideias’, ‘planejador’ e filtradas no que pode ou não ser traduzido, gerando uma síntese tradutória na ‘Língua-Alvo’. Tendo por fim uma síntese de tudo o que foi filtrado da ‘língua fonte’ a ‘língua alvo’.

No decorrer do desenvolvimento da tradução de *Magick in Theory and Practice* para a língua portuguesa Magia^(k) em Teoria e Prática, editada e anotada, o processo foi totalmente embasado nos métodos e técnicas tradutórias, juntamente aos critérios Pessoaanos de traduzir, gerando o produto a partir desta dissertação, que oportunizará aos leitores de língua portuguesa que se interessam pelos estudos Pessoaanos e Crowleyanos a conhecerem a obra tão estimada por Crowley e lida por Pessoa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. Neologismo: criação lexical. São Paulo: Ática, 2007.
- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: Princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro e São Paulo: Lexikon e Fundação Editora da Unesp, 2008.
- BELL, Roger T. *Translation and Translating: Theory and Practice*. Great Britain: Longman, 1991.
- BELÉM, Victor. *O Mistério da Boca do Inferno: O encontro entre o Poeta Fernando Pessoa e o Mago Aleister Crowley*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, 1995.
- BRÉCHON, Robert. *Estranho Estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. Tradução de Maria Abreu e Pedro Tamen. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- CHURTON, Tobias. *Aleister Crowley the Biography: Spiritual Revolutionary, Romantic Explorer, Occult Master – and Spy*. London: Watkins Publishing, 2011.
- _____. *Aleister Crowley the Beast in Berlin: Art, Sex, and Magick in the Weimar Republic*. U.S.A: Inner Traditions, 2014.
- CLAYTON, Antony; LACHMAN, Gary; SHARP, Andy; TIBET, David. *Netherwood: Last Resort of Aleister Crowley*. London: Accumulator Press, 2012.
- CROWLEY, Aleister. *The Soul of Osiris: A History*. London: Kegan Paul, Trench, Trübner and Company, Ltd, 1901.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. Paris: Lecram Press, 1929.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. New York: Peter Smith Pub Inc, 1940.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. New York: Krishna Press, 1973.
- _____. *White Stains*. London: Duckworth, 1973.
- _____. *Magick*. New York: Samuel Weiser, 1974.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. 1929. Reprint, New York: Dover, 1976.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. York Beach, Maine: Samuel Weiser, Inc., 1983.
- _____. *Magia(k) en Teoria y Practica*. Madrid: Luis Cárcamo editor, 1986.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. London: Arkana / Weiser, 1989.
- _____. *The Confessions of Aleister Crowley: An Autohagiography*. London: Arkana, 1989.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. USA: Castle Books, 1991.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. New York: Castle Books, 1991.

- _____. *Magick in Theory and Practice*. New York: Magickal Child, 1991.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. USA: Book Sales, 1992.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. New York: Castle Books, 1992.
- _____. *The Winged Beetle – Facsim.ed.* USA: The Teitan Press, 1992.
- _____. *Magika*. Serbia: Esotheria, 1995.
- _____. *Magick in Theorie und Praxis*. Germany: Phänomen-Verl.-Gitta-Peyn, 1996.
- _____. *The Law is for All*. Tempe: New Falcon, 1996.
- _____. *Magick: Book Four (Liber ABA)*. New York: Weiser, 1997.
- _____. *The Book of Lies*. York Beach: Weiser, 1997.
- _____. *Magiya v Teorii y Na Praktike*. Moskva (Moscow): LOKID-MIF, 1998.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. UK: I-H-O Books, 1999.
- _____. *Magick: Book Four (Liber ABA)*. New York: Weiser, 2008.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. USA: Martino Fine books, 2011.
- _____. *Magick: Livre quatre (Liber ABA)*. Bruxelles: ESH Éditions, 2013.
- _____. *Poetry of Aleister Crowley*. Edited by Gary Bates. U.S.A: Paperback, 2013.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. AU: Createspace, 2014.
- _____. *Magick in Theory and Practice*. AU: Createspace, 2015.
- Edição Crítica de Pessoa V. Poemas Ingleses – Tomo II – INCM 1997 – Alexander Search Pág: 141-142 89 [77-69r e 70r]
- HENLEY, William Ernest. *A book of verses*. New York: Scribner, 1893.
- HEYSS, Johann. *Aleister Crowley: a biografia de uma mago*. São Paulo: Madras, 2010.
- KACZYNSKI, Richard. *Perdurabo: The Life of Aleister Crowley, the Definitive Biography of the Founder of Modern Magick*. Revised and Expanded Edition Berkeley, CA: North Atlantic Books, 2010.
- LARANJEIRA, Mário. *Poética da Tradução: do sentido à significância*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- MARTINES, Enrico. *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*: Edição crítica de Fernando Pessoa, vol. II:. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

MATOS, Mauricio. Investigação sobre a morte de Alberto Caeiro. In CAVALHEIRO, Juciane (org.). *Literatura, interfaces, fronteiras*. Manaus: UEA Edições, 2010.

_____. *Ao longo da ribeira: Estudos de Literatura Portuguesa 2000-2010*. Manaus: UEA Edições, 2015.

MORAIS, Flávia Costa. *Literatura vitoriana e educação moralizante*. São Paulo: Alínea, 2004.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola, 2011.

PATH, Howard Rollin. *El outro mundo en La Literatura Medieval*. México: FCE, 1983.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Edição preparada segundo o exemplar de 1934 corrigido pelo punho do poeta. Organização Cleonice Berardinelli e Mauricio Matos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PESSOA, Fernando; CROWLEY, Aleister (2010). *Encontro “Magick” seguido de A Boca do Inferno (novela policial)*. Compilação e considerações de Miguel Roza. Lisboa: Assírio & Alvim.

SANTOS, Agenor Soares dos. *Guia Prático de Tradução Inglesa: comparação semântica e estilística entre os cognatos de sentido diferente em inglês e português*. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

SENA, Jorge de. *Fernando Pessoa & Cia Heterónima. Estudos coligidos: 1940-1978*. Lisboa: Edições 70, 1984.

SHAKESPEARE, William. *The Tragedy of Richard the Third*. USA: Signet Classic, 1988.

SILVA, Pedro. *Templários em Portugal: a verdadeira história*. São Paulo: Ícone, 2005.

SUTIN, Lawrence. *Do What Thou Wilt: A Life of Aleister Crowley*. New York: St. Martin Press, 2000.

SYMONDS, John. *The Great Beast – The Life and Magick of Aleister Crowley*. Great Britain: Ed. Mayflower, 1973.

WILLIAMS, Joseph M. *Origins of the English Language: a social and linguistic history*. New York: The Free Press, 1975.

ZENITH, Richard. *Fernando Pessoa: escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

Sites:

PESSOA, Fernando. *Arquivo Pessoa: Poesias*. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995). - 235. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/4234>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

PESSOA, Fernando. *Arquivo Pessoa: Poesias*. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995). - 236.

Disponível em:<<http://arquivopessoa.net/textos/4250>>Acesso em 10 de janeiro de 2017.

Dicionário etimológico da mitologia grega. Disponível em:<http://demgol.units.it/pdf/demgol_pt.pdf> Acesso em 13 de janeiro de 2017.

PESSOA, Fernando. *Arquivo Pessoa: Poesias.* Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995). - 237. Disponível em:<<http://arquivopessoa.net/textos/4265>>Acesso em 13 de janeiro de 2017.

PESSOA, Fernando. *Arquivo Pessoa: Álvaro de Campos - Livro de Versos .* Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993. - 24a. Disponível em:<<http://arquivopessoa.net/textos/926>> Acesso em 13 de janeiro de 2017.

POE, Edgar Allan. *Poetry foundation: The raven. Living, Disappointment & Failure, Sorrow & Grieving, Mythology & Folklore, Ghosts & the Supernatural, Horror* Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/poems-and-poets/poems/detail/48860>> Acesso em 14 de janeiro de 2017.

POE, Edgar Allan. O corvo: Traduzido de The Raven, de Edgard Allan Poe, ritmicamente conforme com o original, por Fernando Pessoa Disponível em: <<https://www.insite.com.br/art/pessoa/coligidas/trad/921.php>>Acesso em 15 de janeiro de 2017.

ASSIS, Machado de. O corvo: Traduzido de The Raven, de Edgar Allan Poe. *Jornal de Poesia* Compilação. Disponível em:<<http://www.jornaldepoesia.jor.br/poemachado.html>>Acesso em 16 de janeiro de 2017.

PESSOA, Fernando. *Arquivo Pessoa: Poesias.* Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995). - 123. Disponível em:<<http://arquivopessoa.net/textos/130>>Acesso em 16 de janeiro de 2017.

PESSOA, Fernando. *Arquivo Pessoa: Poesias de Álvaro de Campos.* Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993). - 144. Disponível em:<<http://arquivopessoa.net/textos/2459>>Acesso em 16 de janeiro de 2017.

Dicionário de Latim: Dicionário online de palavras e expressões em Latim com significados e definições em Português. Disponível em:<<https://www.dicionariodelatim.com.br/>> Acesso em 17 de janeiro de 2017.

Como ler dicionários: Abreviaturas. Disponível em:<<https://palavradodia.com/como-ler-dicionarios-%E2%80%93-abreviaturas/>>Acesso em 17 de janeiro de 2017.

Reverso dicionário of Oxford tradução: dicionário português-inglês e inglês-português. Disponível em:<<http://dicionario.reverso.net/ingles-portugues/of%20Oxford>> Acesso em 17 de janeiro de 2017.

Cambridge dictionary: dicionário português-inglês e inglês-português. Disponível em:<<http://dictionary.cambridge.org/pt/>> Acesso em 18 de janeiro de 2017.

Linguee: dicionário português-inglês e inglês-português. Disponível em: <<http://www.linguee.com.br/>> Acesso em 19 de janeiro de 2017.

BibleGateway. Disponível em: <<https://www.biblegateway.com/>> Acesso em 20 de janeiro de 2017.

The Edgar Allan Poe Society of Baltimore. Disponível em: <<https://www.eapoe.org/>> Acesso em 20 de janeiro de 2017.

Poetry Foundation. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/>> Acesso em 20 de janeiro de 2017.

Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=9Pvx>> Acesso em 21 de janeiro de 2017.

Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=QVmE>> Acesso em 22 de janeiro de 2017.

Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=mago>> Acesso em 19 de junho de 2017.

Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bruxo>> Acesso em 19 de junho de 2017.

Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=YxaL>> Acesso em 19 de junho de 2017.

Espaço Místico. Disponível em: <<http://www.mistico.com/p/magia.html>> Acesso em 20 de junho de 2017.

Instituto cultural: Lux et Sapientia. Disponível em: <<http://www.icls.com.br/aula/tradicao-mistica-catolicismo-e-protestantismo/>> Acesso em 20 de junho de 2017.

Sociedade das Ciências antigas. Disponível em: <<http://www.sca.org.br/news/477/57/A-Cabala-Mistica.html>> Acesso em 20 de junho de 2017.

ANEXO

MAGIA^(K)
EM TEORIA E
PRÁTICA

MAGIA^(K)
EM TEORIA E PRÁTICA
DE
ALEISTER CROWLEY

DOVER PUBLICAÇÕES, INC.

NOVA IORQUE

Esta edição da Dover, publicada pela primeira vez em 1976, é
uma reedição completa e inalterada da
obra originalmente publicada em Londres em 1929.

Número do livro em Padrão Internacional: 0-486-23295-6
Número do Cartão de Catálogo da Biblioteca do Congresso: 75-30174

Fabricado nos Estados Unidos da América

Dover Publicações, Inc.

180 Varick Street

Nova Iorque, N.I. 10014

HINO A PÃ

“ἘΦριξ’ ἔρωτι περιλαρχῆς δ’ ἀνεπτόμαν
lò lò pàv pàv
ὦ pàv pàv ἀλπλαγκτε, κυλλανίας χλονοκτύποl
πετραίς ἀπὸ δειράδος Φάνηθ’, ὦ
θεῶν χοροπόλ’ ἄναχ

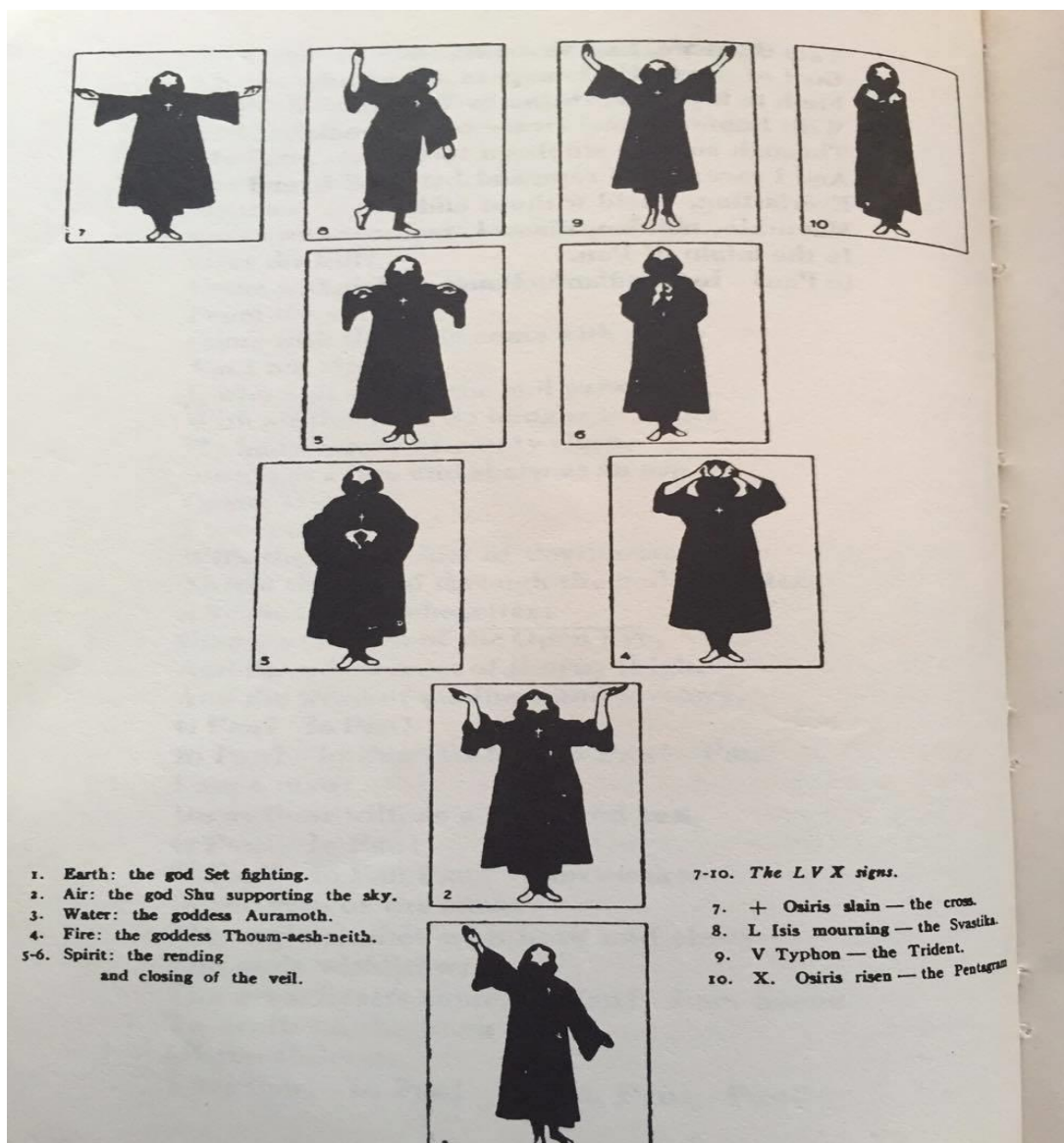
SÓF.AJ. *

**Vibra do cio subtil da luz,
Meu homem e afã!
Vem turbulento da noite a flux
De Pã! Iô Pã!
Iô Pã! Iô Pã! Do mar de além
Vem da Sicília e da Arcádia vem!
Vem como Baco, com fauno e fera
E ninfa e sátiro à tua beira,
Num asno lácteo, do mar sem fim
A mim, a mim!
Vem com Apolo, nupcial na brisa
(Pegureira e pitonisa),
Vem com Artémis, leve e estranha,
E a coxa branca, Deus lindo, banha
Ao luar do bosque, em marmóreo monte,
Manhã malhada da àmbrea fonte!
Mergulha o roxo da prece ardente
No ádito rubro, no laço quente,**

*N. do E. 2008 = [Gr., "Eu me emociono com arrebatamento, eu voo em asas de repentina alegria! O Pan, O Pan, aparece-nos, O Pan, vagueando sobre o mar, do íngreme cume de neve-batido Cyllene, rei que Fazer danças para os deuses ".]

A alma que aterra em olhos de azul
O ver errar teu capricho exul
No bosque enredo, nos nós que espalma
A árvore viva que é espírito e alma
E corpo e mente — do mar sem fim
(Iô Pã! Iô Pã!),
Diabo ou deus, vem a mim, a mim!
Meu homem e afã!
Vem com trombeta estridente e fina
Pela colina!
Vem com tambor a rufar à beira
Da primavera!
Com frautas e avenas vem sem conto!
Não estou eu pronto?
Eu, que espero e me estorço e luto
Com ar sem ramos onde não nutro
Meu corpo, lasso do abraço em vão,
Áspide aguda, forte leão –
Vem, está vazia
Minha carne, fria
Do cio sozinho da demonia.
À espada corta o que ata e dói,
Ó Tudo-Cria, Tudo-Destrói!
Dá-me o sinal do Olho Aberto,
E da coxa áspera o toque erecto,
E a palavra do Louco e do Secreto,
Ó Pã! Iô Pã!
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã Pã! Pã,
Sou homem e afã:
Faze o teu querer sem vontade vã,
Deus grande! Meu Pã!

**Io Pã! Iô Pã! Despertei na dobra
Do aperto da cobra.
A águia rasga com garra e fauce;
Os deuses vão-se;
As feras vêm. Iô Pã! A matado,
Vou no corno levado
Do Unicornado.
Sou Pã! Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã!
Sou teu, teu homem e teu afã,
Cabra das tuas, ouro, deus, clara
Carne em teu osso, flor na tua vara.
Com patas de aço os rochedos roço
De solstício severo a equinócio.
E raivo, e rasgo, e roussando fremo,
Sempiterno, mundo sem termo,
Homem, homúnculo, ménade, afã,
Na força de Pã.
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã!**



Fonte: CROWLEY, 1929, p. VIII.

1. Terra: o deus Set lutando.
2. Ar: o deus Shu apoiando o céu.
3. Água: a deusa Auramoth.
4. Fogo: a deusa Thoum-aesh-neith.
- 5-6. Espírito: o rasgar e o fechamento do véu.
- 7-10. Os sinais L V X.
7. + Osíris morto - a cruz.
8. L Isis de luto - o Svastika.
9. V Typhon - o Tridente.
10. X. Osíris ressuscitado - o Pentagrama.

INTRODUÇÃO

Ἔσσεαι ἀθάνατος θεός, ἄμβροτος, οὐκ ἔτι θνητός

Pitágoras.*

"A Magia é o conhecimento mais elevado, mais absoluto e mais divino da filosofia natural, avançado em suas obras e operações maravilhosas por uma compreensão correta da virtude interior e oculta das coisas, de modo que os verdadeiros Agentes sejam aplicados aos Pacientes apropriados, estranhos e admiráveis efeitos serão assim produzidos. Por isso, os magos são pesquisadores profundos e diligentes da Natureza, sabendo, por sua habilidade, antecipar um efeito, o qual ao vulgo parecerá um milagre."

A Goetia do Lemegeton do Rei Salomão.

"Onde quer que a magia simpática ocorra na sua forma pura não adulterada, presume-se que na natureza um evento segue outro necessariamente e invariavelmente sem a intervenção de qualquer agente espiritual ou pessoal.

Assim, a sua concepção fundamental de dano é idêntico à ciência moderna; subjacente a todo o sistema é uma fé, implícita, mas real e firme, na ordem da natureza e uniformidade. O mago não duvida que as mesmas causas produzem sempre os mesmos efeitos, que o desempenho da cerimônia adequada acompanhada pelo feitiço apropriado, irá inevitavelmente ser atendido com resultados desejados, a menos, certamente que seus encantamentos tenham a chance de serem frustrados e frustrar pelos encantos mais potentes do outro feiticeiro. Ele não suplica nenhum poder superior: ele não processa a favor de nenhum ser inconstante e desobediente: ele não se humilha diante de nenhuma divindade terrível. No entanto, o seu poder, grande como ele acredita que seja não é de forma arbitrária e ilimitado. Ele pode exercê-lo apenas estritamente em conformidade com as regras de sua arte, ou para o que podem ser chamadas as leis da natureza tais como concebidas por ele.

*N. do E. 2008 = [Gr., "You will be an immortal God, deathless, no longer mortal."]

Negligenciar estas regras, quebrar estas leis no menor detalhe é incorrer em falhas, e pode até mesmo expor o praticante inábil ao máximo perigo. Se ele reivindicar soberania sobre a natureza, é uma soberania constitucional rigorosamente limitada no seu âmbito e exercício em conformidade exata com o uso antigo. **Assim, a analogia entre o mágico e as concepções científicas do mundo é próxima. Em ambos a sucessão de eventos é perfeitamente regular e certa, sendo determinada por leis imutáveis, cujo funcionamento pode ser previsto e calculado com precisão;** os elementos de capricho, de azar, e de acidente são banidos do curso da natureza. Ambos abrem uma vista de possibilidades aparentemente sem limites a ele que sabe as causas das coisas e pode tocar as fontes secretas que põem em marcha o mecanismo vasto e intrincado do mundo. Por isso a forte atração que a magia e a ciência têm igualmente exercido sobre o ser humano; daí o estímulo poderoso que ambas têm dado à busca do conhecimento. Eles atraem o inquiridor cansado, o buscador com pés doloridos, no meio do deserto de decepção no presente por suas promessas infinitas do futuro: eles vão levá-lo até o topo de um monte muito alto e mostrar a ele, além das nuvens escuras e brumas rolando em seus pés, a visão da cidade celestial, muito longe, pode ser, mas radiante com esplendor sobrenatural, banhado à luz dos sonhos."

Dr. J. G. FRAZER, "O Ramo Dourado".

"Até agora, portanto, **como a profissão pública de magia tem sido um dos caminhos pelos quais os homens passaram ao poder supremo, tem contribuído para emancipar a humanidade da escravidão da tradição e para elevá-la a uma vida maior, mais livre, com uma visão mais ampla sobre o mundo. Isso não é pouco serviço prestado à humanidade.** E quando nos lembramos além disso que em outra direção a magia tem aberto o caminho para a ciência, somos forçados a admitir que se a arte negra fez muito mal, tem sido também a fonte de muito bem; que se ela é a criança do erro, **tem sido ainda a mãe da liberdade e da verdade.**"

Ibid.

"Prove todas as coisas; apegue-se àquilo que é bom."

São PAULO.

"Também os mantras e encantamentos, o obeah e o wanga, o trabalho da varinha e o trabalho da espada; estes hão de se ensinar e aprender.

"Ele deve ensinar; mas ele pode fazer severas as provações.

"A palavra da Lei é ΘΕΛΗΜΑ."

LIBER AL vol xxxi: O Livro da Lei.

Este livro é para

TODOS:

para todo homem, mulher e criança.

O meu antigo trabalho tem sido mal interpretado, e o seu âmbito limitado, pelo meu uso de termos técnicos. Ele tem atraído somente muitos diletantes e excêntricos, fracos que procuram na "Magia" uma fuga da realidade. Eu mesmo fui pela primeira vez conscientemente atraído para o assunto desta maneira. E tem repellido muitas mentes científicas e práticas, como eu agora concebido para influenciar.

Mas

MAGIA ^(k)

é para

TODOS.

Eu escrevi este livro para ajudar o Banqueiro, o Pugilista, o Biólogo, o Poeta, o Marinheiro, o Merceeiro, a Garota da Fábrica, o Matemático, o Taquígrafo, o Jogador de golfe, a Esposa, o Cônsul - e todo o resto - a realizar-se perfeitamente, cada um em sua própria função adequada.

Deixe-me explicar em poucas palavras como isso aconteceu que eu brasonei a palavra

MAGIA ^(k)

sobre a Bandeira que eu mal tenho suportado antes de mim toda a minha vida.

Antes de eu chegar a minha adolescência, eu já estava ciente de que eu era A BESTA cujo número é 666. Eu não entendia no mínimo o que aquilo implicava; era uma sensação apaixonante de êxtase de identidade.

No meu terceiro ano na Universidade de Cambridge, me dediquei conscientemente à Grande Obra, entendendo assim o Trabalho de se tornar um ser espiritual, livre das limitações, acidentes e enganos da existência material.

Encontrei-me na perda de um nome para designar o meu trabalho, assim como H. P. Blavatsky alguns anos antes. "Teosofia", "Espiritualismo", "Ocultismo", "Misticismo", todas as conotações indesejáveis envolvidas.

Por isso eu escolhi o nome.

“MAGIA^(k)”

essencialmente, assim como o sublime, e na verdade o mais desacreditado, de todos os termos disponíveis. Eu jurei reabilitar.

MAGIA^(k),

identificá-la com a minha própria carreira; e obrigar a humanidade a respeitar, amar e confiar naquilo que desprezaram, odiaram e temeram. Eu guardei a minha Palavra.

Mas chegou a hora de eu levar minha bandeira no meio da imprensa da vida humana. Eu tenho que fazer

MAGIA^(k)

o fator essencial na vida de

TODOS.

Ao apresentar este livro ao mundo, devo então explicar e justificar minha posição formulando uma definição de

MAGIA^(k)

e estabelecendo os seus principais princípios de forma que

TODOS

podem entender instantaneamente que suas almas, suas vidas, em cada relação com cada outro ser humano e cada circunstância, dependem da

MAGIA^(k)

e a compreensão e aplicação corretas da mesma.

I. *DEFINIÇÃO.*

MAGIA^(k)

é a Ciência e a Arte de fazer com que a Mudança ocorra em conformidade com a Vontade.*

***N. do E. 2008 = Num certo sentido, a Magia^(k) pode ser definida como o nome dado à Ciência pelo vulgar.**

(Ilustração: É minha Vontade informar o Mundo de certos fatos dentro do meu conhecimento, por isso tomo "armas mágicas", caneta, tinta e papel, escrevo "encantamentos" - essas frases - na "linguagem mágica" isto é que são entendidas pelas pessoas que desejo instruir, chamo "espíritos", como impressoras, editores, livreiros, e assim por diante, e os compilo a transmitir a minha mensagem para essas pessoas. A composição e distribuição deste livro é, portanto, um ato de

MAGIA^(k)

pela qual eu faço as Mudanças acontecerem de acordo com a minha Vontade¹⁾)

II. *POSTULADO.*

QUALQUER Modificação requerida pode ser efetuada pela aplicação do tipo e grau de Força apropriados na maneira apropriada através do meio apropriado para o objeto apropriado.

(Ilustração: Quero preparar uma pequena quantidade de Cloreto de Ouro. Devo tomar o tipo certo de ácido, nitro clorídrico e nenhum outro, em quantidade suficiente e de força adequada, e colocá-lo, em um vaso que não quebre, vaze ou corroa, de tal maneira que não produza resultados indesejáveis, com a quantidade necessária de Ouro: e assim por diante. Cada Mudança tem suas próprias condições.

No estado atual de nosso conhecimento e poder algumas mudanças não são possíveis na prática; não podemos causar eclipses, por exemplo, ou transformar chumbo em estanho, ou criar homens de cogumelos. Mas teoricamente é possível causar em qualquer objeto qualquer mudança de que esse objeto é capaz por natureza; e as condições são cobertas pelo postulado acima).

III. *TEOREMAS.*

(1) Todo ato intencional é um Ato Mágico.¹

(Ilustração: Veja "Definição" acima).

¹ N. do A. = Por "intencional" quero dizer "desejado". Mas mesmo atos não intencionais tão-parecidos não são verdadeiramente assim. Portanto, a respiração é um ato da Vontade de Viver.

¹ N. do A. = Num certo sentido, a Magia^(k) pode ser definida como o nome vulgar dado à Ciência.

(2) Cada ato bem sucedido conformou-se ao postulado.

(3) Cada falha prova que um ou mais requisitos do postulado não foram cumpridos.

(Ilustrações: Pode haver falha para entender o caso, como quando um médico faz um diagnóstico errado, e seu tratamento prejudica o seu paciente. Pode haver falta de aplicação do tipo certo de força, como quando um rude tenta romper uma luz elétrica. Pode haver falta de aplicar o grau certo de força, como quando um lutador tem sua espera quebrada. Pode haver falha para aplicar a força da maneira correta, como quando se apresenta um cheque na janela errada do Banco. Pode haver falta de empregar o meio correto, como quando Leonardo da Vinci encontrou sua obra-prima desaparecida. A força pode ser aplicada a um objeto inadequado, como quando se tenta quebrar uma pedra, pensando que é uma noz.)

(4) O primeiro requisito para provocar qualquer alteração é a compreensão qualitativa e quantitativa completa das condições.

(Ilustração: A causa mais comum de fracasso na vida é a ignorância da própria Vontade Verdadeira, ou dos meios pelos quais cumprir essa Vontade. Um homem pode se imaginar pintor e desperdiçar sua vida tentando se tornar um, ou ele pode ser realmente um pintor, e ainda não conseguir entender e medir as dificuldades peculiares a essa carreira.)

(5) O segundo requisito para causar qualquer mudança é a capacidade prática de pôr no movimento certo as forças necessárias.

(Ilustração: Um banqueiro pode ter uma compreensão perfeita de uma dada situação, mas falta a qualidade da decisão, ou os ativos, necessários para tirar proveito dela).

(6) "Todo homem e toda mulher é uma estrela". Ou seja, todo ser humano é intrinsecamente um indivíduo independente com seu próprio caráter e movimento próprio.

(7) Cada homem e cada mulher tem um curso, dependendo parcialmente do eu, e em parte, do ambiente que é natural e necessário para cada um. Qualquer um que for forçado em seu próprio curso, seja por não entender a si mesmo, ou por oposição externa, entra em conflito com a ordem do Universo, e sofre em conformidade.

(Ilustração: Um homem pode pensar que seu dever é atuar de uma certa maneira, por ter feito uma imagem extravagante de si mesmo, em vez de investigar sua natureza real. Por exemplo, uma mulher pode tornar-se miserável na vida, pensando que ela prefere o amor a uma consideração social, ou vice-versa. Uma mulher pode ficar com um marido antipático quando ela realmente seria feliz em um sótão com um amante, enquanto outro pode enganar-se em uma fuga romântica quando seus únicos prazeres verdadeiros são os de presidir as funções da moda. Novamente, o instinto de um menino pode dizer-lhe para ir ao mar, enquanto seus pais insistem que ele se torne um médico. Nesse caso, ele será infrutífero e infeliz na medicina.)*

(8) Um homem cuja vontade consciente está em desacordo com sua Verdadeira Vontade está desperdiçando sua força. Ele não pode esperar influenciar seu ambiente de forma eficiente.

(Ilustração: Quando a Guerra Civil se agita em uma nação, ela não está em condições de empreender a invasão de outros países. Um homem com câncer emprega seu alimento tanto para seu próprio uso quanto para o do inimigo que é parte de si mesmo. Não consegue resistir à pressão de seu meio ambiente. Na vida prática, um homem que está fazendo o que sua consciência lhe diz que está errado vai fazê-lo muito desajeitadamente. No início!)

(9) Um homem que está fazendo sua Verdadeira Vontade tem a inércia do Universo para ajudá-lo.

(Ilustração: O primeiro princípio do sucesso na evolução é o de que o indivíduo deve ser fiel à sua própria natureza e, ao mesmo tempo, adaptar-se ao seu ambiente).

(10) A natureza é um fenômeno contínuo, pois não sabemos em todos os casos como as coisas estão conectadas.

(Ilustração: A consciência humana depende das propriedades do protoplasma, cuja existência depende de inúmeras condições físicas peculiares a este planeta, e este planeta é determinado pelo equilíbrio mecânico de todo o universo da matéria. Podemos então dizer que a nossa consciência é causalmente conectada com as galáxias mais remotas, mas não sabemos nem como ela nasce das - ou com - as mudanças moleculares no cérebro.)

(11) A ciência nos permite tirar proveito da continuidade da Natureza pela aplicação empírica de certos princípios cuja interação envolve diferentes ordens de ideia conectadas entre si de uma forma além da nossa compreensão atual.

(Ilustração: Somos capazes de iluminar as cidades por métodos de regra, não sabemos o que é a consciência, nem como ela está conectada com a ação muscular, o que é a eletricidade ou como ela está conectada com as máquinas que a geram; Nossos métodos dependem de cálculos envolvendo ideias matemáticas que não têm correspondência no Universo como o conhecemos.¹⁾

(12) O homem ignora a natureza de seu próprio ser e poderes. Até mesmo sua ideia de suas limitações se baseia na experiência do passado, e cada passo em seu progresso estende seu império. Portanto, não há razão para atribuir limites teóricos ² ao que ele pode ser, ou ao que ele pode fazer.

(Ilustração: Há uma geração, supunha-se teoricamente impossível que o homem conhecesse a composição química das estrelas fixas, sabendo-se que os nossos sentidos estão adaptados para receber apenas uma fração infinitesimal das possíveis taxas de vibração. Os instrumentos modernos nos permitiram detectar alguns desses suprassensíveis por métodos indiretos e até mesmo usar suas qualidades peculiares ao serviço do homem, como no caso dos raios de Hertz e Röntgen. Como Tyndall disse, o homem pode a qualquer momento aprender a perceber e utilizar as vibrações de todos os tipos concebíveis e inconcebíveis. A questão da Magia^(k) é uma questão de descobrir e empregar forças até então desconhecidas na natureza. Sabemos que existem, e não podemos duvidar da possibilidade de instrumentos mentais ou físicos capazes de nos relacionar com elas.)

(13) Cada homem está mais ou menos consciente de que sua individualidade compreende várias ordens de existência, mesmo quando sustenta que seus princípios* mais sutis são meramente sintomáticos das mudanças em seu veículo bruto. Pode-se presumir que uma ordem semelhante se estende por toda a natureza.

(Ilustração: Não se confunde a dor da dor de dente com a decadência que a causa.

¹ N. do A. = Por exemplo, expressões "irracionais", "irreais" e "infinitas".

² N. do A. = Isto é, exceto - possivelmente - no caso de questões logicamente absurdas, como os Alunos que discutem em conexão com "Deus".

* N. do E. = A palavra "principles", princípios, aparece com erro de digitação: 'priciples', sem o 'n'.

Objetos inanimados são sensíveis a certas forças físicas, tais como condutividade elétrica e térmica; mas nem em nós nem neles - até onde sabemos - há qualquer percepção consciente direta dessas forças. Portanto, influências imperceptíveis estão associadas a todos os fenômenos materiais; e não há razão para que não devamos trabalhar sobre a matéria através dessas energias sutis como fazemos através de suas bases materiais. Na verdade, usamos a força magnética para mover o ferro e a radiação solar para reproduzir imagens.)

(14) O homem é capaz de ser e usar qualquer coisa que perceba, pois tudo que ele percebe é, em certo sentido, uma parte de seu ser. Ele pode assim subjugar todo o Universo do qual está consciente à sua Vontade individual.

(Ilustração: O homem usou a ideia de Deus para ditar sua conduta pessoal, para obter o poder sobre seus companheiros, para desculpar seus crimes e para inúmeros outros propósitos, incluindo o de se realizar como Deus. Ele usou as concepções irracionais e irrealis da matemática para ajudá-lo na construção de dispositivos mecânicos, ele usou sua força moral para influenciar as ações até dos animais selvagens, empregou gênio poético para fins políticos).

(15) Toda força no Universo é capaz de ser transformada em qualquer outro tipo de força usando meios adequados. Existe, portanto, um suprimento inesgotável de qualquer tipo particular de força que possamos precisar.

(Ilustração: O calor pode transformar-se em luz e poder usando-o para impulsionar dínamos. As vibrações do ar podem ser usadas para matar os homens, ordenando-os assim no discurso como para inflamar paixões semelhantes à guerra. As alucinações conectadas com as energias misteriosas de sexo resultam na perpetuação da espécie.

(16) A aplicação de uma determinada força afeta todas as ordens de existência que existem no objeto a que se aplica, qualquer uma das referidas ordens é diretamente afetada.

(Ilustração: Se eu golpear um homem com um punhal, sua consciência, e não apenas seu corpo, é afetada pelo meu ato, embora a adaga, como tal, não tenha nenhuma relação direta com ela. Da mesma forma, o poder de meu pensamento pode trabalhar na mente de outra pessoa para produzir mudanças físicas de longo alcance nela, ou em outros através dela.)

(17) Um homem pode aprender a usar qualquer força para servir a qualquer propósito, aproveitando os teoremas acima.

(Ilustração: Um homem pode usar uma navalha para se manter vigilante em seu discurso, usando-a para se cortar sempre que ele proferir uma palavra escolhida sem salvaguarda.* Ele pode servir o mesmo propósito, resolvendo que cada incidente de sua vida o lembrará de uma coisa em particular, fazendo de cada impressão o ponto de partida de uma série de pensamentos conexos que terminam nessa coisa, podendo também dedicar toda a sua energia a um determinado objeto, resolvendo não fazer nada em desacordo com ele e fazer com que cada ato se volte para a vantagem desse objeto.)

(18) Ele pode atrair para si mesmo qualquer força do Universo, fazendo-se um recipiente apropriado para isto, estabelecendo uma conexão com ele, e arranjando condições para que a natureza disto se compila e flua para ele.

(Ilustração: Se eu quero água pura para beber, eu cavo um poço em um lugar onde há água subterrânea, eu impeço isto de vaziar, e eu me organizo para tirar proveito da água de acordo com as leis da hidrostática para preenchê-lo.)

(19) O sentido do homem de si mesmo como separado e oposto ao Universo é um obstáculo para conduzir suas correntes. Isto o isola.

(Ilustração: Um líder popular é mais bem-sucedido quando se esquece de si mesmo, e se lembra apenas da "Causa". O egoísmo engendra ciúmes e cisma. Quando os órgãos do corpo afirmam sua presença de outra maneira que não seja pela satisfação silenciosa, é um sinal de eles estão doentes. A única exceção é o órgão de reprodução, mas mesmo neste caso a sua autoafirmação testemunha a sua insatisfação consigo mesmo, uma vez que não pode cumprir a sua função até ser completada pelo seu homólogo em outro organismo.)

(20) O homem só pode atrair e empregar as forças para as quais está realmente equipado.

(Ilustração: Quem nasceu pra vintém nunca chega a tostão. Um verdadeiro homem da ciência aprende com todos os fenômenos.

*N. do E. 2008 = [Ver "Liber III vel Jugorum, Apêndice VII, p.658.]

Mas a natureza é muda para o hipócrita, pois nela não há nada de falso.¹⁾

(21) Não há limite para a extensão das relações de qualquer homem com o Universo em essência; pois assim que o homem se faz a si mesmo com qualquer ideia, os meios de medida deixam de existir. Mas seu poder de utilizar essa força é limitado pelo seu poder mental e capacidade, e pelas circunstâncias de seu ambiente humano.

(Ilustração: Quando um homem se apaixona, o mundo inteiro torna-se, para ele, nada além de amor ilimitado e imanente, mas seu estado místico não é contagioso, seus companheiros são divertidos ou aborrecidos. Ele só pode estender a outros o efeito que seu amor teve sobre si mesmo por meio de suas qualidades mentais e físicas. Assim, Catulo, Dante e Swinburne fizeram de seu amor um poderoso motor da humanidade em virtude de seu poder de colocar seus pensamentos sobre o assunto em linguagem musical e eloquente. Novamente, Cleópatra e outras pessoas com autoridade moldaram a sorte de muitas outras pessoas ao permitir que o amor influenciasse suas ações políticas. O Mago, por mais que tenha conseguido entrar em contato com as fontes secretas de energia na natureza, só pode usá-las na extensão permitida por suas qualidades intelectuais e morais. A relação de Maomé com Gabriel só foi eficaz por causa de seu estado de espírito, de sua capacidade militar e da sublimidade de seu domínio do árabe. A descoberta de Hertz dos raios que agora usamos para a telegrafia sem fio era estéril até que fosse refletida através das mentes e vontades das pessoas que podiam tomar sua verdade e transmiti-la ao mundo da ação por meio de instrumentos mecânicos e econômicos.)

(22) Cada indivíduo é essencialmente suficiente para si mesmo. Mas ele não é satisfatório para si mesmo até que ele tenha se estabelecido em sua correta relação com o Universo.

(Ilustração: Um microscópio, por mais perfeito que seja, é inútil nas mãos de selvagens.

¹ N. do A. = Não é objeção que o hipócrita seja ele mesmo parte da Natureza. Ele é um produto "endotérmico", dividido contra si mesmo, com uma tendência a quebrar. Ele verá suas próprias qualidades em todos os lugares, e assim obtém um equívoco radical dos fenômenos. A maioria das religiões do passado falharam ao esperar que a Natureza se conformasse com seus ideais de conduta apropriada.

Um poeta, por mais sublime que seja, deve impor-se à sua geração, se quiser usufruir (e mesmo compreender) a si mesmo, como teoricamente deveria ser o caso.

(23) A Magia^(k) é a Ciência da compreensão de si mesmo e das condições da pessoa. É a Arte de aplicar esse entendimento na ação.

(Ilustração: Um clube de golfe é destinado a mover uma bola especial de uma maneira especial em circunstâncias especiais. Um Niblick raramente deve ser usado no alvo, ou um Brassie sob o banco de um obstáculo. Mas também, o uso de qualquer clube exige habilidade e experiência.)

(24) Todo homem tem um direito irrevogável de ser o que é.

(Ilustração: Insistir que qualquer outra pessoa deva cumprir os seus próprios padrões é indignar-se, não só a ela, mas a si mesmo, uma vez que ambas as partes são igualmente nascidas da necessidade).

(25) Todo homem deve fazer Magia^(k) cada vez que age ou até pensa, já que um pensamento é um ato interno o qual a influência afeta, em última instância, a ação, embora não possa fazê-lo naquele momento.

(Ilustração: O menor gesto provoca uma mudança no próprio corpo do homem e no ar em torno dele, perturba o equilíbrio de todo o Universo, e seus efeitos continuam eternamente em todo o espaço. Todo pensamento, embora rapidamente suprimido, tem seu efeito sobre a mente. Ele permanece como uma das causas de cada pensamento subsequente, e tende a influenciar cada ação subsequente. Um golfista pode perder alguns metros em sua unidade, um pouco mais em sua segunda e terceira, ele pode se posicionar nas verdes seis polegadas desprotegidas muito longe do buraco; mas o resultado líquido destes contratempos insignificantes é a diferença de um golpe inteiro, e assim provavelmente entre a redução pela metade e a perda do buraco.)

(26) Todo homem tem o direito, o direito da autopreservação, para se cumprir ao máximo.¹

(Ilustração: Uma função imperfeitamente realizada prejudica, não só a si mesma,

¹ N. do A. = Homens de "natureza criminosa" estão simplesmente em questão com suas verdadeiras Vontades. O assassino tem a Vontade de Viver; e sua vontade de assassinar é uma falsa vontade em desacordo com sua verdadeira Vontade, uma vez que arrisca a morte nas mãos da Sociedade, obedecendo a seu impulso criminoso.

mas tudo associado a ela. Se o coração tem medo de bater, por medo de perturbar o fígado, o fígado é privado de sangue, e vinga-se no coração, perturbando a digestão, que causa distúrbio na respiração, a qual o bem-estar cardíaco depende.

(27) Todo homem deve fazer da Magia^(k) a chave de sua vida. Ele deve aprender suas leis e viver por elas.

(Ilustração: O banqueiro deve descobrir o real significado de sua existência, o motivo real que o levou a escolher essa profissão. Ele deve entender o banco como um fator necessário para a existência econômica da humanidade, em vez de apenas como um negócio cujos objetos são independentes do bem-estar geral. Ele deve aprender a distinguir os falsos valores dos reais e a agir não em flutuações acidentais, mas em considerações de importância essencial. Tal banqueiro provará ser superior aos outros; porque ele não será um indivíduo limitado por coisas transitórias, mas uma força da Natureza, impessoal, imparcial e eterna como gravitação, tão paciente e irresistível quanto as marés. Seu sistema não estará sujeito ao pânico, assim como a lei dos Quadrados Inversos não é perturbada pelas Eleições. Ele não se preocupará com seus negócios, porque eles não serão dele; e por essa razão ele será capaz de dirigi-los com a confiança calma e clara de um espectador, com inteligência desanuviada por egoísmo e poder ilimitado por paixão.)

(28) Todo homem tem o direito de cumprir sua própria vontade sem temer que possa interferir na dos outros; pois se ele está no seu devido lugar, é culpa dos outros se eles se interferem na sua.

Se um homem como Napoleão fosse designado pelo destino para controlar a Europa, ele não deveria ser culpado pelo exercício de seus direitos, opor-se a ele seria um erro, qualquer um que assim fizesse teria cometido um erro quanto ao seu próprio destino, exceto na medida em que pode ser necessário para ele aprender as lições da derrota. O sol se move no espaço sem interferência. A ordem da natureza fornece uma órbita para cada estrela. Um choque prova que um ou outro se desviou do seu curso. Mas, quanto a cada homem que mantém o seu verdadeiro curso, quanto mais firme ele age, menos provável é que os outros se interponham no seu caminho. O seu exemplo os ajudará a encontrar os seus próprios caminhos e a persegui-los.

Todo homem que se torna Mago ajuda os outros a fazer o mesmo. Quanto mais firme e seguramente se movem os homens, e quanto mais tal ação for aceita como padrão de moralidade, menos conflito e confusão prejudicará a humanidade.)

Espero que os princípios acima demonstrem a

TODOS

que seu bem-estar, sua própria existência, está ligada à

MAGIA^(k).

Espero que compreendam não só a razoabilidade, mas a necessidade da verdade fundamental a qual eu fui o meio para dar à humanidade:

“Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei.”

Eu confio que eles se afirmarão como individualmente absolutos, que compreenderão o fato de que é o seu direito se afirmarem e cumprirem a tarefa pela qual sua natureza se encaixa. Mais ainda, que este é o seu dever, e que não só para si, mas para os outros, um dever fundado sobre a necessidade universal, e não para ser fugido por causa de circunstâncias ocasionais do momento que pode parecer colocar essa conduta na luz da inconveniência ou mesmo da crueldade.

Espero que os princípios esboçados acima os ajudem a compreender este livro e evite que sejam dissuadidos de seu estudo pela linguagem mais ou menos técnica em que está escrito.

A essência da

MAGIA^(k)

é bastante simples em toda a consciência. Não é diferente da arte do governo. O Objetivo é simplesmente prosperidade; mas a teoria está emaranhada, e a prática assediada com espinhos.

Da mesma maneira que a

MAGIA^(k)

é meramente ser e fazer. Devo acrescentar: "sofrer". Para Magia^(k) é o verbo; e faz parte

do Treinamento usar a voz passiva. Esta é, no entanto, uma questão de Iniciação e não de Magia^(k) no seu sentido comum. Não é culpa minha se ser é desconcertante e desesperador!

No entanto, uma vez que os princípios acima estão firmemente fixados na mente, é fácil resumir a situação muito em breve. É preciso descobrir por si mesmo, e certificar-se além da dúvida, *quem é, o que é, por que é*. Isto feito, pode-se pôr a Vontade que está implícita no "Porquê" em palavras, ou melhor, em Uma Palavra. Sendo, assim, consciente do bom curso a seguir, o próximo passo é compreender as condições necessárias para segui-lo. Depois disso, deve-se eliminar de si mesmo todo elemento alheio ou hostil ao sucesso, e desenvolver aquelas partes de si mesmo que são especialmente necessárias para controlar as condições acima mencionadas.

Façamos uma analogia. Uma nação deve tomar consciência de seu próprio caráter antes que se possa dizer que ela existe. A partir desse conhecimento, deve adivinhar o seu destino. Deve então considerar as condições políticas do mundo; como outros países podem ajudá-la ou dificultá-la. Deve então destruir em si quaisquer elementos discordantes com seu destino. Por último, deve desenvolver em si as qualidades que lhe permitam combater com êxito as condições externas que ameaçam opor-se à sua finalidade. Tivemos um exemplo recente no caso do jovem Império Alemão, que, conhecendo a si mesmo e sua vontade, se disciplinou e se treinou para conquistar os vizinhos que o oprimiam por tantos séculos. Mas depois de 1866 e 1870, 1914! Enganou-se por sobre-humano, desejou uma coisa impossível, não conseguiu eliminar seus próprios ciúmes internos, não conseguiu entender as condições da vitória, não se treinou para segurar o mar, e assim, violando todos os princípios da

MAGIA^(k),

ela foi derrubada e dividida em pedaços pelo provincianismo e pela democracia, de modo que nem a excelência individual nem a virtude cívica ainda têm aproveitado para

¹ N. do A. = Pelo menos, permitiu à Inglaterra descobrir suas intenções, e assim reunir o mundo contra ele.

elevá-la novamente àquela unidade majestosa que fez uma oferta tão ousada para o domínio da raça humana.

O estudante sincero descobrirá, por trás dos tecnicismos simbólicos deste livro, um método prático de se tornar um Mago. Os processos descritos permitir-lhe-ão discriminar entre o que ele é realmente, e o que ele se imaginou carinhosamente ser.² Ele deve contemplar sua alma em toda a sua nudez terrível, não deve temer olhar para aquela realidade assustadora. Ele deve descartar as vestes chocantes com que sua vergonha o rastreou; ele deve aceitar o fato de que nada pode fazê-lo algo a não ser o que ele é. Pode mentir para si mesmo, drogar-se, esconder-se; mas ele está sempre lá. A Magia^(k) vai ensiná-lo que sua mente está interpretando-o como traidor. É como se um homem fosse informado de que as roupas de moda dos alfaiates eram o cânone da beleza humana, de modo que ele tentou tornar-se informe e sem características como eles, e estremeceu de horror com a ideia de Holbein fizesse um retrato dele. A Magia^(k) lhe mostrará a beleza e majestade do eu que ele tentou suprimir e disfarçar.

² N. do A. = O professor Sigmund Freud e sua escola têm, nos últimos anos, descoberto uma parte deste corpo da Verdade, que tem sido ensinado por muitos séculos nos Santuários da Iniciação. Mas o fracasso em compreender a plenitude da Verdade, especialmente aquela implícita em meu Sexto Teorema (acima) e seus corolários, levou ele e seus seguidores ao erro de admitir que o "Censor" declaradamente suicida é o árbitro apropriado da conduta. A psicanálise oficial está, portanto, empenhada em defender uma fraude, embora a base da ciência fosse a observação dos efeitos desastrosos sobre o indivíduo de ser falso ao seu Eu Inconsciente, cuja "escrita na parede" na linguagem onírica é o registro da soma das tendências essenciais da verdadeira natureza do indivíduo. O resultado foi que os psicanalistas mal interpretaram a vida e anunciaram o absurdo de que todo ser humano é essencialmente um animal antissocial, criminoso e insano. É evidente que os erros do inconsciente de que os psicanalistas se queixam não são nem mais nem menos do que o "pecado original" dos teólogos que desprezam tão calorosamente.

Tendo descoberto sua identidade, logo perceberá seu propósito. Outro processo irá mostrar-lhe como fazer esse propósito puro e poderoso. Ele pode então aprender a estimar seu ambiente, aprender como fazer aliados, como se fazer prevalecer contra todos os poderes cujo erro os levou a vagar pelo seu caminho.

No decorrer desta Formação, ele aprenderá a explorar os Mistérios Ocultos da Natureza e a desenvolver em si mesmo novos sentidos e faculdades, através dos quais poderá comunicar e controlar, Seres e Forças pertencentes a ordens de existência até então inacessíveis à pesquisa profana, e disponíveis somente a essa não científica e empírica

MAGIA ^(k)

(da tradição) a qual vim destruir para que eu possa realizar.

Eu envio este livro para o mundo, para que cada homem e cada mulher possam tomar conta da vida da maneira correta. Não importa se a presente casa de carne seja a cabana de um pastor; em virtude da minha

MAGIA ^(k)

Ele será um pastor como Davi. Se for o estúdio de um escultor, ele deve esboçar-se no mármore que esconde sua ideia de que ele não será menos um mestre do que Rodin.

Testemunhe a minha mão:

PARA META ΘHPION (תריון): A Besta 666; MAGUS 9° = 2° A.A. que é a Palavra do Aeon THELEMA; cujo nome é chamado V.V.V.V.V. 8° = 3° A.A. na Cidade das Pirâmides; OU MH 7° = 4°; OL SONUF VAORESAGI 6° = 5°, e 5° = 6° A.A. na Montanha de Abiegnus: mas FRATER PERDURABO na Ordem Externa ou na A.A e no Mundo dos homens sobre a Terra, Aleister Crowley da Trinity College, Cambridge.

CONTEÚDO

- (Esta parte do Livro deve ser estudada em conexão com suas Partes I e II.)
- 0 A Teoria Mágica do Universo.
 - I Os Princípios do Ritual.
 - II As Fórmulas das Armas Elementares.
 - III A Fórmula do Tetragrammaton.
 - IV A Fórmula de Alhim: igualmente a de Alim.
 - V A Fórmula do I.A.O.
 - VI A Fórmula do Neófito.
 - VII A Fórmula do Santo Graal, Abrahadabra, e de Outras Certas Palavras; com algumas Observações sobre a Memória Mágica.
 - VIII Do Equilíbrio: e o Método Geral e Particular de Preparação do Mobiliário do Templo e dos Instrumentos de Arte.
 - IX Do Silêncio e Secretismo: e os Nomes Bárbaros de Evocação.
 - X Dos Gestos.
 - XI De Nossa Senhora Babalon e a Besta na qual ela cavalga: também sobre Transformações.
 - XII Do Sacrifício Sangrento e Assuntos Cognatos.
 - XIII Dos Banimentos, e das Purificações.
 - XIV Das Consagrações: com um Relato da Natureza e Criação do Elo Mágico.
 - XVI (I) Do Juramento.
 - XV Da Invocação.
 - XVI(2) Da Carga ao Espírito: com Relato dos Condicionamentos e Maldições ocasionalmente necessários.
 - XVII Da Licença para Partir.
 - XVIII Da Clarividência: e do Corpo de Luz, seus Poderes e seus Desenvolvimentos. Também sobre as Adivinhações.
 - XIX Dos Rituais Dramáticos.
 - XX Da Eucaristia: e da Arte da Alquimia.
 - XXI Sobre Magia^(k) Negra: os Principais Tipos de Operações da Arte Mágica: e os Poderes da Esfinge.

Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei

CAPÍTULO 0

A TEORIA MÁGICA DO UNIVERSO

Existem três teorias principais sobre o universo: Dualismo, Monismo e Nilismo. É impossível entrar numa discussão acerca de seus relativos méritos em um manual popular deste tipo. Elas devem ser estudadas em “História da Filosofia” de Erdmann e tratados similares.

Todos estão reconciliados e unidos na teoria que vamos estabelecer agora. A base da Harmonia é dada em “*Berashith*” de Crowley – onde são feitas referências.

O espaço infinito é chamado de deusa NUIT, enquanto que o ponto infinitamente pequeno e atômico ainda onipresente é chamado HADIT. ¹ Estes não se manifestam. Uma conjunção desses infinitos é chamada RA-HOOR-KHUIT, ² a **Unidade que inclui e conduz todas as coisas.** (Existe ainda uma Natureza particular Dele, em certas condições, como foi obtido desde a primavera de 1904, e.v.) Esta profunda concepção mística

¹ N. do A. = Apresento esta teoria de forma muito simples. Não posso nem mesmo explicar (por exemplo) que uma ideia não deva se referir ao Ser em sua totalidade, mas ao que virá a ser.

² N. do A. = Mais corretamente, HERU-RA-HÁ, incluir HOOR-PAAR-KRAAT.

³ N. do A. = A base desta teologia é dada em Liber CCXX, AL vel Legis inserida na parte IV do Livro 4. Logo, este tema será esboçado de forma superficial; isto requer um tratado a parte para que se possa discutir o verdadeiro significado dos termos empregados, e mostrar como o Livro da Lei antecipa as recentes descobertas de Frege, Cantor, Poincaré, Russell, Whitehead, Einstein e outros.

é baseada em consequência de experiências espirituais, todavia a razão¹ treinada pode chegar a uma reflexão dessa ideia pelo método da contradição lógica na qual a razão transcende-se. O leitor deve consultar “O Soldado e o Corcunda”^{*} em Equinócio I,I, “*Konx Om Pax*” (Luz em extensão).

Unidade transcende *consciência*. Está acima de toda divisão. O Pai do pensamento – a Palavra – é chamado Caos – a díade. O número Três, a Mãe, é chamada Babalon. Em conexão com o leitor, deve ser estudado “O Templo de Salomão o Rei” em Equinócio I, V e Liber 418.

Esta primeira tríade é essencialmente unidade, de forma que transcende a razão. A compreensão desta Trindade é uma questão de experiência espiritual. **Todos os verdadeiros deuses são atribuídos a esta Trindade.**²

Um imensurável abismo divide isso de todas as manifestações da Razão ou do homem de qualidade inferior. Na análise final da Razão, encontramos toda razão identificada com esse abismo. No entanto, esse abismo é a coroa da mente. Faculdades puramente intelectuais são obtidas aqui. Esse abismo não tem número, pois nele tudo é confusão.

Abaixo desse abismo encontramos as qualidades morais do Homem, das quais existem seis. A mais alta é simbolizada pelo número Quatro. Sua natureza e paternal³; Misericórdia e Autoridade são os atributos desta dignidade.

O número Cinco é o equilíbrio contrário. Os atributos do Cinco são Energia e Justiça. Quatro e Cinco são novamente combinados e harmonizados no número Seis, do qual a natureza é beleza e harmonia, mortalidade e imortalidade.

No número Sete a natureza feminina é novamente predominante,

^{*} N. do E. 2008 = Em Equinócio I(1).

¹ N. do A. = **Todo avanço para entender exige a aquisição de um novo ponto de vista. Concepções modernas de matemática, química e física são puro paradoxo para o “homem simples” que pensa na Questão como algo que pode ser batido de frente.**

² N. do A. = **Considerações da Trindade Cristã são de natureza adequada somente aos Iniciados do IXº da O.T.O., sendo o segredo final de toda a Magia^(k) prática.**

³ N. do A. = **Cada concepção é, entretanto, equilibrada em si mesma. Quatro é também Daleth, a letra de Vênus; então essa ideia-mãe é incluída. Novamente a Sephira do 4 é Chesed a que se refere à Água. 4 é regido por Júpiter, Senhor do Relâmpago (Fogo) e ainda governante do Ar. Cada Sephira é completa à sua maneira.**

todavia este é o tipo masculino do feminino, a Amazona, que é equilibrada no número Oito pelo tipo feminino do masculino.

No número Nove alcançamos a última qualidade puramente mental. Nele se identifica a mudança com estabilidade.

Suspensão a este sistema de seis vezes está o número Dez que inclui toda a matéria como a conhecemos através dos sentidos.

É impossível explicar aqui meticulosamente a concepção completa; por esta não ser claramente entendida que esta é a *classificação* do Universo, pois não há nada que não seja compreendido nela.

O Artigo na Cabala, Vol. I, No. V do Equinócio é o melhor que já foi escrito sobre o assunto. Este deve ser estudado afundo, em conexão com o Diagrama Cabalístico em Nos. II e III: “O Templo de Salomão o Rei”.*

Assim é o esboço superficial e elementar deste sistema.

A fórmula do *Tetragrammaton* é a mais importante para os praticantes de magia. Aqui Yod = 2, Hé = 3, Vau = 4 até 9, Hé final = 10.

O Número Dois representa Yod, o Mundo Divino ou Arquétipo e o Número Um é atingido somente pela destruição de Deus e do Mago no Samadhi. O mundo dos Anjos está abaixo dos números Quatro até Nove, e aquele dos espíritos abaixo

* N. do E. 2008 = Ver também o Apêndice V, Figs. 22a-e, p.p.542-547, para a *Árvore da Vida* e suas atribuições.

¹ N. do A. = O equilíbrio da Sefiroth:

Kether (1) “Kether está em Malkuth, e Malkuth está em Kether, mas depois de outra maneira.”

Chokmah (2) é Yod do Tetragrammaton e portanto também Unidade.

Binah (3) é Hé do Tetragrammaton e portanto “O Imperador.”

Chesed (4) é Daleth, Vênus o feminino.

Geburah (5) é Sefira de Marte, o Masculino.

Tiphereth (6) é o Hexagrama, harmonizador e mediador entre Kether e Malkuth. Também é reflexo de Kether. “O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima.”

Netzach (7) e **Hod** (8) equilibrado como no texto.

Jesod (9) veja o texto.

Malkuth (10) contém todos os números.

do número Dez.¹ Todos esses números são, claro, partes do próprio mago considerado como o microcosmos. **O microcosmos é uma imagem exata do Macrocosmos: O Grande Trabalho é a elevação do homem como um todo em perfeito equilíbrio com o poder do Infinito.**

O leitor irá observar que toda crítica dirigida contra a Hierarquia Mágica é inútil. Não se pode chama-la de incorreta – por outro lado pode ter sido de certa forma inconveniente. Da mesma maneira, não se pode dizer que o alfabeto Romano é melhor ou pior do que o Grego, uma vez que todos os sons necessários podem ser mais ou menos satisfatoriamente representados por um ou outro; além disso, ambos os alfabetos foram pouco satisfatórios quando se tornaram uma tentativa de expressar as linguagens Orientais, tendo que ser expandidos pelo uso do itálico e de outros sinais diacríticos. Desta forma, o alfabeto mágico de Sephiroth e os Paths (trinta e duas cartas por assim dizer) foi expandido para os quatro mundos correspondendo às quatro letras do nome (**16ª linha do segundo parágrafo**); e cada Sephira deve conter uma Árvore da Vida dela própria. Portanto, obtivemos quatrocentas Sepiroths em vez das dez originais, e os Paths foram capazes de se multiplicar de forma semelhante, mas em vez de subdivisão, o número é ainda prorrogado. É claro que esse processo deve ser indefinidamente continuado sem a destruição do sistema original.

A apologia para esse Sistema é que nossas mais puras concepções

⁽¹⁾ N. do A. = Não é possível dar um relato completo dos vinte e dois “caminhos” neste esboço condensado. Estes devem ser estudados levando em conta todos os seus atributos em 777, todavia mais especialmente aqueles atribuídos aos planetas, elementos e sinais, assim como também para os Trunfos do Tarot, enquanto suas posições na Árvore em si e das ligações entre uma Sephiroth particular juntando-se para formar a chave final de todo o seu entendimento. Será notado que cada capítulo deste livro é atribuído a uma delas. Isto não foi intencional. O livro foi originalmente mais uma coleção de diálogos casuais entre Fra. P. e Soror A.; todavia no intuito de organizar a MSS, caíram na necessidade desta divisão. Reciprocamente, meu conhecimento do esquema aponta numerosas lacunas sobre o que foi exposto inicialmente; graças a isso, fui capaz de fazer um tratado completo e sistemático. Isto é, quando minha preguiça foi estimulada pelas críticas e sugestões de vários colegas aos quais apresentei os primeiros rascunhos.

são simbolizadas na Matemática. “Deus é o Grande Aritmético.” “Deus é o Grande Geómetra.” É melhor, portanto, se preparar para capturá-Lo pela formulação de nossas mentes de acordo com estas medidas.¹

Para retornar, cada letra deste alfabeto deve ter seu sigilo mágico especial. O postulante não deve esperar que sejam dadas definições detalhadas sobre o significado de todas elas. Pelo contrário, será necessário ir em busca, colocando toda a sua capacidade mental e moral para tapar esses buracos de pombo. Não se deve esperar ser capaz de comprar um armário de arquivos com nomes de todos os seus correspondentes do passado, presente e futuro pronto e indexado: seu acervo tem um sistema de letras e números sem sentido em si, mas pronto para assumir um significado para você, da forma como você os preencher. Ao longo do processo, cada letra e número deve receber novas adesões de significado, adotando este arranjo ordenado será possível uma compreensão muito mais abrangente do que de outra forma. **Através da utilização deste sistema o mago se torna capaz, finalmente, de unificar todo o seu conhecimento – de transmutar mesmo no Plano Intelectual, os muitos outros em um único só.**

O leitor pode agora compreender que o esboço dado sobre Hierarquia mágica não é nem de longe uma teoria real do Universo. Esta teoria deve, certamente, ser estudada no artigo já referido em No.V do Equinócio, e de forma mais aprofundada, no Livro da Lei e comentários que nele constam: todavia a compreensão verdadeira depende inteiramente do trabalho do próprio Mago. Sem experiência mágica isto será insignificante.

Não há nada de peculiar nisto. É assim com todo o conhecimento científico. Um cego pode ter inclinações para a astronomia com o propósito de exames passageiros, todavia seu conhecimento seria

¹ N. do A. = Por “Deus” quero dizer aqui a Identidade Ideal de uma natureza íntima do homem. “Algo de nós mesmos (Apago a imbelicidade de Arnold e ‘não’ o culpo) que faz justiça;” justiça sendo justamente designada como a coerência interna. (A Coerência Interna implica aquela que está escrita “Detegitur Yod.”)

quase inteiramente alheio à sua experiência, o que não lhe daria um ponto de vista. Um fenômeno similar é observado quando um homem bem educado, um “gentleman” que tenha cursado licenciatura em línguas modernas na Cambridge chegue em Paris, e é incapaz de pedir seu jantar. Relatar contra o Mestre Therion é agir como uma pessoa que, observando isso, atacaria ambos, os professores de francês e os habitantes de Paris, e talvez iria mais além, negaria a existência da França.

Digamos, mais uma vez, que a linguagem mágica, nada mais é do que um sistema de classificação conveniente para permitir que os magos protocolem os processos de suas experiências.

No entanto, também é verdade, que, uma vez que a língua é dominada pode-se adivinhar o desconhecido através do estudo do conhecido, assim, o conhecimento de latim e grego, capacita a pessoa a entender palavras não familiares do inglês derivadas dessas fontes. Além disso, há o caso semelhante da Lei Periódica da química, que permite que a ciência profetize, e assim, no final descubra, a existência de certos elementos previamente insuspeitos na natureza. **Todas as discussões sobre filosofia são necessariamente estéreis, já que a verdade está além da linguagem. Elas são, no entanto, úteis se realizadas longe o suficiente - se levadas ao ponto onde se torna evidente que todos os argumentos são argumentos em um círculo.**¹ Mas as discussões acerca dos detalhes de qualidades puramente imaginárias são frívolas e podem ser mortais. Para tanto, o grande perigo desta teoria mágica é que o postulante possa confundir o alfabeto com as coisas que as palavras representam.

Um excelente homem de grande inteligência, um cabalista respeitado, uma vez surpreendeu o Mestre Therion, afirmando que a Árvore da Vida era a estrutura do Universo. Era como se alguém tivesse mantido seriamente que um gato era uma criatura construída pelo posicionamento das letras G.A.T.O. nessa ordem. Não é à toa que a Magia^(k) tem animado o senso de ridículo do não inteligente, já que mesmo a sua

¹ N. do A. = Veja “O Soldado e o Corcunda,” Equinócio I, ¹. **O aparato da razão humana é simplesmente um sistema particular que coordena impressões; a sua estrutura é determinada pelo curso da evolução da espécie. Não é mais absoluto do que a evolução da espécie. Nem mesmo mais absoluto do que o mecanismo dos nossos músculos, é um tipo completo com o qual todos os outros sistemas de transmissão de Força devem estar de acordo.**

uma vez que mesmo seus postulantes educados podem ser culpados por uma violação tão grosseira dos primeiros princípios do senso comum.¹

Uma sinopse das séries do A. A. como ilustrativo da Hierarquia Mágica no homem é dada no apêndice 2 "Uma Estrela à Vista." Esta deve ser lida antes de prosseguir com o capítulo. Para lidar com por completo está inteiramente além dos limites deste pequeno tratado.

MAIS A RESPEITO DO UNIVERSO MÁGICO

Todas estas letras do alfabeto mágico - referidos acima são como muitos nomes em um mapa. O próprio homem é um microcosmo completo. Poucos outros seres têm essa perfeição equilibrada. Claro, todo sol, todos os planetas, podem ter seres constituídos de forma semelhante.² Todavia, quando falamos de lidar com os planetas na Magia^(k),

¹ N. do A. = Há tempos desde quando escrevi o texto acima, uma imbecilidade ainda mais grosseira foi cometida. Alguém que supostamente deveria conhecer melhor sobre o assunto tentou melhorar a *Árvore da Vida*, girando a *Serpente da Sabedoria* de cabeça para baixo! No entanto, ele não poderia nem mesmo fazer seu esquema simétrico: o pouco de bom senso restante revoltou-se com a tremenda atrocidade. No entanto, ele conseguiu reduzir todo o *Alfabeto Mágico* ao absurdo, mostrando que ele jamais havia entendido seu significado real.

O absurdo de tal perturbação do arranjo dos caminhos é evidente para qualquer postulante sóbrio com os exemplos seguintes. *Binah*, o *Entendimento Supremo*, está conectado com *Tiphereth*, a *Consciência Humana*, pelo *Zain*, *Gêmeos*, os *Oráculos dos deuses*, ou a *Intuição*. Ou seja, a atribuição representa um fato psicológico: para substituí-lo pelo *Diabo* ou se trata de um bom senso de humor ou uma simples idiotice. Mais uma vez, a carta a "*Fortaleza*", *Leo*, equilibra *Majestade* e *Misericórdia* com a *Força* e *Severidade*: que sentido há em colocar a "*Morte*", o *Escorpião*, em seu lugar? Há vinte outros erros no novo maravilhoso iluminado-de-alta atribuição; o postulante pode, portanto, certificar-se de mais vinte risos se ele se importar em estudá-lo.

² N. do A. = Igualmente, é claro, não temos meios de saber o que realmente somos. Estamos limitados aos símbolos. E, é certo que todas as nossas percepções sensoriais nos dão apenas aspectos parciais dos seus objetos. A *Visão*, por exemplo, nos diz muito pouco sobre a solidez, peso, composição, caráter elétrico, condutividade térmica, etc., etc. Ela não diz absolutamente nada sobre a própria existência de tais ideias vitalmente importantes como *Calor*, *Dureza*, e assim por diante. A impressão que combina a mente aos sentidos não pode pretender ser precisa ou completa. Temos aprendido, de fato, que nada é em si mesmo o que parece ser para nós.

a referência não é geralmente aos planetas reais, mas às partes da terra, que são de natureza atribuída a estes planetas. Assim, quando dizemos que Nakhiel é a "inteligência" do Sol, não queremos dizer que ele vive no Sol, mas apenas que ele tem um certo nível e característica deste; e, embora nós possamos invocá-lo, não significa necessariamente que ele existe no mesmo sentido da palavra na qual existe o nosso açougueiro.

Quando "conjuramos Nakhiel para uma aparência visível", pode ser que o nosso processo se assemelhe à criação - ou melhor, à imaginação - o mais próximo de invocar. A aura de um homem é chamada de o "espelho mágico do universo"; e, portanto, qualquer um pode dizer, nada existe fora desse espelho. É conveniente, pelo menos, para representar o conjunto como se fosse subjetivo. Isso parece menos confuso. E, como o homem é um microcosmo perfeito,¹ é perfeitamente fácil de remodelar uma concepção como essa a qualquer momento.

Agora, há uma correspondência tradicional, na qual o experimento moderno tem se mostrado bastante confiável. Há uma certa conexão natural entre certas letras, palavras, números, gestos, formas, perfumes e assim por diante, de modo que qualquer ideia ou (como poderíamos chamá-lo) "espírito", pode ser composto ou invocado pelo uso dos artifícios que estão em harmonia com ele, e expressam partes particulares de sua natureza. Estas correspondências foram elaboradamente mapeadas no Livro 777 de forma bastante conveniente e resumida. Será necessário para o postulante fazer um estudo cauteloso deste livro em conexão com alguns rituais reais de Magia^(k), por exemplo,

¹ N. do A. = Ele é isto só por definição. O universo pode conter uma variedade infinita de mundos inacessíveis à apreensão humana. Todavia, por essa mesma razão, eles não existem para os efeitos do argumento. O homem tem, entretanto, alguns instrumentos de conhecimento; Podemos, desta maneira, definir o Macrocosmo como a totalidade das coisas possíveis para a sua percepção. Como a evolução desenvolve esses instrumentos, o Macrocosmo e o Microcosmo estendem-se; mas eles sempre mantêm a sua relação mútua. Sem a possibilidade de possuir qualquer significado exceto em termos de outro. Nossas "descobertas" são exatamente o máximo de nós mesmos como elas são da Natureza. América e a eletricidade, de certa forma, existem antes de estarmos cientes delas; mas elas são mesmo agora não mais do que ideias incompletas, expressas em termos simbólicos de uma série de relações entre os dois conjuntos de fenômenos incompreensíveis.

o da evocação de Taphtatharath, impresso em Equinox I, III, páginas 170-190, onde é possível notar exatamente o porquê destes artifícios serem usados. **Certamente, à medida que o postulante avança no conhecimento através da experiência, ele encontrará uma sutileza progressiva no universo mágico correspondente ao seu próprio universo; que fique bem claro! Não é somente a sua aura um espelho mágico do universo, mas o universo é um espelho mágico de sua aura.**

Neste capítulo, é possível dar um esboço de forma muito fino acerca da teoria mágica – pinceladas, de leve, dadas por dedos fracos e vacilantes - para este assunto pode-se quase afirmar que sejamos co-extensivos ao conhecimento totalitário de cada um.

O conhecimento da ciência exotérica está comicamente limitado pelo fato de que se tornou inacessível, com exceção da forma mais indireta, na qualquer outro corpo celeste tem acesso menos o nosso. Nos últimos anos, os semi-educados têm uma ideia de que sabem muito acerca do universo, e que o fundamento principal de suas opiniões a respeito de si mesmos é geralmente o telefone ou a aeronave. É lamentável ler tal disparate bombástico sobre o progresso, no qual jornalistas e outros, que desejam impedir os homens de pensar, colocam à tona para o consumo. **Sabemos infinitamente pouco do universo material. Nosso conhecimento detalhado é tão minimamente desprezível, que é ainda pior fazer referências, salvo que essa nossa vergonha pode nos estimular a aumentar nosso esforço. Tal conhecimento¹ que nos foi dado é de certa forma muito geral e obscuro, de caráter filosófico e quase mágico. Este consiste principalmente das concepções de matemática pura. É, portanto, quase legítimo dizer que a matemática pura é a nossa ligação com o resto do universo e com "Deus".**

Atualmente, as concepções de Magia^(k) são profundamente matemáticas. Toda a base de nossa teoria é a Cabala, o que corresponde à matemática e à geometria. O método de operação na Magia^(k) baseia-se nisso, da mesma forma que as leis da mecânica baseiam-se na matemática. Até o dado momento, portanto, é possível afirmar que existe uma teoria mágica do universo, questão esta, exclusivamente da lei fundamental, com

¹ N. do A. = Conhecimento é, aliás, uma concepção impossível. Todas as proposições recentes retornam para "A é A".

algumas proposições simples e abrangentes estabelecidas em termos muito gerais.

Seria necessária toda uma vida para explorar os detalhes de um plano, assim como um explorador passa a sua vida dedicando-se a um canto da África, ou um químico com seu subgrupo de compostos. Cada peça detalhada do trabalho pode ser muito valiosa, mas isso não acontece como um jogo de luz lançado sobre os principais princípios do universo. Sua verdade é a verdade vista por apenas um ângulo, que nos guiará ao erro, se generalizada a partir tão poucos fatos.

Imagine um habitante de Marte que desejava filosofar sobre a terra, e não tinha nada além do diário de um homem do Polo Norte! Todavia, o trabalho de todos os exploradores, em qualquer ramo da Árvore da Vida, como uma lagarta, começa a rastejar e é imensamente ajudado por uma compreensão de princípios gerais. Cada mago, portanto, deve estudar a Santa Cabala. Uma vez que ele tenha dominado seus principais princípios, ele perceberá seu trabalho se desenvolver facilmente.

***Solvitur ambulando**: que não significa: “Chame a ambulância!”**

* N. do E. 2008 = [Lat., literalmente "é resolvido caminhando", isto é, na prática.]

CAPÍTULO I

OS PRINCÍPIOS DO RITUAL

Há uma única definição principal do objeto de todo Ritual mágico. É a união do Microcosmo com o Macrocosmo. O Ritual Supremo e Completo é, portanto, a Invocação do Santo Anjo Guardião; ¹ ou, na linguagem do Misticismo, a União com Deus.²

Todos os outros Rituais mágicos são casos particulares deste princípio geral e a única desculpa para fazê-los é que às vezes ocorre que uma parte específica do microcosmo é tão fraca que a sua imperfeição de impureza seria viciar o Macrocosmo do qual é a imagem, Espectro ou Reflexo. Por exemplo, Deus está acima de sexo; e, portanto, nem homem e nem mulher, como tal, pode ser totalmente capaz de entender, muito menos representar Deus. Por esta razão, compete ao mago (homem) cultivar as virtudes femininas nas quais ele é deficiente, e esta tarefa ele deve executar, claro, sem de modo algum prejudicar a sua virilidade. Será então lícito ao mago invocar Isis, e identificar-se com ela; se ele não fizer isso, sua apreensão do Universo no momento em que ele atinge o Samadhi não incluirá a concepção da maternidade. O resultado será uma metafísica e - por corolário - limitação ética na Religião que ele fundou. Judaísmo e Islamismo são exemplos marcantes desse fracasso.

Para dar outro exemplo, a vida ascética que a devoção a

¹ N. do A. = Veja o "Livro da Magia Sagrada de Abramelin o Mago"; e Liber 418, 8º Aethyr, Liber Samekh; ver Apêndice 3.

² N. do A. = A diferença entre estas operações é mais de valor teórico do que de importância prática.

Magia^(k) muitas vezes envolve defende uma pobreza de natureza, estreiteza, uma falta de generosidade. A natureza é infinitamente pródiga - não é uma em um milhão de sementes que já começa a dar frutos. Quem não reconhece isso, deixa-o invocar Jupiter.¹

O perigo da magia^(k) cerimonial - o perigo mais sutil e mais profundo - é este: que o mago irá, naturalmente, tender a invocar aquele ser parcial que ele apela mais fortemente, de modo que seu excesso natural naquela direção será ainda mais exagerada. **Deixe-o, antes de iniciar o seu Trabalho, se esforçar para mapear seu próprio ser, e organizar suas invocações de tal forma a restabelecer o equilíbrio.** ² Isto, naturalmente, deveria ter sido feito de uma forma preliminar durante a preparação das armas e mobiliário do Templo.

Para considerar de uma maneira* mais particular, esta questão da natureza do Ritual, podemos supor que ele se encontra sem aquela percepção do valor da Vida e da Morte, como de indivíduos e raças, que é característica da Natureza. Talvez, ele tenha uma tendência de perceber a ‘primeira nobre verdade’ proferida por Buda, que tudo é tristeza. Natureza, ao que parece, é uma tragédia. Ele talvez até tenha experimentado o grande transe chamado tristeza. Portanto, ele deve considerar a existência de alguma divindade que expressa este Ciclo, e cuja natureza, contudo, é a alegria. Ele vai encontrar o que requer em Dionísio.

Existem três métodos especiais de invocar qualquer Deidade.

O Primeiro Método consiste na devoção àquela Deidade, e sendo principalmente místico por natureza, não precisa se deparar com isto aqui, especialmente quando existe uma perfeita instrução em Liber 175 (ver anexo).

O Segundo Método é a invocação cerimonial simples. É o método que costumava ser empregado na Idade Média. Sua vantagem é a sua franqueza, sua desvantagem sua

¹ N. do A. = **Existem considerações muito mais profundas nas quais parece que "Tudo o que é, é certo". Estas são apresentadas em outros lugares; só podemos resumi-las aqui dizendo que a sobrevivência do mais apto é o seu resultado.**

² N. do A. = **O método ideal de fazer isso é dado em Liber 913 (Equinócio VII). Veja também Liber CXI Aleph.**

* N. do E. = **Na edição do livro em inglês aparece a palavra “mammer” ao invés de “manner” forma ou maneira, a primeira se trata de um erro de grafia, tendo em vista que esta palavra é inexistente no idioma original.**

crueza. A "Goetia" dá instruções claras deste método, e também faz muitos outros Rituais, de cunho branco e negro. Mais adiante dedicamos algum espaço para uma exposição clara desta Arte.

No caso de Baco, no entanto, podemos esboçar o procedimento. Nós achamos que o simbolismo de Tiphareth expressa a natureza de Baco. Em seguida, é necessário construir um Ritual de Tiphareth. Vamos abrir o Livro 777; veremos na linha 6 de cada coluna as várias partes do nosso aparato desejado. Tendo pedido tudo devidamente, devemos exaltar a mente por orações ou conjurações repetidamente para a mais alta concepção de Deus, até que, em um sentido ou outro da palavra, Ele apareça e inunde nossa consciência com a luz da Sua divindade.

O Terceiro Método é o Dramático,* talvez o mais atraente de todos; certamente é de acordo com o temperamento do artista, pois apela à imaginação através de seu senso estético.

Sua desvantagem reside principalmente na dificuldade de seu desempenho por uma única pessoa. Todavia, tem a sanção da mais remota antiguidade, e é provavelmente o mais útil para a fundação de uma religião. Este é o método do Cristianismo Católico, e consiste na dramatização da lenda de Deus. As Bacantes de Eurípidés são um magnífico exemplo de uma Ritual desse cunho; assim como, embora em menor grau, é a Missa. Também podemos mencionar muitos dos graus na Maçonaria, especialmente o Terceiro. O 5º = 6º Ritual publicado no Nº III do Equinócio é outro exemplo.

No caso de Baco, primeiramente comemoramos seu nascimento proveniente de uma mãe mortal que entregou sua casa do tesouro para o Pai de Todos, do ciúme e raiva estimulados por esta encarnação e da proteção celeste outorgada ao menino. Em seguida deve ser comemorada a viagem para o oeste em um jumento. Agora vem a grande cena do drama: o gentil, lindo mancebo com seus seguidores (principalmente mulheres) parece ameaçar a ordem estabelecida das coisas, e a Ordem Estabelecida se prepara para por um fim ao arrivista. Encontramos Dionísio confrontando o Rei raivoso, não com desafio, mas com mansidão; ainda com uma sutil confiança, um riso subjacente. Ele está coroadado com gavinhas de videira. Ele é uma figura afeminada com essas folhas largas agrupados em sua testa? Todavia, as folhas ocultam

***N. do E. 2008 = [Este método é denominado Fórmula de Comemoração; Ver Cap. II, p.152.]**

chifres. Rei Penteu, representante de respeitabilidade, ¹ é destruído por seu orgulho. Ele sai para as montanhas para atacar as mulheres que seguiam Baco, o mancebo que ele escarneceu, fustigou e colocou em cadeias, ainda que tenha apenas sorrído; em sua loucura divina, ele é rasgado por essas mulheres em pedaços.

Já parecia impertinente dizer muito a respeito quando Walter Pater contou a história com tanta simpatia e perspicácia. Não iremos mais transgredir detendo-nos sobre a identidade desta lenda com o curso da Natureza, a sua loucura, sua prodigalidade, a sua embriaguez, sua alegria e, sobretudo, a sua persistência sublime através dos ciclos de Vida e Morte. O leitor pagão deve se esforçar para compreender isto em "Estudos gregos", escrito por Pater ao passo que o leitor Cristão irá reconhecer, incidente por incidente, na história de Cristo. Esta lenda é simplesmente a dramatização da primavera.

O mago que pretende invocar Baco por este método deve, portanto, organizar uma cerimônia em que ele assume o papel de Baco, passar por todas as suas provações, e emergir triunfante além da morte. Ele deve, no entanto, ser advertido para que não confunda o simbolismo. Neste caso, por exemplo, a doutrina da imortalidade individual foi inserida para a destruição da verdade. Não é aquela parte completamente sem valor do homem, sua consciência individual defendida por John Smith, a qual desafia a morte - aquela consciência morre e renasce em cada pensamento. O que persiste (se alguma coisa persiste) é a sua verdadeira essência segundo John Smith, uma qualidade a qual ele provavelmente nunca foi consciente em sua vida. ²

Mesmo que não persista inalterada. É sempre crescente. A Cruz é uma vara estéril, e as pétalas de Rosa caem e entram em decadência; mas na união da Cruz e da Rosa existe uma constante

¹ N. do A. = Há uma interpretação muito mais profunda na qual o Penteu é ele mesmo "O Deus Moribundo". Ver minha "Boa Caça!" e "Ramo Dourado" de Dr. J. G. Frazer.

² N. do A. = Veja "O Livro das Mentiras", Líber 333, vários sermões para este efeito. Caps. A, Δ, H, IE, SE, IH, KA, KH, em particular. A reencarnação de Khu ou mágica do *self* é outra questão inteiramente, demasiada hermética para discutir neste manual elementar.

sucessão de novas vidas. ¹ Sem essa união, e sem essa morte do indivíduo, o ciclo seria quebrado.

Um capítulo será consagrado à remoção das dificuldades práticas deste método de Invocação. Será, sem dúvida, notado pela perspicácia do leitor que nos grandes fundamentos esses três métodos são um. Em cada caso, o mago identifica-se com a divindade invocada. *Invocar* é chamar para dentro e *evocar* é chamar para fora. Esta é a diferença essencial dos dois ramos da Magia^(k). Na invocação, o macrocosmo inunda a consciência. Na evocação, o mago, tendo se tornado o macrocosmo, cria um microcosmo. Você *invoca* um Deus para o Círculo. Você *evoca* um Espírito para o Triângulo. No primeiro método identificar-se com o Deus ocorre pelo amor e pela entrega, por abandono ou supressão de todas as partes irrelevantes (e ilusórias) de você mesmo. É o casamento de um jardim.

O segundo método é atingido ao identificar com atenção especial a parte desejada em você mesmo: positivo, como o primeiro método é negativo. É o envasamento, o regar de uma determinada flor no jardim e a exposição dela ao sol.

O terceiro é atingido por simpatia. É muito difícil para o homem comum perder-se completamente no assunto de um jogo ou de uma novela; mas para quem pode fazê-lo, este método é inquestionavelmente o melhor.

Observe: cada elemento deste ciclo é de igual valor. É errado dizer triunfante “Mors janua vitae”, a menos se você adicionar, com igual triunfo, “Vita janua mortis”.* Para aquele que compreende esta cadeia de Aeons do ponto de vista tanto de Ísis sofredora e de Osíris triunfante, sem esquecer a sua ligação em destruir Apophis, aí não resta nenhum segredo velado na Natureza. Ele proclama que o nome de Deus, ao longo da história, tem sido ecoado de uma religião para outra, o infinito crescente paen I.A.O!²

¹ N. do A. = Veja “O Livro das Mentiras”, Líber 333, onde contém vários sermões para este efeito. Toda a teoria sobre a Morte deve ser procurada em Líber CXI Aleph.

* N. do E. 2008 = [Lat., "A morte é a porta da vida", e "a vida é a porta da morte".]

² N. do A. = Esse nome I. A. O. é cabalisticamente idêntico ao da BESTA, e com seu número 666, de modo que aquele que invocar os antigos invoca também o último. O mesmo ocorre com AIWAZ e o número 93. Ver Capítulo V.

CAPÍTULO II

AS FÓRMULAS DAS ARMAS ELEMENTARES

Antes de discutir fórmulas mágicas em detalhes, pode-se observar que a maioria dos rituais são complexos e contêm muitas fórmulas que devem ser harmonizadas em uma só.

A primeira fórmula é a da varinha. Na esfera do princípio que o mago deseja invocar, ele sobe de ponto a ponto em uma linha perpendicular, e em seguida, desce; ou então, começando no topo, ele vem diretamente para baixo, *invocando* primeiro o deus daquela esfera por *súplica devota* ¹ na qual Ele se dignou a enviar o Arcanjo apropriado. Em seguida, ele *suplica* ao arcanjo para enviar o Anjo ou Anjos que transmitam a inteligência em questão, e essa inteligência ele vai *conjurando com autoridade* para obrigar a obediência do espírito e sua manifestação. Para esse espírito ele *emite comandos*.

Veremos que esta é uma fórmula preferível de evocação do que invocação, e para o último processo, no entanto, aparentemente, o mesmo, deve ser concebido de modo diferente, o que o coloca sob uma outra fórmula, do Tetragrammaton. A essência da força invocada é um, mas o "Deus" representa o germe ou início do vigor, o "Arcanjo" o seu desenvolvimento; e assim por diante, até que, com o "Espírito", temos a conclusão e perfeição daquela força.

¹ **N. do A. = Cuidado, ó irmão, para que tu não dobres o joelho! Liber CCXX ensina a atitude apropriada. Veja também Liber CCCLXX. Infra, além disso, há instruções especiais: Capítulo XV e em outros lugares.**

A fórmula da taça não é muito adequada para Evocações, assim como a Hierarquia mágica; para a taça ser passiva em vez de ativa, não é apropriado para o mágico usá-la em relação a qualquer coisa, a não ser a mais Alta. No trabalho prático, conseqüentemente, significa pouco, todavia a oração, e aquela oração a "oração do silêncio".¹

A fórmula da adaga é novamente imprópria para qualquer finalidade, uma vez que a natureza do punhal é criticar, destruir, dispersar; e todas as verdadeiras cerimônias mágicas tendem a concentração. A adaga, portanto, aparece principalmente nos banimentos, preliminares para a cerimônia adequada.

A fórmula do pentáculo é novamente de nenhum uso particular; para o pentáculo é inerte. Em suma, a fórmula da varinha é a única com a qual precisamos particularmente nos preocupar.²

Agora, a fim de invocar qualquer ser, segundo Hermes Trismegisto os magos empregam três métodos. O primeiro é vulgarmente conhecido como súplica. Neste a teoria objetiva bruta é assumida como verdadeira. Há um deus chamado A, a quem você, B, prossegue a petição, exatamente da mesma forma que um menino pode pedir mesada a seu pai.

O segundo método envolve um pouco mais de sutileza, na medida em que os esforços mágicos para harmonizar-se com a natureza do deus, e em certa medida se exalta, no decurso da cerimônia; mas o terceiro método é o único digno de nossa consideração.

Este consiste de uma **identificação real do mago e o deus**. Note que **para fazer isso em perfeição envolve a realização de uma espécie de Samadhi; e este fato por si só é suficiente para vincular irrefutavelmente magia^(k) com o misticismo**.

Vamos descrever o método mágico de identificação. A forma simbólica do deus é estudada pela primeira vez com tanto cuidado como um artista iria conceder a seu modelo, de modo que uma imagem mental perfeitamente clara e

¹ N. do A. = Considerações que possam levar a uma conclusão contrária não estão adaptadas a este tratado. Ver Liber LXXXI.

² N. do A. = Mais tarde, estas observações são amplificadas, e, em certa medida modificadas.

inabalável do deus está presente à mente. Da mesma forma, os atributos do deus estão consagrados na fala, e tais discursos estão comprometidos perfeitamente à memória. A invocação irá começar com uma oração ao deus, comemorando seus atributos físicos, sempre com profunda compreensão do seu significado real. Na *segunda parte* da invocação, a voz do deus é ouvida, e Sua declaração característica é recitada.

Na *terceira parte* da invocação o mago afirma a identidade de si mesmo com o deus. Na *quarta parte* o deus é novamente invocado, mas como se por si mesmo, como se fosse o enunciado da vontade do Deus que deve se manifestar no mago. Na conclusão deste, o objeto original da invocação é afirmado.

Assim, na invocação de Thoth, que pode ser encontrada no rito de Mercúrio (Equinócio I, VI)* e em Liber LXIV,* a primeira parte começa com as palavras "Majestade de Deus, coroada de sabedoria TAHUTI, Tu eu invoco. Oh tu da cabeça de Íbis, Tu, Tu eu invoco"; e assim por diante. Na conclusão desta, uma imagem mental do Deus, infinitamente vasto e infinitamente esplêndido, deve ser percebida, da mesma forma que um homem pode ver o Sol.

A segunda parte começa com as palavras:

"Eis que eu sou ontem, hoje, e irmão de amanhã."

O mago deve imaginar que está ouvindo esta voz, e, ao mesmo tempo em que ele está ecoando-a, que ela é verdadeira também de si mesmo. Esse pensamento deve assim exaltar nele que ele é capaz, na sua conclusão de pronunciar as sublimes palavras que abrem a terceira parte: "Eis que ele está em mim, e eu nele." Neste momento, ele perde a consciência do seu ser mortal; ele é a imagem mental que ele viu anteriormente. Esta consciência só é completa quando ele prossegue: "Meu é o esplendor no qual Ptah flutua, sobre seu firmamento eu viajo nas alturas. Eu piso sobre o firmamento de Nu, eu levanto uma chama intermitente com os relâmpagos de meus olhos: Nunca se apressa no esplendor de Ra glorificado diariamente - dando a minha vida para percorrer o caminho da Terra!" Este pensamento dá a relação de Deus e do Homem do ponto de vista divino.

O mago só é chamado a si mesmo na conclusão da terceira parte; na qual ocorre, quase como que por acaso, as palavras: "Portanto, todas as coisas obedecem a minha palavra." No entanto, na quarta parte, que começa assim: "Portanto, faze vir-vos de mim", não é realmente o mago que está se dirigindo a Deus; é o Deus que ouve o enunciado distante do mago. Se esta invocação for realizada corretamente, as palavras da quarta parte vão soar distantes e estranhas. É surpreendente que um manequim (então o mago aparece agora para Ele mesmo) deva ser capaz de falar!

* N. do E. 2008 = O Equinócio I (6) [Suplemento especial," Liber 850, Os Ritos de Eleusis."]

* N. do E. 2008 = [Para "Liber Israfel sub figura LXIV" ver Apêndice VII, p.675.]

Os deuses egípcios são tão completos em sua natureza, tão perfeitamente espirituais e ao mesmo tempo tão perfeitamente materiais, que esta invocação é suficiente. O Deus pensa ser ele o espírito de Mercúrio que agora deve aparecer para o mago; e assim é. Esta fórmula egípcia, portanto, é preferível à fórmula hierárquica dos Hebreus, com suas orações tediosas, conjurações e maldições.

Deve-se notar, no entanto, que nesta invocação de Toth que resumimos, há uma outra fórmula contida, reverberante ou recíproca, que pode ser chamada a fórmula de Hórus e Harpócrates. O mago se dirige a Deus com uma projeção ativa de sua vontade, e, em seguida, torna-se passivo enquanto o Deus dirige o Universo. Na quarta parte, ele permanece em silêncio, escuta, para a oração que daí resulta.

A fórmula desta invocação de Thoth também pode ser classificada sob Tetragrammaton. A primeira parte é o fogo, a oração ansiosa do mago, o segundo água, na qual o mago escuta, ou pega o reflexo, o deus. A terceira parte é o ar, o casamento do fogo e da água; o deus e o homem tornaram-se um; enquanto a quarta parte corresponde à terra, a condensação ou materialização desses três princípios mais elevados.

No que diz respeito às fórmulas Hebraicas, é duvidoso que a maioria dos magos que as tenham usado nunca terem entendido corretamente os princípios subjacentes ao método de identidade. Nenhuma passagem implica que ocorre à mente, e os rituais existentes certamente não dão nenhum indício de tal concepção, ou de qualquer outra questão, mas sim às visões mais pessoais e materiais da natureza das coisas. Eles parecem ter pensado que havia um Arcanjo chamado Ratziel exatamente da mesma forma que houve um estadista chamado Richelieu, um ser individual vivendo em um lugar definido. Ele tinha, possivelmente, certos poderes de uma ordem um pouco metafísica - ele poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo,¹ por exemplo, embora até mesmo a possibilidade de um feito tão simples (no caso dos espíritos) parece ser negada por certas passagens em conjurações existentes nas quais contam que o espírito que ele passa a ser acorrentado em um determinado lugar no inferno, ou se algum outro mago o está conjurando para que não possa vir, então deixe-o enviar um espírito de natureza similar, ou de outra forma evitar a dificuldade. Mas é claro que uma concepção tão vulgar não ocorreria ao estudante da Cabala. É possível que os magos escreveram as suas conjurações sobre esta hipótese bruta, a fim de evitar a turvação da mente pela dúvida e especulação metafísica.

¹ N. do A. = Ele poderia fazer isso, desde que pudesse viajar com uma velocidade superior à da luz, como ele faz. Veja A.S. Eddington "Espaço, Tempo e Gravitação". Além disso: o que significa "de uma vez"?

Ele que se tornou o Mestre Therion, uma vez foi confrontado por isso com muita relutância. Sendo determinado para instruir a humanidade, Ele buscou uma simples declaração de seu objeto. Sua vontade foi suficientemente informada pelo senso comum para decidir ensinar ao homem *O Próximo Passo*, a coisa que foi imediatamente acima dele. Ele poderia ter sido chamado de "Deus", ou "O Eu Superior", ou "Os Augoeides", ou "Adi-Buda", ou 61 outras coisas - mas Ele tinha descoberto que estes eram todos um, ainda que cada um representasse alguma teoria do Universo que acabaria por ser abalada por críticas - pois Ele já havia passado pelo reino da razão, e sabia que cada afirmação continha um absurdo. Por isso, disse: "Deixe-me declarar este trabalho sob este título: 'A obtenção do Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda' ", porque a teoria implícita nestas palavras é tão absurda que apenas simplórios iriam perder muito tempo analisando-a. Seria aceita como uma convenção e ninguém iria correr o grave perigo de construir um sistema filosófico em cima disto.

Com esse entendimento, podemos reabilitar o sistema Hebraico de invocações. **A mente é o grande inimigo; assim, invocando entusiasticamente uma pessoa a quem não sabemos existir, estamos reprecando-a.** No entanto, não devemos abster-nos completamente de filosofar à luz da Santa Cabala. Devemos aceitar a Hierarquia Mágica como classificação mais ou menos conveniente dos fatos do universo como eles são conhecidos por nós; e como o nosso conhecimento e compreensão dos fatos aumenta devemos, portanto, esforçar-nos para ajustar a nossa ideia ao que queremos dizer através de qualquer símbolo.

Ao mesmo tempo, vamos refletir que **existe um certo consenso definitivo de experiência quanto à correlação dos vários seres da hierarquia com os fatos observados da Magia^(k)**. Na simples questão de visão astral, por exemplo, um caso surpreendente pode ser citado.

Sem dizer-lhe o que era, o Mestre Therion uma vez recitou uma invocação Sappho "Ode para Vênus" diante de um Probacionista da A.A que era ignorante de Grego, a língua da Ode. O discípulo, em seguida, entrou em uma "viagem astral", e tudo visto por ele foi sem exceção harmonioso com Vênus. Isto foi verdade até no mais ínfimo detalhe. Ele mesmo obteve todas as quatro escalas de cores de Vênus com absoluta regularidade. Considerando-se que ele viu algo como cem símbolos ao todo, as chances de isto não ter sido coincidência são incalculáveis. Tal experiência (e os registros da A.A. contêm dezenas de casos semelhantes) proporcionou uma prova tão absoluta quanto qualquer prova deste mundo de ilusão que as correspondências em Liber 777 representam realmente fatos da Natureza.

Sugere-se que este sistema "simples" de magia^(k) talvez nunca tenha sido empregado em tudo. Pode-se afirmar que as invocações que chegaram até nós são, todavia, as ruínas do Templo da Magia^(k). Os exorcismos podem ter sido cometidos à escrita com a finalidade de memorizá-los, enquanto era proibido fazer qualquer registro das partes realmente importantes da cerimônia. Tais detalhes do Ritual da forma que possuímos são escassos e pouco convincentes, e apesar de muito sucesso ter sido alcançado no caminho exotérico, bastante convencional tanto por FRATER PERDURABO como para muitos de seus colegas, as cerimônias deste personagem permaneceram sempre tediosas e difíceis. Como se o sucesso tivesse sido obtido quase a despeito da cerimônia. Em qualquer caso, eles são as partes mais misteriosas do Ritual que evocava a força divina. Tais conjurações como as da "Goetia" deixam uma imparcialidade, embora, notavelmente na segunda conjuração, há uma grosseira tentativa de usar essa fórmula de Comemoração da qual falamos no Capítulo anterior.

CAPÍTULO III

A FÓRMULA DO TETRAGRAMMATON. ¹

Esta fórmula é de aspecto mais universal, como todas as coisas são necessariamente compreendidas nela; mas seu uso em uma cerimônia mágica é pouco compreendido.

O clímax da fórmula é, em certo sentido, mesmo antes de a formulação do *Yod*. Para o *Yod* é o aspecto mais divino da força - as letras restantes são apenas uma solidificação da mesma coisa. É preciso entender que estamos aqui falando de toda a cerimônia considerada como uma unidade, não apenas de que a fórmula em que *Yod* é o Deus invocado, *Hé*, o Arcanjo, e assim por diante. A fim de compreender a cerimônia sob esta fórmula, temos de ter uma visão mais alargada do funcionamento das quatro armas do que temos feito até agora.

A formação do *Yod* é a formulação da primeira força criativa, na qual o pai é chamado de "auto-gerado", e àqueles a quem é dito: "Tu formulado teu Pai, e fez fértil tua Mãe". A adição do *Hé* ao *Yod* é o casamento do Pai com a grande Mãe co-igual, que é um reflexo de Nuit como Ele é de Hadit. Sua união traz o filho *Vau* que é o herdeiro. Finalmente, a filha *Hé* é produzida. Ela é tanto a irmã gêmea e a filha de *Vau*. ²

Sua missão é resgatá-la, fazendo dela sua noiva; o resultado disso é colocá-la no trono de sua mãe, e é só ela, cuja jovem abraço pode despertar o campo do

¹ N. do A. = יתות ; *Yod, Hé, Vau, o Nome inefável (Jeová) dos Hebreus. As quatro letras se referem respectivamente aos quatro "elementos", Fogo, Água, Ar, Terra, na ordem indicada.*

² N. do A. = *Há ainda mais mistério aqui, muito mais profundo, para iniciados.*

Neste complexo ¹ relacionamento familiar é simbolizado todo o curso do Universo. Será visto que (afinal de contas) o Clímax é no final. É a segunda metade da fórmula que simboliza a Grande Obra que estamos nos comprometendo a realizar. O primeiro passo desta situação é a consecução do Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião, o que constitui o Adepto da Ordem Interna.

A re-entrada desses cônjuges gêmeos no útero da mãe é aquela iniciação descrita no Liber 418, o que dá admissão à Ordem Secreta do AA. Da última etapa não podemos falar.

Será agora reconhecido que para conceber uma cerimônia mágica prática para corresponder ao Tetragrammaton neste sentido exaltado pode ser difícil se não impossível. Em tal cerimônia os Rituais de purificação por si só podem ocupar muitas encarnações.

Será necessário, portanto, reverter para o ponto de vista mais simples do Tetragrammaton, lembrando apenas que o último *Hé* é o Trono do Espírito, do Shin do Pentagrammaton.

O Yod representará uma energia criativa rápida e violenta; seguida de um fluxo mais calmo e reflexivo, mas ainda mais poderoso de vontade, a força irresistível de um poderoso rio. Este estado de espírito será seguido por uma expansão da consciência; ele vai penetrar todo o espaço, e isso vai finalmente passar por uma cristalização resplandecente com luz interior. Tais modificações da vontade original podem ser observadas no decurso das invocações quando adequadamente realizada.

Os perigos peculiares de cada um são óbvios - o do primeiro é um lampejo na panela - uma falha de ignição; o da segunda, uma queda em devaneio ou fantasia; o do terceiro, perda de concentração. Um erro em qualquer um destes pontos irá impedir ou prejudicar a formação adequada da quarta.

Na expressão que será utilizada no Capítulo XV: "Inflamar-te", etc., somente a primeira fase é especificada; mas se isso for feito corretamente os outros estágios seguirão como que por necessidade. Até agora é o que está escrito relativo à fórmula do Tetragrammaton.

¹ N. do A. = A fórmula do Tetragrammaton, como é normalmente entendida, termina com a aparência da filha, é certamente uma degradação.

CAPÍTULO IV

A FÓRMULA DE ALHIM: IGUALMENTE A DE ALIM.

ALHIM (Elohim) é a palavra exotérica dos Deuses.¹ É o plural masculino de um substantivo feminino, mas sua natureza é principalmente feminino.² É um hieróglifo perfeito do número 5. Isto deve ser estudado em "Uma Nota sobre Genesis" (Equinócio I.II).

Os elementos são todos representados, como em TETRAGRAMMATON, mas não há desenvolvimento de um para o outro. Eles são, por assim dizer, jogados juntos - indomados, simpaticando apenas em virtude de sua selvagem e tempestuosa energia todavia elasticamente irresistível. A letra Central é *Hé* - a letra da respiração - e representa o espírito. A primeira letra *Aleph* é a letra natural do ar, e a *Mem* final é a letra natural da água. Juntos, *Aleph* e *Mem* fazem *Am* - a mãe em cujo ventre o Cosmos é concebido. Mas *Yod* não é a letra natural do Fogo. Sua justaposição com *Hé* santifica o fogo ao *Yod* do Tetragrammaton. Da mesma forma que encontramos *Lamed* para a Terra, onde devemos esperar *Tau* - a fim de enfatizar a influência de Vênus, que governa Libra.

ALHIM, por conseguinte, representa a fórmula antes da Consagração de uma cerimônia completa. É o sopro da bênção, mas tão potente que pode dar vida ao barro e luz à escuridão.

Ao consagrar uma arma, *Aleph* é a força rodopiante do raio, o relâmpago que flameja fora do Oriente até mesmo no Ocidente.

¹ N. do A. = "Deuses" são as Forças da Natureza; seus "Nomes" são as Leis da Natureza. Assim, eles são eternos, onipotentes, onipresentes e assim por diante; e, portanto, suas "Vontades" são imutáveis e absolutas.

² N. do A. = Ela representa Sakti, ou Teh; feminilidade sempre significa forma, manifestação. O masculino Siva, ou Tao, é sempre uma força oculta.

Este é o presente do raio empunhado de Zeus ou Indra, o Deus do ar. *Lamed* é o agulhão, a força motriz; e é também a Balança, representando a verdade e o amor do Mago. É o cuidado amoroso que ele dá em consequência de aperfeiçoar seus instrumentos, e o equilíbrio daquela força feroz que inicia a cerimônia. ¹

Yod é a energia criativa - o poder da procriação; e ainda *Yod* é a solidão e o silêncio do eremitério em que o Mago fechou-se. *Mem* é a letra da Água, e é a final Mem, cujas linhas longas e planas sugerem o Mar em paz ☐; não o ordinário (inicial e medial) Mem cujo hieróglifo é uma onda ☸.² E então, no Centro de tudo, paira o Espírito, que combina a suavidade do Cordeiro com os chifres do Carneiro, e é a letra de Baco ou "Cristo". ³

Após o mago ter criado seu instrumento, e verdadeiramente o equilibrado, e enchido com os relâmpagos de sua vontade, então é a arma colocada longe para descansar; e neste **Silêncio, uma verdadeira Consagração vem.**

A FÓRMULA DE ALIM

É extremamente interessante contrastar com a fórmula acima dos Deuses elementais privadas do espírito criativo.

¹ N. do A. = As letras Aleph e Lamed são infinitamente importantes neste Aeon de Hórus; eles são realmente a chave do Livro da Lei. Nada mais pode ser dito neste lugar que* Aleph é Harpócrates, Bacchus Diphues, o Espírito Santo, o "puro tolo" ou Bebê Inocente que é também o Cantor Errante que engravida a filha do Rei com Ele mesmo e como Seu Filho; Lamed é a Filha do Rei, satisfeita por Ele, segurando sua "Espada e Balança" no colo. Estas armas são o Juiz, armado com poder para executar Sua vontade, e Duas Testemunhas "que determinarão toda a Verdade estabelecida", de acordo com o testemunho que ele dá em julgamento.

* N. do E. = Há um erro de impressão, a palavra *that* (que) se repete.

² N. do A. = No simbolismo acima esboçado, *Yod* é o Mercurial "Palavra Virgem", o Espermatozóide escondendo sua luz sob um manto; e *Mem* é o líquido amniótico, o dilúvio em que a Arca é suporte da Vida. Ver A. Crowley "O Navio", Equinócio I, X.

³ N. do A. = A letra He* é a fórmula de Nuit, o que torna possível o processo descrito nas notas anteriores. Mas não é admissível aqui explicar plenamente o assunto exato ou forma deste ajuste. Eu teria preferido as atribuições exotéricas, que são suficientemente informativas para iniciantes.

* N. do E. = A palavra He aparece sem o acento, antes citada *Hé*.

Pode-se supor que, como ALIM é o plural masculino do substantivo masculino AL, sua fórmula seria mais viril do que a de ALHIM, que é o plural masculino do substantivo feminino ALH. Uma investigação de momento é suficiente para dissipar a ilusão. A palavra masculina não tem sentido, exceto em relação a algum correlativo feminino.

A palavra ALIM pode de fato ser considerada como neutra. Por uma convenção bastante absurda, objetos neutros são tratados como feminino por conta de sua semelhança superficial em passividade e inércia com a fêmea não fertilizada. Mas a fêmea produz vida pela intervenção do homem, enquanto o neutro fá-lo apenas quando impregnados pelo Espírito. Assim, encontramos a AMA feminina se tornando AIMA¹ através da operação do Yod fálico, enquanto ALIM, o congresso de elementos mortos, única fecundada pela ninhada do Espírito.

Sendo assim, como podemos descrever ALIM como contendo uma fórmula mágica? Inquérito revela o fato de que esta fórmula é de um tipo muito especial.

A palavra acrescenta-se a 81, que é um número da lua. É, portanto, a fórmula da feitiçaria, que está sob Hecate ². É apenas a perversão medieval romântica da ciência que representa as mulheres jovens como participando de feitiçaria, que é, propriamente falando, restrita ao uso de tais mulheres como há mais mulheres no sentido mágico da palavra, porque já não são capazes de corresponderem à fórmula do macho, e são, portanto, neutras, em vez de feminino. É por esta razão que o seu método tem sido sempre referido a lua, nesse sentido do termo em que ela aparece, não como o correlativo feminino do sol, mas como queimada, morta, satélite sem ar da terra.

Nenhuma verdadeira operação mágica pode ser realizada pela fórmula de ALIM. **Todas as obras de bruxaria são ilusórias; e os seus aparentes efeitos dependem da ideia de que é possível alterar as coisas pelo mero rearranjo delas.**

¹ N. do A. = AMA é 42, o número da esterilidade; AIMA, 52, da fertilidade, da BN, o FILHO.

² N. do A. = Veja A. Crowley "Orfeu" para uma invocação desta Deusa.

Não se deve confiar na falsa analogia do Xileno para refutar esse argumento. É bem verdade que isômeros geométricos agem de diferentes maneiras para com as substâncias as quais eles são postos em relação. E é evidentemente necessário, por vezes, reorganizar os elementos de uma molécula antes que a molécula possa formar ou o masculino ou o elemento feminino em uma verdadeira combinação mágica com alguma outra molécula.

É, portanto, ocasionalmente inevitável para um Mago reorganizar a estrutura de certos elementos antes de prosseguir para o seu funcionamento adequado. Embora esse tipo de trabalho seja tecnicamente bruxaria, não deve ser considerado por este motivo como indesejável, para todas as operações que não se transmuda a matéria caem estritamente falando nesta rubrica.

A verdadeira objeção a esta fórmula não é inerente à sua própria natureza. Bruxaria consiste em tratá-la como a preocupação exclusiva da Magia^(k), e especialmente em negar ao Espírito Santo o seu direito de residir Seu Templo. ¹

¹ N. do A. = O início do XIº de O.T.O. irá observar que não existe uma fórmula totalmente diferente de ALIM, complementar com a discutida aqui. 81 pode ser considerado como uma série de Yesod em vez de de Luna. O significado real da palavra pode ser tomado como indicando a fórmula. Aleph pode ser referido a Harpócrates, com alusão ao poema bem conhecido de Catulo. Lamed pode implicar a exaltação de Saturno, e sugere o Três de Espadas de uma maneira particular. Yod, então, recordará Hermes, e Mem o Enforcado. Temos, assim, um Tetragrammaton que contém nenhum componente feminino. A Força inicial aqui é o Espírito Santo e seu veículo ou arma a "Espada e Balança". Justiça é então feita sobre o Mercurial "Virgem", com o resultado de que o homem é "Enforcado" ou estendido, e é morto desta maneira. Uma operação deste tipo torna impossível a criação - como no caso anterior; mas aqui não há dúvida de re-arranjo ; a força criativa é empregada deliberadamente para a destruição, e é totalmente absorvida em sua própria esfera (ou cilindro, em equações de Einstein) de ação. Este Trabalho deve ser considerado como "Santidade ao Senhor". Os Hebreus, de fato, conferiam o título de Qadosh (santo) sobre seus adeptos. Seu efeito é consagrar os Magos que realizam isso de uma maneira muito especial. Podemos também tomar nota da correspondência de Nove com Teth, XI, Leo, e a Serpente. Os grandes méritos desta fórmula é que ela evita o contato com os planos inferiores, que são autossuficientes, isso não acarreta quaisquer responsabilidades, e deixa os seus assuntos não somente mais fortes em si mesmos, mas totalmente livres para cumprirem suas naturezas essenciais. O abuso disto é uma abominação.

CAPÍTULO V

A FÓRMULA DO I.A.O

Esta fórmula é a principal e mais característica fórmula de Osíris, da redenção da humanidade. *I* é Isis, Natureza, arruinada por *A*, Apophis, o Destruidor, e restaurado para a vida pelo Redentor Osiris.¹ A mesma ideia é expressa pela fórmula Rosacruz da Trindade:

Ex Deo nascimur.

In Jesu morimur.

*Per Spiritum Sanctum reviviscimus.**

Esta também é idêntica à palavra de Lux L.V.X., que é formada pelos braços de uma cruz. É esta a fórmula que está implícita nesses monumentos antigos e modernos em que o falo é adorado como o Salvador do Mundo.

A doutrina da ressurreição como é vulgarmente entendida é falsa e absurda. Não é nem mesmo "bíblica". São Paulo não identifica o corpo glorificado que nasce com o corpo mortal que morre. Pelo contrário, ele insiste várias vezes na distinção.

O mesmo é real de uma cerimônia mágica. O mago que é destruído por absorção na Divindade é realmente destruído.

¹ N. do A. = Há uma fórmula bastante diferente em que **I** é o Pai, **O** a Mãe, **A** a criança - e ainda um outro, no qual **I.A.O** são todos os pais de diferentes tipos equilibrados por **H.H.H**, 3 mães, para completar o Universo. Em um terceiro, a verdadeira fórmula da Besta 666, **I** e **O** são os opostos que formam o campo para a operação de **A**. Mas esta é uma questão maior inadequada para este manual elementar. Veja, no entanto, **Liber Samekh**, Ponto II, Seção J.

* N. do E. 2008 = [Lat., "Nós nascemos de Deus, morremos em Jesus, renascemos através do Espírito Santo".]

O miserável autômato mortal permanece no Círculo. Não é mais de importância para ele do que o pó do chão.¹

Mas antes de entrar em detalhes sobre I.A.O. como uma fórmula mágica deve ser observado que é essencialmente a fórmula da Yoga ou meditação; na verdade, do misticismo elementar em todos os seus ramos.

Ao iniciar uma prática de meditação, há sempre² um prazer tranquilo, um crescimento natural suave; levando a um vivo interesse na obra; parece fácil; bastante satisfeito por ter começado. Esse estágio representa Ísis. Mais cedo ou mais **tarde ele é sucedido por depressão** - a Noite Escura da Alma, um cansaço infinito e repulsa do trabalho. Os atos mais simples e fáceis tornam-se quase impossíveis de executar. Essa impotência enche a mente com apreensão e desespero. A intensidade deste desgosto dificilmente pode ser compreendida por qualquer pessoa que não tenha experimentado isso. Este é o período de Apófis.

Ele é seguido pelo surgimento não de Ísis, mas de Osíris. **A condição antiga não é restaurada, mas uma nova e superior condição é criada**, uma condição única tornada possível pelo processo de morte.

Os Alquimistas ensinaram-se essa mesma verdade. A primeira matéria da obra era de base e primitiva, embora "natural". Depois de passar por vários estágios, o "dragão negro" apareceu; mas a partir disso surgiu o ouro puro e perfeito.

Mesmo na lenda de Prometeu encontramos uma fórmula idêntica escondida; e uma observação semelhante aplica-se às de Jesus Cristo, e de muitos outros homens-deuses míticos adorados em diferentes países.³

A cerimônia mágica construída sobre esta fórmula está, assim, em estreita harmonia essencial com o processo místico natural.

¹ N. do A. = **É, por tudo isso, o Seu instrumento, adquirido por Ele como um astrônomo compra um telescópio. Ver Liber Aleph, para uma explicação completa dos objetos alcançados pelo estratagem da encarnação; também Parte IV deste Livro 4.**

² N. do A. = **Se não, não está funcionando corretamente.**

³ N. do A. = **Veja J.G. Frazer, "O Ramo Dourado:" J.M.Robertson "Pagan Christs;" A. Crowley "Jesus," etc., etc.**

Encontramo-la na base de muitas iniciações importantes, nomeadamente o Terceiro grau na Maçonaria, e o 5º = 6º cerimônia do G.D descrito no Equinócio I, III. Uma auto iniciação cerimonial pode ser construída com vantagem nesta fórmula. A essência dela consiste em vestir-se com um manto como um rei, em seguida, despir-se matando a si mesmo, e ascender da morte para o Conhecimento e Conversação do Santo Guardião Angel¹. Existe uma identidade etimológica entre Tetragrammaton e **I A O**, mas as fórmulas mágicas são inteiramente diferentes, como as descrições dadas aqui têm um esquema.

Professor William James, em suas "Variedades da Experiência Religiosa", classificou bem religião como "nascida uma vez" e "nascida duas vezes"; mas a religião agora proclamada em Liber Legis harmoniza estas por transcendê-las. Não há nenhuma tentativa para se livrar da morte, negando-a, como entre o nascido uma vez; nem a aceitar a morte como o portão de uma nova vida, como entre os nascidos duas vezes. Com a vida e morte A.A. são igualmente incidentes em um curso muito parecido com o dia e a noite na história de um planeta. Mas, para prosseguir a analogia, consideramos este planeta de longe. **Um Irmão de A.A. olha para** (o que outra pessoa chamaria) **"ele mesmo", como um - ou, melhor dizendo, algum - entre um grupo de fenômenos. Ele é aquele "nada" cuja consciência está em um sentido, o universo considerado como um único fenômeno no tempo e no espaço, e em outro sentido é a negação daquela consciência.** O corpo e a mente do homem só são importantes (absolutamente) como o telescópio do astrônomo para ele. Se o telescópio fosse destruído, isto não faria nenhuma diferença apreciável para o Universo que esse telescópio revela.

Será agora compreendido que esta fórmula do **I A O** é uma fórmula de Tiphareth. O mago que emprega isto é consciente de si mesmo como um homem propenso ao sofrimento, e ansioso para transcender esse estado, tornando-se um com Deus. Ele aparece para ele como o Ritual Supremo, como a etapa final; mas, conforme já foi salientado, é apenas uma preliminar.

¹ **N. do A. = Esta fórmula, embora agora substituída pelo de HORUS, a Criança Coroada e Conquistadora, permanece válida para aqueles que ainda não tenham assimilado o ponto de vista da Lei de Thelema. Todavia, ver apêndice, Liber Samekh. Compare também "O Livro do Espírito dos Deuses Vivos" onde há um ritual dado *in extenso* em linhas ligeiramente diferentes: Equinócio I, III, páginas 269-272.**

Para o homem normal hoje, no entanto, representa realização considerável; e há uma fórmula muito anterior cuja investigação vai ocupar o Capítulo VI.

O MESTRE THERION, no ano dezessete do Aeon, reconstruiu a Palavra I A O para satisfazer as novas condições da Magia^(k) impostas pelo progresso. A Palavra da Lei se tornou Thelema, cujo número é 93, este número deve ser o cânone da missa correspondente. Assim, ele se expandiu IAO tratando o O como um Ayin, e a adição de Vau como prefixo e afixo. A palavra completa é então

יאַוּאֵי*

cujo número é 93. Podemos analisar esta nova Palavra em detalhes e demonstrar que este é um hieróglifo apropriado do Ritual de Auto-Iniciação neste Aeon de Horus. Para a correspondência da seguinte nota, ver Liber 777.* Os principais pontos são os seguintes:

* N. do E. 2008 = [Ou seja., VIAOV ou FIAOF.]

* N. do E. 2008 = [Veja também o Apêndice V.]

| Atu (Trunfo do Tarot) | Negativa. de Atu | Letras Hebraicas | Negativa da letra | Correspondência na Natureza | Outras Correspondências |
|--|------------------------|--|-------------------------|--|--|
| <p>O Hierofante. (Osiris eno trono e coroado, com a Varinha).</p> <p>Quatro Adoradores; os quatro elementos.</p> | V | Vau (um prego) Inglês V, W, ou vogal entre O e Uma'ajab e ma'aruf. | 6 | Touro (Um sinal da terra regido por Vênus, a Lua exaltada, mas do sexo masculino.) Liberdade, ou seja, o livre-arbítrio. | <p>O Sol. O filho no Tetragrammaton. (Veja Cap. III). O Pentagrama que mostra o Espírito mestre e reconciliador dos Quatro Elementos.</p> <p>O hexagrama que une Deus e o Homem. A consciência ou Ruach.</p> <p>Parzival como a Criança sendo cuidada pela mãe viúva: Horus, filho de Ísis e Osíris morto.</p> <p>Cristo-Baco no Céu-Olimpo salvando o mundo.</p> <p>A raiz do Alfabeto. O Espermatozóide. A juventude de sair em suas aventuras depois de receber a Varinha. Parzival no deserto. Cristo se refugia no Egito, e no Monte é tentado pelo Diabo. A Vontade Inconsciente ou Palavra.</p> |
| <p>O Eremita (Hermes com Lâmpada, Asas, Varinha, Manto e Serpente).</p> | IX | Yod (a mão) Inglês I ou Y. | 10 | Virgem (um sinal da terra regido por Mercúrio ali exaltado; sexualmente ambivalente) Luz, ou seja, da Sabedoria, o íntimo. | |

| Atu (Trunfo do Tarot) | Negativa. de Atu | Letras Hebraicas | Negativa da letra | Correspondência na Natureza | Outras Correspondências |
|---|------------------------|---|-------------------------|---|---|
| O Louco (O Bebê no Ovo na Lotus, Baco Diphues, etc.) | O | Aleph (um boi) Inglês A, mais ou menos. | 1 | Ar (A condição de toda a Vida, o veículo imparcial. Sexualmente subdesenvolvido). Vida; isto é, o órgão de expressão possível. | A respiração livre. O Svastika . O Espírito Santo. O Ventre da Virgem. Parzival como "o puro Thor"* que não sabe nada. Horus. Cristo- Bacchus como o bebê inocente, persuadido por Herodes-Héré. Hércules estrangulando as serpentes. O Ser Inconsciente ainda não determinado em qualquer direção. |
| O Diabo (Baphomet no trono e adorado pelo Masculino e Feminino. Ver o projeto de Eliphaz Levi.) | XV | Ayin (um olho) Inglês A, ou O mais ou menos: o balido da cabra, A'a. | 70 | Capricórnio (um sinal da terra regido por Saturno; Exaltado por Marte. Sexualmente masculino) Amor: ou seja, o instinto de satisfazer Deus, através da união com o Universo. | Parzival em Armadura Preta, pronto para voltar ao Montsalvat como Rei- Redentor: Horus vem para o pleno crescimento. Cristo-Bacchus com a Cruz do Calvário Kithairon - Thyrsus.* |

IAF varia em importância com sucessivos Aeons.

* N. do E. 2008 = [Al., "o Tolo puro."]

* N. do E. 2008 = [Gr., "lira" e "varinha."]

Aeon de Isis. Idade matriarcal. A Grande Obra concebida como um caso simples e íntegro.

Encontramos a teoria refletida nos costumes do Matriarcado. Partenogênese é supostamente verdadeira. A Virgem (Yod-Virgo) contém em si mesma o princípio do crescimento - a semente Hermética epicene. Torna-se o Bebê no Ovo (A - Harpócrates) em virtude do Espírito (A = Ar, impregnando o Abutre-Mãe) e isso se torna o Sol ou Filho (F = a letra de Tiphareth, 6, mesmo quando soletrado como Omega , em copta. Ver 777).

Aeon de Osíris. Idade patriarcal. Dois sexos. I concebido como o Varinha-Pai. (Yod em Tetragrammaton). A O Bebê é prosseguido pelo Dragão, que lança uma inundação de sua boca para engoli-lo. Veja Rev. VII. O Dragão é também a "Mãe-Má" de Freud. É Harpócrates, ameaçado pelo crocodilo no Nilo. Encontramos o simbolismo da Arca, o caixão de Osíris, etc. A Lotus é a Yoni; a água do líquido amniótico. A fim de viver a sua própria vida, a criança deve deixar a Mãe, e vencer a tentação de voltar ao seu refúgio. Kundry, Arminda, Jocasta, Circe, etc., são símbolos desta força que tenta o Herói. Ele pode tomá-la como sua serva¹ quando domina-la, a fim de curar o pai (Amfortas), vingá-lo (Osiris), ou acalmá-lo (Jeová). Mas, a fim de crescer para a maturidade, ele deve deixar de depender dela, ganhando o Lance (Parzival), alegando que seus braços (de Aquiles), ou fazendo seu clube (Hercules)², e vagueiam no deserto sem água como Krishna, Jesus, Édipo, κ. τ. λ. - até a hora em que, como o "Filho do Rei" ou cavaleiro andante, ele deve ganhar a Princesa, e pôs-se em cima de um trono estranho. Quase todas as lendas de heróis implicam esta fórmula em símbolos notavelmente semelhantes. F. Vau o Sol - Filho. Ele é supostamente mortal; mas como isso é mostrado? Parece uma perversão absoluta da verdade: os símbolos sagrados não têm nenhum indício disso. Esta mentira é a essência da Grande Feitiçaria. A Religião de Osíris é uma fantasia Freudiana formada pelo pavor do homem pela morte e da ignorância da natureza.

¹ N. do A. = Seu único discurso no último ato é "Dienen: Dienen".

² N. do A. = Note-se que todos estes três permanecem por um tempo como neutros entre as mulheres, impedidos de viver a vida masculina.

A ideia-partenogênese persiste, mas agora é a fórmula para encarnar semi-deuses, ou reis divinos; estes devem ser imolados e ressuscitados dos mortos, de uma forma ou de outra. ¹

Aeon de Horus. Dois sexos em uma pessoa.

FIAOF: 93, a fórmula completa, reconhecendo o Sol como Filho (Estrela), como a Unidade pré-existente manifestada a partir da qual todos nascem e para o qual todos retornam. A Grande Obra é tornar o FF inicial de Assiah (o mundo da ilusão material) em o FIF final de Atziluth, ² o mundo da realidade pura.

Soletrando o Nome na íntegra, FF + IFD + ALP + OIN + FI + 309 = Sh T = XX + XI = 31 a chave secreta da Lei.

F é a Estrela manifestada.

I é o segredo da Vida Serpente

- Luz Lâmpada

- Amor Varinha

- Liberdade Asas

- Silêncio Manto

Estes símbolos são todos mostrados no Atu "O Eremita". São competências do Yod, cuja extensão é o Vau. Yod é a mão com a qual o homem faz a sua vontade. É também a Virgem; sua essência é inviolável.

A é o Bebê "que formulou seu Pai, e fez fértil sua Mãe" - Harpócrates, etc., como antes; mas ele desenvolve para

O O "Diabo" exaltado (também o *outro* Olho secreto) pela fórmula da Iniciação de Hórus em outros lugares descritos em detalhe. Este "Diabo" é chamado Satanás ou Shaitan, e é visto com horror por pessoas que são ignorantes de sua fórmula, e, imaginam-se más, acusam a própria natureza de seu próprio crime fantasmagórico. Satanás é Saturno, Set, Abrasax, Adad, Adonis, Attis, Adão, Adonai, etc. A acusação mais séria contra ele é apenas que ele é o Sol no Sul.

¹ N. do A. = Todas estas ideias podem ser explicadas por referência a antropologia. Mas esta não é a sua condenação, mas a sua justificação; para os costumes e lendas da humanidade refletir a verdadeira natureza das espécies.

² N. do A. = Para essas grafias ver 777.

Os Iniciados antigos, habitaram como fizeram em terras cujo sangue foi a água do Nilo ou do Eufrates, ligadas ao Sul com o calor murchando a vida, e amaldiçoaram aquela parte onde os dardos solares eram mais mortais. Mesmo na lenda de Hiram, é ao meio-dia que ele é golpeado e morto. Capricórnio é, aliás, o sinal que o Sol entra quando ele atinge sua declinação extrema ao Sul no solstício de inverno, a época da morte da vegetação, para o povo do hemisfério Norte. Isto lhes deu uma segunda causa para amaldiçoar o Sul. A terceira; a tirania dos ventos quentes, secos e venenosos; a ameaça de desertos ou oceanos terríveis por causa do misterioso e intransponível; estes também foram conectados em suas mentes com o Sul. Mas, para nós, cientes de fatos astronômicos, este antagonismo para o Sul é uma superstição boba que os acidentes das suas condições locais sugerem para os nossos antepassados animistas. Não vemos nenhuma inimizade entre direita e esquerda, para cima e para baixo, e pares de opostos semelhantes. Estas antíteses são reais apenas como uma declaração de relação; elas são as convenções de um dispositivo arbitrário para representar nossas ideias em um simbolismo pluralista baseado na dualidade. "Bom" deve ser definido em termos de ideais humanos e instintos. "Oriente" não tem nenhum significado, exceto com referência aos assuntos internos da terra; como uma orientação absoluta no espaço que altera um grau de quatro em quatro minutos. "Para cima" é o mesmo para dois homens, a menos numa chance de ser a linha que une o outro com o centro da terra. "Duro" é a opinião pessoal dos nossos músculos. "Verdade" é um epíteto totalmente ininteligível que provou refratário à análise dos nossos filósofos mais hábeis.

Não temos, portanto, nenhum escrúpulo em restaurar a "adoração ao diabo" tais ideias como as leis do som, e os fenômenos da fala e audição, obrigam-nos a conectar com o grupo de "Deuses" cujos nomes são bases sobre ShT ou D, vocalizadas pelo sopro livre A. Para esses nomes implicam as qualidades de coragem, franqueza, energia, orgulho, poder e triunfo; são as palavras que expressam a vontade criadora e paternal.

Assim, "o Diabo" é Capricórnio, a cabra que salta sobre as montanhas mais altas, a Divindade que, se manifestar no homem, faz dele Aegipan, o Todo.

O Sol entra neste signo quando retorna para renovar o ano no Norte. Ele é também a vogal O, própria para rugir, crescer, e para comandar, sendo um sopro forçado controlado pelo círculo firme da boca.

Ele é o olho aberto do Sol exaltado, diante do qual todas as sombras fogem; também Olho Secreto que faz uma imagem do seu Deus, a Luz, e dá-lhe poder para proferir oráculos, iluminando a mente.

Assim, ele é o homem feito Deus, exaltado, ansioso; ele chegou consciente à sua plena estatura, e por isso está pronto para ajustar-se ao caminho para redimir o mundo. Mas ele não pode aparecer nessa forma verdadeira; a Visão de Pan iria deixar os homens loucos com medo. Ele deve esconder-se em seu disfarce original.

Ele, portanto, torna-se, aparentemente, o homem que era no início; ele vive a vida de um homem; de fato, ele é totalmente homem. Mas sua iniciação tornou-o mestre do Evento, dando-lhe a compreensão de que o que acontece com ele é a execução de sua verdadeira vontade. Assim, a última etapa de sua iniciação é expressa em nossa fórmula como o final:

F - As séries de transformações não afetaram sua identidade; mas explicaram-no a si mesmo. Da mesma forma que cobre é cobre ainda depois $Cu + O = Cu O$: $+ H_2SO_4 = CuS_4O(H_2O)$: $+ K_2S = Cu S (K_2SO_4)$: + zarabatana e agente redutor = $Cu(S)$.

É o mesmo cobre; mas aprendemos algumas de suas propriedades. Observamos especialmente que ele é indestrutível, inviolavelmente ele mesmo em todas as suas aventuras, e em todos os seus disfarces. Vemos, aliás, que só pode fazer uso dos seus poderes, cumprir as possibilidades de sua natureza, e satisfazer suas equações, combinando assim com os seus homólogos. Sua existência como substância separada é evidência de sua sujeição ao estresse; e isso é sentido como a dor de um desejo incompreensível até que ele percebe que cada experiência é um alívio, uma expressão de si mesmo; e que não pode ser ferido por alguma coisa que pode acontecer a ele. No Aeon de Osíris foi realmente percebido que o Homem deve morrer para viver. Mas agora no Aeon de Hórus, sabemos que cada evento é uma morte; sujeito e objeto matam um ao outro em "amor sob vontade"; cada morte é a própria vida, o meio pelo qual se percebe a si mesmo em uma série de episódios.

O segundo ponto principal é a conclusão do A bebê Baco pelo O Pan (Parzival ganha a Lança, etc.).

O primeiro processo é encontrar o I no V - iniciação, purificação, encontrar a Raiz Secreta de si mesmo, a Virgem epicene que é de 10 (Malkuth), mas soletrado na íntegra 20 (Júpiter).

Este Yod na *Virgem* se expande para o Bebê no Ovo pela formulação da Sabedoria Secreta da Verdade de Hermes no Silêncio do Louco. Ele adquire o Olho - Varinha, vendo e agindo e sendo adorado. O Pentagrama invertido - Baphomet - o Hermafrodita totalmente crescido - gera-se sobre si mesmo como V novamente.

Note-se que há agora dois sexos em uma pessoa por toda parte, de modo que cada indivíduo é sexualmente auto procriativo, enquanto Isis conhecia apenas um sexo, Osíris pensou os dois sexos opostos. Além disso, a fórmula é agora Amor em todos os casos; e o fim é o começo, em um plano superior.

O I é formado a partir do V pela remoção da cauda, o A equilibrando 4 Yods , o O fazendo um triângulo invertido de Yods, o que sugere a fórmula de Nuit - Hadit - Ra-Hoor-Khuit. A são os elementos que giram como uma Svastika - a Energia criativa em ação equilibrada.



CAPÍTULO VI

A FÓRMULA DO NEÓFITO ¹.

Esta fórmula tem como seu "primeiro assunto" o homem comum totalmente ignorante de tudo e incapaz de qualquer coisa. Ele é, portanto, representado com os olhos vendados e amarrados. Sua única ajuda é a sua aspiração, representada pelo oficial que está a levá-lo para dentro do Templo. Antes de entrar, ele deve ser purificado e consagrado. Uma vez dentro do Templo, ele é obrigado a vincular-se por um juramento. Sua aspiração é agora formulada como Vontade. Ele faz a circunvolução mística do Templo pelas razões a serem descritas no capítulo sobre "Gesto".* Depois de mais purificação e consagração, ele é permitido por um momento de ver o Senhor do Oeste, e ganha coragem ² para persistir. Pela terceira vez ele é purificado e consagrado, e ele vê o Senhor do Oriente, que detém o equilíbrio, mantendo-o em linha reta. No Ocidente, ele ganha energia. No Oriente ele é impedido de dissipação da mesma. Assim fortificado, ele pode ser recebido na ordem como um neófito pelos três oficiais principais, unindo assim a Cruz com o Triângulo. Ele pode, então, ser colocado entre as colunas do Templo, para receber a quarta e última consagração. Nesta posição, os segredos do grau são comunicados a ele, e o último de seus grilhões é removido. Tudo isso é selado pelo sacramento dos Quatro Elementos.

Será visto que o **efeito desta cerimônia inteira é dotar uma coisa inerte e impotente com movimento equilibrado numa dada direção**. Numerosos exemplos desta fórmula são dados

¹ N. do A. = Veja a Cerimônia do Neófito, Equinócio I, II.

* N. do E. 2008 = [Veja o Capítulo 10.]

² N. do A. = O medo é a fonte de toda a falsa percepção. Mesmo Freud teve um vislumbre deste fato.

em Equinócio I, Nos. II e III. É a fórmula da Cerimônia do Neófito da G.D. Deve ser empregada na consagração das armas reais utilizadas pelo mago, e podem também ser usadas como a primeira fórmula de iniciação.

No livro chamado Z 2 ¹ (Equinócio I, III) são dadas informações completas sobre esta fórmula, que não pode ser muito cuidadosamente estudada e praticada. É, infelizmente, a mais complexa de todas elas. Mas isso é culpa da primeira questão do trabalho, que é tão confusa que muitas operações são necessárias para unificá-la.

¹ N. do A. = Essas seções que tratam de adivinhação e alquimia são o lixo mais grotesco, neste último caso, e na antiga obscura e pouco prática.

CAPÍTULO VII

A FÓRMULA DO SANTO GRAAL:

DE

ABRAHADABRA:

e de outras certas Palavras.

Além disso: A MEMÓRIA MÁGICA.

O Hieróglifo mostrado na Sétima Chave do Tarot (descrito no 12º Aethyr, Liber 418, Equinócio I, V) é o cocheiro de NOSSA SENHORA BABALON, cujo Cálice do Graal ele carrega.

Agora, esta é uma fórmula importante. É a primeira das Fórmulas, em certo sentido, pois é a fórmula da Renúncia. ¹ É também a última!

Este Cálice diz ser repleto do Sangue dos Santos; ou seja, **cada "santo" ou mago deve dar a última gota de seu sangue de vida a esse cálice.** É o preço original pago pelo poder mágico. E **se é pelo poder mágico que entendemos o verdadeiro poder**, a assimilação de toda força com a Luz final, o verdadeiro nupcial da Rosa Cruz, **é então aquele sangue da oferta de virgindade, o único sacrifício agradável ao Mestre**, o sacrifício cuja única recompensa é a dor do parto a ele.

Mas "para vender alma de alguém ao diabo", **renunciar não importa o que para um equivalente no ganho pessoal ², é magia negra.** Você não é mais um doador nobre, mas um mercenário.

¹ N. do A. = Não há nenhuma implicação moral aqui. Mas, para escolher A implica a recusa não-A: pelo menos, é assim, abaixo do Abismo.

² N. do A. = *Suposto* ganho pessoal. Não há realmente nenhuma pessoa a ganhar; por isso toda a transação é uma fraude em ambos os lados.

Esta fórmula é, no entanto, um pouco diferente em simbolismo, uma vez que é uma mulher cujo Cálice deve ser preenchido. É, antes, o sacrifício do homem, que transfere vida para seus descendentes. Para uma mulher não carregar em si o princípio de uma nova vida, exceto temporariamente, quando é dado a ela.

Mas aqui a fórmula implica muito mais do que isso. Pois é toda a sua vida que o Mago oferece a NOSSA SENHORA. A Cruz é tanto Morte quanto Geração, e é na cruz que a Rosa floresce. O pleno significado desses símbolos é tão elevado que dificilmente é equipado para um tratado elementar deste tipo. É preciso ser um Adepto Isento, e ter se tornado pronto para passar, antes que se possa ver os símbolos mesmo a partir do plano inferior. Apenas um Mestre do Templo pode entendê-los completamente.

(No entanto, o leitor pode estudar Liber CLVI em Equinócio I, VI, 12º e 2º Aethyrs em Liber 418 em Equinócio I, V, e o Simbolismo do Vº e VIº na O.T.O.)

Da preservação deste sangue que NOSSA SENHORA oferece ao ANTIGO, CAOS ¹ o PAI DE TUDO, para reanimá-lo, e de como sua essência divina enche a Filha (a alma do Homem) e coloca-a sobre o Trono da Mãe, cumprindo a Economia do Universo, e, portanto, em última análise, recompensando o Mago (o Filho) dez mil vezes, seria ainda mais impróprio falar neste lugar. Um mistério tão santo é o Arcano dos Mestres do Templo, que é aqui sugerido, a fim de cegar o presunçoso que pode, indigno, procuram levantar o véu, e ao mesmo tempo para iluminar as trevas de como pode estar necessitando apenas de um raio do Sol, a fim de saltar para a vida e a luz.

II

ABRAHADABRA é uma palavra para ser estudada em Equinócio I, V, "O Templo de Salomão o Rei". Representa a Grande Obra completa e, portanto, é um arquétipo de todas as operações mágicas menores. É tão perfeita que pode a ser aplicada de forma avançada a qualquer uma delas.

¹ N. do A. = CAOS é um nome geral para a totalidade das Unidades da Existência; é, assim, um nome feminino em forma. Cada unidade do CAOS é o próprio Pai de Tudo.

Mas um exemplo de tal operação pode ser estudado em Equinócio I, VII, "O Templo do Rei Salomão", onde uma invocação de Hórus nesta fórmula é dada na íntegra.* Nota-se a *reverberação* das ideias umas contra as outras. A fórmula de Hórus ainda não foi tão completamente trabalhada em detalhes para justificar um tratado sobre sua teoria e prática exotérica; mas pode-se dizer que ela é, a fórmula de Osíris, o que a turbina é o motor alternativo.

III

Há muitas outras palavras sagradas que consagram fórmulas de grande eficácia em operações específicas.

Por exemplo, V.I.T.R.I.O.L dá um certo Regime dos Planetas úteis no trabalho Alquímico. Ararita é uma fórmula do macrocosmo potente em certas operações muito elevadas da Magia^(k) da Luz Secreta. (Veja Liber 813.)

A fórmula de Thelema pode ser resumida assim: Θ "Babalon e a Besta unida" – Ε até Nuit (CCXX, I, 51) – λ O trabalho realizado na Justiça – η o Santo Graal – μ A água nesse lugar – α O Bebê no Ovo (Harpócrates no Lótus.)

A de *Ágape* é como se segue:

Dionísio (Capital A) - A Terra Virgem τ - O Bebê no Ovo (pequeno α - a imagem do Pai) - O Massacre dos Inocentes, π (espremedeira) - O Esboço do Êxtase, η.

O postulante vai encontrá-la bem, vale a pena, enquanto busca essas ideias em detalhes, e desenvolver a técnica de sua aplicação.

Há também o Nome Gnóstico das Sete Vogais, o que dá uma fórmula musical mais pujante em evocações da Alma da Natureza. Não é, aliás, ABRAXAS; há XNOUBIS; há MEITHRAS; e, certamente, pode ser brevemente estabelecido que **todo verdadeiro nome de Deus dá a fórmula da invocação daquele Deus.**¹ Seria, portanto, impossível, mesmo que fosse desejável, analisar todos esses nomes.

* N. do E. 2008 = [Veja "Invocação de Hórus de acordo com a Visão de W., o Vidente", Parte IV, Cap. VI, p. 415 abaixo.]

¹ N. do A. = Os membros do IVº da O.T.O. estão bem cientes de uma Palavra Mágica cuja análise contém toda a Verdade, humana e divina, uma palavra de fato potente para qualquer grupo que se atreve a usá-la.

O método geral de fazê-la foi dado, e o Mago deve operar a sua própria fórmula para casos particulares. ¹

IV.

Também deve ser observado que cada classe tem sua fórmula mágica peculiar. Assim, a fórmula de Abrahadabra nos diz respeito, como homens, principalmente porque cada um de nós representa o pentagrama ou microcosmo; e nosso equilíbrio deve, portanto, estar com o hexagrama ou macrocosmo. Em outras palavras, $5^\circ = 6^\circ$ é a fórmula da operação Solar; mas, em seguida, $6^\circ = 5^\circ$ é a fórmula da operação Marcial, e essa inversão de valores implica um Trabalho muito diferente. No primeiro caso, o problema foi dissolver o microcosmo no macrocosmo; mas este outro problema é separar uma força particular do macrocosmo, assim como um selvagem pode cavar um machado de sílex dos depósitos em um penhasco de giz. Do mesmo modo, uma operação de Júpiter será da natureza do equilíbrio dele com Vênus. Sua fórmula gráfica será $7^\circ = 4^\circ$, e haverá uma palavra em que o caráter desta operação é descrita, assim como Abrahadabra descreve a Operação da Grande Obra.

Pode-se afirmar, sem injustiça, como princípio geral, grosseiro, que o mais distante da igualdade original são os dois lados da equação, o mais difícil é executar a operação.

Assim, para levar o caso da operação pessoal simbolizada pelos graus, é mais difícil para se tornar um Neófito, $1^\circ = 10^\circ$, do que para passar deste para o grau de Zelator, $2^\circ = 9^\circ$.

A iniciação é, portanto, progressivamente mais fácil, em certo sentido, depois que o primeiro passo é dado. Mas (especialmente após o falecimento de Tiphareth) a distância entre grau e grau aumenta à medida que for por uma progressão geométrica com um fator extremamente alto, que por si mesmo progride. ²

¹ N. do A. = A Santa Cabala (ver Liber D em Equinócio I, VIII, Suplemento, e Liber 777) proporciona os meios de análise e aplicação necessários. Veja também Equinócio I, V, "O Templo de Salomão O Rei".

² N. do A. = A sugestão feita recentemente diz que a Hierarquia das classes deve ser "destruída e substituída por" - um sistema de anéis de 13 Graus todos iguais. Há, naturalmente, um sentido em que cada grau é uma coisa-em-si. Mas a hierarquia é apenas um método conveniente de classificar fatos observados.

É evidentemente impossível dar detalhes de todas estas fórmulas. Antes de iniciar qualquer operação, seja quem for o mago deve fazer um estudo aprofundado de estudo Cabalístico disto de modo a elaborar sua teoria em simetria da perfeição. Preparação em Magia^(k) é tão importante quanto numa guerra.

V

Deve ser rentável fazer um estudo detalhado da palavra de aparência estranha AUMGN, a sua análise proporciona uma excelente ilustração dos princípios sobre os quais o Practicus pode construir suas próprias Palavras Sagradas.

Esta palavra foi pronunciada pelo próprio Mestre Therion, como um meio de declarar o seu próprio trabalho pessoal como a Besta, o Logos do Aeon. Para compreendê-la, devemos fazer uma consideração preliminar da palavra que esta substitui e da qual foi desenvolvida: a palavra AUM.

A palavra AUM é o mantra sagrado Hindu que foi o hieróglifo supremo da Verdade, um compêndio do Conhecimento Sagrado. Muitos volumes foram escritos em relação a ele; mas, para o nosso propósito presente, será necessário apenas explicar como ele veio servir para a representação dos principais dogmas filosóficos dos Rishis.

Pode-se lembrar da Democracia, que, ao ser informada pelo ministro do Interior de que a escassez de provisões deveu-se à lei da oferta e demanda, aprovou uma resolução unânime pedindo a revogação imediata da medida iníqua!

Cada pessoa, seja qual for seu grau na Ordem, tem também um grau "natural" apropriado à sua virtude intrínseca. Ele pode esperar para ser "expulso" naquele grau, quando ele se torna 8º = 3º. Assim, um homem, ao longo de sua carreira, pode ser essencialmente do tipo de Netzach; outro, de Hod. Da mesma forma Rembrandt e Raphael mantiveram seus respectivos pontos de vista em todas as fases de sua arte. A consideração prática é que alguns aspirantes podem achar que é extraordinariamente difícil de atingir certos graus; ou, pior ainda, permitir que as suas predisposições inerentes os influenciem a negligenciar antipáticos, e tolerar simpáticos, tipos de trabalho. Poderão, assim, tornarem-se mais desequilibrados do que nunca, com resultados desastrosos. Sucesso em busca de um favorito é uma mulher sedutora; cujos rendimentos para suas artimanhas limitam o seu próprio crescimento. Verdade, toda Vontade é parcial; mas, mesmo assim, só pode realizar-se pela expansão simétrica. Deve ser ajustada ao Universo, ou pela falta de perfeição.

Em primeiro lugar, isto representa o curso completo do som. É pronunciado, forçando o ar a partir da parte de trás da garganta, com a boca aberta, através da cavidade bucal com os lábios em forma de modo a modificar o som de A para O (ou U), para os lábios fechados, quando se torna M. Simbolicamente, isto anuncia o curso da natureza como procedente de criação livre e sem forma controlada e formada através da preservação ao silêncio da destruição. Os três sons são harmonizados em um; e assim a palavra representa a Trindade Hindu de Brahma, Vishnu e Shiva; e as operações no Universo de sua energia trina. É, portanto, a fórmula de um Manvantara, ou período de existência manifestada, que se alterna com um Pralaya, durante o qual a criação é latente.

Analisado Cabalisticamente, a palavra é encontrada para possuir propriedades semelhantes. A é o negativo, e também a unidade que concentra em uma forma positiva. A é o Espírito Santo que gera Deus em carne sobre a Virgem, de acordo com a fórmula familiar aos estudantes de "O Ramo de Ouro". A é também o "bebê no Ovo" assim produzido. A qualidade de A é assim bissexual. É o ser original - Zeus Arrhenothelus, Bacchus Diphues, ou Baphomet.

U ou V é o próprio filho manifestado. Seu número é 6. Refere-se, portanto, a sua dupla natureza do Logos como divino e hexagrama. É o primeiro número do Sol, cujo último número ¹ é 666 ", o número de um homem".

A letra M exhibe o término deste processo. É o Enforcado do Tarô; a formação do indivíduo a partir do absoluto é fechada por sua morte.

Vemos nesse sentido como AUM é, em qualquer um dos sistemas, a expressão de um dogma que implica catástrofe na natureza. É aparentado com a fórmula do Deus Sacrificado. A "ressurreição" e "ascensão" não estão implicadas nele. São invenções posteriores sem base na necessidade; que podem ser descritas como de fato fantasmas Freudianos evocados pelo medo de enfrentar a realidade.

¹ N. do A. = O Sol sendo 6, um quadrado 6 X 6 contém 36 quadrados. Nós organizamos os números de 1 a 36 neste quadrado, de modo que cada linha, lista e diagonal adiciona ao mesmo número. Este número é III; o total de todos é 666.

Para o Hindu, de fato, eles são ainda menos respeitáveis. Em sua opinião, a existência é essencialmente censurável ¹; e sua principal preocupação é invocar Shiva ² para destruir a ilusão cujo encaixo é a maldição do Manvantara.

As revelações cardinais do Grande Aeon de Hórus é que esta fórmula AUM não representa os fatos da natureza. O ponto de vista é baseado na interpretação errada do caráter de existência. Isto logo se tornou óbvio para O Mestre Therion que AUM era um hieróglifo inadequado e enganador. Afirmou apenas uma parte da verdade, e isso implicava uma falsidade fundamental. Ele conseqüentemente determinado a modificar a palavra de forma a ajustá-la para representar o Arcano revelou pelo Aeon do qual Ele tinha atingido a ser o Logos.

A tarefa essencial era enfatizar o fato de que a natureza não é catastrófica, mas precede por meio de ondulações. Pode-se sugerir que Manvantara e Pralaya são na realidade curvas complementares; mas a doutrina Hindu insiste fortemente em negar continuidade às fases sucessivas. Foi, no entanto, importante para evitar mexer no arranjo trinitário da palavra, como seria feito através da adição de outras letras. Foi igualmente desejável para deixar claro que a letra M representa uma operação que na verdade não ocorre na natureza, exceto quanto à retirada dos fenômenos no Absoluto; processo que, mesmo quando assim entendido, não é uma verdadeira destruição, mas, pelo contrário, a emancipação de qualquer coisa, desde as modificações que ele tenha equivocado por si. Ocorreu-lhe que a verdadeira natureza do Silêncio era permitir que a vibração ininterrupta da energia ondulatória, livre das falsas concepções ligadas a ele pelo Ahamkara ou Ego tomada de faculdade, cujo pressuposto de que a individualidade consciente constitui existência levou a considerar o seu caráter aparentemente catastrófico próprio como pertencente à ordem da natureza.

¹ N. do A. = **Thelemitas concordam que existência manifestada implica Imperfeição. Mas eles entendem porque a Perfeição inventa esse disfarce. A teoria é desenvolvida totalmente em Liber Aleph, e na Parte IV deste Livro 4. Veja também o Capítulo V parágrafo no F final de FIAOF.**

² N. do A. = **A teoria Vaishnava, superficialmente se opôs a isso, acabando em análise sendo praticamente idêntica.**

A fórmula ondulatória de putrefação é representada na Cabala pela letra N, que se refere ao Escorpião, cuja natureza trina combina a Águia, a Cobra e o Escorpião. Esses próprios hieróglifos indicam as fórmulas espirituais da encarnação. Ele também estava ansioso para usar a letra G, outra fórmula trina expressiva dos aspectos da lua, que declara ainda mais a natureza da existência humana da seguinte maneira. A lua é em si uma esfera escura; mas uma aparência de luz é comunicada pelo sol; e é exatamente dessa maneira que sucessivas encarnações criam a aparência, assim como a estrela individual, que cada homem é, permanece em si, independentemente da terra percebe-la ou não.

Agora acontece que a raiz GN significa conhecimento e geração combinados em uma única ideia, de uma forma absoluta, independente da personalidade. O G é uma letra silenciosa, como na nossa palavra Gnosis; e o som GN é nasal, sugerindo, portanto, o sopro da vida, em oposição ao do discurso. Impelido por estas considerações, o Mestre Therion propôs substituir o M de AUM por uma letra composta MGN, simbolizando assim a transformação sutil do aparente silêncio e morte na qual termina a vida manifestada do Vau pela vibração contínua de uma energia impessoal da natureza de geração e conhecimento, a Lua Virgem e a Serpente, além disso, operando para incluir na ideia de uma comemoração da lenda tão grosseiramente deformada na lenda hebraica do Jardim do Éden, e sua ainda mais malignamente degradada falsificação naquele amargo sectário bordo, o Apocalipse.

O som trabalha invariavelmente, reivindicando-se pelo fornecimento de corolários confirmatórios não contemplados pelos Cabalistas. No presente caso, o Mestre Therion ficou encantado ao observar que sua letra composta MGN, construída em princípios teóricos com a ideia de incorporar o novo conhecimento do Aeon, tinha o valor de 93 (M = 40, G = 3, N = 50). 93 é o número da palavra da Lei - Thelema - Vontade, e de Ágape - Amor, o que indica a natureza da Vontade. É, além disso, o número da palavra que vence a morte, como membros do grau do M.M da O.T.O. estão bem conscientes; e é também aquela fórmula completa da existência tal como expressa na Verdadeira Palavra do Neófito, onde a existência é levada a importar aquela fase do todo que é a resolução finita da Cabalística Zero.

Finalmente, a numeração total da palavra AUMGN é 100, que, conforme os iniciados do Santuário da Gnose da OTO são ensinados, expressa a unidade sob a forma de manifestação completa pelo simbolismo do número puro, sendo Kether por Aiq Bkr ¹; também Malkuth multiplicado por si mesmo ², e, assim, estabeleceu-se no universo fenomênico. Mas, além disso, este número 100 misteriosamente indica a fórmula Mágica do Universo como um motor reverberatório para a extensão do Nada através do dispositivo de opostos equilibrados. ³

É, além disso, o valor da letra Qoph, que significa "parte de trás da cabeça", o cerebelo, onde a força criativa ou reprodutiva se situa primariamente. Qoph no Tarô é "a Lua", uma carta sugerindo ilusão, mostrando ainda forças contrárias ao nascimento operando na escuridão, e o Besouro voado ou o Sol da Meia Noite que viaja em sua casca através do Nadir. Sua atribuição Yetzirática é Peixes, simbólico das correntes positivas e negativas da energia fluídica, o macho Ichthus ou "Pescem" e a Vesica feminino, buscando, respectivamente, o ânodo e cathode. O número é 100, portanto, um hieróglifo sintético das energias sutis empregadas na criação da ilusão, ou reflexo da realidade, que chamamos de existência manifestada.

O acima são as principais considerações em matéria de AUMGN. Eles devem bastar para ilustrar ao postulante os métodos utilizados na construção dos hieróglifos de Magia^(k), e os armar com um mantra de tremendo poder em virtude do qual ele pode apreender o universo, e controlar em si mesmo as suas consequências cármicas.

¹ N. do A. = Um método de exegese onde 1 = 10 = 100, 2 = 20 = 200, etc.

² N. do A. = 10² = 100.

³ N. do A. = η Ϸ = 100 (20 + 80). Ϸ = x = KΤΕΙς : η = φ = Φαλλο; (por Notarigon).

* N. do E. 2008 = [Gr., It., "peixe."]

VI

A MEMÓRIA MÁGICA

I

Não existe tarefa mais importante do que a exploração das encarnações anteriores ¹ de alguém. Como Zoroastro diz: "Explorar o rio da alma, de onde e com que intuito tu vens." Não se pode fazer a Verdadeira Vontade de alguém inteligentemente ao menos que se saiba qual é. Liber Thisarb, Equinócio I, VII, dá instruções para a determinação disto calculando a resultante das forças que fizeram este alguém ser o que se é. Mas esta prática é confinada a uma presente encarnação.

Se fosse para acordar em um barco em um rio estranho, seria imprudente concluir que a única direção visível ao alcance era a de todo o fluxo. Ajudaria muito se alguém lembrasse as orientações alcançadas anteriormente, atravessadas antes de um cochilo. Isto aliviaria ainda mais a ansiedade quando se toma conhecimento de que uma força constante e uniforme era o único determinante de todos os resultados do fluxo: a gravitação. Nós poderíamos alegrar-nos "que mesmo os ventos cansados de algum lugar do rio se refugiam no mar."

Liber Thisarb descreve um método de obtenção da Memória Mágica, aprendendo a se lembrar de coisas passadas.

¹ N. do A. = Tem sido contestado à reencarnação que a população deste planeta tem aumentado rapidamente. De onde é que as novas almas vêm? Não é necessário inventar teorias sobre outros planetas; é suficiente dizer que a Terra está passando por um período em que as unidades humanas estão sendo construídas a partir dos elementos com maior frequência. A evidência para esta teoria surge aos olhos: de que outra idade estava lá, tal puerilidade, tal raça-experiência, tal dependência de fórmulas incoerentes? (Compare o emocionalismo infantil e credulidade do "bem-educado" anglo-saxão mediano com o bom senso astuto do camponês analfabeto normal.) Uma grande proporção da humanidade hoje é composta de "almas" que estão vivendo a vida humana pela primeira vez. Nota-se especialmente a incrível propagação da homossexualidade congênita e outras deficiências sexuais em muitas formas. Essas são as pessoas que não entenderam, aceitaram e até mesmo utilizaram a Fórmula de Osíris. Kin para eles são os 'nascidos uma vez' de William James, que são incapazes de realizar filosofia, magia^(k), ou até mesmo a religião, mas instintivamente procuram um refúgio contra o horror de contemplar a Natureza, que eles não compreendem, através de afirmações calmantes e xarope tais como a da Ciência Cristã, Espiritualismo, e toda a farsa 'oculta' de credos, bem como as formas emasculadas do chamado Cristianismo.

Mas a prática cuidadosa do Dharana é, talvez, mais comumente útil. Ao impedir que os pensamentos mais acessíveis surjam, nós golpeamos camadas mais profundas - memórias despertadas da infância. Existe uma classe de pensamentos ainda mais profunda cuja origem nos intriga. Algumas destas aparentemente pertencem a encarnações anteriores. Cultivando esses departamentos da mente de alguém, podemos desenvolvê-los; tornamo-nos especialistas; formamos uma coerência organizada desses elementos originalmente desconexos; a aptidão cresce com uma rapidez surpreendente, uma vez que o jeito do negócio está dominado.

É muito mais fácil (por razões óbvias) para adquirir a Memória Mágica quando se foi jurado por muitas vidas para reencarnar imediatamente. O grande obstáculo é o fenômeno chamado esquecimento Freudiano; isto é, que, apesar de um evento desagradável ter sido registrado fielmente o suficiente pelo mecanismo do cérebro, não conseguimos recuperá-lo, ou o recuperamos de forma errada, pelo fato de isto ser doloroso. "A Psicopatologia da Vida Cotidiana" analisa e ilustra este fenômeno em detalhe. Agora, tendo como rei dos terrores a Morte, é difícil certamente encará-la. A humanidade tem criado uma série de máscaras fantásticas; as pessoas falam em "ir para o céu", "atravessar", e assim por diante; *banners* ostentado em torres de papelão teorias infundadas. Uma recua instintiva para lembrar-se do antes, imaginando aquilo que vem depois, a morte. ¹ O ponto de vista do iniciado o ajudará imensamente.

Assim que se passa por este Pons Asinorum,* a prática torna-se muito mais fácil. É muito menos difícil para alcançar a vida antes da última; familiaridade com a morte gera o desprezo por ela.

É uma grande ajuda para o iniciante se ele por acaso tiver alguns motivos intelectuais para identificar-se com alguma pessoa definida no passado imediato. Um breve relato de Aleister Crowley boa sorte neste assunto deve ser instrutivo. Será visto que os pontos de contato variam muito entre si.

I. A data da morte de Eliphas Levi foi cerca de seis meses anterior ao nascimento de Aleister Crowley. O ego reencarnante supostamente toma posse do feto mais ou menos nessa fase de desenvolvimento.

¹ N. do A. = Esta última é uma prática muito valiosa para executar. Ver Liber HHH; Também ler as meditações budistas sobre as Dez Impurezas.

* N. do E. 2008 = [*Lat.*, lit. "bridge' burros," ou seja, um obstáculo para iniciantes.]

2. Eliphas Levi tinha uma semelhança particular impressionante com o pai de Aleister Crowley. Isto, obviamente, apenas sugere um certo grau de adequação de um ponto de vista físico.

3. Aleister Crowley escreveu uma peça chamada "A Força Fatal"* , numa época em que não tinha lido nenhum trabalho de Eliphas Levi. O motivo dessa peça é uma Operação Mágica de um tipo muito peculiar. A fórmula que era para ser ideia original de Aleister Crowley é mencionada por Levi. Não fomos capazes de rastreá-la em nenhum outro lugar com tanta similaridade em cada detalhe.

4. Aleister Crowley achou um certo alojamento em Paris incompreensivelmente familiar e atraente para ele. Este não era o fenômeno ordinário do *déjà vu*, era principalmente uma sensação de estar em casa novamente. Ele descobriu um tempo depois que Levi havia vivido na vizinhança há muitos anos.

5. Há muitas semelhanças curiosas entre os eventos da vida de Eliphas Levi e a de Aleister Crowley. A intenção dos pais de que seu filho tivesse uma carreira religiosa; a incapacidade de fazer uso de talentos muito notáveis de forma regular; o ostracismo inexplicável que o afligia, e cujos autores pareciam de alguma forma se envergonhar de si mesmos; os eventos relativos ao casamento¹: todos estes oferecem paralelos surpreendentemente próximos.

6. Os personagens dos dois homens apresentam identidades sutis em muitos pontos. Ambos parecem estar constantemente tentando reconciliar os antagonismos insuperáveis. Ambos acham difícil destruir a ilusão de que crenças fixadas pelo homem e costumes possam ser radicalmente alterados através de algumas explicações amigáveis. Ambos mostram uma predileção curiosa pela aprendizagem fora do caminho, preferindo fontes recônditas do conhecimento adotam aparências excêntricas. Ambos inspiram o que só pode ser chamado de medo ou pânico em estranhos absolutos, que não têm qualquer razão para sentir repulsa para o que, por vezes, quase equivale a insanidade temporária.

* N. do E. 2008 = [Crowley, Coletânea de Obras, vol. I, p.141.]

¹ N. do A. = Levi, no abandono, retirou a proteção de sua esposa; ela perdeu sua beleza e inteligência, e tornou-se presa de um pitecóiide velho e hediondo. A esposa de Aleister Crowley insistiu em fazer sua própria vontade, como ela definiu; isto o obrigou a ficar de lado. O que aconteceu com a Sra. Constante aconteceu com ela, embora de uma forma mais violenta e desastrosa.

A paixão dominante em cada caso é a de ajudar a humanidade. Ambas mostram desrespeito quixotesco de sua prosperidade pessoal, e até mesmo o conforto, mas ambas revelam amor luxuoso e esplendor. Ambas têm o orgulho de Satanás.

7. Quando Aleister Crowley se tornou Frater OU MH e teve de escrever sua tese para o grau de *Adeptus Exemptus*, ele já havia coletado suas ideias quando a "Chave para os grandes mistérios" de Levi caiu em suas mãos. Foi notável que ele, depois de ter admirado Levi por muitos anos, e até mesmo começado a suspeitar da identidade, não teve dificuldade (embora fosse um comprador extravagante de livros) para obter este tipo de trabalho. Ele descobriu, para seu espanto, que quase tudo o que ele mesmo tinha a intenção de dizer estava escrito lá. O resultado disso foi que deixou de escrever seu trabalho original, e em vez disso traduziu a obra-prima em questão.*

8. O estilo dos dois homens é notavelmente similar de várias maneiras sutis e profundas. O ponto de vista geral é quase idêntico. A qualidade da ironia é a mesma. Ambos têm um prazer perverso em jogar piadas sobre o leitor. Em certa altura, acima de tudo, a identidade é absoluta - não há uma terceira pessoa na literatura, que pode ser colocada na mesma classe. O ponto é este: Em uma única frase são combinados sublimidade e entusiasmo com amargura sarcástica, cepticismo, grosseria e desprezo. É evidente, o gozo supremo para tocar um acorde composto de muitos elementos conflitantes quanto possível. O prazer parece ser derivado da gratificante sensação de poder, o poder de obrigar todos os elementos possíveis de pensamento a contribuir para o espasmo.

Se a teoria da reencarnação fosse geralmente aceita, as considerações acima decifriariam um caso consistente. FRATER PERDURABO foi muito convicto em uma parte de sua mente dessa identidade, muito antes de ele obter qualquer memória real como esta. ¹

II

A menos se tenha uma base deste tipo, para começar, é preciso voltar-se a vida da melhor maneira possível pelos métodos acima indicados.

* N. do E. 2008 = [*Liber XLVI, A Chave dos Mistérios.*]

¹ N. do A. = **Por muito tempo desde que escreveu o texto acima, a publicação da biografia de Eliphas Levi por M. Paul Chacornat confirmou a hipótese de formas marcantes inumeráveis.**

Pode ser algum tipo de assistência para dar algumas características de uma Memória Mágica genuína; para mencionar algumas fontes de erro, e estabelecer regras críticas para a verificação dos resultados de cada uma.

O primeiro grande perigo surge da vaidade. Deve-se sempre tomar cuidado com a "recordação" na qual se era Cleópatra ou Shakespeare.

Mais uma vez, semelhanças superficiais são geralmente enganosas.

Uma das grandes provas da autenticidade de qualquer recordação é lembrar-se das coisas realmente importantes na vida, e não o que a humanidade comumente classifica como tal. Por exemplo, Aleister Crowley não se lembra de nenhum dos acontecimentos decisivos na vida de Elephas Levi. Ele lembra trivialidades íntimas da infância. Ele tem uma lembrança vívida de certas crises espirituais; em particular, uma que foi travada enquanto andava para cima e para baixo num trecho isolado da estrada em um bairro monótono e deserto. Ele se lembra de incidentes ridículos, como muitas vezes acontece em ceias quando a conversa toma tal rumo que a sua alegria de alguma forma atinge a alma, e se recebe uma revelação suprema que ainda é perfeitamente inarticulada. Ele se esqueceu do seu casamento e seus resultados trágicos¹, embora o plágio descarado que o Destino tem sido seja o suficiente para perpetrar em sua vida presente, naturalmente, se poderia pensar, reabrir a ferida.

Há um sentido que nos assegura intuitivamente quando estamos rodando em um extremo aroma de mama. Há uma *estranheza* sobre a memória que é de certa forma irritante. Dá uma sensação de vergonha e culpa. Há uma tendência a corar. Sentir-se como um colegial pego em flagrante no ato de escrever poesia. É o mesmo tipo de sentimento que se tem quando se encontra uma fotografia desbotada ou uma mecha de cabelo de vinte anos entre o lixo em algum armário esquecido. Este sentimento é independente da questão de saber se lembrar-se era em si uma fonte de prazer ou de dor. Pode ser que nos ressentimos da ideia de nossa "condição prévia de servidão"? Queremos esquecer o passado, no entanto precisamos de uma boa razão para nos orgulhar disso. É bem sabido que muitos homens são constrangidos na presença de um macaco.

¹ N. do A. = Talvez seja significativo que, embora o nome da mulher tenha sido familiar para ele desde 1898, ele nunca foi capaz de memorizar isto.

Quando esta "perda de face" não ocorrer, desconfie da precisão do item que você recordar. As únicas lembranças confiáveis que se apresentam com serenidade são invariavelmente ligadas com o que os homens chamam de desastres. Em vez da sensação de estar preso nos deslizamentos, sente-se estar perdido no postigo. Um deles tem a astuta satisfação de ter feito uma coisa absurdamente tola e sair impune. Quando a pessoa vê a vida em perspectiva, é um imenso alívio descobrir que coisas como falência, matrimônio, e a força não fizeram diferença particular. Eles eram apenas acidentes, como pode acontecer com qualquer um; que não tiveram qualquer influência real sobre o ponto em questão. Alguém conseqüentemente lembra-se de ter as orelhas cortadas como a sorte de escapar, enquanto a ocasional brincadeira de um companheiro bêbado em uma noite inteira no café com a vergonha do novo-rico a quem um estranho educado mencionou desavisadamente "Meu Tio".

O testemunho de intuições é, no entanto, estritamente subjetivo, e pede garantia adicional. Seria um grande erro pedir demais. Em consequência do caráter peculiar das lembranças que estão sob o microscópio, qualquer coisa na forma de confirmação bruta quase presume perjúrio. Um patologista poderia levantar suspeitas se ele dissesse que seus bacilos teriam aparecido na lâmina de modo a soletrar *Staphylococcus*. Desconfiamos de um arranjo de flores que nos diz que "A vida vale a pena viver em Detroit, Michigan". Suponha que Aleister Crowley lembra de que ele era Sir Edward Kelly. Isso não significa que ele será capaz de nos dar detalhes da Cracóvia, no tempo de James I da Inglaterra. Eventos relevantes são as palavras de uma língua arbitrária; os símbolos de uma cifra previamente combinada. O que aconteceu com Kelly em Cracóvia pode ter significado algo para ele, mas não há nenhuma razão para presumir que ele tenha qualquer significado para o seu sucessor.

Há uma linha óbvia de crítica sobre qualquer lembrança. Ela não deve entrar em conflito com os fatos apurados. Por exemplo - não se pode ter duas vidas que se sobrepõem, a menos que haja razões para supor que quanto mais cedo morrer espiritualmente seu corpo pararia de respirar. Isso pode acontecer em certos casos, como insanidade.

Não é conclusivo diante de uma encarnação anterior que a presente deva ser inferior a passada. A vida de alguém pode representar todas as possibilidades de um determinado Karma parcial.

Alguém pode ter se dedicado a encarnação de outra pessoa para cumprir as responsabilidades de uma parte do caractere anterior de cada um. Por exemplo, pode-se dedicar uma vida inteira para liquidar a conta acumulada por Napoleão causando sofrimento desnecessário, com o objetivo de começar de novo, livre de dívidas, em uma vida dedicada a colher a recompensa dos serviços inestimáveis dos *Corsicans* para a corrida.

O Mestre Therion, de fato, se lembra de várias encarnações de quase descompensada miséria, angústia e humilhação, voluntariamente empreendida para que ele possa retomar o seu trabalho sem interferência de credores espirituais.

Estes são os estigmas. A memória é salão-marcado por sua correspondência com os fatos realmente observados no presente. Esta correspondência pode ser de dois tipos. É raro (e isso não é importante pelas razões expostas acima) que a memória de alguém deva ser confirmada pelo que pode ser chamada, desdenhosamente, evidência externa. Foi, aliás, uma contribuição confiável para a psicologia observar que uma geração má e adúltera procura por um sinal.

(Mesmo assim, o valor permanente da observação é traçar a genealogia do Fariseu -. Da presença de Caifás para o Cristão moderno.)

Sinais enganosos, de mais "Odontologia Indolor". O fato de que qualquer coisa é prova inteligível que ela é dirigida ao trimestre errado, porque a própria existência da linguagem pressupõe impotência para se comunicar diretamente. Quando Walter Raleigh lançou sua capa sobre a estrada enlameada, ele apenas expressa, em uma cifra planejada por uma combinação de circunstâncias, o seu desejo de outro modo inexprimível para chegar a bons termos com a rainha Elizabeth. O significado de sua ação foi determinado pela confluência de circunstâncias. A realidade não pode ter nenhum motivo para se reproduzir exclusivamente nessa forma especial. Ela pode ter nenhuma razão para lembrar que um ritual tão extravagante passou a ser necessário para o culto. Portanto, por melhor que um homem possa se lembrar de sua encarnação como Júlio César, não há nenhuma necessidade de representar seu poder para posicionar a todos sobre o perigo de morrer imaginando o Rubicão. Qualquer estado espiritual pode ser simbolizado por uma variedade infinita de ações em uma variedade infinita de circunstâncias.

Deve-se lembrar apenas dos eventos que acontecem imediatamente ligados a tendências peculiares de imaginar uma coisa em detrimento de outra. ¹

Lembranças genuínas quase invariavelmente explicam-se a si mesmas. Suponha, por exemplo, que você sinta uma aversão instintiva a algum tipo específico de vinho. Por mais que você tente, você pode encontrar razão nenhuma para a sua idiosincrasia. Suponha-se, então, que quando você explora alguma encarnação anterior, você se lembra de que morreu por causa de um veneno administrado em um vinho daquele tipo, sua aversão é explicada pelo provérbio: "A criança queimada teme o fogo." Pode-se objetar que, em tal caso sua libido criou um fantasma de si mesmo da maneira que Freud explicou. A crítica é justa, mas o seu valor é reduzido se por caso você não estivesse ciente de sua existência até que a Memória Mágica atraísse sua atenção para ela. Na verdade, a essência do teste consiste nisto: que a sua memória notifique-o de algo que é a conclusão lógica das premissas postuladas pelo passado.

Como exemplo, podemos citar certas lembranças do Mestre Therion. Ele seguiu uma linha de pensamento que o levou a lembrar de sua vida como um romano chamado Marius de Aquila. Seria forçar probabilidade presumir uma conexão entre (α) neste modo hieroglificamente registrado de auto-análise e (β) introspecção ordinária realizada em princípios inteligíveis para si mesmo. Ele lembra diretamente várias pessoas e vários eventos relacionados com esta encarnação; e eles são em si mesmos toda a aparência real. Não há nenhuma razão específica para que eles, em vez de quaisquer outros, devessem ter entrado em sua esfera. No ato de lembra-los, eles são absolutos. Ele pode encontrar nenhuma razão para correlacioná-los com qualquer coisa no presente. Mas um exame subsequente do registro mostra que o resultado lógico da Obra de Marius de Aquila não ocorreu para aquele réprobo romântico; na verdade, ele morreu antes que qualquer coisa pudesse acontecer. Podemos supor que qualquer causa pode ser impedida de efeito? O Universo é unânime em refutação. Se, em seguida, os efeitos exatos que poderiam ser esperados para resultar dessas causas são manifestados na carreira do Mestre Therion, é certamente a explicação mais fácil e mais razoável assumir uma identidade entre os dois homens.

¹ N. do A. = A exceção é quando alguma circunstância lunática faz um nó no canto do lenço mnemônico de cada um.

Ninguém fica chocado ao observar que a ambição de Napoleão diminuiu a estatura média dos franceses. Sabemos que de alguma forma ou de outra toda força deve encontrar o seu cumprimento; e aquelas pessoas que compreenderam o fato de que eventos externos são apenas sintomas de ideias externas, não podem encontrar qualquer dificuldade em atribuir a correspondência de um para as identidades do outro.

Longe de qualquer apologista à Magia^(k) em insistir na validade objetiva dessas concatenações! Seria infantil se agarrar à crença de que Marius de Aquila realmente existiu; não mais importa da mesma forma que importaria para o matemático se o uso do símbolo X^{22} envolve a 'realidade' de 22 dimensões do espaço. O Mestre Therion não se importa se num pedaço de jornal de ontem ele era Marius de Aquila, ou se alguma vez houve tal pessoa, ou se o Universo em si é nada mais do que um pesadelo criado por sua própria imprudência em matéria de rum e água. Sua memória de Marius de Aquila, das aventuras da pessoa em Roma e da Floresta Negra, nada importa, nem para ele ou para qualquer outra pessoa. O que importa é isto: Verdadeiro ou falso, ele encontrou uma forma simbólica que lhe permitiu governar a si mesmo para o melhor proveito. "Quantum nobis prodest haec fabula Christi!" A "falsidade" das Fábulas de Esopo não diminui o seu valor para a humanidade.

A redução acima da Memória Mágica para um dispositivo de externalização da sabedoria interior não precisa ser considerada cética, senão só em último recurso. Nenhuma hipótese científica pode apresentar elementos de prova mais forte de sua validade do que a confirmação de suas previsões pela evidência experimental. O objetivo sempre pode ser expresso em símbolos subjetivos, se necessário. A controvérsia é em última análise sem sentido. No entanto, interpretar a evidência, a sua verdade relativa depende de sua coerência interna. Podemos, portanto, dizer que qualquer lembrança mágica é genuína se ele dá a explicação das nossas condições externas ou internas. Qualquer coisa que lança luz sobre o Universo, qualquer coisa que nos revela a nós mesmos, deve ser bem-vinda neste mundo de enigmas.

Quanto mais nosso registro se estende para o passado, a evidência de sua verdade é cumulativa. Cada encarnação que nos lembramos deve aumentar nossa compreensão de nós mesmos como somos.

Cada adesão do conhecimento deve indicar com precisão inconfundível a solução de algum enigma que é proposto pelo *Sphynx* da nossa própria desconhecida cidade de nascimento, Tebas. A situação complicada em que nos encontramos é composta de elementos; e nenhum elemento saiu do nada. Primeira Lei de Newton se aplica a cada plano de pensamento. A teoria da evolução é Omniforme. Há uma razão para a predisposição de alguém para gota, ou para a forma de sua orelha, no passado. O simbolismo pode mudar; os fatos não. De uma forma ou de outra, tudo o que existe é derivado de alguma manifestação anterior. Tendo isto, mesmo se você desejar que as memórias de outras encarnações sejam sonhos; não obstante os sonhos são determinados pela realidade, tanto quanto os eventos do dia. A verdade deve ser apreendida pela tradução correta da linguagem simbólica. A última seção do Juramento do Mestre do Templo é: "Eu juro interpretar todo fenômeno como um trato particular entre Deus e minha alma." A Memória Mágica é (em última análise) uma maneira, e, como a experiência demonstra uma das maneiras mais importantes, de realizar este voto.

CAPÍTULO VIII

DO EQUILÍBRIO, E O MÉTODO GERAL E PARTICULAR DE PREPARAÇÃO DO MOBILIÁRIO DO TEMPLO E DOS INSTRUMENTOS DE ARTE.

I

"Antes que houvesse equilíbrio, semblante não contemplado semblante." ¹ Assim diz o mais sagrado dos livros da antiga Cabala. (Siphra Tzeniutha I.2). O semblante falado aqui é o macrocosmo, o outro o Microcosmo. ²

Como foi dito acima, o objeto de qualquer cerimônia de magia^(k) é unir o Macrocosmo e o Microcosmo.

É como na óptica; os ângulos de incidência e de reflexão são iguais. **Você deve obter o seu Macrocosmo e Microcosmo exatamente equilibrados, verticalmente e horizontalmente, ou as imagens não irão coincidir.**

Este equilíbrio é afirmado pelo mago na organização do Templo. Nada deve ser assimétrico. Se você tem alguma coisa no Norte, você deve colocar algo igual e oposto a ele no Sul.

¹ N. do A. = O significado completo deste aforismo é um Arcanum do grau de Ipsissimus. Pode, no entanto, ser parcialmente detido pelo estudo de Liber Aleph, e o Livro da Lei e os seus Comentários. Isto explica a Existência.

² N. do A. = Este é o caso pelo qual tornamo-nos a ser Microcosmos cuja lei é "amor sob vontade". Mas também é Magia^(k) para uma unidade que tenha atingido a perfeição (em nada absoluto, O^o), para tornar-se "dividido por causa do amor, pela chance de união".

A importância disto é tão grande, e a verdade tão óbvia, que ninguém com a mais medíocre capacidade para magia^(k) pode tolerar qualquer objeto desequilibrado por um momento. Seu instinto instantaneamente se revolta. ¹ Por esta razão as armas, o altar, o círculo, e o mago estão cuidadosamente proporcionais um com o outro. Isto não será feito para ter um copo como um dedal e uma varinha como um feixe de fiandeiro. ² Mais uma vez, o arranjo das armas no altar deve ser tal que elas pareçam equilibradas. Tampouco deve o mago ter qualquer ornamento desequilibrado. Se ele tiver a varinha na mão direita, deixe-o ter o Anel ³ à sua esquerda, ou deixe-o levar o Ankh, ou o Sino, ou o Cálice. E por menor que seja o seu movimento para a direita, ele deve equilibrar com um movimento equivalente para a esquerda; ou se para frente, para trás; e **deixá-lo corrigir cada ideia implicando o contraditório nela contida.** Se ele chamar Gravidade, deixá-lo recontar que Gravidade é o instrumento da Misericórdia;⁴ Se a Estabilidade, deixa-lo mostrar a base de Estabilidade para ser mudança constante, assim como a Estabilidade de uma molécula é garantida pela dinâmica dos átomos rápidos nela contida. ⁵

Desta forma deixa cada ideia sair como um triângulo com base em dois opostos, fazendo um ápice transcendendo sua contradição em uma harmonia superior.

Não é seguro usar qualquer pensamento na Magia^(k), a menos que o pensamento foi, assim, equilibrado e destruído.

Assim, novamente com os próprios instrumentos; a Varinha deve estar pronta para se transformar em uma Serpente, o Pentáculo no Svastika girando ou Disco de Jove, para cumprir as funções da Espada.

¹ N. do A. = Isso ocorre porque a sua essência de ser um Mago é sua apreensão intuitiva dos princípios fundamentais do Universo. Seu instinto é uma afirmação subconsciente da identidade estrutural do Macrocosmo e o Microcosmo. Equilíbrio é a condição da existência manifesta.

² N. do A. = Ver Bagh - i - Muattar, V, parágrafo 2.

³ N. do A. = O Anel não tem sido descrito na Parte II deste livro, por razões que podem ser ou não aparentes para o leitor. É o símbolo de Nuit, a totalidade das possíveis maneiras pelas quais ele pode representar-se e cumprir-se.

⁴ N. do A. = Por exemplo, como quando a auto Firmeza ou de outro alguém é a mais verdadeira Bondade; ou quando a amputação salva a vida.

⁵ N. do A. = Ver Liber 418, 11º Aethyr.

A Cruz é tanto a morte do "Salvador" ¹ e o símbolo Fálico da Ressurreição. Só deve estar pronto para culminar com a rendição daquele Desejo: ² a seta de aspiração que é disparada contra a Pomba Santa deve transmutar-se em Virgem imaginando que recebe em seu ventre a vivificação do mesmo Espírito de Deus.

Qualquer ideia que seja, portanto, em si mesma positiva e negativa, ativa e passiva, masculino e feminino, está apta a existir acima do Abismo; qualquer ideia não tão equilibrada está abaixo do Abismo, contém em si uma dualidade absoluta ou falsidade, e é a que medida qliphótica ³ e perigosa. Mesmo uma ideia como "Verdade" não é segura, a menos que se perceba que toda Verdade está em um sentido de falsidade. Toda verdade é relativa; e se for suposta absoluta, enganará. ⁴ "O livro de mentiras falsamente chamado" (Liber 333) é de perto digno e cuidadoso estudo a este respeito. O leitor também deve consultar Konx Om Pax, "Introdução", e "Thien Tao" no mesmo volume.

Tudo isso é para ser expresso nas palavras do próprio ritual, e simbolizado em cada ato praticado.

II

Diz-se nos antigos livros de Magia^(k) que tudo usado pelo Mago deve ser "virgem". Ou seja: ele nunca deve ter sido utilizado por qualquer outra pessoa ou para qualquer outra finalidade.

¹ N. do A. = **É a extensão em matéria do Eu Individual, o Ponto Indivisível determinado por referência aos Quatro Trimestres. Esta é a fórmula que lhe permite expressar o seu eu secreto; seu orvalho que cai sobre a Rosa é desenvolvido em um Eidolon de si mesmo, na época devida.**

² N. do A. = **Veja Liber LXV e Liber VII.**

³ N. do A. = **Veja A Cabala para o uso desta palavra, e estude a doutrina dos Reis de Edom.**

⁴ N. do A. = **Veja Poincaré para a prova matemática desta tese. Mas Experiência Espiritual vai ainda mais fundo, e destrói o Cânone da Lei da Contradição. Há uma imensa quantidade de trabalhos pelo Mestre Therion sobre este assunto; que se refere especialmente ao seu grau de 9º = 2º. Essas profundidades são inadequadas para o estudante, e pode desestabiliza-lo seriamente. Será melhor para ele considerar (provisoriamente) Verdade, no sentido em que é tomada pela Ciência* Física.**

* N. do E. = **Erro de digitação, no lugar de Science (Ciência) aparece a palavra 'Sicence'.**

A maior importância foi anexada pelos antigos Adeptos para isso, tornando difícil a tarefa do Mago. Ele queria uma varinha; e, a fim de cortar e aparar-la ele precisava de uma faca. Não era suficiente apenas comprar uma nova faca; ele sentiu que tinha que fazê-la ele mesmo. A fim de fazer a faca, ele exigiria uma centena de outras coisas, a aquisição de cada uma das quais pode necessitar de uma centena mais; e assim por diante. Isso mostra a impossibilidade de desembaraçar o auto de ambiente de cada um. **Mesmo na Magia^(k) não podemos passar sem a ajuda de outros.** ¹

Houve, no entanto, mais objetos nesta recomendação. Quanto mais problema e dificuldade suas armas causarem, mais útil você vai achá-la. "Se você quer uma coisa bem feita, faça você mesmo." Seria completamente inútil levar este livro para uma loja de departamento, e instruí-los a fornecer-lhe um templo de acordo com a especificação. E realmente vale a pena o tempo do estudante que requer uma espada para ir e cavar minério de ferro da terra, para fundi-lo com carvão vegetal que ele se preparou, para forjar a arma com a sua própria mão, e até mesmo para tirar a dificuldade de sintetizar o óleo de vitríolo com que é gravado. Ele terá aprendido um monte de coisas úteis em sua tentativa de fazer uma espada realmente virgem; ele vai entender como uma coisa depende da outra; ele vai começar a apreciar o significado das palavras "a harmonia do Universo", tantas vezes utilizadas tão estupidamente e superficialmente por apologista ordinário da Natureza, e ele também vai perceber o verdadeiro funcionamento da lei do Karma.²

Outra liminar notável da antiga Magia^(k) foi que tudo o que pertencia à Obra deve ser *único*. A Varinha era para ser cortada com um único golpe de faca.

¹ N. do A. = Isto é, e o fato ainda é mais importante, absolutamente fatal e desmoralizante para adquirir o hábito da dependência de outros. O Mago deve saber todos os detalhes do seu trabalho, e ser capaz e disposto a arregaçar as mangas da camisa e fazê-lo, não importa o quão trivial ou servil possa parecer. Abramelin (é verdade) proíbe o Aspirante de executar todas as tarefas de um tipo humilhante; mas ele nunca será capaz de comandar um serviço perfeito, a menos que ele tenha experiência nesse trabalho necessário, dominado durante a sua formação inicial.

² N. do A. = Neste sentido, especialmente: qualquer coisa envolvida, e está envolvido em, outros, aparentemente, completamente alienígena.

Não deve haver nada incompreensível e entrecortado para as coisas, nem falta de jeito e hesitação. Se você der um golpe, ataque com sua força! "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o com toda a tua força!" **Se você estiver indo assumir a Magia^(k), não faça nenhum compromisso.** Você não pode fazer revoluções com água de rosas, ou lutar com um chapéu de seda. Você vai descobrir muito em breve que você deve perder o chapéu ou parar de lutar. A maioria das pessoas fazem as duas coisas. Elas assumem o caminho mágico sem reflexão suficiente, sem aquela determinação árdua que fez o autor deste livro exclamar, como ele tomou o primeiro juramento, "PERDURABO" - "Vou perseverar até o fim" ¹ Eles começam com grande ritmo, e depois descobrem que suas botas estão cobertas com lama. Em vez de persistirem, eles vão voltar para Piccadilly. Essas pessoas têm apenas a si mesmas para agradecer se os meninos de rua zombar deles.

Outra recomendação foi a seguinte: **comprar o que for necessário sem regatear!**

Você não deve tentar atingir uma proporção entre os valores das coisas incomensuráveis. ² Pelo menos de instrumentos mágicos vale infinitamente mais do que tudo o que você possui, ou, se você gosta, do que tudo o que você estupidamente supõe possuir. Quebre essa regra, e o Nemesi habitual dos corações partidos espera por você. Não só você consegue instrumentos inferiores, mas você perde de alguma outra forma o que você pensou que era tão inteligente por ter salvado. Lembre-se de Ananias!³

¹ N. do A. = "Pois, perseverar até o Fim, no Final não tinha Nada pelo que perseverar." Liber 333, Cap Z.

² N. do A. = No entanto de perto o quadrado de qualquer fração aproxima a 2, não fração igual $\sqrt{2}$. $\sqrt{2}$ não está na série; é um tipo de número completamente diferente.

³ N. do A. = Observe bem que nunca há qualquer equivalência real ou relação mensurável entre qualquer das duas coisas, para cada uma é inexpugnável a Si mesma. A troca de propriedade não é uma equação matematicamente precisa. A Varinha é meramente uma expressão convencional da Vontade, assim como uma palavra é de um pensamento. Ela nunca pode ser outra coisa; Assim, embora o processo de fazê-la, se envolve tempo, dinheiro ou trabalho, é uma síntese espiritual e moral, não é mensurável em termos de seus elementos.

Por outro lado, se você comprar sem regatear você vai descobrir que, juntamente com sua compra o vendedor tinha jogado a bolsa de Fortunatus. Não importa em que extremidade você possa parecer estar, no último momento, suas dificuldades serão resolvidas. **Pois não há poder, tanto do firmamento ou do éter, ou da terra ou debaixo da terra, na terra seca ou na água, de redemoinho de ar ou de fogo correndo, ou qualquer feitiço ou ao flagelo de Deus, que não é obediente para a necessidade do Mago!** Aquilo que ele tem, ele não tem; mas o que ele é, ele é; e o que ele vai ser, ele será. E nem Deus nem o homem, nem toda a malícia de Chronozon, pode verificar-lo, ou levá-lo a hesitar por um instante sobre o Caminho. Este comando e esta promessa foram dados a todos os Magi sem exceção. E onde este comando foi obedecido, essa promessa foi certamente cumprida.

III

Em todas as ações, as mesmas fórmulas são aplicáveis. **Para invocar um deus, isto é, para levantar-se para aquele Deus, o processo é triplo, PURIFICAÇÃO, CONSAGRAÇÃO e INICIAÇÃO.**

Portanto, cada arma mágica, e até mesmo o mobiliário do Templo, deve ser passado através deste esquema tríplice. Os detalhes variam apenas em pontos não essenciais. Por exemplo, para preparar o mago, ele purifica-se para manter a sua castidade¹ e abster-se de qualquer contaminação. Mas, para fazer o mesmo, com digamos, o Cálice, nos asseguremos que o metal nunca foi empregado para qualquer outra finalidade - cheirando a minério virgem, e tomando todas as dores possíveis em refinar o metal - deve ser quimicamente puro.

Para resumir toda esta questão em uma frase, cada artigo empregado é tratado como se fosse um candidato à iniciação; mas naquelas partes do ritual em que o candidato está com os olhos vendados, envolvemos a arma em um pano preto ². O juramento que ele toma é substituído por uma "carga" em termos semelhantes. Os detalhes da preparação de cada arma devem ser pensados com cuidado pelo mago.

¹ N. do A. = **Veja o Livro da Lei e seus Comentários para a verdadeira definição desta virtude.**

² N. do A. = **Isto se refere à "fórmula do Neófito". Existem alternativas.**

Além disso, a atitude do mago para com suas armas deve ser a de Deus para o suplicante que invoca-Lo. Deve ser o amor do pai pelo seu filho, o carinho e cuidado do noivo para com sua noiva, e esse sentimento peculiar que o criador de toda obra de arte sente por sua obra-prima.

Onde esta é claramente entendida, o mago não vai encontrar nenhuma dificuldade em observar o próprio ritual, não só na real consagração cerimonial de cada arma, mas na real preparação, um processo que deve esboçar esta cerimônia; por exemplo, o mago vai cortar a varinha da árvore, vai tira-la de folhas e galhos, irá remover a casca. Ele vai aparar as extremidades ordenadamente, e alisar os nós: - este é o banimento.

Ele irá, em seguida, esfregá-la com o óleo consagrado até que se torne lisa, brilhante e dourada. Ele irá, em seguida, envolvê-la em seda de cor apropriada: - esta é a Consagração.

Ele, então a toma, e imagina que é aquele tubo oco em que Prometeu trouxe o fogo dos céus, formulando para si mesmo a passagem da Santa Influência através dele.

Neste e outros aspectos, ele irá executar a iniciação; e, esta sendo realizada, ele vai repetir todo o processo em uma cerimônia elaborada. ¹

Para tomar um caso completamente diferente, aquele do círculo; o mago vai sintetizar o Vermelhão exigido de Mercúrio e Enxofre que ele próprio sublimou.

¹ N. do A. = Omiti em dizer que todo o assunto da Magia^(k) é um exemplo de Mythopoeia nessa forma particular denominada doença da Língua. Thoth, o Deus da Magia^(k), era meramente um homem que inventou a escrita, como seus monumentos declaram com clareza suficiente. "Gramarye", Magia^(k), é apenas uma "Gramática" grega. Assim também o antigo nome de um ritual mágico, "Grimório", é apenas uma gramática.

Pareceu-me maravilhoso ao vulgo que os homens pudessem se comunicar à distância, e começassem a atribuir outros poderes, meramente inventados, às pessoas que podiam escrever. A Varinha não é senão a caneta; O Cálice, o tinteiro; O punhal, a faca para afiar a caneta; E o disco (Pantáculo) é ou o rolo do papiro próprio; ou o peso que o manteve na posição, ou a caixa de areia para embeber acima da tinta. E, é claro, o "Papiro de Ani" é apenas o nome em latim para papel higiênico.

Este vermelhão puro ele mesmo vai misturar com o óleo consagrado, e conforme ele usar essa pintura ele vai pensar atentamente e com devoção nos símbolos que ele desenha. Este círculo pode então ser iniciado por uma circunvolução, durante a qual o mago invoca os nomes de Deus que estão sobre ele.

Qualquer pessoa sem criatividade suficiente para conceber métodos adequados de preparação dos outros artigos necessários é pouco provável que faça muito de um mago; e nós só devemos desperdiçar espaço se tratarmos em detalhe a preparação de cada instrumento.

Há uma instrução definida em Liber A vel Armorum, no Equinócio, Volume I, Número IV, como a lâmpada e os Quatro Armas Elementais.

CAPÍTULO IX

DO SILÊNCIO E SECRETISMO:

E

OS NOMES BÁRBAROS DE EVOCAÇÃO

Pode ser encontrado pela experiência (confirmando a declaração de Zoroastro) que as conjurações mais potentes são aquelas em uma língua antiga e talvez esquecida, ou mesmo aquelas redigidas em um jargão corrupto e, possivelmente, sempre sem sentido. Destas, existem vários tipos principais. A "invocação preliminar", na "Goetia" consiste principalmente em corrupções de nomes egípcios e gregos. Por exemplo, podemos encontrar "Osorronnophris" para "Asor Un-Nefer-Nefer".¹ As conjurações dadas por Dr. Dee (vide Equinox I, VIII) são uma linguagem chamada Angélica, ou Enochian. Sua fonte até então tem sido confundida em pesquisa, mas é uma língua e não um jargão, pois possui uma estrutura própria, e há traços de gramática e sintaxe.

No entanto, este pode ser, ele *funciona*. Mesmo o iniciante descobre que "coisas acontecem" quando ele a usa, e isso é uma vantagem - ou desvantagem! - Compartilhada por nenhum outro tipo de linguagem. De resto, precisará de habilidade. Isso necessita Prudência!

As Invocações Egípcias são muito mais puras, mas seus significados não foram suficientemente estudados por pessoas competentes magicamente. Possuímos uma série de invocações em grego de cada grau de excelência; em latim, mas poucas, e aquelas de qualidade inferior.

¹ N. do A. = Veja o apêndice 4, Liber Samekh; esta é uma edição desta Invocação, com uma Rubrica elaborada, tradução, scholia, e instrução.

Será notado que em cada caso as conjurações são muito sonoras, e há uma certa voz em que elas devem ser recitadas. Esta voz especial foi um dom natural do Mestre Therion; mas pode ser facilmente ensinada - para as pessoas certas.

Várias considerações impeliram-O para tentar conjurações no idioma Inglês. Já existia um exemplo, o encanto das bruxas em *McBeth*; embora isso talvez não fosse levado a sério, o seu efeito é indubitável. ¹

Ele encontrou tetrâmetros iâmbicos enriquecidos com muitas rimas tanto internas como externas muito úteis. "O Caminho do Mago" (*Equinox I, I*) dá uma boa ideia do tipo de coisa. O mesmo acontece com a evocação de Bartzabel em *Equinox I, IX*. Há muitas invocações existentes em toda a sua obra, em muitos tipos de metro, de muitos tipos de entidades, e para muitos tipos de efeitos. (Veja o apêndice).

Outros métodos de encantamento estão no registro como eficazes. Por exemplo *Frater I.A.*, quando uma criança, foi dita que ele poderia invocar o diabo, repetindo a "Oração do Senhor" de trás para frente. Ela foi para o jardim e assim fez. O diabo apareceu, e quase a matou de susto.

Por conseguinte, não é absolutamente certo de que a eficácia de conjurações realmente reside. A emoção peculiar mental, necessária pode até ser despertada pela percepção do absurdo do processo, bem como a persistência na mesma, como quando uma vez *FRATER PERDURABO* (no final de seus recursos mágicos) recitou "A partir montanhas geladas de *Greenland*", e Seu resultado obtido. ¹

Ele pode ser concedido, em qualquer caso em que **as longas sequências de palavras formidáveis as quais rugido e gemido por tantas conjurações têm um efeito real em exaltar a consciência do mago para o terreno de jogo apropriado** – o que elas devem fazer não é mais extraordinário do que a música de qualquer tipo feito.

Magos não limitam-se ao uso da voz humana. O *Pan-pipe* com suas sete paradas, correspondentes aos sete planetas, o zunidor, o tom-tom, e até mesmo o violino, foram todos utilizados, assim como muitos outros,

¹ N. do A. = **Um verdadeiro poeta não pode ajudar, revelando-se e a verdade das coisas em sua arte, se ele está ciente de que ele está escrevendo, ou não.**

¹ N. do A. = **Consulte "Eleusis", A. Crowley, Trabalhos Coletados, Vol III Epílogo.**

dos quais o mais importante é o sino ¹, embora este não seja usado tanto para conjuração real como para marcar as fases da cerimônia. De todos eles o tom-tom será encontrado sendo o mais útil geralmente.

Ainda sobre o tema dos nomes bárbaros de evocação não devemos omitir a pronúncia de determinadas palavras supremas que consagram (α) a fórmula completa do Deus invocado, ou (β) toda a cerimônia.

Exemplos do primeiro tipo são Tetragrammaton, **I.A.O.**, e Abrahadabra.

Um exemplo do último tipo é a grande palavra **StiBeTTChePhMeFSHiSS**, que é uma linha traçada sobre a Árvore da Vida (atribuições coptas) de uma certa maneira. ²

Com todas essas palavras, é de extrema importância que elas nunca devam ser faladas até o momento supremo, e mesmo assim elas devem irromper a partir do mago quase não obstante de si mesmo - tão grande deve ser sua relutância ³ em pronúncia-las. Na verdade, elas devem ser a pronúncia do Deus nele no primeiro aparecimento da possessão divina. Então pronunciadas, elas não podem falhar o efeito, pois elas se tornaram o efeito.

Cada sábio mago terá construído (de acordo com os princípios da Santa Cabala) muitas dessas palavras, e ele deverá levar à quinta essência todas elas em uma só, de forma que a última Palavra, uma vez formada, nunca deverá ser proferida conscientemente mesmo em pensamento, até talvez com isso ele desista do espírito. **Essa palavra deve ser de fato tão potente que o homem não pode ouvi-la e viver.**

¹ N. do A. = Veja a Parte II. Deve-se dizer que na experiência nenhum sino salva seu próprio sino tibetano de *Electrum Magicum* já parecia satisfatório para o Mestre Therion. A maioria dos sinos agitam-se e se repelem.

² N. do A. = Ela representa a descida de uma certa influência. Veja a evocação de *Taphtatharath*, *Equinox I, III*. As atribuições são dadas em 777. Esta Palavra exprime a atual *Kether - Beth - Binah - Cheth - Geburch - Mem - Hod - Shin - Malkuth*, a descida de 1 a 10 através do Pilar da Severidade.

³ N. do A. = Essa relutância é Freudiana, devido ao poder dessas palavras para despertar a libido subconsciente suprimido.

Essa palavra foi certamente o Tetragrammaton ¹ perdido. Diz-se que com enunciado deste nome o universo se choca contra dissolução. **Deixe o Mago buscar seriamente essa Palavra Perdida, por sua pronúncia é sinônimo com a realização da Grande Obra.** ²

Nesta questão da eficácia das palavras há de novo duas fórmulas exatamente opostas por natureza. Uma palavra pode tornar-se potente e terrível em virtude da constante repetição. É desta forma que a maioria das religiões ganham força. **A princípio, a declaração "Assim e por isso é Deus" excita nenhum interesse. Continue, e você encontra desdém e ceticismo: possivelmente perseguição. Continue, e a controvérsia, até agora, morreu fora, que não há problemas de alguém contradizer sua afirmação.**

A não superstição é tão perigosa e tão vivida como uma superstição em explosão. Os jornais de hoje (escritos e editados quase exclusivamente por homens, sem uma centelha de religião ou moral) não ousam insinuar que qualquer um não acredita no culto ostensivamente vigente; eles deploram o Ateísmo - todos, mas universal na prática e na teoria implícita de praticamente todas as pessoas inteligentes - como se fosse a excentricidade de algumas pessoas insignificantes ou censuráveis. Esta é a história comum da propaganda; a farsa tem exatamente a mesma chance que o real. Persistência é a única qualidade necessária para o sucesso.

A fórmula oposta é aquela do sigilo. Uma ideia é perpetuada porque ela nunca deve ser mencionada. Um maçom não esquece as palavras secretas que lhes foram confiadas, embora essas palavras signifiquem absolutamente nada para ele, na grande maioria dos casos; a única razão para isso é que ele foi proibido de mencioná-las, embora tenham sido publicadas de novo e de novo, e são tão acessíveis ao profano quanto ao iniciado.

¹ N. do A. = O Mestre Therion recebeu esta Palavra; é comunicada por Ele para os postulantes adequados, no momento e local adequados, nas circunstâncias adequadas.

² N. do A. = Cada homem tem um Grande Trabalho diferente, assim como não há dois pontos sobre a circunferência de um círculo conectados com o centro do mesmo raio. A Palavra será correspondentemente única.

Nesse trabalho de Magia^(k) prática como a pregação de uma nova Lei, esses métodos podem ser vantajosamente combinados; de um lado franqueza infinita e prontidão para comunicar todos os segredos; por outro, o conhecimento sublime e terrível que todos os verdadeiros segredos são incomunicáveis. ¹

Isto é, segundo a tradição, uma certa vantagem nas conjurações empregar mais de um idioma. Com toda a probabilidade, a razão disso é que qualquer mudança estimula a atenção de sinalização. Um homem envolvido em trabalho mental intenso frequentemente para e anda para cima e para baixo da sala - pode-se supor para esta causa - mas isto é um sinal de fraqueza que deva ser necessário. Para o iniciante em Magia^(k), no entanto, é permitido ² utilizar qualquer dispositivo para garantir o resultado.

Conjurações devem ser recitadas, não lidas; ³ e toda a cerimônia deve ser realizada tão perfeitamente que a mesma seja dificilmente consciente de qualquer esforço de memória. **A cerimônia deve ser construída com tal fatalidade lógica que um erro é impossível.**⁴ O ego consciente do Mago deve ser destruído para ser absorvido pelo de Deus, a quem ele chama, e o processo não deve interferir no autômato que está realizando a cerimônia.

Todavia este ego de que se fala aqui é o verdadeiro ego final. O autômato deve possuir vontade, energia, inteligência, razão e recursos. Este autômato deve ser o homem perfeito muito mais do que qualquer outro homem pode ser.

¹ N. do A. = Se não fosse este o caso, a individualidade não seria inviolável. Nenhum homem pode comunicar até mesmo o pensamento mais simples de qualquer outro homem em qualquer sentido completo e preciso. Para que o pensamento seja semeado em um solo diferente, e não possa produzir um efeito idêntico. Eu não posso colocar um ponto vermelho em cima de duas imagens sem alterar cada de diversas maneiras. Ela pode ter pouco efeito sobre um por do sol por Turner, mas muito no noturno por Whistler. A identidade dos dois pontos como pontos seria, portanto, falacioso.

² N. do A. = Isso não quer dizer que é oportuno. O quão vergonhoso é a fraqueza humana! Mas isso não incentiva ninguém – é inútil negá-lo - a ser derrubado por um Demônio de cuja existência não foi realmente muito certa.

³ N. do A. = Mesmo isto é para os irmãos mais fracos. O Magus realmente grande fala e age improvisado e de improviso.

⁴ N. do A. = Poesia de primeira linha é facilmente memorizada porque as ideias e os valores musicais correspondem ao modelo de estrutura mental e sensorial do homem.

É apenas o eu divino dentro do homem, um eu muito acima da posse de vontade ou quaisquer outras qualidades, tudo que como no céu está elevado acima da terra, que deve reabsorver-se em que radiância ilimitável da qual é uma faísca. ¹

A grande dificuldade para o Mago solitário é de aperfeiçoar-se nos múltiplos deveres do Ritual executando-os adequadamente. No começo, ele vai achar que a exaltação destrói a memória e paralisa os músculos. Esta é uma dificuldade essencial do processo mágico, e só podem ser ultrapassadas pela prática e experiência. ²

A fim de auxiliar a concentração, e para aumentar a oferta de energia, tem sido habitual para o Mago empregar assistentes ou colegas. É duvidoso se as vantagens óbvias deste plano compensa a dificuldade de obtenção de pessoas adequadas³ e a possibilidade de um conflito de vontade ou um mal-entendido no próprio círculo. Em uma ocasião FRATER PERDURABO foi desobedecido por um assistente; e se não fosse por sua prontidão em usar a compulsão física da espada, é provável que o círculo teria sido quebrado. Tal como foi, o caso felizmente terminou em nada mais grave do que a destruição do culpado.

No entanto, não há dúvidas de que um conjunto de pessoas que realmente estão em harmonia pode muito mais facilmente produzir um efeito do que um mago que trabalha sozinho.

¹ N. do A. = Isto é dito das Obras parciais ou menores de Magia^(k). Este é um tratado elementar; não se pode discutir Trabalhos mais elevadas como por exemplo os de "O Eremita da Ilha de Aesopus".

² N. do A. = Veja "The Book of Lies"; existem vários capítulos sobre este assunto. Mas com certa Exaltação deve produzir espontaneamente as reações físicas e mentais adequadas. Assim que o desenvolvimento é garantido, haverá reflexo automático "justesse", exatamente como em romances normais mente e corpo respondem com livre acerto inconsciente ao Desejo.

³ N. do A. = O desenvolvimento orgânico da Magia^(k) no mundo devido à Vontade criadora do Mestre Therion torna a cada ano que passa mais fácil de encontrar colegas de trabalho cientificamente treinados.

A psicologia de "Reuniões de Renascimento" será familiar para quase todos, e embora essas reuniões ¹ sejam os rituais mais sujos e mais degradados de magia negra, as leis da Magia^(k) não são assim suspensas. **As leis da Magia^(k) são as leis da Natureza.**

Um exemplo singular e mundialmente famoso disto é de data suficientemente recente a ser fresca na memória de muitas pessoas que vivem agora. Em uma reunião em acampamento de negros nos Estados "Unidos" da América, os devotos foram trabalhados até tal grau de excitação que todo o conjunto desenvolveu uma forma de histeria furiosa. Os gritos comparativamente inteligíveis de "Glória" e "Hallelujah" não expressam a situação. Alguém gritou "Ta-ra-ra-boom-de-ay!", E este foi tomado por toda a reunião e gritaram continuamente, até uma reação em conjunto. O caso foi documentado, e um dos discípulo particularmente brilhante de John Stuart Mill, versado em lógica e economista, pensou que estas palavras, por terem criado um conjunto de idiotas loucos, poderiam fazer o mesmo com todos os outros idiotas no mundo. Ele escreveu uma canção em conformidade, e produziu o resultado desejado. Este é o exemplo mais notório nos últimos tempos do poder exercido por um nome bárbaro de evocação.

Algumas palavras podem ser úteis para conciliar a noção geral de causalidade com a Magia^(k). Como podemos ter certeza de que uma pessoa acenando um pedaço de pau e uivando, assim, produz tempestades? De nenhuma outra maneira do que familiarizado com a Ciência; nota-se que sempre que colocamos um fósforo aceso para secar a pólvora, um fenômeno ininteligível arbitrário, aquele do som, é observado; e assim por diante.

Não precisamos nos alongar sobre este ponto; mas parece que vale a pena responder a uma das objeções à possibilidade de Magia^(k), escolhendo aquela que é, à primeira vista de um personagem obviamente "fatal". É conveniente citar textualmente o Diário ² de um Mago distinto e filósofo.

¹ N. do A. = **Veja, por um relato de cerimonial congregacional corretamente conduzido, Equinox I, IX. "Entusiasmo Energizado", e Equinox III. I. Liber XV. Ecclesiae Catholicae Gnosticae Canon Missae. As "Reuniões de Renascimento" questionadas aqui, eram explorações deliberadas de histeria religiosa.**

² N. do A. = **Em um registro tardio lemos que a diarista encontrou um trem semelhante de argumentação no "Espaço, Tempo e Gravitação", página 51. Ela foi muito incentivada pela confirmação de sua tese sobre o quão independente é um sistema de pensamento.**

"Tenho notado que o efeito de um Trabalho Mágico seguiu isto tão de perto que ele deve ter sido iniciado antes da hora do Trabalho. Por exemplo, eu trabalho a noite para fazer X em Paris escrever-me. Tenho a carta na manhã seguinte, então isto deve ter sido escrito antes do Trabalho. Será que isso nega que o Trabalho causou o efeito?"

"Se eu encontrar uma bola de bilhar, e ela se move, tanto pela minha vontade quanto por seu movimento devido às causas antecedentes ao longo do ato. Posso considerar tanto o meu trabalho e sua reação como os efeitos duplos do eterno Universo. O braço movimentado e a bola são partes de um estado do Cosmos que resultaram necessariamente de seu estado momentaneamente anterior, e assim, de volta para sempre.

"Assim, meu Trabalho Mágico é apenas uma das causas-efeito necessariamente concomitante com a causa-efeito que define a bola em movimento. Posso, portanto, considerar o ato de golpear como uma causa-efeito da minha Vontade original para mover a bola, embora necessariamente anterior ao seu movimento. Mas o caso do Trabalho mágico não é bastante análogo. Para minha natureza é tal que eu sou obrigado a realizar Magia^(k) a fim de fazer a minha vontade prevalecer; de modo que a causa de fazer o Trabalho é também a causa do movimento da bola, e não há nenhuma razão pela qual o outro deva preceder. (Cf. Lewis Carroll, onde a rainha vermelha grita antes de ela picar seu dedo.)

"Deixe-me ilustrar a teoria com um exemplo real.

"Eu escrevo da Itália para um homem na França e para outro na Austrália no mesmo dia, dizendo-lhes para se juntar a mim. Ambos chegam dez dias mais tarde; o primeiro em resposta à minha carta, que ele recebeu, o segundo sobre "iniciativa própria", como parece. Mas eu o chamei porque eu o queria; e eu o queria porque ele era meu representante; e sua inteligência o fez resolver se juntar a mim porque ele julgou com razão que a situação (tanto quanto ele sabia) era de molde a fazer-me desejar sua presença.

"A mesma causa, portanto, o que me fez escrever para ele o fez vir a mim; e através do que seria impróprio dizer que a escrita da carta foi a causa direta de sua chegada, é evidente que, se eu não tivesse escrito eu deveria ter sido diferente do que eu realmente sou, e, portanto, minhas relações com ele teriam sido o contrário dos que foram. Neste sentido, portanto, a carta e a viagem são causalmente conectadas.

"Não se pode ir mais longe e dizer que, neste caso, eu deveria escrever a carta, mesmo que ele tivesse chegado antes de mim; pois é parte de todo o conjunto de circunstâncias que eu não uso um pé de cabra em uma porta aberta.

"A conclusão é que alguém deve fazer o Desejo de alguém" sem ânsia de resultado "Se alguém está trabalhando em conformidade com as leis da própria natureza de alguém, um está fazendo 'direito'; e nenhum trabalho pode ser criticado como "inútil", mesmo em casos como o da personagem aqui discutido. Contanto que o Desejo de alguém prevaleça, não há motivo de queixa.

"Abandonar a Magia^(k) de alguém iria mostrar falta de auto-confiança nos poderes desse alguém, e dúvida quanto a sua íntima fé em si próprio e na Natureza ¹ É claro que a pessoa muda os métodos como a experiência indica;. Mas há necessidade de alterá-los em qualquer fundamento como o anterior.

"Além disso, o argumento aqui exposto descarta a necessidade de explicar o *modus operandi* da Magia^(k). A operação bem sucedida não implica qualquer teoria seja qual for, nem mesmo a da existência da própria causalidade. O conjunto de fenômenos pode ser concebido como único.

"Por exemplo, se eu vejo uma estrela (como era anos atrás) eu não preciso assumir relações causais de existência entre ela, a terra, e eu mesmo A conexão existe; posso não atribuir nada além disso. Eu não posso exigir finalidade, ou, até mesmo determinar a maneira pela qual o evento vem a ser. Da mesma forma, quando eu faço Magia^(k), é em vão perguntar porque eu ajo assim, ou porque o resultado desejado segue ou não. Também não posso saber como as condições anteriores e posteriores estão conectadas. No máximo eu posso descrever a consciência que eu interpreto como um retrato dos fatos, e fazer generalizações empíricas dos aspectos superficiais do caso.

"Assim, tenho minhas próprias impressões pessoais sobre o ato de telefonar, mas eu não posso estar ciente do que consciência, eletricidade, mecânica, som, etc., na verdade, são em si mesmas.

¹ N. do A. = **Ou seja, com o fundamento de que não se pode entender como a Magia^(k) pode produzir os efeitos desejados. Porque, se alguém possui a inclinação para fazer Magia^(k) é evidência de uma tendência na natureza de cada um. Ninguém entende totalmente como a mente move os músculos; mas sabemos que a falta de confiança quanto a este ponto significa paralisia. "Se o Sol e a Lua deveriam duvidar, eles haviam imediatamente saído", como disse Blake. Além disso, como eu mesmo disse. "Quem tem o Como é descuidado do Porquê".**

E embora eu possa apelar para experiência para estabelecer "leis" como as que condicionaram acompanhar o ato, eu posso nunca ter certeza de que elas sempre foram, ou nunca serão novamente idênticas. (Na verdade, o certo é que um evento não pode ocorrer duas vezes precisamente nas mesmas circunstâncias. ¹

"Além disso, minhas 'leis' devem sempre levar quase todos os elementos mais importantes de conhecimento por garantia. Eu não posso dizer - finalmente - como uma corrente elétrica é gerada. Não posso ter certeza de que alguma força totalmente insuspeita não está no trabalho de forma inteiramente arbitrária. Por exemplo, foi anteriormente suposto que o hidrogénio e cloro iriam unir-se quando uma faísca eléctrica passou através da mistura; agora "sabe-se" que a presença de um minuto da quantidade de vapor de água (ou qualquer tertium quid)* é essencial para a reação. Formulamos antes dos dias de Ross as "leis" da febre da malária, sem referência ao mosquito; poderíamos descobrir um dia que o germe é ativo somente quando determinados eventos estão transpirando em alguma nebulosa ², ou quando aparentemente tão inertes de uma substância como Argon está presente no ar em determinadas proporções.

"Podemos, portanto, admitir bastante alegremente que a Magia^(k) é tão misteriosa quanto a matemática, tão empírica como a poesia, tão incerto como o golfe, e tão dependente da equação pessoal como o Amor.

"Isso não é motivo pelo qual não devamos estudar, praticar e nos divertir, pois é uma ciência exatamente no mesmo sentido que a biologia, não é menos Arte do que uma Escultura; e é um esporte tão quanto Montanhismo.

"De fato, não parece haver qualquer presunção indevida, exortando que nenhuma Ciência possua possibilidades iguais de conhecimento³ profundo e importante; que nenhuma Arte oferece tais oportunidades de ambição da Alma para expressar a sua Verdade, em êxtase, através da Beleza;

¹ N. do A. = Se o fizesse, como poderíamos chamá-lo duplex?

* N. do E. 2008 = [Lat., "terceiro algo."]

² N. do A. = A história da Terra está incluída no período de tal relação; de modo que não se pode, possivelmente, ter certeza de que nós podemos negar: "Febre da malária é uma função da presente precessão dos equinócios".

³ N. do A. = Magia^(k) é menos susceptível de conduzir a erros do que qualquer outra ciência, porque estes termos são intercambiáveis, por definição, de modo que se baseia em relatividade desde o início. Não corremos nenhum risco de afirmar proposições absolutas. Além disso, fazemos nossas medições em termos do objeto medido, evitando assim o absurdo de definir ideias metafísicas para os padrões mutáveis, (Cf. Eddington "Espaço, Tempo e Gravitação". Prólogo.)

e que nenhum esporte rivaliza com suas fascinações de perigo e prazer, por isso excita, exercita e testa seus devotos ao máximo, ou assim os recompensa pelo bem-estar, o orgulho e os prazeres apaixonados do triunfo pessoal.

"Magia^(k) leva cada pensamento e ação por seu aparato, tendo o Universo como sua biblioteca e seu Laboratório; toda a Natureza é o seu sujeito, e seu jogo, livre de defesa e restrições protetoras, sempre abundante em variedade infinita, sendo tudo o que existe .¹

de ser obrigado a atribuir as qualidades da consciência humana para coisas inanimadas (Poincaré, "La mesure du temps"), e de afirmar que sabemos alguma coisa do universo em si, embora a natureza dos nossos sentidos e nossas mentes determine necessariamente nossas observações , de modo que o limite de nosso conhecimento é subjetivo, assim como um termômetro pode gravar nada além de sua própria reação a um tipo particular de Energia.

Magia^(k) reconhece francamente (1) que a verdade é relativa, subjetiva, e aparente; (2) que a Verdade implica onisciência, que é inatingível pela mente, sendo transfinita; como se alguém tentasse fazer um mapa exato da Inglaterra na Inglaterra, e o mapa deve conter um mapa do mapa, e assim por diante, ad infinitum; (3) que contradição lógica é inerente à razão, (Russell, "Introdução à Filosofia da Matemática", p.136; Crowley, "Eleusis", e em outros lugares); (4) que um Continuum requer um Continuum de ser comensuráveis com ele: (5) que o Empirismo é inevitável e, portanto, que o ajustamento é o único método possível de ação; e (6) que o erro pode ser evitado por se opor a nenhuma resistência à mudança, e registrar os fenômenos observados na sua própria língua.

¹ N. do A. = A elasticidade da Magia^(k) torna igual a todos os tipos possíveis de meio ambiente, e, portanto, biologicamente perfeito. "Faze o que tu queres" implica auto regulação, de modo que o fracasso não pode ocorrer. A verdadeira Vontade de alguém é necessariamente equipada para todo o Universo com a maior exatidão, porque cada termo da equação $a + b + c = O$ tem de ser igual e oposta à soma de todos os outros termos. Nenhum indivíduo pode ser qualquer outra coisa do que ele mesmo, ou fazer qualquer outra coisa que não a sua vontade, que é a sua relação necessária com o seu meio ambiente, considerado dinamicamente. Todo erro não é mais que uma ilusão que lhe é própria para dissipar a miragem, e é uma lei geral que o método de realizar esta operação é realizar, e para consentir, a ordem do Universo, e se abster de tentar a tarefa impossível de superar a inércia das forças que se opõem, e, portanto, são idênticos ao eu de alguém. Erro no pensamento é, portanto, incapacidade de compreender, e em ação para executar a verdadeira Vontade que possui.

CAPÍTULO X

DOS GESTOS

Este capítulo pode ser dividido nas seguintes partes:

1. Atitudes.
2. Circum-ambulações (e movimentos semelhantes).
3. As alterações de posição (isto depende da teoria da construção do círculo).
4. As batidas ou badalar dos sinos.

I

Atitudes são de dois tipos: natural e artificial. Do primeiro tipo, prostração é o exemplo óbvio. Ela vem natural para o homem (pobre criatura!) A atirar-se ao chão, na presença do objeto de sua adoração. ¹

Intermediário entre esta e a forma puramente artificial de gestos vem uma classe que depende de hábito adquirido. Assim, é natural que um oficial europeu ofereça sua espada em sinal de rendição. Um tibetano seria, no entanto, agachamento, colocar a língua para fora e colocar a mão atrás da orelha direita.

Gestos puramente artificiais compreendem na sua classe a maioria dos sinais definitivamente de magia^(k), embora alguns destes simulam uma ação natural - por exemplo, o sinal de Rasgar o Véu. Mas o sinal de Auramoth (veja Equinox I, II, Ilustração "Os Sinais dos Graus") meramente imita um hieróglifo que tem apenas uma conexão remota com qualquer fato na natureza. Todos os sinais devem, naturalmente, ser estudados com uma paciência infinita, e praticados até que a conexão entre eles e a atitude mental que eles representam pareça necessário.

¹ N. do A. = O Mago deve abster prostração, ou mesmo a "dobra do joelho em súplica", tão infame e vergonhoso, uma abdicação da sua soberania.

II

O principal movimento em círculo é circum-ambulação.¹ Isto tem um resultado bem definido, mas que é muito difícil de descrever. Uma analogia é o dínamo. **Circum-ambulação adequadamente realizada em combinação com o sinal de Hórus (ou "O entrante") em passar o Oriente é um dos melhores métodos de despertar a força macrocósmica no Círculo.** Ela nunca deve ser omitida a menos que haja alguma razão especial contra ela.

A banda de rodagem particular parece apropriada a ele. Esta banda de rodagem deve ser leve e secreta, quase furtiva, e ainda muito proposital. É o ritmo do tigre que persegue o veado.

O número de circum-ambulação deve, evidentemente, corresponder à natureza da cerimónia.

Outro movimento importante é o em espiral, do qual existem duas formas principais, uma interior, uma exterior. Eles podem ser realizados em qualquer direção; e, como o circum-ambulação, se realizada deosil ² eles invocam - se widdershins ³ eles banem ⁴. **Na espiral da banda de rodagem é leve e tropeço, quase se aproximando de uma dança:** ao executar-se o mago quer transformar em seu próprio eixo, normalmente, é na mesma direção da espiral, ou na direção oposta.

¹ N. do A. = Na Parte II deste Livro 4 presume-se o que o Mago foi Descalço. Isto implicaria a sua intenção de fazer contato íntimo com seu Círculo. Mas ele pode usar sandálias, pois o Ankh é uma correia de sapato; ele é suportado pelos deuses egípcios para significar seu poder de ir, que é a sua eterna energia. Por forma a Ankh (ou Crux Ansata) sugere a fórmula pela qual isso é afetado na prática atual.

² N. do A. = Isto é, na mesma direção das mãos no sentido horário.

³ N. do A. = Isto é, na direção oposta.

⁴ N. do A. = Assim, pelo menos, é a interpretação tradicional. Mas há um design mais profundo que pode ser expresso através do sentido de rotação. Certas forças da personagem mais formidável podem ser invocadas por circum-ambulação. Widdershins quando ele é executado com intenção em direção a eles, e a técnica iniciada. De buscar forças Typhon é o tipo, e a guerra dos Titãs contra os Olímpicos a lenda. (Titan, Titan, tem no valor numérico grego de 666.)

Cada combinação envolve um simbolismo diferente.

Existe, portanto, a dança adequada; Ela tem muitas formas diferentes, cada deus tem sua dança especial. Uma das danças mais fáceis e eficazes é a valsa-passo ordinária combinada com os três sinais de L.V.X. É muito mais fácil para atingir o êxtase desta forma do que geralmente se supõe. A essência do processo consiste na luta da vontade contra a tontura; mas esta luta deve ser prolongada e severa, e sobre o grau dessa qualidade e a intensidade do êxtase atingido pode depender.

Com a prática, a tontura é completamente conquistada; exaustão, em seguida, toma o seu lugar como o inimigo da vontade. **É através da destruição mútua de argumentos antagonismos no ser mental e moral do mago que o Samadhi é gerado.**

III

Bons exemplos do uso de mudança de posição são dadas nos manuscritos e Z.1 Z.3 ¹ explicativo do Neófito Ritual da G.D, onde o candidato é levado a várias estações no Templo, cada estação tem um significado simbólico próprio; mas em pura invocação um melhor exemplo é dado no Liber 831 ².

Na construção de uma cerimônia uma coisa importante a decidir é se você quer ou não fazer movimentos de busca. Cada Círculo tem seu simbolismo natural e mesmo se nenhum uso for feito desses fatos, deve-se ter cuidado para não deixar que nada seja desarmônico com os atributos naturais. ³ A aura sensível do mago pode ser perturbada e o valor da cerimônia completamente destruído, pelo constrangimento causado pela descoberta de alguns erros de pesquisa, como se um preocupado abstêmio descobrisse que tinha vagueado em um templo do demônio Rum! É impossível, portanto, a negligenciar a Teoria do Círculo.

¹ N. do A. = Equinox I, II, pp. 244-260.

² N. do A. = Equinox I, VII, pp. 93 sqq.

³ N. do A. = **As necessidades práticas do trabalho são susceptíveis de exigir certos movimentos. Deve-se excluir esse simbolismo por completo, ou então pensar tudo de antemão, e torná-lo significativo. Não deixe que algumas ações sejam simbólicas e outras casuais.**

Para tomar um exemplo simples, suponha que, em uma evocação de Bartzabel, o planeta Marte, cuja esfera é Geburah (Severidade) situava-se (na verdade, nos céus) em frente à Praça de Chesed (misericórdia) do Tau no Círculo e o triângulo colocado em conformidade. Seria impróprio para o Magus se sustentar neste Quadrado a menos usando esta fórmula: "Eu, de Chesed, governo Geburah através do Caminho do Leão"; enquanto - tendo um caso extremo - para ficar na praça de Hod (que é naturalmente dominado por Geburah) seria uma loucura que só uma fórmula da mais alta Magia^(k) poderia contrariar.

Certas posições, no entanto, como Tiphareth ¹, são tão simpáticas para o próprio Magus que ele pode usá-las sem referência à natureza do espírito ou da operação; a menos que ele requeira um espírito excepcionalmente preciso livre de todos os elementos estranhos, ou um cuja natureza é dificilmente compatível com Tiphareth.

Para mostrar como essas posições podem ser utilizadas em conjunto com as espirais, suponha que você está invocando Hathor, Deusa do Amor, a descer sobre o altar. De pé no tapete de Netzach você vai fazer a sua invocação para ela, e depois dançar uma espiral para dentro de si terminando no pé do altar, onde você afundar em seus joelhos com os braços levantados acima do altar, como se convidando abraço Dela.

Para concluir, pode-se acrescentar que a capacidade artística singular, se você possuí-la, constitui um excelente guia. **Toda a arte é Magia^(k).**

Isadora Duncan tem esse dom do gesto em um grau muito elevado. Deixo que o leitor estude sua dança; se possível, em privado, em vez de em público, e em seguida aprender a "inconsciência" soberba - que é a consciência mágica - com a qual ela adapta a ação para a melodia. ³

Há meios mais potentes do que a arte de chamar adiante verdadeiros Deuses a aparência visível.

¹ N. do A. = Tiphareth dificilmente é "dominada" até mesmo por kether. Ele é o filho mais do que o servo.

² N. do A. = Mas NÃO "em súplica".

³ N. do A. = Esta passagem foi escrita em 1911 e.v. "Acorda Duncan com o teu bater? Eu gostaria que tu pudesses!"

IV

As batidas ou badalar dos sinos são todos do mesmo caráter. Podem ser descritos coletivamente - a diferença entre eles então consiste apenas nesta, que o instrumento com o qual eles são feitos os sela com as suas próprias propriedades especiais. Não é de grande importância (mesmo assim) se eles são feitos por palmas das mãos ou carimbar os pés, por golpes de uma das armas ou pelo instrumento teoricamente apropriado, o sino. Pode, todavia, admitir-se que eles se tornam mais importantes na cerimônia se o Mago considera que vale a pena levar ¹ até um instrumento cuja finalidade única é produzi-los.

Deixe-o primeiro prever que uma batida afirma uma conexão entre o mago e o objeto que ele ataca. Assim, o uso do sino, ou das mãos, significa que o Mago quer impressionar a atmosfera de todo o círculo com o que foi ou está prestes a ser feito. Ele deseja formular sua vontade no som, e irradiá-la em todas as direções; além disso, de influenciar o que vive pela respiração, no sentido de sua finalidade e para convocar a dar testemunho de sua Palavra. As mãos são usadas como símbolos de seu poder executivo, o sino para representar sua consciência exaltada em música. Para atacar com a varinha é pronunciar o fiat* da criação; o cálice vibra com o seu prazer em receber vinho espiritual. Um golpe com a adaga é como o sinal para a batalha. O disco é usado para expressar jogando para baixo o preço de compra de cada um. Para carimbar com o pé é declarar o domínio o assunto de alguém em mãos. Similarmente, qualquer outra forma de dar pancadas tem a sua própria virtude. A partir dos exemplos acima o estudante inteligente vai ter percebido o método de interpretar cada caso individual que pode vir em questão.

Como disse acima, o objeto atingido é o objeto impressionado. Assim, um golpe sobre o altar afirma que ele cumpriu com as leis de seu funcionamento. Atingir a lâmpada é convocar a luz divina. Assim, para o resto.

Também deve ser observado que muitas combinações de ideias são possíveis por esta convenção.

¹ N. do A. = Qualquer ação não puramente rítmica é uma perturbação.

* N. do E. 2008 = [Lat., “deixe estar.”]

Atingir a varinha dentro do cálice é aplicar a vontade criadora da sua lotação adequada, e assim realizar a Grande Obra pela fórmula de Regeneração. Atacar com a mão na adaga declara que exige o uso da adaga como uma ferramenta para estender o poder executivo de cada um. O leitor deve lembrar-se como Siegfried feriu Nothung, a espada de Necessidade, sobre a lança de Wotan. Pela ação, Wagner, que foi instruído como aplicar fórmulas mágicas por um dos chefes de nossa Ordem, destina-se a seus ouvintes a entender que o reinado de autoridade e poder paternal tinham chegado ao fim; que o novo dono do mundo era o intelecto.

O objeto geral de uma batida ou uma badalada é marcar uma etapa na cerimônia. Sasaki Shigetzu nos diz em seu ensaio sobre Shinto que os japoneses estão acostumados a bater palmas quatro vezes "para afastar os maus espíritos". Ele explica que o que realmente acontece é que o impacto súbito e agudo do som lança a mente em uma atividade de alerta que lhe permite romper com a obsessão de seu humor anterior. Ela é despertada a aplicar-se de forma agressiva para as ideias que a tinha oprimido. Existe, portanto, uma interpretação perfeitamente racional do poder psicológico da batida.

Em uma cerimônia Mágica a batida é empregada com a mesma finalidade. O Mago a utiliza como o refrão de uma peça grega. Ela o ajuda a fazer um corte limpo, para voltar sua atenção de uma parte do seu trabalho para o próximo.

Tanto para o caráter geral da batida ou badalada. Mesmo deste ponto de vista limitado oferece grandes oportunidades para o Mago engenhoso. Mas outras possibilidades repousam sobre nossas mãos. Geralmente não é desejável tentar transmitir nada exceto ênfase e, possivelmente, humor, fazendo variar a força do golpe. É evidente, além disso, que existe uma correspondência natural entre a batida forte disco de comando imperioso, por um lado, e a batida arrastada macia de compreensão simpática do outro. É fácil distinguir entre o estrondo do credor ultrajado na frente, e a torneira silenciosa do amante no quarto, porta. Teoria Mágica não pode adicionar aqui instrução para instinto.

Mas uma batida não precisa ser única; a possível combinação é evidentemente infinita.

Precisamos apenas discutir os princípios gerais de determinar qual número de acidentes vasculares cerebrais será adequado em qualquer caso, e como podemos interromper qualquer série, de modo a expressar a nossa ideia por meio de estrutura.

A regra geral é que uma única batida não tem nenhum significado especial, como tal, porque a unidade é OmniForm. Ela representa Kether, que é a fonte de todas as coisas igualmente sem participar de qualquer qualidade pela qual nós discriminamos uma coisa da outra. Continuando sobre estas linhas, o número de batidas fará referência à Sephira ou outra ideia Cabalisticamente cognata com esse número. Assim, 7 batidas vai intimar Vênus, 11 a Grande Obra, 17 a Trindade dos Pais, e 19 o Princípio Feminino em seu sentido mais geral.

Analisando a questão um pouco mais, notamos que em primeiro lugar uma bateria de muitas batidas é confusa, bem como susceptível de sobrepeso as outras partes do ritual. Na prática, 11 é o limite. Normalmente não é difícil de arranjar para cobrir todos os terrenos necessários com esse número.

Em segundo lugar, cada um é tão extenso no escopo, e aspectos tão diversos do ponto de vista prático que a nosso perigo reside na indefinição. Uma batida deve ser bem definida; o seu significado deve ser exato. A própria natureza de bater sugere elegância e precisão. Devemos, portanto, conceber alguns meios de fazer a sequência significativa do sentido especial que possa ser apropriado. Nosso único recurso é o uso de intervalos.

É evidentemente impossível atingir grande variedade nos números menores. Mas esse fato ilustra a excelência do nosso sistema. Há apenas uma maneira de atingir 2 batidas e este fato concorda com a natureza de Chokmah; há apenas uma maneira de criar. Podemos expressar apenas a nós mesmos, embora nós façamos em forma de duplex. Mas existem três maneiras de atingir 3 batidas, e destas 3 formas correspondem à maneira tríplice em que Binah pode receber a ideia criativa. Existem três tipos possíveis de triângulo. Poderemos compreender uma ideia, quer como uma unidade tripartida, como uma unidade dividindo-se em uma dualidade, ou como uma dualidade harmonizada em uma unidade. Qualquer destes métodos pode ser indicado por 3 batidas iguais; 1 seguida, depois de uma pausa, por 2; e 2, seguidas, depois de uma pausa, por 1.

Como a natureza do número torna-se mais complexa, as variedades possíveis aumentam rapidamente. Há inúmeras maneiras de golpear 6, cada uma das quais está adaptada à natureza dos vários aspectos de Tiphareth. Podemos deixar a determinação destes pontos para a ingenuidade do aluno.

A bateria geralmente mais útil e adaptável é composta por 11 cursos. As principais razões para isso são as seguintes: *Em primeiro lugar*, 11 é o número da Magia^(k) em si. É, portanto, adequado para todos os tipos de operação. *Em segundo lugar*, é o número par sagrado por excelência do novo Aeon.

Como está escrito no Livro da Lei: "Onze, como todos os números que são de nós." *Em terceiro lugar*, é o número das letras da palavra ABRAHADABRA, que é a palavra do Aeon. A estrutura desta palavra é tal que expressa a Grande Obra, em cada um de seus aspectos. *Por último*, é possível, assim, expressar todas as esferas possíveis de operação, seja qual for a sua natureza. Isto é efetuado fazendo uma equação entre o número do Sefirah e a diferença entre o número e 11. Por exemplo, $2^\circ = 9^\circ$ é a fórmula do grau de iniciação correspondente a Yesod. Yesod representa a instabilidade do ar, a esterilidade da lua; mas estas qualidades são equilibradas nele pela estabilidade implícita em sua posição como a Fundação, e pela sua função de geração. Este complexo está mais equilibrado, identificando-o com o número 2 do Chokmah, que possui a qualidade arejada, sendo a Palavra e a qualidade lunar, sendo o reflexo do sol de Kether como Yesod é do sol de Tiphareth. É a sabedoria que é o fundamento por ser criação. Todo este ciclo de ideias é expresso na fórmula dupla $2^\circ = 9^\circ$, $9^\circ = 2^\circ$; e qualquer uma destas ideias pode ser selecionada e articulada por uma bateria adequada.

Podemos concluir com uma simples ilustração de como os princípios acima podem ser postas em prática. Vamos supor que o Mago contempla uma operação com a finalidade de ajudar a sua mente para resistir à tendência de vaguear. Esta será uma obra de Yesod. Mas ele deve enfatizar a estabilidade de que Sefira como contra a qualidade Aérea que ele possui. Sua primeira ação será colocar o 9 sob a proteção do 2; a bateria neste momento será 1-9-1. Mas esse 9 tal como é sugestivo da mutabilidade da lua. Pode acontecer que ele divida isso em 4 e 5, sendo 4 o número de fixidez, o direito e o poder de autoridade; e 5 aquele da coragem, energia e triunfo do espírito sobre os elementos.

Ele vai refletir, além disso, aquele quatro é símbolo da estabilidade da matéria, enquanto 5 expressa a mesma ideia com relação ao movimento. Nesta fase, a bateria irá aparecer como 1-2-5-2-1. Após a devida consideração ele provavelmente vai concluir que dividir o centro de 5 tenderia a destruir a simplicidade desta fórmula, e decidir usá-lo como está. A alternativa possível seria fazer um único bater o centro de sua bateria como se ele apelasse para a imutabilidade final de Kether, invocando aquela unidade, colocando uma batida de quatro vezes em cada lado dela. Neste caso, a bateria seria 1-4-1-4-1. Ele irá, naturalmente, ter o cuidado de preservar o equilíbrio de cada parte da bateria contra a parte correspondente. Isto seria particularmente necessário em uma operação tal como nós escolhemos para o nosso exemplo.

CAPÍTULO XI

DE NOSSA SENHORA BABALON E A BESTA

NA QUAL ELA CAVALGA.

TAMBÉM SOBRE TRANSFORMAÇÕES.

I

O conteúdo desta seção, na medida em que diz respeito a NOSSA SENHORA, é demasiado importante e demasiado sagrado para ser impresso. Ele só é comunicado pelo Mestre Therion aos alunos escolhidos em instruções particulares.

II

O trabalho mágico essencial, para além de qualquer operação, é a formação adequada do ser mágico ou Corpo de Luz. Este processo será discutido em detalhes no Capítulo XVIII.

Vamos supor aqui que o mago conseguiu desenvolver o seu Corpo de Luz até que ele seja capaz de ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa. Haverá, no entanto uma certa limitação ao seu trabalho, porque ele formou seu corpo mágico da matéria prima de seu próprio elemento. Portanto, embora ele possa ser capaz de penetrar os recessos máximos dos céus, ou conduzir combates vigorosos com os demônios mais impronunciáveis do abismo, pode ser impossível para ele fazer o máximo como bater um vaso de uma lareira. Seu corpo mágico é composto de matéria tênue demais para afetar diretamente a matéria bruta de ilusão as quais mesas e cadeiras são feitas.¹

¹ N. do A. = A única operação "física" realmente fácil que o Corpo de Luz pode executar é " Congressus Subtilis ". As emanções do "Corpo de Desejo" de material feito de quem se visita, se a visita for agradável, é tão potente que ganha espontaneamente substância no abraço. Há muitos casos registrados de crianças que têm nascido como o resultado de tais uniões. Veja o trabalho de De Sinistrari ou íncubos e súcubos para uma discussão sobre fenômenos análogos.

Houve uma boa dose de discussão no passado no âmbito das faculdades do Espírito Santo, sobre se seria perfeitamente legítimo buscar transcender esta limitação. Não é preciso presumo julgar. Pode-se deixar a decisão com a vontade de cada mago.

O Livro dos Mortos contém muitos capítulos destinados a permitir a entidade mágica de um homem que está morto, e assim que privado (de acordo com a teoria da morte então atual) do veículo material para a execução de sua vontade, assume a forma de certos animais, como um falcão dourado ou um crocodilo, e nessa forma vai sobre a terra "tomando seu prazer entre os vivos." ¹ Como regra geral, material foi fornecido a partir do qual ele poderia construir o partido da segunda parte acima mencionada, a seguir designado como o falcão.

Não precisamos, no entanto, considerar esta questão da morte. Muitas vezes pode ser conveniente aos vivos ir sobre o mundo por alguma tal incógnita. **Agora, então, conceber este corpo mágico como força criativa, buscando manifestação: como um Deus, buscando encarnação.**

Existem duas maneiras pelas quais este objetivo pode ser afetado. **O primeiro método é criar um organismo adequado de seus elementos.** Este é, em geral, uma coisa muito difícil de fazer, porque a constituição física de qualquer ser material com muito poder é, ou pelo menos deveria ser, o resultado de séculos de evolução. No entanto, existe um método legal de produzir um homúnculo que é ensinado em uma determinada organização secreta, talvez conhecido por alguns daqueles que podem ler isto, o que pode muito facilmente ser adaptado para alguns fins, tais como os em debate.

O segundo método parece muito fácil e divertido. Você toma algum organismo já existente, que passa a ser adequado para o seu propósito. Você expulsa o ser mágico que o habita, e toma posse.

¹ N. do A. = Veja "The Book of Lies" cap. 44, e As Obras Completas de Aleister Crowley, Vol. III, pp.209-210, onde ocorrem conversões de certos rituais egípcios clássicos parafraseados.

Para fazer isso pela força não é fácil nem justificável, porque o ser mágico do outro foi encarnado em conformidade com a sua Vontade. E "Tu não tens direito senão fazer a tua Vontade". Dificilmente se deve forçar esta frase para fazer a vontade de alguém incluindo a vontade de alguém para decepcionar a vontade ¹ de outro! Além disso, é extremamente difícil, portanto, expatriar outro ser mágico; pois, embora, a menos que seja um microcosmo completo como um ser humano, isto não pode ser chamado de uma estrela, é um pedaço de uma estrela e uma parte do corpo de Nuit.*

Mas não há nenhum susto em tudo isso. Não há necessidade de derrubar a menina, a menos que ela se recuse a fazer o que você quer e ela sempre irá cumprir se você disser algumas coisas agradáveis para ela. ² **Você pode sempre usar o corpo habitado por um elemental, como uma águia, lebre, lobo, ou qualquer outro animal conveniente, fazendo um compacto muito simples. Você assume a responsabilidade pelo animal, construindo, assim, em sua própria hierarquia mágica. Isto representa um ganho tremendo para o animal.** ³ **Ele cumpre completamente* a sua ambição por uma aliança deste tipo extremamente íntimo com uma estrela.** O mago, por outro lado, é capaz de transformar e se retransformar de mil maneiras, aceitando uma comitiva desses adeptos. Deste modo, a projeção do "astral" ou Corpo de Luz pode ser feita absolutamente tangível e prática. **Ao mesmo tempo, o mago deve perceber que na realização do Karma de qualquer elemental, ele está assumindo uma responsabilidade muito séria. O vínculo que o une com esse elemental é o amor; e, embora seja apenas uma pequena parte do equipamento do mágico, é o conjunto do equipamento do elemental.** Ele irá, portanto, sofrer intensamente em caso de qualquer erro ou infortúnio ocorrer com o seu protegido.

¹ N. do A. = No entanto, pode acontecer que a Vontade do outro tenha sido convidar o Mago para habitar o seu instrumento.

* N. do E. 2008 = [Veja *Liber AL vel Legis* 1:3.]

² N. do A. = Especialmente sobre o assunto da Varinha ou do Disco.

³ N. do A. = Este é o aspecto mágico de comer alimentos de origem animal, e a sua justificação, ou melhor, a reconciliação da aparente contradição entre os carnívoros e elementos humanitários na natureza do *Homo Sapiens*.

* N. do E. = Há um erro de digitação na edição, ao invés de *completely* (completamente) aparece a palavra 'competely'.

Este sentimento é bastante peculiar. É muito instintivo com os melhores homens. Eles ouvem a destruição de uma cidade de uns poucos milhares de habitantes com inteira insensibilidade, mas quando ouvem falar de um cão ter machucado a pata, eles sentem Weltschmerz* agudo.

Não é necessário dizer muito mais do que isto em matéria de transformações. Aqueles a quem o assunto naturalmente atrai, prontamente entendem a importância do que foi dito. Aqueles que são de outra maneira inclinados, podem refletir que um aceno de cabeça é bom como uma piscada para um cavalo cego.

* N. do E. 2008 = [Al., “dor do mundo” ou melancolia pessimista.]

CAPÍTULO XII

DO SACRIFÍCIO SANGRENTO: E ASSUNTOS COGNATOS.

É necessário, para nós, considerar cuidadosamente o problema relacionado com o sacrifício de sangue, por esta questão ser, de fato, tradicionalmente importante na Magia^(k). Quase toda a Magia^(k) antiga gira em torno deste assunto. Em particular, todas as religiões de Osíris - os ritos do Deus Moribundo - referem-se a iste. O assassinato de Osíris e Adonis; a mutilação de Átis; os cultos do México e do Peru; a história de Hércules ou Melcarth; as lendas de Dionísio e Mitra estão todos conectados com esta ideia. Na religião hebraica, encontramos a mesma coisa inculcada. A primeira lição ética na Bíblia é que o único sacrifício agradável ao Senhor é o sacrifício de sangue; Abel, que fez isso, encontrou favor com o Senhor, enquanto Caim, que ofereceu couves, foi em vez considerado naturalmente um esporte barato. A ideia se repete de novo e de novo. Temos o sacrifício da Páscoa, seguindo a história de Abraão sendo ordenado a sacrificar seu filho primogênito, com a ideia da substituição do animal pela vida humana. A cerimônia anual dos dois bodes carrega isso em perpetuidade. E vemos novamente o domínio desta ideia no romance de Esther, onde Haman e Mardoqueu são as duas cabras ou deuses; e, finalmente, na apresentação do rito de Purim na Palestina, onde Jesus e Barrabás passam a ser as cabras, nesse ano, dos quais ouvimos falar muito, sem concordância sobre a data.

Este assunto deve ser estudado no "O Ramo Dourado", onde está mais instrutivo estabelecido pelo Dr. JG Frazer.

O suficiente já foi dito para mostrar que o sacrifício sangrento desde tempos imemoriais tem sido a parte mais ponderada da Magia^(k).

A ética da coisa parece não ter preocupado ninguém; nem, para dizer a verdade, eles precisam. Como diz São Paulo: "Sem derramamento de sangue não há remissão"; e quem somos nós para discutir com São Paulo? Mas, depois de tudo isso, fica aberto a qualquer um ter a opinião que preferir sobre o assunto, ou qualquer outro assunto, graças a Deus! Ao mesmo tempo, é mais necessário estudar o negócio e tudo o que possa estar relacionado a isso; para a nossa ética eles irão naturalmente depender da nossa teoria do universo. Se estivéssemos completamente certos, por exemplo, que todo mundo foi para o céu quando morreu, não poderia haver nenhuma objeção séria ao assassinato ou suicídio, como é geralmente admitido - por aqueles que não sabem - que a terra não é um lugar tão agradável como céu.

No entanto, há um mistério oculto nessa teoria do sacrifício sangrento que é de grande importância para o aluno, e, portanto, não pedimos mais desculpas. Não devíamos ter feito ainda este pedido de desculpas para uma desculpa, se não tivesse sido para a solicitude de um jovem amigo piedoso de grande austeridade de caráter que insistiu que a parte deste capítulo que segue agora - a parte que foi originalmente escrita - pode levar-nos a ser mal interpretados. Isto não deve acontecer.

O sangue é a vida. Esta simples afirmação é explicada pelos hindus, dizendo que o sangue é o principal veículo da Prana¹ vital. Há algum terreno para a crença de que existe uma substância² definida, não isolada ainda, cuja presença faz toda a diferença entre a matéria viva e morta.

¹ N. do A. = Prana ou "força" é muitas vezes usada como um termo genérico para todos os tipos de energias sutis. O prana do corpo é apenas um dos "vayus". Vayu significa ar ou espírito. A ideia é que todas as forças corporais são manifestações das forças mais sutis do corpo mais reais, esse corpo real se torna uma coisa sutil e invisível.

² N. do A. = Esta substância não precisa ser concebida como o "material" no sentido bruto da ciência vitoriana; agora sabemos que fenômenos como os raios e emanações de substâncias radioativas ocupam uma posição intermediária. Por exemplo, a massa não é, como uma vez foi suposta, necessariamente impermeável para massa, e a própria matéria só pode ser interpretada em termos de movimento. Assim, como o "prana", pode-se supor um fenômeno no éter análogo ao isomerismo. Nós já sabemos de corpos quimicamente idênticos, cuja estrutura molecular torna um ativo, outro inativo, a certos reagentes.

Passamos com desprezo merecido pelas experiências pseudocientíficas de charlatões americanos que afirmam ter estabelecido que no momento da morte se perde peso, e as declarações não fundamentadas de supostos videntes que eles têm visto a alma emitindo como um vapor da boca de pessoas *in articulo mortis*;^{*} mas suas experiências como um explorador têm convencido o Mestre Therion de que a carne perde uma parte notável de seu valor nutritivo dentro de poucos minutos após a morte do animal, e que esta perda procede com cada vez menor rapidez com o passar do tempo. Além disso, é geralmente admitido que o alimento vivo como ostras é a forma mais rapidamente assimilável e mais concentrada de energia¹. Experimentos de laboratório em valores de alimentos parecem ser quase inúteis, por razões que não podemos entrar aqui; o testemunho geral da humanidade parece um guia mais seguro.

Não seria sensato condenar como irracional a prática daqueles selvagens que rasgam o coração e o fígado de um adversário, e os devora enquanto ainda está quente.

Os metais podem ser "cansados" ou mesmo "mortos", como para algumas de suas propriedades, sem alteração química detectável. Alguém pode "matar" o aço, e "levantá-lo dentre os mortos"; e moscas afogadas em água gelada podem ser ressuscitadas. O que deveria ser impossível criar vida orgânica elevada é cientificamente impensável, e o Mestre Therion acredita que seja uma questão de poucos anos, certamente, antes que isso seja feito em laboratório. Já restauramos o que aparentemente se afogou. Por que não os mortos de causas como síncope? Se entendemos a derradeira física e a química do breve momento de morte, poderíamos nos apossar da força de alguma forma, fornecer o elemento faltante, reverter as condições elétricas ou o que mais. Já podemos evitar certos tipos de morte, fornecendo necessidades, como no caso da tireóide.

*** N. do E. 2008 = [Lat., "no ponto da morte."]**

¹ N. do A. = Alguém pode se tornar realmente bêbado de ostras, mastigando-as completamente. Rigor parece ser um sintoma da perda do que eu posso chamar a energia Alpha e faz uma acentuada quebra na curva. O beta e outras energias dissipam mais lentamente. Fisiologistas devem tornar isto seu primeiro dever para medir esses fenômenos; para o seu estudo é, evidentemente, uma linha direta de investigação sobre a natureza da Vida. A analogia entre as moléculas vivas e complexas do grupo Uranium de grupo inorgânico e o Protoplasma de elementos orgânicos é extremamente sugestiva. As faculdades de crescimento, ação, auto recuperação, etc., devem ser atribuídas a propriedades semelhantes em ambos os casos; e como temos detectado, medido e parcialmente explicado radioatividade, deve ser possível inventar meios de fazer o mesmo para a Vida.

Em todo o caso, **essa foi a teoria dos antigos Magos, de que qualquer ser vivo é um armazém de energia variando em quantidade de acordo com o tamanho e a saúde do animal, e em termos de qualidade de acordo com seu caráter mental e moral.** Com a morte do animal essa energia é liberada de repente.

O animal deve, por conseguinte, ser morto ¹ dentro do círculo, ou triângulo, como for o caso, de modo que a sua energia não possa escapar. Um animal deve ser selecionado, de acordo com a natureza da cerimônia - assim, ao sacrificar um cordeiro fêmea não se pode obter qualquer quantidade apreciada da energia feroz útil para um Mago que estava invocando Marte. Em tal caso, um ram ² seria mais apropriado. E este carneiro deveria ser virgem - todo o potencial de sua energia total original não deve ter sido reduzido de forma alguma. ³ Para o mais alto trabalho espiritual é preciso escolher adequadamente essa vítima que contém a força maior e mais pura. Uma criança do sexo masculino de perfeita inocência e alta inteligência ⁴ é a vítima* mais satisfatória e adequada.

¹ N. do A. = **É um erro supor que a vítima está ferida. Pelo contrário, esta é a mais abençoada e misericordiosa de todas as mortes, para o espírito elemental é transforma-se diretamente em Divindade - o objetivo exato dos seus esforços através de incontáveis encarnações. Por outro lado, a prática de torturar animais até a morte, a fim de obter o elemental como um escravo é magia indefensável, totalmente negra da pior espécie, que implica nomeadamente uma base metafísica do dualismo. Não há, no entanto, qualquer objecção ao dualismo ou magia negra quando adequadamente compreendida. Veja o relato do Mestre Therion Grande Retiro Mágico por Pasquaney Lake, onde Ele " crucifica um sapo na morada do Basilisco".**

² N. do A. = **Um lobo seria ainda melhor no caso de Marte. Ver 777 para as correspondências entre vários animais e os "32 Caminhos" da Natureza.**

³ N. do A. = **Há também a questão da sua liberdade mágica. A relação sexual cria uma ligação entre seus expoentes, e, portanto, uma responsabilidade.**

⁴ N. do A. = **Consta nos registros mágicos de Frater Perdurabo que Ele fez esse sacrifício particular, em média cerca de 150 vezes a cada ano entre 1912 e.v e 1928 e.v. Contrasta J.K. Huyman's "Là-Bas", onde uma forma perversa de Magia de uma ordem análoga é descrita.**

* N. do E. 2008 = **[Embora Crowley intercale precauções contra a interpretação literal de suas observações ao longo deste capítulo, seus detratores frequentemente citam essa declaração fora do contexto para afirmar que ele defendeu o sacrifício literal humano, uma prática que ele repudiou.]**

Para evocações seria mais conveniente colocar o sangue da vítima no Triângulo - a ideia é de que o espírito pode obter a partir do sangue esta substância sutil porém física, que foi a quintessência de sua vida de tal maneira a permitir que isto assuma uma forma visível e tangível. ¹

Aqueles magos que se opõem ao uso de sangue têm se esforçado para substituí-lo por incenso. Para tal finalidade o incenso de Abramelin pode ser queimado em grande quantidade. Dittany de Creta é também um meio valioso. Ambos estes incensos são muito católicos em sua natureza e adequados para praticamente qualquer materialização.

Mas o sacrifício de sangue, embora mais perigoso, é mais eficaz; e para quase todo fim o sacrifício humano é o melhor.* O verdadeiro grande mágico vai ser capaz de usar seu próprio sangue, ou possivelmente o de um discípulo, sem sacrificar a vida física de forma irrevogável. ² Um exemplo deste sacrifício é dado no Capítulo 44 da Liber 333.* Esta missa pode ser recomendada em geral para a prática diária.

Uma última palavra sobre este assunto. **Há uma Operação Mágica de máxima importância: a Iniciação de um Novo Aeon. Quando se torna necessário pronunciar uma Palavra, todo o Planeta deve ser banhado em sangue.**

"É o sacrifício de si mesmo espiritualmente. E a inteligência e inocência daquele menino são a perfeita compreensão do Mago, seu objetivo único, sem ânsia de resultado. E ele deve ser do sexo masculino porque o que ele sacrifica não é o sangue material, mas o seu poder criativo." Esta interpretação iniciada dos textos foi enviada espontaneamente por Soror I.W.E, para o bem dos irmãos mais jovens. ¹ N. do A. = Ver Equinox (I, V. Suplemento: Décimo Aethyr) para uma conta de uma operação em que isso foi feito. Fenômenos mágicos de ordem criativa são concebidos e germinam em uma escuridão de veludo de espessura peculiar, carmesim, roxa, ou azul profundo, aproximando do preto: como se fosse dito, No corpo de Nossa Senhora das Estrelas. Ver 777 para as correspondências das várias forças da Natureza com drogas, perfumes, etc.

* N. do E. 2008 = [Crowley especifica auto sacrifício que não resulta em ferimentos graves ou morte; suas observações também têm uma interpretação mágica-sexual. Ele não defende suicídio nem assassinato ritual.]

² N. do A. = Tais detalhes, no entanto, podem seguramente ser deixados ao bom senso do Estudante. A experiência aqui é como em outros lugares o melhor professor. No sacrifício durante a Invocação, no entanto, pode-se dizer sem medo de contradição que a morte da vítima deve coincidir com a invocação suprema.

* N. do E. 2008 = [Veja "Liber XLIV," Apêndice VI, p.571.]

Antes que o homem esteja pronto para aceitar a Lei de Thelema, a Grande Guerra deve ser combatida. Este Sacrifício de Sangue é o ponto crítico da Cerimônia do Mundo da Proclamação de Hórus, a Criança Coroada e Conquistadora, como Senhor do Aeon. ¹

Toda esta questão está profetizada no livro da Lei; deixe que o aluno tome nota, e entre nas fileiras dos Hospedeiros do Sol.

II

Há um outro sacrifício em relação ao qual os Adeptos sempre mantiveram o mais profundo segredo. É o mistério supremo da Magia^(k) prática. Seu nome é a Fórmula da Rosa Cruz. Neste caso, a vítima é sempre - em certo sentido - o próprio Mago, e o sacrifício deve coincidir com a pronúncia do nome do Deus mais sublime e secreto que ele deseja invocar.

Corretamente realizada, seu efeito nunca falha. Mas é difícil para o iniciante fazer de forma satisfatória, porque é um grande esforço para a mente permanecer concentrada sobre o propósito da cerimônia. A superação desta dificuldade empresta subsídio mais poderoso para o Mago.

É insensato para ele tentar fazê-lo até que ele tenha recebido a iniciação regular na verdadeira ordem ² da Rosa Cruz, e ele deve ter tomado os votos com a compreensão e experiência do seu significado mais pleno.

¹ N. do A. = Nota: Este parágrafo foi escrito no verão de 1911 e.v., apenas três anos antes de sua realização.

² N. do A. = É desejável aqui avisar a entrega das inúmeras ordens falsas que imprudentemente* assumiram o nome de Rosacruz. A Sociedade Masônica Rosicruciana é honesta e inofensiva; e não faz nenhum falso pretexto; se os seus membros têm como uma regra a serem pomposos corpos ocupados, ampliando as fronteiras de seus filactérios, e escrupulosos sobre a limpeza do exterior do copo e do prato; Se as máscaras dos Oficiais em seus Mistérios sugerem a Coruja, o Gato, o Papagaio, e o Cuco, enquanto o manto de seu chefe Magus é uma pele de Leão, que é o seu caso. Mas essas ordens dirigidas por pessoas que *alegam* representar a Fraternidade Antiga Verdadeira são fraudes comuns. Os representantes do último S.L. Mathers (Contagem McGregor) são a fosforescência da madeira apodrecida de um ramo que foi decepado da árvore, no final do século 19. Aqueles de Papus (Dr. Encausse), Stanislas de Guaita e Péladan, merecem respeito como sérios, mas falta conhecimento e autoridade.

* N. do E. = Erro de digitação na edição, *imprudently* aparece como 'impudently'.

Também é extremamente desejável que ele deva ter atingido um grau absoluto de emancipação moral ¹, e aquela pureza de espírito que resulta de um perfeito entendimento de ambas as diferenças e harmonias dos planos da Árvore da Vida.

Por esta razão FRATER PERDURABO nunca se atreveu a usar esta fórmula de uma forma totalmente cerimonial, salvo uma única vez, em uma ocasião de grande importância, quando, na verdade, não foi Ele que fez a oferta, mas ALGUÉM Nele. Para ele perceber um grave defeito em seu caráter moral o qual ele tenha sido capaz de superar no plano intelectual, mas não até agora sobre planos mais elevados. Antes da conclusão da escrita deste livro, ele vai ter feito isso. ²

Os detalhes práticos do Sacrifício de Sangue podem ser estudados em vários manuais etnológicos, mas as conclusões gerais são resumidas em "O Ramo Dourado" de Frazer, que é fortemente recomendado para o leitor.

Detalhes cerimoniais reais podem ser experimentados da mesma forma. O método de abate é praticamente uniforme. O animal deve ser esfaqueado no coração, ou ter sua garganta cortada, em ambos os casos com a faca. Todos os outros métodos de matar são menos eficazes; mesmo em caso de morte por Crucificação é dada pelo esfaqueamento. ³

Pode-se observar que os animais de sangue quente são usados apenas como vítimas: com duas exceções principais. A primeira é a serpente, que só é usada em um ritual muito especial; ⁴ a segundo os besouros mágicos de Liber Legis. (Ver Parte IV.)

A "Ordo Rosae Crucis" é uma massa de ignorância e falsidade, mas isso pode ser um dispositivo deliberado para mascarar-se. O teste de qualquer Ordem é a sua atitude para com a Lei de Thelema. A Verdadeira Ordem apresenta os Verdadeiros Símbolos, mas evita fixar os nomes verdadeiros aos mesmos; é só quando o Postulante tomou Juramentos irrevogáveis e foi recebido formalmente, que ele descobre que ele juntou-se a Fraternidade. Se ele tiver tomado símbolos falsos como verdadeiros, e encontrar-se magicamente comprometido a um bando de patifes, pior para ele!

¹ N. do A. = Isto resulta da plena aceitação da Lei de Thelema, persistentemente posta em prática.

² N. do A. = P.S. Com os mais felizes resultados. P.

³ N. do A. = No entanto, podem-se conceber métodos de execução adequados às Armas: Esfaqueamento ou surras para a Lança ou Varinha, afogamento ou envenenamento para o Cálice, Decapitação pela espada, Esmagamento para o Disco, Queimar para a Lâmpada, e assim por diante.

⁴ N. do A. = A Serpente não é realmente morta; ferve-a num vaso apropriado;

Uma palavra de aviso talvez seja necessária para o novato. A vítima deve estar em perfeita saúde - ou a sua energia pode estar, como se estivesse sido envenenada. Ele também não deve ser muito grande: ¹ a quantidade de energia desprendida é quase inimaginavelmente grande, e fora de qualquer proporção prevista para a força do animal. Consequentemente, o Mago pode facilmente ser oprimido e obcecado pela força que ele solta; isto irá provavelmente se manifestar na sua forma mais baixa e mais censurável. **A espiritualidade mais intensa do propósito ² é absolutamente essencial para a segurança.**

Em evocações o perigo é pequeno, como o Círculo forma uma proteção; mas o círculo em um caso como este deve ser protegido, não só pelos nomes de Deus e as Invocações utilizadas ao mesmo tempo, mas por um longo hábito de defesa bem sucedida. ³ Se você é facilmente perturbado ou alarmado, ou se você ainda não supera a tendência da mente de vagar, não é aconselhável que você execute

e isto emite na época devida atualizada e modificada, mas ainda essencialmente em si. A ideia é a transmissão da vida e da sabedoria de um veículo que tenha cumprido a sua fórmula para um capaz de nova prorrogação. O desenvolvimento de um fruto selvagem por plantações utilizadas no solo adequado é uma operação análoga.

¹ N. do A. = **O sacrifício (por exemplo) de um touro é suficiente para um grande número de pessoas; por isso, é comumente feito em cerimônias públicas e em algumas iniciações, por exemplo, a de um rei, que precisa de força para todo o seu reino. Ou ainda, na Consagração de um Templo.**

Veja Senhor Dunsany, "A Bênção do Pan" - uma profecia nobre e mais notável de Vida futura e justa.

² N. do A. = **Esta é uma questão de concentração, sem implicação ética. O perigo é que se pode obter algo que não se quer. Isto é "ruim" por definição. Nada é em si bom ou mau. Os escudos dos Sabinos que esmagaram Tarpeia não eram assassinos para eles, mas o contrário. Sua crítica sobre eles foi simplesmente que eles eram o que ela não queria ser em sua Operação.**

³ N. do A. = **O uso habitual do Ritual Menor de Banimento do Pentagrama (digamos, três vezes ao dia) durante meses e anos e assunção constante da Forma-Deus de Harpócrates (Ver Equinox, I, II e Liber 333, cap. XXV para ambos estes) deveriam fazer o círculo real, ou seja, a Aura do Mago, impenetrável.**

o *Sacrifício de Sangue*.¹ No entanto, não se deve esquecer que este, e aquela outra arte na qual temos ousado obscuramente a dica, são as fórmulas supremas da Magia^(k) Prática.

Você também é susceptível de entrar em apuros ao longo deste capítulo, a menos que você realmente compreenda o seu significado.²

Esta Aura deve estar escrupulosa, resiliente, radiante, iridescente, brilhante, reluzente. "Uma bolha de sabão de barbear de aço, streaming de luz a partir de dentro" é minha primeira tentativa de descrição; e não é ruim, apesar de suas incongruências: P.

"FRATER PERDURABO, em uma ocasião em que eu era capaz de vê-Lo como Ele realmente parece, era mais brilhante do que o Sol ao meio-dia. Eu caí imediatamente no chão em um desmaio que durou várias horas, durante as quais eu estava iniciado." Soror A. Cf. Rev. I, 12-17.

¹ N. do A. = A ideia da palavra *Sacrifício*, como comumente é entendida, repousa sobre um erro e superstição, e não é científica, além de ser metafisicamente falsa. A lei da Thelema mudou totalmente o ponto de vista sobre este assunto. A menos que tenha assimilado completamente a Fórmula de Hórus, é absolutamente inseguro se meter com esse tipo de Magia^(k). Deixe o jovem Mago refletir sobre a Conservação da Matéria e da Energia.

² N. do A. = Há um ditado tradicional de que sempre que um adepto parece ter feito uma declaração compreensível simples, então é mais certo que Ele queira dizer algo completamente diferente. A verdade é, no entanto, claramente exposta em suas palavras: é a Sua simplicidade que desconcerta os indignos. Eu escolhi as expressões neste capítulo, de tal forma que possa induzir ao erro aqueles magos que se deixam levar por interesses egoístas quem obscurecem sua inteligência, senão para dar dicas úteis sobre como estão vinculados aos Juramentos adequados a devotar seus poderes para fins legítimos. "Tu não tens direito senão fazer a tua vontade". "É uma mentira, esta tolice contra si mesmo." O erro radical de todos os não iniciados é que definem o "eu" como oposição irreconciliável* do "não-eu". Cada elemento de si mesmo é, pelo contrário, estéril e sem sentido, até que ele se cumpra, por "amor sob vontade", em sua contraparte no Macrocosmo. Para separar-se dos outros é destruir a si mesmo; a maneira de perceber e de estender a si mesmo é perder este eu - o seu sentido de separação - para os outros. Assim: comida para crianças mais: esta não se preserva em detrimento da outra; ela "destrói", ou melhor muda tanto a fim de cumprir tanto o resultado da operação - um homem adulto. É de fato impossível preservar qualquer coisa como é por uma ação positiva sobre ela. Sua integridade demanda inação; e inação, a resistência à mudança, é a estagnação, a morte e a dissolução devido à putrefação interna dos elementos famintos.

* N. do E. = Erro de digitação, *irreconcilably*, aparece como 'irreconciliably'.

CAPÍTULO XIII

DOS BANIMENTOS: E DAS PURIFICAÇÕES.

A limpeza está próxima da piedade, e era melhor vir em primeiro lugar. Purificar significa singeleza. Deus é um. A varinha não é uma varinha se tem algo aderindo a ela que não é uma parte essencial dela mesma. Se você deseja invocar Vênus, você não terá êxito se há vestígios de Saturno misturados a ela.

Isso é um mero lógico lugar-comum: na Magia^(k) é preciso ir muito mais longe do que isso. Encontra-se analogia na eletricidade. Se o isolamento é imperfeito, todo o curso vai de volta para Terra. É inútil alegar que, em todas essas milhas de fios existe apenas um centésimo de polegada desprotegida. Não é bom construir um navio, se a água pode entrar, no entanto através de um furo pequeno.

A primeira tarefa do Mago em cada cerimônia é, portanto, tornar seu Círculo absolutamente inexpugnável. ¹ Se um pensamento por menor que seja invadir a mente do Místico, sua concentração é absolutamente destruída; e sua consciência permanece exatamente no mesmo nível dos corretores de bolsa. Mesmo o menor bebê é incompatível com a virgindade de sua mãe. Se você deixar sequer um único espírito dentro do círculo, o efeito da conjuração será totalmente absorvida por ele. ²

¹ N. do A. = Veja, no entanto, o Ensaio sobre a Verdade in "Konx om Pax". O Círculo (em um aspecto) afirma Dualidade, e enfatiza Divisão.

² N. do A. = Enquanto se permanece exposto à ação de todos os tipos de forças elas mais ou menos contrapesam umas com as outras, de modo que o equilíbrio geral, produzido pela evolução, é mantido no seu conjunto. Mas se suprimir todos, exceto um, sua ação torna-se irresistível. Assim, o presume da atmosfera iria esmagar-nos se nós "baníssemos" isto de nossos corpos; e nos tornaríamos pó, se rebelássemos com sucesso contra a coesão. Um homem que é normalmente uma "completo boa sorte" muitas vezes se torna intolerável quando se livra de sua coleção de vícios; ele é arrastado para monomania pelo orgulho espiritual que tinha sido previamente retido por paixões de compensação. Mais uma vez, há um projeto pior quando uma porta mal ajustada está fechada do que quando ela está aberta. Não é tão necessário proteger sua mãe e seu gado de Dom Juan como foi para os Eremitas de Tebaida.

O Mago deve, portanto, ter o máximo de cuidado em matéria de purificação, em *primeiro lugar*, de si mesmo, *em segundo lugar*, de seus instrumentos, *em terceiro lugar*, do local de trabalho. Magos antigos recomendavam uma purificação preliminar de três dias a diversos meses. Durante este período de treinamento esforçavam-se devidamente através de dieta. Eles evitavam alimentos de origem animal, para que o espírito elemental do animal entra-se em sua atmosfera. Eles praticavam abstinência sexual, para que eles não fossem influenciados de qualquer forma pelo espírito da esposa. Mesmo em relação aos excrementos do corpo eles eram igualmente cuidadosos; em aparar o cabelo e as unhas, eles destruíam cerimonialmente ¹ a parte cortada. Eles jejuavam, de modo que o próprio corpo pudesse destruir qualquer coisa estranha à necessidade desnuda de sua existência. Eles purificavam a mente com orações especiais e conservações. Eles evitavam a contaminação de relações sociais, especialmente o tipo conjugal; e seus servos eram discípulos especialmente escolhidos e consagrados para a obra.

Nos tempos modernos, o nosso entendimento superior dos elementos essenciais desse processo nos permite dispensar até certo ponto a rigorosa externa; mas a purificação interna deve ser ainda mais cuidadosamente executada. Podemos comer carne, desde que ao fazê-lo afirmemos comê-la, a fim de fortalecer-nos para o fim especial de nossa invocação proposta. ²

¹ N. do A. = Essa destruição deve ser por incineração ou outros meios que produzam uma mudança química completa. Ao fazê-la deve ser tomado cuidado para abençoar e liberar o elemental nativo da coisa queimada. Esta máxima é de aplicação universal.

² N. do A. = Em uma Abadia da Thelema dizemos "Vontade" antes de uma refeição. A fórmula é como se segue. "Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei." "Qual é a tua Vontade?" "É minha vontade de comer e beber" "Para quê?" "Que o meu corpo possa assim ser fortificado." "Para quê?" "Que eu possa realizar a Grande Obra." "Amor é a lei, amor sob vontade." "Cair!" Isto pode ser adaptado como um monólogo. Pode-se também adicionar a pergunta "O que é a Grande Obra?" e responder de forma adequada, quando parece útil especificar a natureza da operação em curso no momento. O ponto é aproveitar cada ocasião de trazer todas as forças disponíveis incidindo sobre o objetivo do ataque.

Evitando assim as ações que possam excitar o comentário dos nossos vizinhos evitamos os perigos mais graves de cair em orgulho espiritual.

Temos entendido o ditado: "Para os puros todas as coisas são puras", e aprendemos como agir por meio dele. Podemos analisar a mente muito mais aguda do que poderiam os antigos, e, portanto, podemos distinguir o sentimento verdadeiro e certo de suas imitações. Um homem pode comer carne de autoindulgência, ou a fim de evitar os perigos de ascetismo. **Devemos examinar constantemente a nós mesmos, e nos assegurar de que a ação é realmente subserviente a um Único Propósito.**

É desejável cerimonialmente selar e afirmar essa pureza mental, por meio de Ritual e, conseqüentemente, a primeira operação em qualquer cerimônia real é tomar banho e por o manto, com palavras apropriadas. O banho significa a remoção de todas as coisas estranhas ou antagônicas do pensamento. A colocação do manto é o lado positivo da mesma operação. É a hipótese do estado de espírito adequado para aquele pensamento.

Uma operação semelhante ocorre com a preparação de cada instrumento, como foi visto no Capítulo dedicado a esse assunto. Na preparação do local de trabalho, as mesmas considerações se aplicam. Nós primeiro removemos daquele lugar todos os objetos; e, em seguida, colocamos nele os objetos, e apenas aqueles objetos, que são necessários.

Não importa o que a força é (por qualquer padrão de julgamento), enquanto desempenha o seu papel adequado para assegurar o sucesso do uso geral. Assim, mesmo a preguiça pode ser usada para aumentar a nossa indiferença aos impulsos de interferência, ou inveja para neutralizar descuido. Ver Liber CLXXV, Equinox I, VII, p. 37. Isto é especialmente verdade, uma vez que as forças são destruídas pelo processo. Ou seja, uma destrói um complexo que em si é "mal" e coloca os seus elementos para o uso correto.

Durante muitos dias nos ocupamos neste processo de limpeza e consagração; e isso novamente é confirmado na cerimônia real.

O Mago purificado e consagrado leva seus instrumentos limpos e consagrados naquele lugar limpo e consagrado, e lá passa a repetir aquela cerimônia dupla na cerimônia em si, que tem essas mesmas duas partes principais. **A primeira parte de cada cerimônia é o banimento; a segunda, a invocação.** A mesma fórmula é repetida, mesmo na cerimônia de banimento, pois no ritual de banimento do pentagrama não só se comanda os demônios para partir, mas se invoca os Arcanjos e seus exércitos para agir como guardiões do Círculo durante nossa pré-ocupação com a cerimônia adequada.

Em cerimônias mais elaboradas, é habitual banir tudo pelo nome. Cada elemento, cada planeta, e cada sinal, talvez até mesmo o Sephiroth; todos são removidos, incluindo muito aquilo que desejamos invocar, para que a força existente na natureza seja sempre impura. Mas este processo, sendo longo e cansativo, não é de todo aconselhável em trabalho real. Ele geralmente é suficiente para realizar um banimento geral, e confiar na ajuda dos guardiões invocados. Deixe, portanto, o banimento ser curto, mas de maneira nenhuma arrastado - por isso é útil, pois tende a produzir a própria atitude de espírito para as invocações. "O Ritual de Banimento do Pentagrama" (como agora reescrito, Liber 333, Cap XXV) é o melhor a ser usado.¹ Apenas os quatro elementos são especificamente mencionados, mas estes quatro elementos contêm os planetas e os sinais² - os quatro elementos são Tetragrammaton ; e Tetragramaton é o Universo. Esta precaução especial é, no entanto, necessária: **fazer superior a certeza de que a cerimônia de banimento é eficaz!**

¹ N. do A. = Veja também o ritual chamado "A marca da Besta", dado em um apêndice. Mas este é pantomorfo.

² N. do A. = Os sinais e os planetas, é claro, contêm os elementos. É importante lembrar este fato, uma vez que ajuda a compreender o que todos esses termos realmente significam. Nenhum dos "Trinta e Dois Caminhos" são ideias simples; cada um é uma combinação, diferenciado dos outros pela sua estrutura e as proporções. Os elementos químicos são igualmente constituídos, como os críticos da Magia^(k) foram finalmente obrigados a admitir.

Esteja alerta e em guarda! Observe antes de rezar! O sentimento de sucesso no banimento, uma vez adquirido, é inconfundível.

Na conclusão, é geralmente bem para fazer uma pausa por alguns momentos, e para certificar-se mais uma vez que cada coisa necessária para a cerimônia está em seu lugar certo. O Mago pode então proceder à consagração final do mobiliário do Templo.¹

¹ N. do A. = Ou seja, do regime especial daquela mobília. Cada objeto deve ter sido consagrado separadamente de antemão. O ritual aqui em questão deve resumir a situação, e dedicar o arranjo particular com a sua finalidade, invocando as forças apropriadas. Que seja bem lembrado que cada objeto é vinculado aos Juramentos de sua consagração original como tal. Assim, se um Pantáculo se tornou sagrado a Vênus, ele não pode ser usado em uma operação de Marte; a Energia do Exorcista seria retomada superando a oposição do "Karma" ou inércia que lhe são inerentes.

CAPÍTULO XIV

DAS CONSAGRAÇÕES: COM UM RELATO DA NATUREZA E CRIAÇÃO DO ELO MÁGICO.

I

A consagração é a dedicação ativa de uma coisa para um único propósito. Banimento impede a sua utilização para qualquer outro fim, mas ele permanece inerte até consagrado. A purificação é realizada por água, e banimento pelo ar, cuja arma é a espada. Consagração é realizada pelo fogo, geralmente simbolizado pelo óleo santo. ¹

Na maioria dos rituais mágicos existentes as duas operações são executadas de uma só vez; ou (pelo menos) o banimento tem lugar o mais importante, e maiores dores parecem ser tomadas com ele; mas quanto mais o estudante avança para Adepto o banimento irá diminuir em importância, pois não será mais tão necessário. O círculo do Mago terá sido aperfeiçoado por seu hábito de trabalho mágico. No verdadeiro sentido da palavra, ele nunca vai sair do Círculo durante toda a sua vida. Mas a consagração, sendo a aplicação de uma força positiva, sempre pode ser elevada para uma maior aproximação à perfeição. Sucesso completo em banimento logo é alcançado; mas não pode haver completude no avanço para a santidade.

¹ **N. do A. = A concepção geral é que os três elementos ativos cooperam para afetar a terra; mas a própria terra pode ser utilizada como um instrumento. Sua função é a solidificação. A utilização do Pentagrama é realmente muito necessária em alguns tipos de operação, especialmente aquelas cujo objeto envolve manifestação na matéria e a fixação em (mais ou menos) forma permanente das forças sutis da Natureza.**

O método de consagração é muito simples. Pegue a varinha, ou o óleo sagrado, e desenhe sobre o objeto a ser consagrado o símbolo supremo da força para a qual você se dedica. Confirmar esta dedicação em palavras, invocando o Deus adequado para habitar aquele templo puro que você preparou para Ele. Faça isso com fervor e amor, como se para equilibrar o desprendimento de gelo que é a atitude mental correta para banimento. ¹

As palavras de purificação são: Asperges me, Therion, hyssopo, et mundabor; lavabis me, et super nivem dealbabor.*

Aquelas de consagração são: Accendat in nobis Therion ignem sui amoris et flammam aeternae caritatis.* ²

Estes, como os iniciados do VII ° da O.T.O. sabem, significa mais do que parece.

II

É uma circunstância estranha que nenhum escritor mágico tenha tratado até agora o assunto imensamente importante do Elo Mágico. Quase poderia ser chamado de o Elo Perdido. Ele aparentemente foi sempre um dado adquirido; só põem escritores sobre Magia^(k) como Dr. JG Frazer já concedidos à pessoa em toda a sua importância.

Vamos tentar fazer considerações sobre a natureza da Magia^(k) em um espírito estritamente científico, bem como, privados da orientação da antiguidade, **podemos**.

O que é uma Operação Mágica? Pode ser definida como todo o caso na natureza, que é levado a passar pelo Desejo. Não devemos excluir cultura de batata ou aterro de nossa definição.

¹ N. do A. = **As lendas hebraicas nos fornecem a razão para as respectivas virtudes da água e do fogo. O mundo foi purificado pela água no Dilúvio, e será consagrado pelo fogo no Juízo Final. Não até que esteja terminado pode-se começar a cerimônia real.**

* N. do E. 2008 = [Lat., “Tu me purificarás com hissopo, Ó Therion, e serei limpo; lavar-me-ás, e ficarei mais branco do que a neve.”]

* N. do E. 2008 = [Lat., “Inflame em nós, Therion, o fogo de seu amor, e a chama da devoção eterna.”]

² N. do A. = **Estes podem agora ser vantajosamente substituídos por (a) "vontade pura desembaraçada de propósito, livre da ânsia de resultado, é toda via perfeita" (CCXX, I, 44) para banir; e (b) "Eu estou erguido em teu coração, e os beijos das estrelas chovem forte sobre o teu corpo." (CCXX, II, 62) para consagrar. Para o Livro da Lei contém as Magias Supremas.**

Tomemos um exemplo muito simples de um ato mágico: o de um homem que assoa seu nariz. Quais são as condições do sucesso da operação? Em primeiro lugar, que o Desejo do homem deve ser assoar o nariz; em segundo lugar, que ele deve ter um nariz capaz de ser assoado; em terceiro lugar, que ele deve ter no comando um aparelho capaz de expressar sua vontade espiritual em termos de força material, e aplicar essa força para o objeto que ele deseja afetar. Sua vontade pode ser tão forte e concentrada como a de Júpiter, e seu nariz pode ser totalmente incapaz de resistência; mas a menos que a ligação seja feita pelo uso de seus nervos e músculos de acordo com a lei psicológica, fisiológica e física, o nariz permanecerá sem ser assoado por toda a eternidade.

Escritores sobre Magia^(k) têm sido impiedosos em seus esforços para instruir-nos na preparação da Vontade, mas eles parecem ter imaginado que nenhuma precaução adicional era necessária. Há um caso impressionante de uma epidemia deste erro cuja história é familiar a todos. Refiro-me a Ciência Cristã, e as doutrinas cognatas de "cura mental" e similares. A teoria de tais pessoas, despojadas de ornamentos vistosos dogmáticos, é perfeitamente bom Mago de seu tipo, seu tipo negroide. A ideia é correta o suficiente: a matéria é uma ilusão criada pelo Desejo através da mente e conseqüentemente, susceptível de alteração, a mando de seu criador. Mas a prática tem faltado. Eles não desenvolveram uma técnica científica para a aplicação do Desejo. É como se eles esperassem o vapor da chaleira Watt para transmitir as pessoas de um lugar para outro sem o problema de inventar e usar locomotivas.

Aplicemos estas considerações à Magia^(k) em seu sentido restrito, o sentido em que foi sempre compreendida até que o Mestre Therion o estendeu para cobrir todas as operações da Natureza.

Qual é a teoria implícita em tais rituais como as da Goetia? O que o mago faz? Ele se aplica a invocar a Deus, e este Deus compele a aparência de um espírito cuja função é realizar a vontade do Mago no momento. Não há nenhum vestígio do que pode ser chamado de máquinas no método. O exorcista dificilmente leva as dores de preparar uma base material para o espírito encarnar, exceto a conexão nua de si mesmo com o seu sigilo.

É aparentemente presumido que o espírito já possui os meios de trabalho sobre a matéria. A concepção parece ser a de um estudante que pede a seu pai para dizer ao mordomo fazer algo por ele. Em outras palavras, a teoria é grosseiramente animista. As tribos selvagens descritas por Frazer tinham uma teoria muito mais científica. O mesmo pode ser dito de bruxas, que parecem ter sido mais sábias do que os taumaturgos que as desprezavam. Eles, pelo menos, fizeram imagens de cera - identificadas pelo batismo - das pessoas que desejavam controlar. Eles, pelo menos, utilizaram bases apropriadas para manifestações mágicas, tais como o sangue e outros veículos de força animal, com aqueles da virtude vegetal, tais como ervas. Eles também tiveram o cuidado de colocar seus produtos enfeitiçados em contato real - material ou astral - com suas vítimas. Os exorcistas clássicos, pelo contrário, por toda a sua aprendizagem, eram descuidados sobre esta condição essencial. Eles agiram tão estupidamente quanto pessoas que devem escrever cartas comerciais e omitem a publicação.

Não é demais dizer que essa falha em compreender as condições de contas de sucesso para o descrédito em que caíram Magia^(k) até Eliphas Levi assumiu a tarefa de reabilitar isto duas gerações atrás. Mas até ele (profundamente como ele estudou e luminosamente como expôs, a natureza da Magia^(k) considerada como uma fórmula universal) não deu atenção alguma para essa questão do Elo Mágico, embora em todos os lugares que implica que isto é essencial para o Trabalho. Ele evitou a questão, fazendo a *petitio principii** de atribuir à Luz Astral o poder de transmissão de vibrações de todos os tipos. Em lugar nenhum ele entra em detalhe sobre a forma como os seus efeitos são produzidos. Ele não nos informa quanto às leis qualitativas ou quantitativas desta luz. (O estudante cientificamente treinado irá observar a analogia entre o postulante de Levi e aquele de ciência ordinária *in re* o éter luminoso.)

É deplorável que ninguém deva ter gravado de forma sistemática os resultados de nossas investigações da Luz Astral. Nós não temos nenhuma conta de suas propriedades ou das leis que obtêm em sua esfera. No entanto, estas são suficientemente notáveis. Podemos brevemente notar que, na Luz Astral, dois ou mais objetos podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo sem interferir uns com os outros ou perder os seus contornos.

* N. do E. 2008 = [Lat., “implorando a pergunta.”]

Nesta luz, os objetos podem mudar sua aparência completamente sem sofrer mudança da Natureza. A mesma coisa pode revelar-se em um número infinito de diferentes aspectos; de fato, ela se identifica ao fazê-lo, tanto quanto um escritor ou um pintor revela-se em uma sucessão de romances ou imagens, cada um dos quais é totalmente a si mesmo e nada mais, mas a si mesmo sob condições variadas, embora cada um pareça totalmente diferente de seu companheiro. Naquela Luz é "rápido sem pés e voa-se sem asas"; pode-se viajar sem se mover, e comunicar-se sem meios convencionais de expressão. Um deles é insensível ao calor, frio, dor e outras formas de apreensão, pelo menos nas formas que são familiares para nós em nossos veículos corporais. Eles existem, apenas são apreciados por nós, e eles nos afetam, de forma diferente. Na Luz Astral estamos ligados por aquilo que é, superficialmente, uma série totalmente diferente de leis. Nós nos encontramos com obstáculos de um personagem estranho e sutil; e nós os vencemos por meio da energia e astúcia de uma ordem completamente alheia ao que nos serve na vida terrena. Nesta luz, os símbolos não são convenções, mas realidades, contudo (pelo contrário) os seres que nós encontramos são apenas símbolos das realidades de nossa própria natureza. Nossas operações nesta Luz são realmente as aventuras de nossos próprios pensamentos personificados. **O universo é uma projeção de nós mesmos; uma imagem tão irreal quanto a de nossos rostos em um espelho, ainda, como o rosto, a forma necessária de expressão dos mesmos, não sendo alterada guarda como nós alteramos nós mesmos.** ¹

¹ N. do A. = Esta passagem não deve ser entendida como afirmação de que o Universo é puramente subjetivo. Pelo contrário, a Teoria Mágica aceita a realidade absoluta de todas as coisas, no sentido mais objetivo. Mas todas as percepções nem são observadas como não são a coisa observada; elas são representações da relação entre eles. Não podemos afirmar qualquer qualidade em um objeto como sendo independente de nosso sensorio, ou como sendo em si mesmo o que parece para nós. Também não podemos assumir que o que nós conhecemos é mais do que um fantasma parcial de sua causa. Não podemos sequer determinar o significado de tais ideias como movimento, ou distinguir entre tempo e espaço, exceto em relação a algum observador particular. Por exemplo, se eu disparar um canhão duas vezes em um intervalo de 3 horas, um observador no Sol notaria uma diferença de cerca de 200, 000 milhas no espaço entre os tiros, enquanto que para mim eles parecem "no mesmo lugar". Além disso, eu sou incapaz de perceber qualquer fenômeno exceto por meio dos instrumentos arbitrários de meus sentidos; é, portanto, correto dizer que o Universo como eu sei é subjetivo, sem negar a sua objetividade.

O espelho pode ser distorcido, maçante, nublado, ou rachado; e, nessa medida, o reflexo de nós mesmos pode ser falso mesmo em relação a sua apresentação simbólica. A essa luz, portanto, tudo o que fazemos é nos descobrir por meio de uma sequência de hieróglifos, e as mudanças que aparentemente operam estão em um objetivo sensorial ilusório.

Mas a Luz nos serve desta forma. Permite-nos ver a nós mesmos e, portanto, nos ajuda a nos dar início, mostrando-nos que estamos fazendo. Da mesma maneira um relojoeiro utiliza uma lente, embora exagere e assim falsifique a imagem do sistema de rodas que ele está a tentando ajustar. Da mesma forma, um escritor emprega caracteres arbitrários de acordo com uma conversa sem sentido, a fim de permitir ao leitor retraduzi-los para se obter uma aproximação à sua ideia.

Essas são algumas das principais características da Luz Astral. Suas leis quantitativas são muito menos diferentes das que a física do material. Magos foram demasiadas vezes tolos o suficiente para supor que todas as classes de operações mágicas foram igualmente fáceis. Eles parecem ter assumido que o "poder onipotente de Deus" era uma quantidade infinita na presença de todos os finitos que eram igualmente insignificantes. "Um dia para o Senhor é como mil anos" é a sua primeira lei do Movimento. "A fé pode mover montanhas", dizem eles, e desdém para medir tanto a fé ou as montanhas. Se você pode matar uma galinha com Magia, por que não destruir um exército com igual esforço? "Com Deus tudo é possível."

Este é um erro absurdo da mesma classe como o mencionada acima. Os fatos são totalmente contra. Dois e dois são quatro no Astral tão rigorosamente quanto em qualquer outro lugar. A distância de um alvo mágico e a precisão de um rifle mágico são fatores no sucesso de um disparo mágico exatamente da mesma maneira como em Bisley. A lei da gravitação mágica é tão rígida quanto a de Bisley. A lei da gravitação mágica é tão rígida como a de Newton. A lei dos quadrados inversos pode não se aplicar; mas algo tal lei se aplica.

Então isso é para tudo. Você não pode produzir uma tempestade, a menos que os materiais existam no ar no momento, e um Mago que pode fazer chover em Cumberland pode falhar lamentavelmente no Saara. Pode-se fazer um talismã para conquistar o amor de uma garota da vitrine e fazer isto funcionar, mas ser confundido, no caso de uma condessa; ou vice-versa. Poderíamos impor um Desejo em uma fazenda, e ser esmagados pelo de uma cidade; ou vice-versa. O próprio MESTRE THERION, com todos os seus sucessos em todo o tipo de Magia^(k), às vezes parece absolutamente impotente para realizar proezas que quase qualquer amador pode fazer, porque ele tem acompanhado sua Vontade contra a do mundo, depois de ter realizado o trabalho de um Mago para estabelecer a palavra é Lei sobre toda a humanidade. Ele terá sucesso, sem dúvida; mas Ele mal espera ver mais do que uma amostra de seu produto durante a sua encarnação presente. Mas ele se recusa a perder a mínima fração de Sua força em obras externas ao seu trabalho, no entanto é óbvio que possa parecer para o espectador que Sua vantagem reside em comandar que pedras se transformem em pães, ou de outra forma tornar as coisas fáceis para Ele mesmo.

Estas considerações sendo bem compreendidas, podemos voltar à questão de tornar o Elo Mágico. No caso acima citado FRATER PERDURABO compôs seu talismã invocando o Seu Santo Anjo Guardião de acordo com a Magia^(k) Sagrada de Abramelin o Mago. Esse Anjo escreveu sobre o lamen a Palavra do Aeon. O Livro da Lei é esta escrita. Para este lamen o MESTRE THERION deu vida ao dedicar a própria vida a ele. Podemos, então, considerar este talismã, a Lei, como o mais poderoso que tenha sido feito na história do mundo, para o talismã anterior do mesmo tipo foram limitados no seu alcance por condições de raça e país. O talismã de Mohammed, Alá, era bom apenas a partir da Pérsia às Colunas de Hércules. O do Buda, Anatta, operado apenas no Sul e Leste da Ásia. O novo talismã, Thelema, é o mestre do planeta.

Mas agora observe como a questão da ligação Mágica surge! Não importa o quão poderosa a verdade da Thelema, isto não pode prevalecer a menos que seja aplicada para e pela humanidade. Enquanto o Livro da Lei estava em manuscrito, ele só poderia afetar o pequeno grupo entre os quais ele foi distribuído. Ele teve que ser colocado em ação pela Operação Mágica de publicá-lo.

Quando isso foi feito, foi feito sem perfeição adequada. Seus comandos sobre a forma como o trabalho deve ser feito não foram totalmente obedecidas. Houve dúvida e repugnância na mente de FRATER PERDURABO, e isto prejudicou Sua obra. Ele era indiferente. No entanto, mesmo assim, o poder então intrínseco da verdade da Lei e do impacto da publicação foi suficiente para abalar o mundo, de modo que uma guerra crítica estourou, e as mentes dos homens foram transferidas de uma forma misteriosa. O segundo golpe foi dado pela republicação do Livro, em setembro de 1913, e desta vez o poder desta Magia^(k) explodiu e causou uma catástrofe para a civilização. A esta hora, o MESTRE THERION está escondido, coletando suas forças para um golpe final. Quando o Livro da Lei e seu comentário for publicado, com as forças de toda a Sua Vontade em perfeita obediência às instruções que têm até agora sido mal interpretadas ou negligenciadas, o resultado será incalculavelmente eficaz. O evento irá estabelecer o reino da Criança Coroada e Conquistadora sobre toda a terra, e todos os homens se dobrarão à Lei, que é "amor sob Vontade".

Este é um caso extremo; mas há uma lei só para governar o pequeno como o grande. As mesmas leis descrevem e medem os movimentos da formiga e das estrelas. A sua luz não é mais rápida do que a de uma faísca. Em cada operação de Magia^(k) a ligação deve ser feita corretamente. O primeiro requisito é a aquisição de força adequada, tal como exigida para o efeito. Temos de ter eletricidade de um certo potencial em quantidade suficiente, se quisermos aquecer comida em um forno. Vamos precisar de uma corrente mais intensa e uma maior oferta para iluminar uma cidade do que para carregar um fio de telefone. Nenhum outro tipo de força vai fazer. Nós não podemos usar a força do vapor diretamente para impulsionar um avião, ou para ficarmos bêbados. Nós devemos aplicá-la na resistência adequada de forma adequada.

Por isso, é absurdo invocar o espírito de Vênus para adquirir-nos o amor de uma imperatriz, se não tomarmos medidas para transmitir a influência do nosso trabalho para a senhora. Podemos, por exemplo, consagrar uma carta expressando nossa vontade; ou, se soubermos, poderemos usar algum objeto conectado com a pessoa cujos atos estamos tentando controlar, como uma mecha de cabelo ou um lenço que pertenceu a ela, e assim em conexão sutil com sua aura. Mas para o material terminar, é melhor ter meios materiais. Não devemos confiar em intestino fino em pesca para salmão. A nossa vontade de matar um tigre é mal veiculada por uma carga de pequeno tiro disparado a uma distância de cem jardas. O nosso talismã deve, portanto, ser um objeto adequado à natureza da nossa operação, e temos de ter alguns desses meios de aplicar sua força de tal forma que irá naturalmente obrigar a obediência da parte da natureza que estamos tentando mudar. Se alguém deseja a morte de um pecador, não é suficiente odiá-lo, mesmo se admitirmos que as vibrações do pensamento, quando suficientemente poderosas e puras, poderão modificar a luz Astral suficientemente para impressionar a sua intenção em certa medida sobre tais pessoas que sejam sensíveis. É muito mais seguro de usar a mente de alguém e músculo em serviço daquele ódio planejando e fazendo punhal, e, em seguida, aplicando o punhal no coração do inimigo de alguém.

É preciso dar uma forma corpórea ao ódio de alguém da mesma ordem que o inimigo de alguém tomou para sua manifestação. Seu espírito só pode entrar em contato com o seu por meio dessa fabricação mágica de fantasmas; da mesma forma, só se pode medir a mente de alguém (uma certa parte dela) contra outro homem por meio da expressando-se de alguma forma, como no jogo de xadrez. Não se pode usar peças de xadrez contra um outro homem a menos que ele concorde em usá-las no mesmo sentido como você faz. O tabuleiro e os homens formam o Elo Mágico pelo qual você pode provar seu poder de obrigá-lo a ceder. O jogo é um dispositivo pelo qual você o força a declinar seu rei em sinal de rendição, um ato muscular feito em obediência a sua vontade, embora ele possa ser duas vezes o seu peso e força.

Estes princípios gerais devem habilitar o aluno a compreender a natureza do trabalho de fazer o Elo Mágico. É impossível dar instruções detalhadas, porque cada caso exige um exame separado. Às vezes, é extremamente difícil de conceber medidas adequadas.

Lembre-se que a Magia^(k) inclui todos os atos, seja quais forem. Qualquer coisa pode servir como uma arma mágica. Para impor a Vontade de alguém em uma nação, por exemplo, o talismã pode ser um jornal, triângulo numa igreja, ou um círculo no Club. Para ganhar uma mulher, o pantáculo pode ser um colar; para descobrir um tesouro, a varinha do dramaturgo é a caneta, ou encantamento é uma canção popular.

Muitas extremidades, muitos meios: só é importante lembrar a essência da operação, que é querer o seu sucesso com intensidade suficientemente pura, e encarnar essa vontade em um corpo adequado para expressá-la, um corpo de tal forma que o seu impacto na expressão corporal da ideia, uma vontade de mudar é fazer isto acontecer. Por exemplo, não é a minha vontade tornar-me um médico famoso? Eu bano todos os "espíritos hostis", como a preguiça, os interesses alheios e prazeres conflitantes, do meu "círculo" do hospital; J. consagrará minhas "armas" (minhas várias habilidades) para o estudo da medicina; Eu invoco os "Deuses" (autoridades médicas), estudando e obedecendo suas leis em seus livros. Eu encarno as "Fórmulas" (as maneiras pelas quais as causas e efeitos influenciam a doença) em um "Ritual" (o meu estilo pessoal de restringir a doença conforme a minha vontade). Eu persisto nessas conjurações ano após ano, fazendo os gestos mágicos de cura dos doentes, até que eu obrigue a aparência visível do Espírito do Tempo, e fazê-lo me reconhecer seu mestre. Eu tenho usado o tipo apropriado de meios, na medida adequada, e as aplico em formas pertinentes ao meu propósito, projetando a minha ideia incorpórea de ambição em um curso de ação de modo a induzir em outros, a ideia incorpórea que me satisfaça. Eu fiz a minha vontade para manifestar sentido; o sentido balançou as vontades dos meus semelhantes; a mente importa na mente através da matéria.

Eu não "sento para" uma baronete médica desejando tê-la, ou por um "ato de fé", ou rezando a Deus "para mover o coração do Faraó", como o nosso moderno mental, ou a nossa medieval, mística, traficantes milagrosos eram e são desordenados e piegas o suficiente para nos aconselhar a fazer.

Algumas observações gerais sobre o Elo Mágico podem não estar erradas, na falta de detalhes; não se pode fazer um manual de como ir de cortejo, com um Abra-te Sésamo para cada especial salteador de caverna, mais do que qualquer um pode fornecer um assaltante de brotamento com um diretório que contém a combinação de todos os seguros existentes. Mas pode-se apontar as grandes distinções entre as mulheres que se submetem, algumas ao lisonjeio, algumas a eloquência, algumas à aparência, algumas a categoria, algumas à riqueza, algumas ao ardor, e algumas à autoridade. Não podemos esgotar as combinações do Xadrez dos Amantes, mas podemos enumerar as principais jogadas: o Bouquet, os Chocolates, o Pequeno Jantar, o Livro de cheques, o Poema, Andar de carro pelo luar, a Certidão de Casamento, o Chicote, e o Voo Simulado.

O Elo Mágico pode ser classificado em três pontos principais; já que envolve (1) um plano e uma pessoa, (2) um plano e duas ou mais pessoas, (3) dois planos.

Na classe (1) o maquinário da Magia^(k) - o instrumento - já existe. Assim, eu posso querer curar meu próprio corpo, aumentar a minha própria energia; desenvolver meus próprios poderes mentais, ou inspirar minha própria imaginação. Aqui, o exorcista e o demônio já estão conectados, consciente ou inconscientemente, por um excelente sistema de símbolos. O Desejo é fornecido pela Natureza com um aparelho adequadamente equipado para transmitir e executar suas ordens.

É necessário apenas inflamar a Vontade para o campo adequado e emitir as suas ordens; elas são instantaneamente obedecidas, a menos que - como no caso de uma doença orgânica - o aparelho está danificado além da arte da Natureza para reparar. Pode ser necessário, neste caso, ajudar os "espíritos" internos pela "purificação" de medicamentos, o "banimento" da dieta, ou algum outro meio estranho.

Mas, pelo menos, não há necessidade de qualquer dispositivo *ad hoc* especial para efetuar o contato entre o Círculo e o Triângulo. Operações desta classe são, portanto, muitas vezes bem sucedidas, mesmo quando o Mago tem pouco ou nenhum conhecimento técnico de Magia^(k). Quase qualquer trapaceiro pode "se recompor"*, dedicar-se a estudar, quebrar um mau hábito, ou conquistar uma covardia. Esta classe de trabalho, embora o mais fácil seja ainda a mais importante; para isso inclui a própria iniciação em seu sentido mais elevado. Ela se estende ao Absoluto em todas as dimensões; que envolve a análise mais íntima, e a síntese mais compreensiva. Em certo sentido, é o único tipo de Magia^(k) necessária ou apropriada para o Adepto; porque inclui

* N. do E. = Erro de digitação: "hinsel", forma correta: *himself*.

tanto a realização do Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião, e a Aventura do Abismo.

A segunda categoria inclui todas as operações em que o Mago tenta impor sua Vontade sobre objetos fora de seu próprio controle, mas dentro dessa outras vontades são simbolizadas por meio de um sistema semelhante ao seu próprio. Ou seja, eles podem ser obrigados, naturalmente, pela consciência cognata.

Por exemplo, pode-se desejar obter os conhecimentos apresentados neste livro. Não sabendo que tal livro existe, pode ainda induzir alguém que sabe dele para oferecer uma cópia. Assim a operação de alguém consistiria em inflamar o Desejo de possuir o conhecimento a ponto de dedicar vida do outro a ele, ao expressar essa vontade, buscando pessoas que parecem susceptíveis de saber o que é necessário, e em que a impõe sobre elas, exibindo tal fervor entusiasmado que elas vão dizer o requerente de que este livro irá satisfazer suas necessidades.

Isso soa muito simples? Pode este curso de óbvio senso comum ser realmente aquela Magia^(k) maravilhosa que assusta a gente assim? Sim, até mesmo esta banalidade é um exemplo de como a Magia^(k) funciona.

Mas o programa prático acima pode ser um fiasco. Pode-se, então, recorrer à Magia^(k) no sentido convencional da palavra, através da construção e cobrando um Pantáculo apropriado para o objeto; este Pantáculo deve, então, causar uma tensão na Luz Astral tal que as vibrações obrigariam alguma consciência alienígena restaurar o equilíbrio, trazendo o livro.

Suponha um objetivo mais severo e mais grave; suponha que eu desejo ganhar uma mulher que não gosta de mim e ama outra pessoa. Neste caso, não só a Vontade dela, mas do seu amado devem ser superadas pela minha própria. Eu não tenho nenhum controle direto de qualquer um. Mas a minha Vontade está em contato com a dela por meio de nossas mentes; Eu só tenho que fazer a minha mente o mestre da dela pelos meios de comunicação existentes; sua mente irá, em seguida, apresentar a sua retratação à sua Vontade, sua Vontade irá revogar a sua decisão e seu corpo submeter-se-á a mim como o selo de sua rendição.

Aqui existe o Elo Mágico; só que é complexo, em vez de simples como na Primeira Classe.

Há oportunidade para todos os tipos de erro na transmissão da Vontade; mal-entendidos podem estragar a questão; um estado de espírito pode fazer travessuras; eventos externos podem interferir; o amante pode corresponder-me em Magia^(k); a operação em si pode ofender a Natureza de muitas maneiras; por exemplo, se há uma incompatibilidade subconsciente entre mim e a mulher, eu me engane em pensar que eu a desejo. Tal falha é suficiente para trazer toda a operação a nada, assim como nenhum esforço de vontade pode fazer mistura de óleo com água.

Eu posso trabalhar "naturalmente" cortejando, é claro. Mas, magicamente, posso atacá-la astralmente de modo que sua aura se torne desconfortável, não respondendo a nunca mais ao seu amante. A menos que eles diagnostiquem a causa, uma disputa pode resultar, e o Corpo de Luz desorientado e com fome da mulher pode vir em seu socorro ao do Mago que o domina.

Tome um terceiro caso desta classe 2. Quero recuperar o meu relógio, arrancado de mim em uma multidão.

Aqui eu não tenho nenhum meio de controle direto sobre os músculos que poderiam trazer de volta o meu relógio, nem sobre a mente que move esses músculos. Eu não sou mesmo capaz de informar àquela mente sobre a minha Vontade, porque eu não sei onde ela está. Mas eu sei que é uma mente fundamentalmente como a minha, e eu tento fazer uma Ligação Mágica com ela anunciando minha perda na esperança de alcançá-la, tomando cuidado para acalmá-la, oferecendo uma recompensa. Eu também tento usar a fórmula oposta; para alcançá-la, enviando os meus "espíritos familiares", a polícia, a caçá-la, e obrigar sua obediência por ameaças. ¹

Mais uma vez, um feiticeiro pode possuir um objeto pertencente magicamente a um homem rico, como uma carta comprometedora, que é realmente tão parte dele como o fígado; ele pode, então, dominar a vontade deste o homem intimidando sua mente. Seu poder para publicar a carta é tão eficaz como se ele pudesse ferir o corpo do homem diretamente.

Estes casos "naturais" podem ser transpostos para termos mais sutis; por exemplo, pode-se dominar um outro homem, mesmo um estranho, por pura concentração da vontade, cerimonialmente ou de outra forma forjada até o potencial necessário. Mas, de uma forma ou de outra que o desejo deve ser feito para colidir com o homem; pelos meios normais de contato, se possível, se não, atacando algum ponto sensível em seu sensorio subconsciente. Mas a vara mais pesada não vai pescar o menor peixe a menos que haja uma linha de algum tipo fixada firmemente em ambos.

¹ N. do A. = O método cerimonial seria a transferência para o relógio - ligado naturalmente para mim por posse e uso - um pensamento calculado para aterrorizar o ladrão, e induzi-lo a se livrar dele de uma vez. Observando a clareza dos sentimentos intuitivos deste efeito, sugerem alívio e recompensa como resultado de restaurá-lo.

A Terceira Classe é caracterizada pela ausência de qualquer vínculo existente entre a vontade do Mago e aquele controle do objeto a ser afetado. (A Segunda Classe pode aproximar-se da Terceira quando não há possibilidade de se aproximar da segunda mente por meios normais, como às vezes acontece).

Esta classe de operações demanda não só imenso conhecimento da técnica de Magia^(k) combinada com enorme vigor e habilidade, mas um grau de realização Místico que é extremamente raro, e quando encontrado é normalmente marcado por uma apatia absoluta sobre o assunto de qualquer tentativa de alcançar qualquer Magia^(k) em absoluto. Suponha que eu desejo produzir uma tempestade. Este evento está além do meu controle, ou que de qualquer outro homem; é tão inútil trabalhar em suas mentes quanto a minha. Natureza é independente e indiferente para assuntos do homem. Uma tempestade é causada por condições atmosféricas em uma escala tão grande que os esforços unidos de todos nós vermes terrestres dificilmente poderiam dispersar uma nuvem, mesmo se pudéssemos chegar a ela. Como, então, pode para um Mago, ele que está acima de todas as coisas, um conhecedor da natureza, ser tão absurdo quanto tentar lançar o Martelo de Thor? A menos que ele seja simplesmente insano, ele deve ser iniciado em uma verdade que transcende os fatos aparentes. Ele deve estar ciente de que toda a Natureza é um contínuo, de modo que sua mente e corpo são consubstanciais com a tempestade, são igualmente manifestações de Uma Existência, todos igualmente da mesma ordem de artifícios em que o Absoluto aprecia em si. Ele também deve ter assimilado o fato de que a Quantidade é tão forma quanto a Qualidade; que, como todas as coisas são modos de uma Substância, assim como suas medidas são modos de sua relação.

Não são apenas ouro e chumbo meras letras sem sentido em si ainda nomeadas para soletrar o único nome; mas a diferença entre o volume de uma montanha e de um rato não é mais do que um método de diferenciá-los, assim como a letra "m" não é maior que a letra "i" em qualquer sentido real da palavra.¹

Nosso Mago, com isso em mente, provavelmente vai deixar trovoadas ensofando em seu próprio suco; mas, se ele decidir (depois de tudo) animar a tarde, ele vai trabalhar da seguinte maneira.

Em primeiro lugar, quais são os elementos necessários para suas tempestades? Ele deve ter determinadas reservas de força elétrica, e o tipo certo de nuvens para contê-las.

Ele deve ver que a força não vaza da distância para a terra silenciosa e dissimuladamente.

Ele deve organizar um estresse tão severo que se torne, finalmente, tão intolerável que vai perturbar de forma explosiva.

Agora, ele, como homem, não pode orar a Deus para causá-los, **pois os Deuses são apenas nomes para as forças da Natureza si.**

Mas, *como um Místico*, ele sabe que todas as coisas são fantasmas de uma coisa, e que elas podem ser retiradas e reeditas em outros trajes. Ele sabe que todas as coisas são ele mesmo, e que ele é Um Todo com tudo. Assim, não há dificuldade teórica sobre a conversão a ilusão de um céu claro para a de uma tempestade. Por outro lado, ele está consciente, *como um Mago*, que as ilusões são regidas pelas leis da sua natureza. Ele sabe que duas vezes dois são quatro, embora ambos "dois" e "quatro" sejam meramente propriedades pertencentes a Um. Ele só pode usar a identidade mística de todas as coisas em um sentido estritamente científico. É verdade que a sua experiência de céus claros e tempestades comprova que sua natureza contém elementos cognatos com ambos; porque, se não, eles não poderiam afetá-lo.

¹ N. do A. = Professor Rutherford acha que não é teoricamente impraticável construir um detonador que poderia destruir todo átomo de matéria, liberando as energias de um, de modo que as vibrações que excitam o resto a se desintegrar de forma explosiva.

Ele é o Microcosmo de seu próprio Macrocosmo, com ou sem um ou outro estende além do seu conhecimento deles. Ele deve, portanto, despertar em si mesmo aquelas ideias que são membros do clã da Trovoada; recolher todos os objetos disponíveis da mesma natureza para talismãs, e prosseguir para excitar todos aqueles ao máximo por uma cerimônia mágica; isto é, insistindo em sua divindade, de modo a chama se acenda com e sem ele, suas ideias revitalizando os talismãs. Existe, portanto, uma vibração vívida de elevado potencial em um determinado grupo de substâncias e forças simpáticas; e isso se espalha como fazem as ondas de uma pedra atirada num lago, alargando e enfraquecendo; até que a perturbação é compensada. Assim como um punhado de fanáticos, insanos com uma verdade muito enfatizada, podem infectar todo um país por um tempo por inflamar esse pensamento em seus vizinhos, deste modo o Mago cria uma comoção por perturbar o equilíbrio do poder. Ele transmite sua vibração particular, como um operador de rádio faz com o seu raio; taxa-relação determina seleção exclusiva.

Na prática, o Mago deve "evocar os espíritos da tempestade", identificando-se com as ideias de que fenômenos atmosféricos são as expressões de sua própria humanidade; alcançado isto, ele deve impor sua vontade sobre eles em virtude da superioridade de sua inteligência e a integração de seu propósito de seus impulsos sem direção e interação sem compreender.

Toda essa Magia^(k) exige a máxima precisão na prática. É verdade que os melhores rituais nos dão instruções na seleção de nossos veículos de Força. Em 777 encontramos "correspondências" de muitas classes com os diversos tipos de operações, para que possamos saber o que as armas, joias, figuras, drogas, perfumes, nomes, etc. para empregar em qualquer trabalho particular. Mas tem sido sempre assumido que a força invocada é inteligente e competente, que irá direcionar-se como desejado, sem mais delongas, por este método de vibrações simpáticas.

A necessidade de cronometrar a força tem sido ignorada; e assim a maioria das operações, mesmo quando bem realizadas, tanto quanto invocação feitas, são tão inofensivas quanto inflamar a pólvora solta.

Mas, mesmo permitindo aquele Desejo é suficiente para determinar a direção, e evitar a dispersão, da força, não podemos ter certeza de que ele vai agir sobre seu objeto, a menos que esse objeto seja devidamente preparado para recebê-lo. O Elo deve ser feito perfeitamente. O objeto deve possuir em si uma suficiência de coisas solidárias com o nosso trabalho. Nós não podemos fazer amor com um tijolo, ou definir um carvalho para executar recados.

Vemos, então, que nunca podemos afetar qualquer coisa fora de nós mesmos, salvo, apenas tanto quanto isto também está dentro de nós. Tudo o que faço para o outro, eu também faço a mim mesmo. Se eu matar um homem, eu destruí a minha própria vida, ao mesmo tempo. Esse é o significado mágico da chamada "Regra de Ouro", que não deve ser no imperativo, mas no modo indicativo. Cada vibração desperta todas as outras de seu campo particular.

Há, portanto, alguma justificativa para a assunção de escritores anteriores sobre Magia^(k) que o Elo está implícito, e não precisa de atenção especial. No entanto, na prática, não há nada mais certo do que se deva confirmar o desejo de alguém vai por todos os possíveis atos em todos os planos possíveis. A cerimônia não deve limitar-se aos ritos mágicos formalmente. Não devemos negligenciar nenhum meio para o nosso fim, nem desprezar o nosso senso comum, nem duvidar de nossa sabedoria secreta.

Quando FRATER I.A. estava em perigo de morte em 1899 e.v. Frater V.N. e FRATER PERDURABO, de fato, invocaram o espírito Buer à manifestação visível de que ele poderia curar seu irmão, mas também um deles forneceu o dinheiro para mandá-lo para um clima menos cruel do que o da Inglaterra. Ele está vivo hoje¹; quem se importa se os espíritos ou o dinheiro fez o desejo destes Magos?

Deixe que o Elo Mágico se faça mais forte! Ele é "amor sob vontade"; afirma a identidade da Equação do trabalho; faz sucesso Inevitavelmente.

¹ N. do A. = P.S. Ele morreu alguns meses depois que esta passagem foi escrita, mas ele foi capaz de viver e trabalhar por quase um quarto de século mais tempo do que de outra forma teria feito.

CAPÍTULO XVI

(Parte I)

DO JURAMENTO*

A terceira operação em qualquer cerimônia mágica é o juramento ou proclamação. O Mago, armado e pronto, fica no centro do Círculo, e bate uma vez o sino como se a chamar a atenção do Universo. Ele então declara *quem ele é*, recitando sua história mágica pela proclamação dos graus que ele atingiu, dando os sinais e palavras daqueles graus.¹

Ele então **afirma o objetivo da cerimônia, e prova que é necessário realizá-la e ter sucesso em sua execução.** Em seguida, ele faz um juramento diante do Senhor do Universo (não antes do Senhor em particular a quem ele está invocando), como se a chamá-Lo para testemunhar o ato. Ele jura solenemente que o executará - que nada deve impedi-lo de realizá-lo - de que ele não vai deixar a operação até que seja realizada com sucesso - e mais uma vez ele bate o sino.

No entanto, tendo demonstrado ele mesmo nessa posição ao mesmo tempo infinitamente elevada e infinitamente sem importância, o instrumento do destino, ele equilibra isto pela *Confissão*, na qual há novamente uma exaltação infinita harmonizada com uma infinita humildade. Ele admite ser um ser humano fraco que humildemente aspira a algo mais elevado; uma criatura de circunstância totalmente dependente - mesmo para o sopro da vida - após uma série de acidentes afortunados.

* N. do E. 2008 = [A Parte I do Capítulo XVI precede o Capítulo XV intencionalmente.]

¹ N. do A. = Isto não é apenas para provar a si mesmo ser uma pessoa em posição de autoridade. É para rastrear a cadeia de causas que levaram à atual situação, de modo que a operação é vista como karma.

Ele faz essa confissão prostrado¹ diante do altar em agonia e suor de sangue. Ele treme com o pensamento da operação que ele se atreveu a realizar, dizendo: "Pai, se for da Tua vontade, afasta de mim este cálice! Não obstante a minha vontade mas a Tua!"²

A resposta temida vem que Isto Deve Ser, e esta resposta o fortalece tanto com zelo santo que vai parecer-lhe como se ele tivesse sido criado por mãos divinas daquela posição prostrada; com um arrepio de exaltação Santo renova com alegria o Juramento, sentindo-se mais uma vez não mais o homem, mas o Mago, mas não apenas o Mago, todavia a pessoa escolhida e nomeada para realizar uma tarefa que, por mais que, aparentemente sem importância, é ainda uma parte integral do destino universal, de modo que se não fosse realizada o Reino dos Céus explodiria em pedaços.

Ele agora está pronto para começar as invocações. Ele, conseqüentemente, faz uma pausa para lançar um último olhar ao redor do Templo para se assegurar da perfeita disponibilidade de todas as coisas necessárias, e para acender o incenso.

O Juramento é a base de todo o trabalho em Magia^(k), como é uma afirmação da Vontade. Um Juramento liga o Mago para sempre. Na Parte II do Livro 4 algo já foi dito sobre este assunto; mas a sua importância merece alguma elaboração adicional. Assim, deve alguém, que ama uma mulher, fazer um feitiço para obrigá-la a cair em seus braços, e cansado dela um pouco mais tarde, evocar Zazel para matá-la; ele vai achar que as implicações de seu antigo Juramento conflita com aquele adequado para invocar a Unidade da Divindade de Saturno. Zazel irá se recusar a obedecer-lhe, no caso da mulher a quem ele jurou amar. Para isto alguém pode objetar que, uma vez que todos os atos são mágicos, cada homem que ama uma mulher implicitamente faz um juramento de amor, e, portanto, nunca seria capaz de matá-la mais tarde, como nós achamos ser o caso não incomum.

¹ N. do A. = Compare as observações em um capítulo anterior. Mas este é um caso particular. Deixamos sua justificação como um problema.

² N. do A. = Claro que isto é para o novato. Assim que é assimilado como verdade, ele vai dizer: "Minha vontade que é a tua seja feita!" E, finalmente, não mais distinguir "minha" de "tua". Uma mudança compreensiva do gesto vai acompanhar a mudança mental.

A explicação é como se segue. É perfeitamente verdade que quando Bill Sykes deseja possuir Nancy, ele de fato evocar um espírito da natureza de Vênus, restringindo-o pelo seu Juramento de Amor (e pelo seu poder mágico como um homem) para trazer a menina a ele. Assim também, quando ele quer matá-la, ele evoca um espírito Marcial ou Saturniano, com um Juramento de ódio. Mas estes não são espíritos planetários puros, movendo-se em esferas bem definidas por leis rigidamente justas. Eles são concreções brutas de impulsos confusos, "incapazes de compreender a natureza de um juramento." Eles também são tais quais que a ideia de assassinato é de modo nenhum ofensiva ao Espírito de Amor.*

Na verdade, é o critério de *casta* espiritual que elementos conflitantes não devem coexistir na mesma consciência. O salmo-cantando Puritano que persegue publicanos e, secretamente, embebe-se em aguardente; o filantropo com bigode no largo pano que engana seus clientes e faz suar seus empregados: estes homens não devem ser considerados como canalhas retos, cujo uso da religião e respeitabilidade para encobrir suas vilanias é um disfarce deliberado ditado por sua astúcia criminal. Longe disso, eles são apenas muito sinceros em suas "virtudes"; o terror da morte e da vingança sobrenatural é genuíno; ele procede de uma seção de si que está em conflito irreconciliável com a sua malandragem. Nenhum dos lados pode conciliar, suprimir ou ignorar o outro; mas cada um é tão covarde quanto para aguentar a presença inimiga. Tais homens são, portanto, sem princípios puros; eximem-se para cada truque sujo que transforma a sua vantagem aparente.

O primeiro passo do Aspirante em direção ao Portão de Iniciação lhe diz que a pureza - unidade de propósito - é essencial acima de tudo. "Faze o que tu queres" atinge-o, um raio de chama branca feroz consumindo tudo o que não é absolutamente Deus. Muito em breve ele está ciente de que ele não pode contradizer-se conscientemente. Ele desenvolve uma sutil sensação que lhe adverte que dois trens de pensamento que ele nunca tinha concebido como conectada são incompatíveis. No entanto, as unidades mais profundas "Faze o que tu queres"; oposições subconscientes são evocadas à aparência visível. Os santuários secretos da alma são purificados. "Faze o que tu queres" limpa seu cada parte. Ele tornou-se um, apenas um. Sua vontade é, conseqüentemente, lançada a partir da interferência da oposição interna, e ele é um Mestre da Magia^(k).

*** N. do E. 2008 = Há também a questão da identidade dos dois impulsos, implícita em grande parte da poesia clássica, meio declarada por Schopenhauer, e declarada abertamente e com uma grotesca distorção, por Freud e sua escola. Os biólogos também descobriram esse fato e foram muito mais claros e exatos.**

Mas por essa mesma razão ele está agora totalmente impotente para conseguir qualquer coisa que não está em conformidade absoluta com o seu Juramento Original, com a sua Verdadeira Vontade, por força dele, ele encarnou como um homem. Com Bill Sykes amor e assassinato não são mutuamente exclusivos, como são com o Rei Arthur. Quanto maior for o tipo de homem, mais sensível ele se torna; de modo que o amor mais nobre adivinha intuitivamente quando uma palavra descuidada ou gesto pode ferir, e, vigilante, evita-os como sendo da família de assassinato. Na Magia^(k), de igual modo, o Adepto que é jurado para alcançar o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião pode, em seus dias mais grosseiros ter sido especialista como um curandeiro, para descobrir que ele é agora incapaz de qualquer tipo de trabalho. Ele provavelmente estará confuso, e se perguntará se perdeu todo o seu poder. No entanto, a causa pode não ser mais do que a sabedoria de seu Anjo desaprovando a interferência da bondade ignorante com doenças que podem ter sido enviadas para o doente para um propósito profundamente importante para seu bem-estar.

No caso do MESTRE THERION, ele tinha originalmente a capacidade de todas as classes da Orgia.* No princípio, Ele curou os doentes, enfeitiçou o obstinado, seduziu o sedutor, encaminhou o agressivo, fez-se invisível, e geralmente se comportou como um Jovem - Homem - Da - Cidade em todos os planos possíveis. Ele iria afligir um vampiro com um Envio de gatos, e nomear outra sua Feiticeira privada, sem conhecimento de qualquer paradoxo moral, tampouco dificultado pela incongruência implícita de seus juramentos.

Mas à medida que Ele avançava como Adepto, esta inexperiência encontrou sua boca amarga; Assim que ele tomou Juramentos sérios e foi admitido na Ordem que nós não nomeamos, esses Juramentos o impediram de usar seus poderes como brinquedos. Operações insignificantes, tal como Ele já poderia fazer com uma volta do pulso, tornou-se impossível para o esforço mais persistente. Passaram-se muitos anos antes que Ele entendesse a causa disto. Mas pouco a pouco Ele ficou tão absorvido no trabalho de sua verdadeira Vontade que já não ocorreu-lhe entrar em divertimentos caprichosos.

No entanto, mesmo a esta hora, ainda que seja verdade um Mago da AA,, embora Sua Palavra é a Palavra do Aeon, ainda que seja a Besta 666, o Senhor da Mulher Escarlata "nos quais estão todo o poder dado", há ainda certa Orgia além dele para executar, porque fazê-la seria afirmar o que Ele tem negado naqueles Juramentos por cuja virtude Ele é o que Ele é.

* N. do E. 2008 = [Lat., “Orgias, ritos secretos; No uso de Crowley também conhecido como operações mágicas em geral.”]

Este é o caso, mesmo quando o espírito de tal Orgia é totalmente consonante com a Sua Vontade. O sentido literal do seu juramento original insiste que isto deve ser respeitado.

O caso oferece duas instâncias desse princípio. FRATER PERDURABO especificamente jurou que iria renunciar a suas posses pessoais até o último centavo; também que Ele não permitiria que nenhuma afeição humana O impedisse. Esses termos foram aceitos; Foi-lhe concedido infinitamente mais do que ele tinha imaginado possível a qualquer homem encarnado. Por outro lado, o preço oferecido por Ele foi promulgado tão rigorosamente como se tivesse sido estipulado pela Shylock. Cada tesouro que ele tinha na terra foi tirado, e que, geralmente, em tão brutal ou cruel a forma a tornar a própria perda a menor parte da angústia. Cada afeição humana que Ele tinha em Seu coração - e esse coração sofre por Amor como poucos corações podem conceber - foi rasgado fora e pisado com tal engenho infernal em intensificar a tortura que Sua resistência é inacreditável. Inexplicáveis são as atrocidades que acompanharam cada passo na sua Iniciação! Morte arrastou Seus filhos com lenta selvageria; a mulher que amava bebeu-os em delírio e demência diante de seus olhos, ou reembolsou Sua devoção apaixonada com a traição sapo-frio no momento quando longos anos de lealdade tinham o tentado a confiar neles. Seu amigo, que trazia o saco, roubou aquilo que tinha dentro, e traiu o seu Mestre tão completamente quanto ele era capaz. No primeiro rumor distante que os fariseus estavam fora, os seus discípulos "todos O abandonaram e fugiram". Sua mãe pregou-o com suas próprias mãos na cruz, e O insultou no momento em que completou nove anos ele se enforcou em consequência disso.

Agora, depois de ter perseverado até o fim, sendo Mestre da Magia^(k), Ele é poderoso para trabalhar sua Verdadeira Vontade; que é, para estabelecer na Terra Sua Palavra, a Lei da Thelema. Ele não tem nenhuma outra vontade senão esta; assim tudo que Ele faz com este fim. Toda a Sua Orgia frutifica; o que era o trabalho de um mês, quando ele era um grande Adepto integral, é hoje feito em poucos minutos pelas Palavras da Vontade, proferidas com as vibrações certas para o Ouvido preparado.

Mas nem pelo uso natural de Suas habilidades, embora O tenham feito famoso por todo o mundo, nem pelo maior poder de sua Magia^(k), ele é capaz de adquirir riqueza material além do mínimo necessário para mantê-Lo vivo e no trabalho. É em vão que Ele proteste que não Ele, mas o Trabalho está necessitando de dinheiro; Ele é barrado pela letra estrita do Seu Juramento para dar tudo o Ele que tem para a Sua Realização mágica.

Ainda mais terrível é o castigo que Ele invocou sobre si mesmo ao renunciar Seu direito como um homem de desfrutar do Amor daqueles que Ele ama com paixão tão altruísta, tão pura e tão intensa em troca do poder, para o amor à Humanidade que Ele escolheu para proferir a Palavra do Aeon por causa deles, Sua recompensa de repúdio universal, tormento corporal, desespero mental, e paralisia moral.

No entanto, Ele, que tem poder sobre a Morte, com um sopro para chamar de volta a saúde, com um toque para acenar vida, Ele deve assistir Seu próprio filho definhar mês a mês, ciente de que Sua Arte não pode de maneira alguma ser útil, quem vendeu o anel selado de seu lucro pessoal para lhe comprar uma aliança de ouro para o dedo criminoso de sua noiva, que usa viúva, o Mundo!

CAPÍTULO XV

I

DA INVOCAÇÃO

No sistema simples ou "Protestante" da Magia^(k), há muito pouco a acrescentar ao que já foi dito. O Mago aborda uma petição direta com o que está sendo chamado. Mas o segredo do sucesso na invocação não foi até agora descrito. É um passo extremamente simples. É praticamente sem importância desde que a invocação deva estar "certa". Existem mil maneiras diferentes de compreender o fim proposto, tanto quanto as coisas externas estão em causa. Todo o segredo pode ser resumido nestas quatro palavras: **"Inflame-te em oração."**¹

A mente deve ser elevada, até que perde a consciência de si mesma. O Mago deve ser levado adiante às cegas por uma força que, embora nele e dele não seja de forma que ele, em seu estado normal de consciência chama I. Assim como o poeta, o amante, o artista, é carregado para fora de si em um frenesi criativo, assim deve ser para o Mago.

É impossível estabelecer regras para a obtenção deste estímulo especial. Para alguém o mistério de toda a cerimônia pode apelar; para outro pode ser movido pela estranheza das palavras, até mesmo pelo fato de que os "nomes bárbaros" são ininteligíveis para ele. Algumas vezes no decorrer da cerimônia o verdadeiro significado de algum nome bárbaro que até agora confundiu sua análise pode lampear em cima dele, luminosa e esplêndida, de modo que ele alcança o orgasmo.

¹ N. do A. = Isto é Cabalisticamente expresso na antiga fórmula: **Domine noster, audi tuo servo! Kyrie Christe! O Christe!**

O cheiro de incenso particular pode excitá-lo de forma eficaz, ou talvez o êxtase físico da dança mágica.

Cada Mago deve compor a sua cerimônia de tal maneira a produzir um clímax dramático. No momento em que a emoção se torna ingovernável, quando todo o ser consciente do Mago sofre um espasmo espiritual, naquele momento ele deve pronunciar a adjuração suprema.

Um método muito eficaz é uma breve parada, por um supremo esforço de vontade, de novo e de novo, na beira desse espasmo, até chegar uma hora quando a ideia de exercer essa vontade não ocorrer ¹. **A inibição não é mais possível ou mesmo concebível, e todo o ser do Mago, nenhum minúsculo átomo dizendo não, é irresistivelmente arremessado. Na luz ofuscante, em meio ao barulho de dez mil trovões, a União de Deus e homem é consumada.**

Se o Mago ainda é visto de pé no Círculo, perseguindo silenciosamente suas invocações, significa que toda a parte consciente dele tornou-se independente do verdadeiro ego que está por trás daquela consciência normal. Mas o círculo é totalmente preenchido com a essência divina; tudo o mais é apenas um acidente e uma ilusão.

As invocações subsequentes, o desenvolvimento gradual e materialização da força, exigem nenhum esforço. É um grande erro do iniciante ao concentrar sua força sobre o verdadeiro propósito declarado da cerimônia. Este erro é a causa mais frequente de falhas em invocação.

Um corolário desse teorema é que o Mago logo descarta evocação quase por completo - apenas raras circunstâncias exigem qualquer ação as quais nunca no plano material. O Mago dedica-se inteiramente à invocação de um deus; e assim que o equilíbrio se aproxima da perfeição ele deixa de invocar qualquer deus parcial; somente aquele Deus verticalmente acima dele está em seu caminho. E assim um homem que talvez tomou Magia^(k) meramente com a ideia de adquirir conhecimento, amor ou riqueza, encontra-se irrevogavelmente comprometido com o desempenho de *A Grande Obra*.

¹ N. do A. = Esse esquecimento deve ser completo; é fatal para tentar "deixar-se ir" conscientemente.

Será agora evidente que não há distinção entre magia^(k) e meditação com exceção do tipo mais arbitrário e acidental. ¹

II

Além destes métodos abertos, há também um número de métodos mentais de invocação, dos quais podemos dar três.

O primeiro método diz respeito ao chamado corpo astral. O Mago deve praticar a formação deste corpo como recomendado em Líber O, e aprender a subir nos planos de acordo com as instruções dadas no mesmo livro, embora limitando a sua "subida" para o símbolo especial cujo Deus ele deseja invocar.

O segundo é recitar um mantra adequado ao Deus.

O terceiro é a suposição da forma do Deus - transmutando o corpo astral para a Sua forma. Este último método é realmente essencial para toda a invocação adequada, e não pode ser muito diligentemente praticado.

Existem diversos outros dispositivos para auxiliar invocação, tantos que é impossível enumerá-los; e o Mago será sensato para ocupar-se em inventar novos.

Vamos dar um exemplo.

Suponha que a Supremo Invocação consiste em 20 ou 30 nomes bárbaros, que ele imagine esses nomes para ocupar seções de uma coluna vertical, cada dobro do comprimento da anterior; e deixe-o imaginar que sua consciência ascende a coluna com cada nome. A simples multiplicação vai, então, produzir uma sensação de espanto e perplexidade que é o precursor adequado do ecstasy.

No ensaio "Entusiasmo Energizado" em No. IX, Vol. I do Equinócio ² é dado um relato conciso de um dos métodos clássicos de despertar a Kundalini. Este ensaio deve ser estudado com cuidado e determinação.

¹ N. do A. = Existe a antítese metafísica geral que Magia^(k) é a arte da Vontade - de - Viver, Misticismo da Vontade - de - Morrer; mas - "Verdade vem borbulhando à minha aba; Vida e Morte são uma com Ele!".

² N. do A. = Os cristãos mais antigos e mais puros usaram o que está em todos os fundamentos deste método. Consulte "Fragmentos de uma Fé Esquecida" por G.R.S. Mead, Esq. B. A., pp. 80-81.

Há uma verdadeira conexão entre o que a chamada blasfêmia vulgar e que eles chamam de imoralidade, no fato de que a lenda Cristã é um eco de um rito Fálico. Há também uma verdadeira e positiva conexão entre a força Criativa do Macrocosmo, e aquela do Microcosmo. Por esta razão, este último deve ser feito o mais puro e consagrado como o primeiro. O quebra-cabeça para a maioria das pessoas é como fazer isso. O estudo da Natureza é a Chave do Portão.

CAPÍTULO XVI

(Parte II)

DA CARGA AO ESPÍRITO COM RELATO DOS CONDICIONAMENTOS E MALDIÇÕES OCASIONALMENTE NECESSÁRIOS

Sobre a aparência do espírito, ou a manifestação da força no talismã que está sendo consagrado, é necessário ligá-lo por um Juramento ou Carga. Um espírito deve ser feito para colocar a sua mão visivelmente sobre a arma, cujo pode ter sido evocado, e "jurar obediência e fé para Aquele que vive e triunfa, que reina acima dele em Seus palácios como a Balança de Justiça e Verdade" pelos Nomes usados naquela evocação.

Em seguida, é necessário apenas formular o Juramento ou Carga em linguagem harmoniosa com o propósito anunciado anteriormente da operação.

A precaução indicada não é deixar-se afundar na humanidade de alguém, enquanto a arma se estende além do círculo. Era a força a fluir a partir dele para você em vez de partir de você para ele que seria infalivelmente explodida, ou, pelo menos, se tornaria a escrava do espírito.

Em nenhum momento é mais importante que a Força Divina não só deva preencher, mas irradiar, a aura do Mago.

II

Ocasionalmente, pode acontecer que o espírito seja recalcitrante, e se recuse a aparecer.

Que o Mago considere a causa de tal desobediência!

Pode ser que o lugar ou o tempo estejam errados. Não se pode facilmente evocar espíritos de água no Sahara, ou salamandras, no *English Lake District*. Hismael não aparece prontamente quando Júpiter está abaixo do horizonte.¹ A fim de neutralizar uma deficiência natural desta espécie, alguém teria que fornecer uma quantidade suficiente do tipo adequado de material. Não se pode fazer tijolos sem palha.

A respeito da invocação dos deuses, tais considerações não se aplicam. Os Deuses estão além da maioria das condições materiais. É necessário preencher o *coração* e *mente* com a base apropriada para a manifestação. Quanto maior for a natureza do Deus, mais isso é verdade. **O Santo Anjo Guardião tem sempre a base necessária. Sua manifestação depende unicamente da vontade do Aspirante, e todas as cerimônias mágicas utilizadas nessa invocação servem simplesmente para preparar esse Aspirante; não de qualquer maneira para atrair ou influenciá-Lo. É a Sua constante e eterna Vontade² de tornar-se um com o Aspirante, e o momento as condições deste último torna isto possível, De modo que o casamento seja consumado.**

III

A obstinação de um espírito (ou a inércia de um talismã) normalmente implica um defeito na invocação. O espírito não pode resistir nem por um momento a restrição de sua Inteligência, quando essa inteligência está trabalhando de acordo com a Vontade do Anjo, Arcanjo, e Deus acima dele. Por isso, é melhor repetir as Invocações do que proceder imediatamente a maldições.

¹ N. do A. = Não é possível neste tratado elementar explicar a natureza exata da conexão entre os raios do planeta real chamado Júpiter e os elementos Jupiterianos que existem em vários graus em objetos terrestres.

² N. do A. = Uma vez que este Conhecimento e Conversação não são universais, parece a princípio como se uma vontade onipotente estivesse sendo analisada. Mas a Vontade Dele e a sua vontade juntas compõem aquela vontade, porque você e Ele são um, Aquele desejo é, portanto, dividido contra si mesmo, desde que a sua vontade não aspire firmemente.

Além disso, a vontade Dele não pode restringir a sua. Ele é tão um com você que mesmo a sua vontade de separar é a Vontade Dele. Ele é tão certo sobre você que Ele se deleita com sua perturbação e faceirice não menos do que na sua rendição. Estas relações estão totalmente explicadas em Líber LXV. Ver também Líber Aleph CXI.

O Mago também deve considerar ¹ se a evocação é na verdade uma parte necessária do Karma do Universo, como declarou em seu próprio Juramento (Veja Cap. XVI. I), para se isto for uma ilusão, o sucesso é impossível. Será, então, melhor voltar ao início, e recapitular com maior intensidade e poder de análise, o Juramento e as Invocações. E isto pode ser feito por três vezes.

Mas se isto for realizado de forma satisfatória, e o espírito ainda for desobediente, a implicação é que alguma força hostil esteja trabalhando para impedir a operação. Será, então, aconselhável descobrir a natureza dessa força, e atacar e destruí-la. Isso faz a cerimônia mais útil do que nunca para o Mago, que pode, assim, ser levado a desvendar uma quadrilha de magia negra cuja existência ele não tinha até então suspeitado.

Sua necessidade de verificar o vampirismo de uma senhora em Paris por uma feiticeira, uma vez levou FRATER PERDURABO à descoberta de um corpo muito poderoso de mago negro, com quem ele foi obrigado a guerrear por quase 10 anos antes que a ruína deles fosse completa e irremediável, como agora é.

Tal descoberta não vai necessariamente impedir a cerimônia. Uma maldição geral pode ser pronunciada contra as forças que impedem a operação (por hipótese, nenhuma força divina pode estar interferindo) e, tendo, então os desalojado temporariamente - o poder do Deus invocado será suficiente para esta finalidade - pode-se proceder com uma certa aspereza para evocar o espírito, pelo que ele fez mau para dobrar diante as conjurações dos Irmãos Negros.

Na verdade, alguns demônios são de uma natureza de tal modo que eles só entendem maldições, não são passíveis de comando cortês: -

"um escravo
que chicote pode mover, não bondade."

¹ N. do A. = Claro que isso deveria ter sido feito na preparação do Ritual. Mas ele renova esta consideração do novo ponto de vista atingido pela invocação.

Finalmente, como último recurso, pode-se gravar o Sigilo do Espírito em uma caixa preta com substâncias fedorentas, todos foram devidamente preparados de antemão, e as ligações mágicas feitas adequadamente, de modo que ele está realmente torturado pela Operação. ¹

Este é um caso raro, no entanto. Apenas uma vez em toda a sua carreira mágica FRATER PERDURABO foi conduzido à tão dura uma medida.

IV

A este respeito, **cuidado com demasiado pronto a cumprimento por parte do espírito.** Se alguma Loja Negra farejar sua operação, ela pode enviar o espírito, cheio de submissão hipócrita, para destruí-lo. Tal espírito provavelmente irá pronunciar o juramento errado, ou de alguma forma tentar evitar suas obrigações.

É um truque perigoso, porém, para a Loja Negra jogar; pois se o espírito vir adequadamente sob o seu controle, ele vai ser obrigado a revelar a transação, e a corrente irá retornar para a Loja Negra com fulminante vigor. Os mentirosos estarão no poder da sua própria mentira; seus próprios escravos se levantarão e os colocarão em cativeiro. A queda perversa na cova que eles próprios cavaram.

E assim perecem todos os inimigos do Rei!

V

O custo para o espírito é geralmente incorporado, exceto em obras de evocação pura, que, afinal, são relativamente raros, em algum tipo de talismã. Em certo sentido, o talismã é a Carga expressa em hieróglifos. **No entanto, cada objeto assim é sempre um talismã**, a definição de um talismã é: algo sobre o qual um ato de vontade (ou seja, de Magia^(k)) foi realizado a fim de ajustá-lo para um propósito. Repetidos atos de vontade em relação a qualquer objeto consagra-o sem mais delongas.

¹ N. do A. = O significado preciso dessas frases é à primeira vista obscuro. O espírito é apenas uma parte recalcitrante do próprio organismo de alguém. Para evocá-lo deve, portanto, tornar-se consciente de alguma parte do próprio personagem de alguém; para comandá-lo e obrigá-lo a trazer essa parte em sujeição. Isto é melhor compreendido pela analogia de ensinar a si mesmo alguma realização físico-mental (por exemplo, bilhar), pelo estudo e prática persistente e paciente, que muitas vezes envolve dor considerável, bem como problemas.

Quem sabe que milagres podem ser feitos com o *mashie* favorito de alguém! Quem usou o *mashie* uma e outra vez, o amor de alguém para isto crescer em proporção ao seu sucesso com ele, e que o sucesso novamente fez mais certo e completo pelo efeito deste "amor sob vontade", que se dá usando isso.

É, naturalmente, muito importante manter tal objeto longe do contato do profano. É instintivo não deixar que outra pessoa use a vara de pesca ou arma de outra. Não é que poderiam fazer qualquer dano em sentido material. É a sensação de que alguém está usando essas coisas consagradas a você mesmo.

Claro, a exemplo notável de todos esses talismãs é a esposa. Uma esposa pode ser definida como um objeto especialmente preparado para tirar o selo de vontade criativa de cada um. Este é um exemplo de uma operação mágica muito complicada, estendendo-se ao longo dos séculos. Mas, teoricamente, é apenas um caso comum de magia^(k) talismã. É por esta razão que tantos problemas têm sido tomados para evitar uma esposa ter contato com o profano; ou, pelo menos, para tentar impedi-la.

Os leitores da Bíblia vão se lembrar que a publicidade de Absalão adotou esposas e concubinas de Davi no telhado do palácio, a fim de mostrar que ele tinha conseguido quebrar o poder mágico de seu pai.

Agora, há um grande número de talismãs neste mundo que estão sendo deixados de uma forma descuidada mais condenável. Tais são os objetos de adoração popular, como ícones e ídolos. Mas é realmente verdade que uma grande quantidade de Força real mágica está trancada em tais coisas; conseqüentemente, destruindo estes símbolos sagrados, você pode superar magicamente as pessoas que os adoram.

Não é de todo irracional lutar por uma bandeira, contanto que a bandeira seja um objeto que realmente significa algo para alguém. Da mesma forma, com o mais difundido e mais devotamente adorado talismã de todos, dinheiro, você pode, evidentemente quebrar a vontade mágica de um adorador de dinheiro, tendo o seu dinheiro longe dele, ou pela destruição de seu valor, de alguma forma ou de outra. Mas, no caso de dinheiro, a experiência geral nos diz que há muito pouco do que mentir sobre soltar.

Neste caso, acima de tudo, as pessoas têm reconhecido a sua virtude talismã, ou seja, seu poder como instrumento da vontade.

Mas com muitos ícones e imagens, é fácil de roubar sua virtude. Isso pode ser feito, por vezes, em uma escala enorme, como, por exemplo, quando todas as imagens de Isis e Hórus, ou combinações mãe-filho semelhantes, foram apropriadas e atacadas pelos cristãos. O milagre é, no entanto, de um tipo pouco perigoso, como neste caso, onde a iluminação veio através das pesquisas dos arqueólogos. Tem sido demonstrado que as chamados imagens de Maria e Jesus são realmente nada mais do que imitações daquelas de Isis e Hórus. A honestidade é a melhor política na Magia^(k) como em outras linhas de vida.

CAPÍTULO XVII

DA LICENÇA PARA PARTIR

Depois de uma cerimônia ter atingido o seu clímax, anti-climax deve inevitavelmente vir em seguida. Mas se a cerimônia tiver sido bem sucedida este anti-clímax é meramente formal. O Mago deve descansar permanentemente no plano superior a que ele aspirava. ¹ **Toda a força da operação deve ser absorvida;** mas é quase certo que será um resíduo, uma vez que nenhuma operação é perfeita; e (mesmo que fosse) haveria uma série de coisas, solidárias com a operação, atraídas para o Círculo. Estas devem ser devidamente dispersadas, ou elas vão degenerar-se e tornar-se mal. É sempre fácil de fazer isso onde invocações são a causa; a simples remoção da tensão imposta pela vontade do mago irá restaurar as coisas para os seus aspectos normais, de acordo com a grande lei da inércia. Em uma evocação mal gerida, no entanto, isso nem sempre obtém; o espírito pode se recusar a ser controlado, e pode recusar-se a partir - mesmo depois de ter jurado obediência. Em tal caso, pode surgir o perigo extremo.

Na forma ordinária, o Mago descarta o espírito com estas palavras: "E agora eu te digo, partes em paz até tuas habitações e moradas - e que a bênção do Altíssimo desça sobre ti em nome de (aqui mencionar o divina nome adequado para a operação, ou um nome apropriado para resgatar o espírito), e que haja paz entre mim e ti; e sê muito pronto para vir, quando assim sempre és invocado e chamado"! ²

¹ N. do A. = **O montanhista que relaxa na face do precipício cai sobre a terra; mas uma vez que ele chegou a uma borda segura ele pode sentar-se.**

² N. do A. = **É usual adicionar "seja por uma palavra ou por uma vontade, ou por esta poderosa Conjuração de Arte Mágica."**

Se ele não pode desaparecer imediatamente, é um sinal de que há algo muito errado. O Mago deve consagrar imediatamente o Círculo com o máximo cuidado. Ele deve, então, repetir a demissão; e se isso não for suficiente, ele deve, então, realizar o ritual de banimento adequado à natureza do espírito e, se necessário, adicionar conjurações para o mesmo efeito. Nestas circunstâncias, ou se ocorrer qualquer outra coisa suspeita, ele não deve se contentar com o aparente desaparecimento do espírito, que pode facilmente tornar-se invisível e ficar deitado na emboscada para fazer um mal ao Mago, quando ele sair do círculo - ou até meses depois.

Qualquer símbolo que tenha uma vez definitivamente entrado em seu ambiente com o seu próprio consentimento é extremamente perigoso; a não ser sob o controle absoluto. Amigos de um homem são mais capazes de prejudicá-lo do que estranhos; e seu maior perigo reside em seus próprios hábitos.

Claro que é a própria condição de progresso para construir ideias no subconsciente. A necessidade de seleção deve, portanto, ser óbvia.

É verdade, chega um momento em que todos os elementos contudo devem ser portanto assimilados. Samadhi é, por definição, esse mesmo processo. Mas, do ponto de vista do jovem mago, há uma maneira certa - estreita e difícil - de realizar tudo isso. **Não se pode repeti-la com muita frequência o que é lícito e adequado ao Caminho de alguém é estranho para outro.**

Imediatamente após a Licença para Partir, e o fechamento geral até o trabalho, é necessário que o Mago deva sentar e escrever o seu diário mágico. Por mais que ele esteja cansado ¹ pela cerimônia, ele deve forçar-se a fazer isso até que se torne um hábito. **Em verdade, é melhor falhar na cerimônia mágica do que falhar em escrever um registro preciso dela.**

Não é preciso duvidar da adequação desta observação. Mesmo se alguém é comido vivo por Malkah be-Tarshishim ve-Ruachoth ha-Schehalim, isso não importa muito, por isto ser muito rapidamente. Mas o registro da transação é de outra maneira importante.

¹ N. do A. = Ele deve estar revigorado, mais do que depois de uma noite completa de sono profundo. Isto forma um teste de sua habilidade.

Ninguém se preocupa com Duncan ter sido assassinado por Macbeth. É apenas uma de um número de mortes semelhantes. Mas o relato de Shakespeare do incidente é um tesouro único da humanidade. E, independentemente da questão do valor para os outros, é de valor para o próprio mago. **O registro do mago é o seu melhor trunfo.**

É tão tolo fazer Magia^(k) sem método, como se fosse qualquer outra coisa. Para fazer Magia^(k) sem manter um registro é como tentar executar um negócio sem contabilidade. Há um grande número de pessoas que interpretar muito mal a natureza da Magia^(k). Eles têm uma ideia de que é algo vago e irreal, em vez de ser, como é, um meio direto de entrar em contato com a realidade. São essas pessoas que se pagam com frases, que estão sempre usando palavras longas sem nenhuma conotação definitiva, que se engessam com títulos pomposos e decorações que significam absolutamente nada. Com essas pessoas não temos nada a fazer. Mas para aqueles que buscam a realidade, a Chave da Magia^(k) é oferecida, e eles ficam avisados que a chave para o tesouro não é boa, sem a combinação; e a combinação é o registro mágico.

De um ponto de vista, o progresso mágico na verdade consiste em decifrar o próprio recorde. ¹ Por esta razão, é a coisa mais importante a fazer, por motivos estritamente mágicos. Mas, além disso, é absolutamente essencial que o registro deva ser claro, completo e conciso, porque é só por tal registro que seu professor pode julgar como é melhor ajudá-lo. Seu professor mágico tem mais o que fazer além de correr atrás de você o tempo todo, e o mais importante de todas as suas funções é a de auditor. Agora, se você recorrer a um auditor para investigar um negócio, e quando ele pede os livros e você diz a ele que você não pensou que valia a pena manter qualquer, você não precisa se surpreender se ele pensar que você é todo o tipo de um burro.

¹ N. do A. = **Como é uma estrela no Corpo de Nuit, a cada encarnação sucessiva é um véu, e a aquisição da Memória Mágica uma Revelação gradual daquela Estrela, daquele Deus.**

É - pelo menos, era - perfeitamente incrível para O MESTRE THERION que as pessoas que apresentam senso comum nos outros assuntos da vida devam perdê-lo completamente quando enfrentam a Magia^(k). Vai longe para justificar a crença do semieducado que Magia^(k) é mais um caso de louco, afinal. No entanto, não há nenhum desses lunáticos meio-cozidos relacionados com a A.A, porque a necessidade de um trabalho árduo, para passar em exames em intervalos indicados, e para manter uma conta inteligível do que eles estão fazendo, assusta o pouco inteligente, ocioso e histérico.

Existem inúmeros modelos de registros mágicos e místicos que podem ser encontrados nos vários números do *Equinócio*, e o aluno não terá dificuldade em adquirir a técnica necessária, se ele for diligente na prática.

CAPÍTULO XVIII
DA CLARIVIDÊNCIA E DO CORPO DE LUZ
SEUS PODERES E SEUS DESENVOLVIMENTOS
TAMBÉM SOBRE AS ADIVINHAÇÕES

I

Dentro do corpo humano existe um outro corpo de aproximadamente o mesmo tamanho e forma; ¹ mas feito de um material sutil e menos ilusório. É claro que não é "real", mas depois não é mais o outro corpo! Antes de tratar da clarividência é preciso discutir brevemente esta questão da realidade, o equívoco sobre o assunto tem dado origem a problemas intermináveis.

Há a história do americano no trem que viu outro americano carregando uma cesta de forma incomum. Sua curiosidade o dominou, e ele se inclinou sobre e disse: "Diga, estranho, o que você tem nesse saco" O outro, lanterninha de queixo e taciturno, respondeu: "Mangusto". O primeiro homem estava bastante perplexo, como ele nunca tinha ouvido falar de um mangusto. Depois de uma pausa, ele prosseguiu, com o risco de uma rejeição: "Mas diga, o que é um Mangusto?" "Mangusto come cobras", respondeu o outro. Este foi mais um enigma, mas ele perseverou; "Pra que diabos você quer um Mangusto?" "Bem, você vê", disse o segundo homem (em um sussurro confidencial) "meu irmão vê serpentes". O primeiro homem estava mais confuso do que nunca; mas após pensar longamente, ele continuou mais pateticamente: "Mas diga, elas não são cobras de verdade". "Claro", disse o homem com a cesta ", mas este Mangusto não é real também".

Esta é uma parábola perfeita de Magia^(k). **Não existe tal coisa como verdade no universo perceptível; cada ideia quando analisada é encontrada para conter uma contradição.**

¹ N. do A. = Ou seja, como regra geral. Ele pode ser alterado, variam muito nestes aspectos.

É completamente inútil (exceto como um expediente temporário) configurar uma classe de ideias contra o outro como sendo "mais real". O avanço do homem em relação a Deus não é necessariamente um avanço em direção à verdade. Todos os sistemas filosóficos ruíram. Mas cada classe de ideias possui relações verdadeiras dentro de si. É possível, com Berkeley, ¹ negar a existência da água e da madeira; mas, apesar disso, a madeira flutua na água. O Mago torna-se idêntico ao Osíris imortal, mas o Mago morre. Neste dilema os fatos devem ser atualizados. Deve-se preferencialmente dizer que o Mago se torna consciente de que parte de si mesmo ele chama de Osíris imortal; E essa parte não "morre".

Agora, este corpo interior do Mago, do qual falamos no início deste capítulo, existe, e pode exercer certos poderes que o seu corpo natural não pode fazer. Ele pode, por exemplo, passar pela "matéria", e pode mover-se livremente em todas as direções através do espaço. Mas isso é porque "matéria", no sentido em que geralmente usam a palavra, está em outro plano ².

Agora, este corpo fino percebe um universo que nós normalmente não percebemos. Ele não necessariamente percebe o universo que nós normalmente percebemos, por isso, embora neste corpo eu possa atravessar o telhado, não quer dizer que serei capaz de dizer como o tempo está. Eu poderia fazê-lo, ou não; mas se eu não pudesse, não provaria que eu estivesse enganando a mim mesmo em supor que eu tinha atravessado o telhado. **Esse corpo, que é chamado por vários autores do duplo astral, corpo de Luz, corpo de fogo, corpo de desejo, corpo fino, *sein-laeca* e inúmeros outros nomes é naturalmente equipado para perceber objetos de sua própria classe... em particular , os fantasmas do plano astral.**

¹ N. do A. = O verdadeiro Berkeley não fez nada do tipo: a referência aqui é ao animal imaginário inventado por Dr. Johnson fora do estudo da ignorância britânica.

² N. do A. = Nós não chamamos a resistência elétrica, ou leis econômicas, irreais, ao solo onde elas não são diretamente percebidas pelos sentidos. Nossa doutrina mágica é universalmente aceita pelos céticos - Só que eles desejam fazer Magia^(k) por si uma exceção!

Existe algum tipo de relação vaga e indeterminada entre o Astral e o Material; e é possível, com grande experiência, deduzir fatos sobre as coisas materiais do aspecto astral que se apresentam aos olhos do Corpo de Luz. ¹ Este plano astral é tão variado e tão mutável que vários clarividentes olhando para a mesma coisa podem dar considerações totalmente diferentes sobre o que viram; ainda assim pode cada um fazer deduções corretas. Ao olhar para um homem o primeiro clarividente poderia dizer: "As linhas de força estão todas caídas"; o segundo: "Parecem todas sujas e fracas"; um terceiro; "A Aura parece muito irregular." No entanto, todos podem concordar em deduzir que o homem estava com problemas de saúde. Em qualquer caso, todas essas retenções são pouco fiáveis. É preciso ser um homem altamente qualificado antes que se possa confiar na visão de cada um. Muitas pessoas pensam que eles são extremamente bons para o negócio, quando na verdade eles só fizeram algumas suposições astutas ocasionais (que, eles naturalmente, lembram) no curso de centenas de fracassos esquecidos.

A única maneira de testar a clarividência é manter um registro cuidadoso de todas as experiências feitas. Por exemplo, FRATER O.M. uma vez deu um colete a um clarividente para psicometria. Ele fez 56 declarações sobre o proprietário do colete; destas 4 foram notavelmente bem; 17, embora corretas, eram dessa classe de declaração que é verdade para quase todos. O restante estava errado. Conclui-se daí que ele não mostrou nenhuma evidência de qualquer poder especial. Na verdade, seus olhos corporais - se ele podia discernir Adaptação - teriam o servido melhor, pois pensava que o proprietário do colete fosse um comerciante de grãos, em vez de um conde, como ele é.

O Mago dificilmente pode ter muito trabalho para desenvolver este poder em si mesmo. É extremamente útil para ele em guardar-se contra o ataque; na obtenção de avisos, em caráter de julgar e, especialmente, em prestar atenção ao processo de suas Cerimônias.

¹ **N. do A. = Isso ocorre porque há uma certa correspondência necessária entre planos; como no caso de um habitante anglo-Indiano e seu temperamento. A relação parece "vaga e indeterminada" apenas na medida em que o mesmo passa a ser ignorante das leis que estabelecem o caso. A situação é análoga à do químico antes da descoberta da lei de "Pesos Combinados", etc.**

Há um grande número de formas de adquirir o poder. Olhar para um cristal, ou numa associação de tinta na palma da mão, ou para um espelho, ou numa xícara de chá. Assim como com um microscópio o operador especialista mantém os dois olhos abertos, embora vendo apenas através do um no olho peças do instrumento, para que os olhos naturais, deixem de dar qualquer mensagem para o cérebro, a atenção é retirada deles, e o homem começa a ver através dos olhos astral.

Estes métodos parecem ser para O MESTRE THERION insatisfatórios. Muitas vezes eles não funcionam em tudo. É difícil ensinar uma pessoa a usar esses métodos; e, pior de tudo, eles são puramente passivos! Você pode ver apenas o que é mostrado, e são, provavelmente, mostradas a vocês coisas perfeitamente inúteis e irrelevantes.

O método adequado é a seguinte: - **Desenvolva o corpo de Luz até que ele seja tão real para você como seu outro corpo, ensine-o a viajar para qualquer símbolo desejado, e permita-o realizar todos os Ritos e Invocações necessárias. Em suma, eduque-o.** Em última análise, a relação desse corpo com seu próprio deve ser extremamente íntima; mas antes dessa harmonização ocorrer, você deve começar com uma diferenciação cuidadosa. A primeira coisa a fazer, portanto, é tirar o corpo fora do seu próprio. Para evitar confundir os dois, você começa a imaginar uma forma que se assemelha em pé na sua frente. Não diga: "Oh, é só imaginação!" O tempo para testar isto é mais tarde, quando você tiver garantido uma imagem mental bastante clara de um desses organismos. Tente imaginar como seu próprio corpo seria se você estivesse em seu lugar; tente transferir sua consciência para o Corpo de Luz. Seu próprio corpo tem seus olhos fechados. Use os olhos do Corpo de Luz para descrever os objetos na sala atrás de você. Não diga, "É só um esforço da memória subconsciente"... o tempo para testar isto é mais tarde.

Assim que você se sentir mais ou menos em casa no corpo fino, deixe-o crescer no ar. Mantenha-se sentindo o sentido do aumento; continue se olhando como você sobre até ver paisagens ou seres do plano astral. De tal modo que tenha uma qualidade própria. Eles não são como as coisas materiais - eles não são como imagens mentais - eles parecem situar-se entre os dois.

Depois de alguma prática tornou-adepto, de modo que, no decurso de uma hora de viagem pode contar tendo uma forma bastante equilibrada cronometrada, volte sua atenção para chegar a um lugar definido no plano astral; invocar Mercúrio, por exemplo, e examinar cuidadosamente seu registro da visão resultante - descobrir se os símbolos que tens visto correspondem aos símbolos convencionais de Mercúrio.

Este teste dos espíritos é o ramo mais importante de toda a árvore da Magia^(k). Sem ele, perde-se na selva de ilusão. Todo o espírito, até o próprio Deus, está pronto para te enganar, se possível, para tornar-se mais importante do que ele é; em suma, estava à espera da sua alma em 333 caminhos separados. Lembre-se que depois de tudo o mais elevado de todos os deuses é apenas o Mago, ¹ Maia, o maior de todos os demônios.

Você também pode tentar "subir nos planos".² Com um pouco de prática, especialmente se você tem um bom Guru, você deve ser capaz de entrar e sair do seu corpo astral tão facilmente como você escorrega fora de um roupão de banho. Isto, então, já não será tão necessário para o seu corpo astral ser enviado para longe; sem mover uma polegada você será capaz de "ligar" os seus olhos e ouvidos - tão simples quanto o homem com o microscópio (mencionados acima) pode transferir a sua atenção completa de um olho para o outro.

Agora, por mais sem sucesso que o seu ficar fora do corpo possa, aparentemente, ter sido, é mais necessário usar todos os esforços para trazê-lo adequadamente de volta. Faça o Corpo de Luz coincidir no espaço com o corpo físico, assumir a Forma de Deus, e vibrar o nome de Harpócrates com o máximo de energia; em seguida, recuperar a unidade de consciência. Se você não conseguir fazer isso corretamente, você pode encontrar-se em sérios apuros. Seu Corpo de Luz pode andar longe descontrolado, e ser atacado e obcecado. Você vai se tornar ciente disto pela ocorrência de dor de cabeça, pesadelos, ou sinais ainda mais graves, como a histeria, desmaios, possivelmente loucura ou paralisia. Mesmo o pior desses ataques, provavelmente, vai passar, mas pode deixá-lo permanentemente danificado em maior ou menor grau.

¹ N. do A. = Veja Liber 418, 3º Aethyr.

* N. do E. = No terceiro parágrafo da página 147 há um erro: *You may also try* (Você também pode tentar), é a forma correta e não: 'Your' may also try.

² N. do A. = Veja Infra e Apêndice.

A grande maioria dos "espiritualistas", "ocultistas", "Teosofistas", são exemplos palpáveis de perdas repetidas por esta causa.

O tipo emocional do religioso também sofre desta forma. Devoção projeta o corpo fino, que é apreendido e vampirizado pelo demônio disfarçado de "Cristo" ou "Maria", ou quem possa ser o objeto de adoração. Ausência completa de todo o poder de se concentrar pensamento, de seguir um argumento, para formular uma vontade, para agarrar-se a uma opinião ou um curso de ação, ou mesmo para manter um juramento solene, marcam indelevelmente aqueles que, assim, perderam partes de suas almas. Eles andam de um novo culto a outro ainda mais louco. Ocasionalmente tais pessoas derivam por um momento aos arredores do Mestre Therion, e são atiradas para fora pelo simples processo de fazê-las tentar fazer meia hora de trabalho honesto de qualquer tipo.

Na projeção astral, é uma salvaguarda adicional valiosa executar toda a operação em um círculo adequadamente consagrado.

Proceda com grande cautela, então, mas prossiga. Com o tempo o seu Corpo de Luz será tão forte contra os espíritos como seu outro corpo contra os ventos do céu. Tudo depende do desenvolvimento desse Corpo de Luz. Deve ser fornecido com um organismo tão ramificado e equilibrado como o seu irmão sombrio, o corpo material.

Para recapitular, mais uma vez, nessa altura, **a primeira tarefa é desenvolver o seu próprio Corpo de Luz dentro de seu próprio círculo** sem referência a quaisquer outros habitantes do mundo a que pertence.

Aquilo que você tem feito com o assunto você pode agora avançar para fazer com o objeto. Você vai aprender a ver a aparência astral das coisas materiais; e embora isto não pertença propriamente à clarividência pura, pode-se aqui novamente mencionar que **você deve se esforçar ao máximo para desenvolver e fortalecer este Corpo de Luz. O melhor e mais simples modo de fazer isso é usá-lo constantemente, exercitá-lo em todos os sentidos.** Em particular, pode ser utilizado em cerimônias de iniciação ou de invocação - enquanto o corpo físico permanece em silêncio e imóvel.

Ao fazer isso, muitas vezes, é necessário criar um Templo no plano astral. **É uma excelente prática criar símbolos. Esta precaução é necessária: após usá-los, eles devem ser reabsorvidos.**

Tendo aprendido a criar formas astrais, o próximo passo será a princípio muito difícil. Espectral e fugaz como o astral é, em geral, aquelas formas que estão definitivamente ligadas ao material possuem enorme poder de resistência, e, conseqüentemente, exigem muito alto potencial para influenciá-las. Seus análogos materiais parecem servir como uma fortaleza. Mesmo quando um efeito temporário é produzido, a inércia da matéria desenha-o de volta ao normal; no entanto, o poder da vontade treinada e consagrada em um corpo astral bem desenvolvido é tal que ele pode até mesmo produzir uma mudança permanente no material sobre cujo corpo de luz* que você está trabalhando, por exemplo; pode curar os doentes, restaurando uma aparência saudável para suas formas astrais. Por outro lado, é possível, de modo a desintegrar o Corpo de Luz até mesmo de um homem forte que ele vai cair morto.

Essas operações exigem não apenas o poder, mas o julgamento. Nada pode perturbar a soma total do destino - tudo deve ser pago para o último ceitil. Por esta razão, um grande número de operações possíveis teoricamente não podem ser executadas. Suponha, por exemplo, você vê dois homens de aparência astral semelhante insalubre. Em um caso, a causa pode ser ligeira e temporária. Sua ajuda é suficiente para restaurá-lo em poucos minutos. A outra, que não parece pior, é realmente oprimida por uma força incalculavelmente maior do que você pode controlar, e você só iria prejudicar a si mesmo, tentando ajudá-lo. O diagnóstico entre os dois casos poderia ser feito por uma investigação das camadas mais profundas do astral, tais como compor o "corpo causal".

Um corpo de magos negros sob Anna Kingsford ¹ uma vez tentou matar um vivisector que não foi particularmente bem conhecido; e eles conseguiram deixá-lo gravemente doente. Mas ao tentar a mesma coisa com Pasteur eles não produziram qualquer efeito, porque Pasteur foi um grande gênio - um adepto em sua própria linha muito maior do que a dela - e porque milhões de pessoas diariamente o abençoavam. **Não pode ser muito claramente entendido que força mágica está sujeita às mesmas leis de proporções como qualquer outro tipo de força.** É inútil para um mero milionário tentar levar à falência um homem que tem o Banco da Inglaterra atrás dele.

* N. do E. = No primeiro parágrafo, na última linha a palavra *the* se repete duas vezes. 'the' the Body Light[...].

¹ N. do A. = Anna Kingsford, a medida em que seu bom trabalho está em causa, foi apenas o carimbo de borracha de Edward Maitland.

Para resumir, a primeira tarefa é a de separar a forma astral do corpo físico, a segunda desenvolver os poderes do corpo astral, em particular os de vista, viagens e interpretação; em terceiro lugar, unificar os dois corpos sem confundi-los.

Esta sendo realizado, o mago está equipado para lidar com o invisível.

II

Agora é útil continuar com as considerações de outros planos, que têm sido comumente classificadas sob o Astral. Há alguma razão para isso, como as delimitações são um tanto vagas. Assim como o reino vegetal se funde com o animal, e como o plano material tem seres que invadem os limites do astral, assim como nós o encontramos nos planos mais elevados.

As imagens mentais que aparecem durante a meditação são subjetivas, e não dizem respeito ao plano astral. Só muito raramente é que as imagens astrais ocorrem durante a meditação. É um mau bocado no círculo, como regra, quando o fazem.

Há também um Plano Mágico. Este toca o material, e ainda inclui uma parte dele. Ele inclui o Astral, principalmente no tipo sangue completo do Astral. Ele alcança e inclui a maior parte, se não todos, dos planos espirituais.

O Plano Mágico é assim o mais completo de todos. Deuses egípcios são habitantes típicos deste plano, e é a casa de cada Adepto.

Os planos espirituais são de vários tipos, mas todos são distinguidos por uma realidade e intensidade não pode ser encontrada em nenhum outro lugar. Seus habitantes são sem forma, livres de espaço e tempo, e distinguem-se pelo brilho incomparável.

Além disso, existem um certo número de sub-planos, como, por exemplo, o Alquímico. Este plano muitas vezes aparecerá na prática da "Elevação nos Planos"; suas imagens são geralmente aquelas de jardins curiosamente mantidos, montanhas, equipadas com símbolos peculiares, animais hieroglíficos, ou figuras como a do "Arcano Hermético", e imagens, como os "Garimpeiros" e "Massacre dos Inocentes" de Basílio Valentim. Há uma quantidade única sobre o Plano alquímico que torna suas imagens imediatamente reconhecíveis.

Além disso, existem planos correspondentes a vários passados religiosos e presentes, todos os que têm a sua unidade peculiar.

É de extrema importância para o "clarividente" ou "viajante no corpo fino" ser capaz de encontrar o seu caminho para qualquer plano desejado, e operar nele como seu governante.

O Neófito da A. A é examinado mais rigorosamente nesta prática antes que ele seja passado para o grau de Zelator.

Na "Elevação nos Planos" deve-se geralmente passar claramente através do Astral para o espiritual. Alguns não serão capazes de fazer isso. O "corpo fino" o qual é bom o suficiente para subsistir nos planos inferiores, uma sombra entre sombras, vai deixar de penetrar nos estratos mais elevados. Ela exige um grande desenvolvimento deste corpo, e uma infusão intensa dos maiores componentes espirituais do homem, antes que ele possa perfurar os véus. A prática constante de Magia^(k) é a melhor preparação possível. Mesmo que a consciência humana não consiga atingir a meta, a consciência do próprio corpo fino pode fazer, por aquele que viaja naquele corpo uma ocasião posterior que possa ser considerada digna; e seu sucesso vai reagir favoravelmente sobre a consciência humana, e aumentar a sua probabilidade de sucesso em sua próxima operação mágica.

Da mesma forma, os poderes adquiridos por esta via fortalecem o mago em suas práticas de meditação. Sua Vontade se torna melhor capaz de auxiliar a concentração, para destruir as imagens mentais que o perturbam, e para rejeitar as recompensas menores do que a prática que seduz, e muitas vezes parar o progresso, do místico.

Embora Diz-se que as mentiras espirituais "para além do astral", isto é teórico; ¹ o Mago avançado não vai encontrar isto na prática. Ele será capaz de invocação adequada para viajar diretamente para qualquer lugar desejado. Em Liber 418 é dado um exemplo de perfeição. O Adepto que explorou estes Aethyrs não tem de passar através e além do Universo, a totalidade do que se encontra dentro ainda mesmo o mais íntimo (30º) Aethyr. Ele foi capaz de convocar os Aethyrs que ele queria, e sua dificuldade principal era que às vezes Ele estava em primeiro lugar incapaz de perfurar seus véus.

¹ N. do A. = O Hon. Bertrand Russell Princípio Matemático pode-se dizer que "se encontram além" Aritmética Escola de Colenso; mas pode tomar-se o primeiro livro das prateleiras de alguém- como cada um deveria - e lê-lo sem primeiro passar por todos até o último novamente.

Na verdade, como mostra o livro, foi apenas em virtude de Iniciações sucessivas e mais exaltadas submetidas nos Aethyrs que Ele foi capaz de penetrar além da 15ª. O Guardião de tais fortalezas sabem como se proteger.

O MESTRE THERION publicou os mais importantes segredos de magia prática na linguagem mais clara. Ninguém, em virtude de ser inteligente ou instruído, tem entendido uma palavra; e aqueles indignos que profanaram o sacramento têm, mas comido e embriagado a condenação para eles mesmos.

Pode-se fazer descer fogo roubado em um tubo oco do Céu, como O MESTRE THERION tem, efetivamente, feito de uma maneira que nenhum outro adepto atreveu-se a fazer antes dele. Mas o ladrão, o Titan, deve saber de antemão e concordar com sua desgraça a ser acorrentada sobre uma rocha solitária, o abutre devora seu fígado, por um tempo, até que Hércules, o forte homem armado em virtude desse fogo abundante, deva vir e o libere.

O TEITAN*¹ - cujo número é o número de um homem, seiscentos e sessenta e seis - subjugado, consolado por Ásia e Panthea, deve enviar constantes chuvas de bênção não apenas mediante do Homem cuja encarnação ele é, mas sobre o tirano e o perseguidor. Sua infinita dor deve emocionar o seu coração de alegria, uma vez que cada pontada é apenas o eco de alguma nova chama que salta sobre a terra iluminada por seu crime.

Para os Deuses são os inimigos do Homem; é natural que o homem deva superar antes de entrar em Seu reino.²

* N. do E. 2008 = [Gr., “titã.”]

¹. TEITAN = 300+5+10+300+1+50=666.

² N. do A. = Em outro sentido, um sentido maior, a Natureza é absolutamente certa o tempo todo. A posição é que o Mago descobre-se preso em uma Tortuosa Natureza da iniquidade; e sua tarefa é desembaraça-la. Isso tudo é para ser estudado no Livro da Sabedoria ou Loucura (Liber ALEPH, CXI) e na edição do Mestre Therion do Rei Tao Teh. Uma nota áspera de Seu Diário Mágico é anexada aqui:

"Todos os elementos devem ser separados de uma vez, - o que seria o caso do grande calor. Agora, quando átomos chegam ao sol, quando chegarmos ao sol, temos aquele imenso, calor extremo, e todos os elementos são eles próprios novamente. Imagine que cada átomo de cada elemento possui a memória de todas as suas aventuras em combinação.

O verdadeiro Deus é o homem. No homem todas as coisas estão escondidas. Destes os Deuses, Natureza, Tempo, todos os poderes do universo são escravos rebeldes. São por estes que os homens devem lutar e conquistar no poder e em nome da Besta que tem aproveitado deles, o Titan, o Mago, o Homem cujo número é seiscentos e sessenta e seis.

III

A prática de Elevação nos Planos é de tal importância que especial atenção deve ser dada a ela. É parte da técnica essencial da Magia^(k). Instrução nesta prática tem sido dada com tal concisão em Liber O, que não se pode fazer melhor do que citar textualmente (a "experiência anterior" Referida na primeira frase é a viagem astral comum.):

"I. O experimento anterior possui* pequeno valor, e leva a alguns resultados de grande importância Porém, é suscetível a um desenvolvimento que mescla em uma forma de Dharana - concentração - e como tal pode levar aos mais altos objetivos.

A propósito, aquele átomo (fortificado com essa memória) não seria o mesmo átomo; ainda é, porque não ganhou nada de qualquer lugar exceto essa memória. Portanto, pelo lapso de tempo, e em virtude da memória, uma coisa pode se tornar algo maior do que ela própria; e, assim, um desenvolvimento real é possível. Em seguida, pode-se ver uma razão para qualquer elemento decidindo passar por esta série de encarnações; Porque só, e somente assim, ele pode ir; e sofrer o lapso de memória que ele tem durante essas encarnações, porque ele sabe que virá inalterada.

"Portanto, você pode ter um número infinito de deuses, individuais e iguais, embora diversos, cada um supremo e absolutamente indestrutível. Esta é também a única explicação de como um ser poderia criar uma guerra em cada guerra, mal, etc. existe. O mal é apenas uma aparência, porque, (como "bom"), ele não pode afetar a própria substância, mas apenas multiplicar suas combinações. Isso é algo semelhante ao monoteísmo místico, mas a objeção à sua interação é falsa. Se pressupomos muitos elementos, sua interação é natural. Não há nenhuma objeção a essa teoria que pergunte quem fez os elementos, - pelo menos os elementos estão lá, e Deus, quando você olha para ele, não está lá. O teísmo é *obscurum per obscurius*. A estrela masculina é construída a partir do centro para fora, uma feminina da circunferência para dentro. Isto é o que se quer dizer quando dizemos que a mulher não tem alma. Isto explica a diferença total entre os sexos.

*** N. do E. 2008 = O "experimento anterior" referido na primeira frase é a viagem astral habitual.**

O principal uso da prática no último capítulo é familiarizar o estudante com qualquer tipo de obstáculo e qualquer tipo de ilusão, eu sei que ele pode ter perfeito controle de toda ideia que possa surgir em seu cérebro, para dispensá-la, para transformá-la, para fazer com que obedeça instantaneamente a sua vontade.

"2. Deixe-o então começar exatamente como antes; mas com a mais intensa solenidade e determinação.

"3. Deixe-o ter muito cuidado para que seu corpo imaginário suba em uma linha exatamente perpendicular à tangente da terra do ponto onde seu corpo físico está situado (ou, colocá-lo simplesmente, em linha reta para cima).

"4. Em vez de parar, deixe-o continuar a subir até a fadiga tomar conta. Se ele achar que parou, sem disposição a fazê-lo, e aquelas figuras aparecerem, deixe-o a todo custo elevar-se acima delas. Ainda que sua própria vida trema em seus lábios, que ele force seu caminho para cima e para frente!

"5. Deixe-o continuar assim até quando o sopro da vida estiver nele. O que quer que o ameça, o que quer que o seduza, mesmo se for Typhon e todas as suas hostes livres da cova e ligadas contra ele, mesmo sendo o próprio trono de onde o próprio Deus expressa questões ordenando-lhe dizer e estar contente, deixe-o lutar adiante, sempre diante.

"6. Por último, deve vir um momento em que todo o seu ser está imerso em fadiga, vencido por sua própria inércia. Que ele mergulhe (quando não, ele pode se esforçar, embora a língua seja mordida pelo esforço e o jorro de sangue das suas narinas) nas trevas da inconsciência; e, em seguida, ao voltar a si mesmo, que ele escreva precisa e sobriamente um registro de tudo que ocorrera: sim, um registro de tudo que ocorrera".

Naturalmente, a Subida pode ser feita a partir de qualquer ponto de partida. Pode-se ir (por exemplo) para o círculo de Júpiter, e os resultados, especialmente nos planos inferiores, serão muito diferentes dos obtidos a partir de um ponto de partida de Saturno.

O estudante deve realizar uma série **regular** de tais experiências, a fim de familiarizar-se não só com a natureza das diferentes esferas, mas com o significado interior de cada um.

Naturalmente, não é necessário em todos os casos empurrar a prática de esgotamento, tal como descrito nas instruções, mas esta é a coisa apropriada a se fazer sempre que praticar definitivamente, a fim de adquirir o poder de subir. Mas, tendo obtido esse poder, é, naturalmente, legítima origem a qualquer plano particular que possa ser necessário para o propósito de exploração, como no caso das visões registradas em Liber 418, onde o método pode ser descrito como misto. Em tal caso, não é o suficiente invocar o lugar que você deseja visitar, porque você pode não ser capaz de suportar sua pressão, ou respirar sua atmosfera. Vários casos ocorrem nesse registro em que o vidente não foi capaz de passar por certas passagens, ou permanecer em certas contemplações. Ele teve que passar por certas iniciações antes que ele fosse capaz de prosseguir. **Assim, é necessário que a técnica da Magia^(k) deva ser aperfeiçoada. O Corpo de Luz deve ser tornado capaz de ir a todos os lugares e fazer tudo. É, por isso, que sempre a questão da broca é de grande importância.** Você tem que sair Elevando-se nos Planos todos os dias de sua vida, ano após ano. Você não está para se abater pelo fracasso, ou demasiadamente encorajado pelo sucesso, em qualquer uma prática ou conjunto de práticas. O que você está fazendo é o que vai ser de real valor para você no final; E isso é o desenvolvimento de um personagem, criando um karma, que lhe dará o poder de fazer a sua Vontade.

IV

Adivinhação é um ramo tão importante da Magia^(k) que quase exige um tratado separado.

Gênio é composto de duas partes; o ativo e o passivo. O poder de executar a Vontade é a força, mas cega a menos que o seja iluminada. A cada fase de uma Operação Mágica é necessário saber o que se está fazendo, e para ter certeza de que se está agindo com sabedoria. Sensibilidade aguda está sempre associada à genialidade; o poder de perceber o universo com precisão, para analisar, coordenar e julgar impressões é o fundamento de toda grande obra. Um exército não é senão um bruto desajeitado a menos que seu departamento de inteligência funcione como deveria.

O Mago obtém o conhecimento transcendental necessário para um curso de inteligência de conduta diretamente na consciência da clarividência e clariaudiência; mas a comunicação com inteligências superiores exige preparação elaborada, mesmo depois de anos de desempenho bem sucedido.

Por isso, é útil possuir uma arte pela qual pode-se obter a qualquer momento qualquer informação que possa ser necessária. Esta arte é a adivinhação. As respostas a perguntas de alguém em adivinhação não são transportadas diretamente, mas por meio de uma série adequada de símbolos. Esses símbolos devem ser interpretados pelo adivinho nos termos de seu problema. Não é possível a construção de um léxico no qual a solução de toda dificuldade é dada em tantas palavras. Seria difícil de manejar; Além disso, a natureza não trabalha sobre essas linhas.

A teoria de qualquer processo de adivinhação pode ser indicada em poucos termos simples.

I. Nós postulamos a existência de inteligências, seja dentro ou fora do adivinho, das quais ele não é imediatamente consciente. (Não importa a teoria Se o espírito comunicante é chamado de uma entidade objetiva ou uma parte oculta da mente do adivinho.) Assumimos que essas inteligências capazes de responder corretamente - Dentro de certos limites - às perguntas feitas.

2. Nós postulamos que é possível construir um compêndio de hieróglifos suficientemente elásticos em sentido a incluir todas as ideias possíveis, e que um ou mais destes podem ser sempre tomados para representar qualquer ideia. Nós assumimos que qualquer um destes hieróglifos será compreendido pelas inteligências com quem desejamos nos comunicar no mesmo sentido por nós mesmos. Por isso temos um tipo de linguagem. Uma pode parecer uma *língua franca* que é talvez defeito na expressão de tons finos de significado, e por isso não é adequado para a literatura, mas que ainda serve para a condução dos assuntos diários em planos onde muitas línguas são faladas. Hindustâni é um exemplo disso. Mas melhor ainda é a analogia entre os sinais convencionais e os símbolos empregados pelos matemáticos, que podem assim transmitir as suas ideias perfeitamente ¹ sem falar uma palavra das línguas uns dos outros.

¹ N. do A. = Como aliás, eles não podem. Os melhores qualificados são os mais desconfiados para compreender o significado de seus colegas com exatidão; em criticar seus escritos muitas vezes fazem questão de pedir desculpas por possíveis mal-entendidos.

3. Nós postulamos que as inteligências as quais queremos consultar estão dispostas, ou podem ser obrigadas, para nos responder a verdade.

Vamos primeiro considerar a questão do compêndio de símbolos O alfabeto de uma língua é mais, ou menos forma arbitrária de transcrever os sons utilizados em falar isso. As próprias letras não têm necessariamente qualquer significado como tal. Mas, **em um sistema de adivinhação cada símbolo representa uma ideia definida.** Ele não iria interferir no idioma Inglês para adicionar algumas novas letras. Na verdade, alguns sistemas de taquigrafia têm feito isso. Mas um sistema de símbolos adequados para adivinhação deve ser uma representação completa do Universo, de modo que cada um é absoluto, e o todo insuscetível de aumento ou diminuição. É (na verdade) tecnicamente um pantáculo no sentido mais completo da palavra.

Vejamos alguns exemplos desses sistemas. Podemos observar que um modo comum de adivinhação é consultar livros, colocando o polegar de forma aleatória dentro das folhas. Os Livros do Sybil, as obras de Virgílio, e a Bíblia tem frequentemente sido utilizados para este fim. Para justificação teórica, deve-se assumir que o livro utilizado é uma representação perfeita do Universo. Mas mesmo se fosse esse o caso, é uma forma inferior da construção, porque a única concepção razoável do Cosmos é matemática e hieroglífica ao invés de literária. **No caso de um livro, um livro como o Livro da Lei, que é a verdade suprema e perfeita regra de vida, não é repugnante para o bom senso derivar um oráculo de suas páginas. Isto irá, naturalmente, ser observado que o Livro da Lei não é apenas uma compilação literalmente, mas uma estrutura matemática complexa. Por isso, preenche os requisitos necessários.**

Os principais meios de adivinhação na história são astrologia, geomancia, o Tarot, o Santa Cabala, e o Rei Yi. Existem centenas de outros; de piromancia, oniromancia, augúrios de sacrifícios, e o pião de alguns antigos oráculos aos presságios tirados do vôo dos pássaros e as profecias de folhas de chá. Isto será suficiente para o nosso presente propósito de discutir apenas os cinco primeiros sistemas enumerados.

ASTROLOGIA é teoricamente um método perfeito, uma vez que os símbolos empregados realmente existem no macrocosmo, e, portanto, possuem uma correspondência natural com assuntos do microcosmo. Mas, na prática os cálculos envolvidos são esmagadoramente complicados. Um horóscopo nunca é completo. Ele precisa ser complementado por inúmeros outros horóscopos. Por exemplo, para obter uma decisão sobre a questão mais simples, exige-se não só a natividade das pessoas envolvidas, algumas das quais são provavelmente inatingíveis, mas figuras secundárias para direções e trânsitos, juntamente com o avanço dos horóscopos, para não falar de pré-natal, mundano, e até figuras horárias. Para apreciar toda a massa de dados, para equilibrar os elementos de uma tão vasta multidão de forças, e para desenhar um único Juízo daí, é uma tarefa praticamente além da capacidade humana. Além de tudo isso, os efeitos reais das posições planetárias e aspectos ainda são quase inteiramente desconhecidos.

Não existem dois astrólogos que concordem em todos os pontos; e a maioria deles estão em desacordo sobre os princípios fundamentais.¹ Esta ciência melhor que seja descartada a menos que haja chances dos estudantes sentirem fortemente atraídos por ela. Ela é usada pelo MESTRE THERION mesmo com resultados bastante satisfatórios, mas apenas em casos especiais, por uma esfera estritamente limitada, e com as precauções particulares. Mesmo assim, ele sente grande desconfiança em basear Sua conduta no resultado assim obtido.

GEOMANCIA tem a vantagem de ser rigorosamente matemática. Um livro de mão da ciência é para ser encontrado em Equinócio I, II. A objeção à sua utilização encontra-se no número limitado dos símbolos. Para representar o universo com não mais de 16 combinações joga muito trabalho em cima deles. Também há uma grande restrição decorrente do fato de que embora 15 símbolos apareçam nas figuras finais, existem, na realidade, mas 4, os 11 restantes sendo desenhados por um processo inevitável das "Mães". Pode-se acrescentar que os quadros apresentados no manual para a interpretação das figuras são extremamente vagos, por um lado, e insuficientemente abrangente por outro. Alguns Adeptos, contudo, parecem achar este sistema admirável, e Obtêm grande satisfação do seu uso. Mais uma vez, a equação pessoal deve ser permitida em peso. Ao mesmo tempo o MESTRE THERION empregou extensivamente; mas Ele nunca esteve inteiramente à vontade com isto; Ele achou a interpretação muito difícil.

¹ N. do A. = **Quase todos os astrólogos profissionais ignoram seu próprio assunto, como de todos os outros.**

Além disso, pareceu-lhe que as próprias inteligências geomânticas eram de baixa ordem, o âmbito de aplicação foi confinado a uma pequena parte das coisas que lhe interessava; Além disso, eles possuíam um ponto de vista próprio, que estava longe de ser simpático com o Seu, então aquele mal-entendido constantemente interferiu no Trabalho.

O TARÔ e A SANTA CABALA podem ser discutidos em conjunto. A base teórica de ambos é idêntica: A Árvore da Vida.¹ Os 78 símbolos do Tarô são admiravelmente equilibrados e combinados. Eles são adequados para todas as exigências feitas sobre eles; cada símbolo é não só matematicamente preciso, mas possui um significado artístico que ajuda o adivinho a entendê-los, estimulando suas percepções estéticas. O MESTRE THERION considera que o Tarô é infalível em questões materiais. As operações sucessivas descrevem o curso dos acontecimentos com riqueza impressionante de detalhes, e os juízos são confiáveis em todos os aspectos. Mas adivinhação adequada significa trabalho duro, pelo menos, duas horas, até mesmo pelo melhor método desenvolvido por ele das tradições de iniciados. Qualquer tentativa de encurtar o processo leva à decepção; Além disso, os símbolos não se prestam prontamente à solução de questões espirituais.

A Santa Cabala, que se baseia no número puro, evidentemente, possui um número infinito de símbolos. O seu âmbito é coincidente com a própria existência; e não falta nada em termos de precisão, pureza, ou mesmo em qualquer outra perfeição. Mas não pode ser ensinado; ² cada homem deve selecionar por si mesmo os materiais para a estrutura principal do seu sistema. Isto requer anos de trabalho para construir um edifício digno. Tal prédio nunca está acabado; todos os dias gasto com ele se adiciona novos ornamentos. A Cabala é, portanto, um templo vivo do Espírito Santo. É o mesmo homem e seu universo Expresso em termos de pensamento cuja língua é tão rica que até mesmo as letras do seu alfabeto não têm limite.

¹ N. do A. = Ambas essas matérias podem ser estudadas no Equinócio em vários artigos publicados em vários números.

² N. do A. = É fácil de ensinar os princípios gerais da exegese, e as principais doutrinas. Há um vasto corpo de conhecimento comum a todos os casos; mas isto não é mais do que a base sobre a qual o estudante deve erigir pesquisa original.

Este sistema é tão sublime que só é adequado para a solução dos quebra-cabeças mesquinhos de nossa existência terrena. À luz da Cabala, as sombras das coisas transitórias são instantaneamente banidas.

O REI YI é o sistema mais satisfatório para o trabalho em geral. O MESTRE THERION está envolvido na preparação de um tratado sobre o assunto, mas o trabalho envolvido é tão grande que ele não pode prometer a Si mesmo tê-lo pronto a qualquer momento definido. O estudante deve, portanto, fazer suas próprias investigações sobre o significado dos 64 hexagramas da melhor maneira possível.

O Rei Yi é matemático e filosófico em forma. Sua estrutura é aparentada com a da Cabala; a identidade é tão íntima que a existência de dois sistemas desse tipo superficialmente diferentes é o testemunho transcendente da verdade de ambos. É de certa forma o hieróglifo mais perfeito já construído. É austero e sublime, mas, além disto tão adaptável a todas as emergências possíveis que seus números podem ser interpretados para atender todas as classes de perguntas. Pode-se resolver as dificuldades espirituais mais obscuras não menos do que os dilemas mais mundanos; e o símbolo que abre as portas dos palácios mais exaltados de iniciação é igualmente eficaz quando empregado para aconselhar alguém nos negócios da vida normal. O MESTRE THERION encontrou Rei Yi inteiramente satisfatório em todos os aspectos. As inteligências que o dirigem não mostram nenhuma inclinação para fugir da questão ou de induzir ao erro o consulente. Uma vantagem adicional é que o aparelho real é simples. Além disso, o sistema é fácil de manipular, e cinco minutos são suficientes para obter uma resposta bastante detalhada a quaisquer perguntas mais obscuras.

No que diz respeito às inteligências cuja atividade é dar informação ao adivinho, suas naturezas são muito diferentes, e correspondem mais ou menos ao personagem do meio de adivinhação. Assim, as inteligências geomânticas são gnomos, espíritos de natureza terrena, que se distinguem entre si pelas modificações devido as várias influências planetárias e zodiacais que pertencem aos vários símbolos. A inteligência que rege Puella* não deve ser confundida com a de Vênus ou de Libra. É simplesmente um daemon* terrestre particular que participa dessas naturezas.

* N. do E. = Puella [Lat., “menina.”]

* N. do E. = daemon [Gr., “demônio.”]

O Tarô, por outro lado, sendo um livro, está sob Mercúrio, e a inteligência de cada carta é fundamentalmente Mercurial. Tais símbolos são portanto peculiarmente adequados para comunicar pensamento. Eles não são brutos, como os daemons geomânticos; mas, por outro lado, eles são sem escrúpulos em enganar o adivinho.¹

O Rei Yi é servido por seres livres desses defeitos. A intensa pureza dos símbolos impede que eles sejam usurpados por inteligências com um machado deles próprios para moer.²

É sempre essencial para o adivinho obter o controle mágico absoluto sobre as inteligências do sistema que adota. Ele não deve deixar o menor furo no laço para ser enganado, embotado, ou ridicularizado. Ele não deve permitir que eles usem casuísmo na interpretação de suas perguntas. É um velhacaria comum, especialmente em geomancia, render uma resposta que é literalmente verdade, e ainda enganar. Por exemplo, pode-se perguntar se alguma transação de negócios seria rentável, e encontrar, depois de receber uma resposta afirmativa, de que isto realmente se referia a outra parte do caso!

Não é, sobre a superfície, sem qualquer dificuldade na obtenção de respostas. Na verdade, o processo é mecânico; Portanto o sucesso está garantido, bar ataque de apoplexia. Mas, mesmo que suponhamos que estejamos a salvo do engano, como podemos saber que a questão tem realmente sido objeto de uma outra mente, entendida corretamente, e atendida a partir do conhecimento? Obviamente, é possível verificar as operações por clarividência, mas isso é um pouco como a compra de um seguro para manter um tijolo. A experiência é o único professor. **Adquire-se o que se pode chamar de quase um novo sentido. A pessoa sente em seu interior se algo é certo ou não. O adivinho deve desenvolver este sentido.** Assemelha-se a sensibilidade requintada do toque que é encontrado no grande jogador de bilhar cujos dedos podem estimar graus infinitesimais de força, ou o fenômeno semelhante no provador profissional de chá ou vinho, que podem distinguir diferenças fantasticamente sutis de sabor.

¹ N. do A. = Isto não significa que eles sejam malignos. Eles têm um orgulho adequado em seu trabalho como Oráculos da Verdade; e eles se recusam a serem profanados pela contaminação de inteligências inferiores e impuras. O Mago cuja pesquisa está totalmente adaptada ao seu Neschamah vai encontrá-los lúcidos e confiáveis.

² N. do A. = Elementais maliciosos ou brincalhões instintivamente evitam a sinceridade austera das Figuras de Fu e Rei Wan.

É um ditado duro; mas **a fim de adivinhar sem erro, deve-se ser um Mestre do Templo.** Adivinhação proporciona uma excelente prática para aqueles que aspiram a essa eminência exaltada, **a respiração leve de preferência pessoal desviará a agulha do pólo da verdade na resposta.** A menos que o adivinho tenha banido totalmente de sua mente o minúsculo átomo de interesse na resposta à sua pergunta, é quase certo influenciar essa resposta em favor de suas inclinações pessoais.

O psicanalista deve se lembrar que o fato de que os sonhos são representações fantasmagóricas da Vontade inconsciente de quem dorme, e que não são só imagens dessa Vontade, em vez de representações da verdade objetiva, mas a própria imagem é confundida por mil correntes cruzadas postas em movimento pelos vários complexos e inibições de seu caráter. Se, portanto, uma consulta ao oráculo, precisa-se levar a certeza de que não é consciente ou inconscientemente a pressão trazendo dando em cima dele. É como quando um inglês interroga um hindu, a resposta final será o que as imagens hindus que melhor agradar o investigador.

A mesma dificuldade aparece de forma mais grosseira quando se recebe uma resposta perfeitamente verdadeira, mas insiste em interpretá-la de forma a atender os desejos de cada um. A grande maioria das pessoas que vão aos "adivinhos" não tem nada mais em mente, senão o desejo de obter a sanção supernatural para suas loucuras. Além de Ocultismo por completo, cada um sabe que quando as pessoas pedem conselhos, elas só querem escutar o quão sábias elas são. Dificilmente alguém atua sobre o conselho mais óbvio de bom senso, se acontecer de colidir com as suas intenções anteriores. Na verdade, quem iria tomar conselho a menos que ele seja avisado por algum pequeno sussurro em seu coração que ele estava prestes a fazer-se de tolo, que ele está determinado a fazer, e só quer ser capaz de culpar seu melhor amigo, ou o oráculo, quando ele é ultrapassado pelo desastre que seu próprio mentor interior prevê?

Para aqueles que embarcam na adivinhação será prudente considerar as observações anteriores profundamente. Eles saberão quando estiverem se aprofundando o suficiente pelo fato de o pensamento começar a feri-los.

É essencial explorar ao máximo, para analisar a mente de alguém até que possa ser positivo, além da possibilidade de erro, que alguém seja capaz de separar-se inteiramente da questão. O oráculo é um juiz; ele deve estar além do suborno e preconceito.

É impossível, na prática, estabelecer regras para a interpretação de símbolos. Sua natureza deve ser investigada por métodos intelectuais, tais como a Cabala, mas a forma prática de seu significado em qualquer um dos casos, a esfera e a tendência da sua aplicação, devem ser adquiridos em parte pela experiência, isto é, por indução, por gravação e classificando experimentos de alguém durante um longo período; e - esta é a melhor parte - por refinação raciocínio de alguém ao ponto em que se torna instinto ou intuição, o que quer que queira chamá-lo.

É adequada nos casos em que a esfera da questão é bem marcada para iniciar a adivinhação por invocação das forças respectivas apropriadas. Um erro de julgamento quanto ao verdadeiro caráter da questão implicaria sanções proporcionais à extensão desse erro; e os delírios resultantes de uma adivinhação fortificada por invocação seria mais grave do que se não houvesse empregado como artilharia pesada. ¹

Não pode, contudo, ter nenhuma objeção ao **preparar-se para uma purificação geral e consagração concebidas com o objetivo de separar-se de uma personalidade e aumentar a sensibilidade das faculdades.**

Toda adivinhação vem sob o tipo geral do elemento Ar. As propriedades peculiares do ar estão em consequência das suas características uniformes. Adivinhação é sutil e intangível. Ela se move com facilidade misteriosa, expansão, contração, fluxo, sensível ao menor estresse. Recebe e transmite cada vibração sem retê-las. Torna-se venenosa quando seu oxigênio está contaminado pela passagem através de pulmões humanos.

Há um quadro peculiar de espírito necessário para adivinhação bem sucedida. As condições do problema são difíceis. É, obviamente, necessário para a mente do adivinho concentrar-se absolutamente em cima de sua pergunta. Qualquer pensamento intrusivo irá confundir o oráculo tão certo como o leitor de um jornal é confundido quando lê um parágrafo em que algumas linhas desviaram-se de outra coluna.

¹ N. do A. = A alta sanção aparente para o erro poderia fortalecer a obstinação da mula.

É igualmente necessário que **os músculos com os quais ele manipula o aparelho de adivinhação devem ser totalmente independentes de qualquer vontade dele. Ele deve emprestá-los no momento à inteligência que ele está a consultar**, para ser guiado no seu movimento para fazer as ações mecânicas necessárias que determinam o fator físico da operação. Será óbvio que isso é um pouco estranho para o adivinho que também é um mago, pois, como um mago, ele tem sido constantemente trabalhado para manter todas as suas forças sob seu próprio controle, e para evitar a menor interferência sobre eles por qualquer Vontade alheia. É, de fato, comumente o caso, ou assim diz a experiência de MESTRE THERION, que os Magos mais promissores são os adivinhos mais deploráveis, e vice-versa. É somente quando o aspirante se aproxima da perfeição que ele se torna capaz de conciliar estas duas faculdades aparentemente opostas. Na verdade, não há nenhum sinal mais seguro de sucesso completo do que esta capacidade de se colocar o conjunto de poderes a serviço de qualquer tipo de tarefa.

No que diz respeito à mente, mais uma vez, parece que a concentração sobre a questão torna mais difícil o distanciamento necessário a partir dela. Mais uma vez, o adivinho tem necessidade de um grau considerável de realização nas práticas de meditação. **Ele deve ter conseguido destruir a tendência do ego para interferir no objeto de pensamento. Ele deve ser capaz de conceber uma coisa fora de qualquer relação com qualquer outra coisa.** A prática regular da concentração leva a esse resultado; na verdade, ela destrói a própria coisa que temos até agora concebida; para a natureza das coisas é sempre velada de nós pelo nosso hábito de considerá-las como em relação essencial com nós mesmos e nossas reações em relação a eles.

Difícilmente se pode esperar que o adivinho faça Samadhi com a sua pergunta - isso seria ir longe demais, e destruiria o caráter da operação, removendo a questão da classe de ideias concatenadas. Isso significaria interpretar a questão em termos de "sem limite", e, portanto, implica uma resposta igualmente sem forma. Mas ele deve se aproximar desse extremo suficiente para **permitir que toda a questão tenha liberdade de fazer por si mesma as suas próprias ligações adequadas com a inteligência que dirige a resposta**, preservando a sua posição em seu próprio plano, e evocando o contrapeso necessário ao seu próprio desvio da norma de nada.

Podemos recapitular as reflexões acima de forma prática. Vamos supor que a pessoa deseja adivinhar por geomancia se ou que ninguém deveria se casar, subentendendo-se que impulsos emocionais de alguém sugerem assim erupção de um curso. O homem pega sua varinha e sua areia; ele traça a pergunta, faz o pentagrama apropriado e o sigilo do espírito. Antes de traçar os traços que são para determinar as quatro "Mães", ele deve examinar a si mesmo de forma estrita. Ele deve banir de sua mente todos os pensamentos que podem, eventualmente, atuar como um anexo ao seu parceiro proposto. Ele deve banir todos os pensamentos que se preocupam, aqueles de apreensão não menos do que os de ardor. Ele deve levar sua introspecção na medida do possível. Ele deve observar com toda a sutileza seu comando se dói nele abandonar qualquer um desses pensamentos. Enquanto sua mente é agitada, porém ligeiramente, por um único aspecto do assunto, ele não está apto para começar a formar a figura. **Ele deve afundar sua personalidade na da inteligência ouvindo a pergunta proposta por um estranho a quem ele é indiferente, mas a quem é o seu negócio servir fielmente.** Ele agora deve examinar todo o assunto em sua mente, certificando-se de sua indiferença absoluta da mesma. Ele também deve se certificar de que seus músculos são perfeitamente livres para responder ao toque da Vontade daquela inteligência. (É claro que é entendido que ele não está tão familiarizado com geomancia por força de prática como sendo capaz de calcular inconscientemente o que acha que ele vai formar; para isso viciaria a experiência por completo. É, de fato, uma das objecções à geomancia que mais cedo ou mais tarde, torna-se atento na hora de traçar-lhes os pontos sendo par ou ímpar. Isso precisa de um treinamento especial para corrigir).

A teoria Fisio-psicológica, provavelmente, sustenta que o recurso "automático" da mão é controlado pelo cérebro não menos do que no caso da vontade consciente; mas este é um argumento adicional para identificar o cérebro com a inteligência invocada.

Tendo assim se identificado, tanto quanto possível com a inteligência, e concentrando-se sobre a questão do "espírito profetizando" foi dada toda a sua atenção a isso, ele deve aguardar o impulso para traçar as marcas na areia; e, logo que vier deixá-lo correr até o fim.

Aqui surge outra dificuldade técnica. Tem-se que fazer 16 linhas de pontos; e especialmente para o iniciante, a mente tem que lidar com a apreensão para que a mão não consiga executar o número necessário. Ele também está preocupado com medo de ultrapassar; mas o excesso não importa. Linhas extras são simplesmente nulas e sem efeito, de modo que o melhor plano é banir esse pensamento, e certificar-se apenas em não parar logo.¹

As linhas a ser rastreada, a operação é longo, tanto quanto são qualidades espirituais requer, por um tempo. O processo de criação da figura para julgamento é puramente mecânico.

Mas, no julgamento, o adivinho está mais uma vez na necessidade de suas mais íntimas e máximas realizações. **Ele deve esgotar as fontes intelectuais das informações à sua disposição, e formar com elas seu julgamento. Mas, tendo feito isso, ele deve separar sua mente do que acabou de ser formulado, e prosseguir para concentrá-la sobre a figura como um todo, quase como se fosse o objeto de sua meditação.** Necessita-se repetir que em ambas essas operações desprendimento a partir das parcialidades pessoais é tão necessário como foi na primeira parte da obra. Na criação da figura, viés geraria um fantasma freudiano para substituir a imagem da verdade que a figura deveria ser; e não é demais dizer que toda a maquinaria subconsciente do corpo e da mente presta-se com a vontade horrível a este macaco esquisito de traição. Mas agora que a figura está para julgamento, o mesmo viés tenderia a formar o seu fantasma de realização de desejo de uma maneira diferente. Ele agiria através da mente para trair o senso. Ele pode, por exemplo, induzir alguém a enfatizar o elemento Venéreas em Puella à custa de Saturno. Pode-se tender a subestimar a influência de uma figura hostil, ou a negligenciar completamente algum elemento de importância. O MESTRE THERION conhece casos em que o adivinho tinha tanto medo de uma resposta desfavorável que ele cometeu erros reais na construção mecânica simples da figura!

¹ **N. do A. = Praticar logo ensina a contar inconscientemente.....sim, e esta é a outra dificuldade novamente!**

Finalmente, resumindo; é fatalmente fácil caluniar sobre o desagradável, e respirar na ignição menor que promete acender o pavio - os trapos podres! - De esperança.

A operação final é, portanto, obter uma sentença da figura, independente de qualquer restrição moral ou intelectual. Deve-se se esforçar para apreendê-la como uma coisa absoluta em si mesma. É preciso tratá-la, em suma, muito da mesma forma como o fez a pergunta; como uma entidade mística, até agora não relacionada com outros fenômenos. Deve-se, por assim dizer, adorá-la como um deus, sem críticas: "Fala, Senhor, o teu servo ouve." **Deve ser permitido impor sua individualidade intrínseca na mente**, para colocar seus dedos de forma independente sobre o que observar que agrada.

Desta forma, obtém-se uma impressão do verdadeiro significado da resposta; e obtém-se isto armando com uma sanção superior todas as sugestões sensatas. Ela vem de e para uma parte do indivíduo que é independente da influência do meio ambiente; é ajustada para que o ambiente de verdadeira necessidade, e não por artifícios de tais adaptações como a nossa concepção obtusa de conveniência nos induz a fabricar.

O aluno vai observar do que precede que a **adivinhação é, em certo sentido uma arte inteiramente separada da Magia^(k); ainda que interpenetre Magia^(k) em cada ponto**. As leis fundamentais de ambas são idênticas. O uso correto da adivinhação já foi explicado; mas deve-se acrescentar que a **proficiência nela**, é tremenda como é a sua importância em fornecer ao Mago as informações necessárias para seus planos estratégicos e táticos, **de modo algum lhe permite realizar o impossível**. Não está dentro do escopo de adivinhação prever o futuro (por exemplo) com a certeza de um astrônomo no cálculo do retorno de um cometa. ¹ Há "muita virtude na adivinhação, pois (Shakespeare nos assegura!), há" muita virtude no SE"!

Na estimativa do valor final de um julgamento divinatório, deve-se permitir mais do que as inúmeras fontes de erro inerentes ao próprio processo.

¹ N. do A. = O próprio astrônomo tem que entrar numa ressalva. Ele só pode calcular a probabilidade da força dos fatos observados. Alguma força poderia interferir no movimento previsto.

O julgamento não pode fazer mais do que os fatos apresentados a ele garantidos. É naturalmente impossível na maioria dos casos garantir que algum fator importante não seja omitido. Ao perguntar: "Vou ser sábio para se casar?" deixa-se aberta por sabedoria para ser definido de diversas maneiras. Só se pode esperar uma resposta no sentido da pergunta. A conotação de "sábio" que eles implicam as limitações "na sua definição privada de sabedoria", "em referência a suas circunstâncias atuais." Não envolveria garantia contra desastre subsequente, ou pronunciar uma máxima filosófica quanto à sabedoria no sentido abstrato. **Não se deve supor que o oráculo é onisciente.** Pela natureza do processo, pelo contrário, é a pronúncia de um ser cujos poderes são parciais e limitados, embora não a tal ponto, ou nas mesmas direções, como alguém possui. Mas um homem que é aconselhado a comprar um determinado estoque não deve reclamar se um pânico geral bate a parte inferior de fora algumas semanas mais tarde. O conselho apenas se referiu às perspectivas do estoque em si. A adivinhação não deve ser culpada mais do que se poderia culpar um homem pela compra de uma casa em Y três anos antes da Guerra Mundial.

Contra isso, deve-se insistir que é, obviamente, para a vantagem do adivinho obter esta informação a partir de seres de essência mais exaltada disponível. Uma velha bruxa que tem um espírito familiar de celebridade meramente local, como o sapo em sua árvore, dificilmente pode esperar que ele lhe diga muito mais do que questões privadas do que sua revista paróquia faz de público. Depende inteiramente do Mago como ele é servido. Quanto maior o homem, maior deverá ser o seu mestre. Daqui resulta as formas mais elevadas de daemons comunicantes, aqueles que conhecem, por assim dizer, os segredos da corte, desprezam preocupar-se com assuntos que considerem abaixo deles. Não se deve cometer o erro de chamar um médico famoso ao para um pequinês doente. É preciso também tomar cuidado de pedir até mesmo ao anjo mais inteligente uma questão fora do seu âmbito. Um especialista de coração não deve prescrever para problemas de garganta.

O Mago deve, portanto, tornar-se mestre de vários métodos de adivinhação; utilizando um ou o outro como o propósito do ditame momento. Ele deve fazer um ponto de organizar uma equipe de tais espíritos para atender às diversas ocasiões. Estes devem ser espíritos "familiares", em sentido estrito; membros de sua família.

Ele deve lidar com eles constantemente, evitando mudanças extravagantes ou caprichosas. Ele deve escolhê-los de modo que as suas capacidades de cubra todo o chão do seu trabalho; mas ele não deve multiplicá-los desnecessariamente, pois ele se torna responsável por cada um que ele emprega. Tais espíritos devem ser cerimonialmente evocados à aparência visível ou semivisível. Um arranjo rigoroso deve ser feito e jurado. Este deve ser mantido meticulosamente pelo Mago, e sua violação, pelo espírito severamente punido. As relações com esses espíritos devem ser confirmadas e incentivadas por relações sexuais frequentes. Eles devem ser tratados com cortesia, consideração, e até mesmo afeto. Eles devem ser ensinados a amar e respeitar seu mestre, e de ter orgulho em ser confiável por ele.

Às vezes, é melhor agir sobre o conselho de um espírito, mesmo quando se sabe que é errado, embora, nesse caso, se devem tomar as devidas precauções contra um resultado indesejável. A razão para isto é que estes tipos de espíritos são muito sensíveis. Eles sofrem agonias de remorso ao perceber que eles feriram seu Mestre; pois ele é o seu Deus; eles sabem que são parte dele, o seu objetivo é atingir a absorção nele. Eles compreendem, portanto, que os seus interesses são deles. Cuidados devem ser tomados empregar nenhum, mas espíritos que estão aptos para o efeito, não só devido à sua capacidade de fornecer informações, mas por sua simpatia com a personalidade do Mago. Qualquer tentativa de coagir espíritos refratários é perigosa. Eles obedecem por medo; o medo torna mais plano, e dizem falsidades amáveis. Eles também criam projeções fantasmagóricas de si mesmos para se personificarem; e esses fantasmas, além de serem inúteis, tornam-se presa de daemons maliciosos que os utilizam para atacar o mago de várias maneiras, cuja perspectiva de êxito é reforçada pelo fato de que ele próprio criou uma ligação com eles.

Só mais uma observação parece ser desejável apesar deste assunto. Adivinhação de qualquer tipo é inadequada em matéria diretamente relacionada com a Grande Obra em si. **No Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião, o adepto é possuidor de tudo o que pode possivelmente precisar. Para consultar qualquer outro é insultar um Angel.**

Além disso, abandonar a única pessoa que realmente sabe, e realmente se preocupa, em favor de alguém que pela natureza do caso, deve ser ignorante¹ da essência da questão - aquela cujo interesse por isto não é mais (no melhor) do que a de um estranho bem-intencionado. Deve ir sem dizer que até que o Mago tenha atingido o Conhecimento e a Conversação do Santo Anjo Guardião, ele corre o risco de enganos sem fim. Ele não conhece a si mesmo; como ele pode explicar o seu negócio para outros? Como podem esses outros, embora eles façam o seu melhor para ele, ajudar em nada, mas ninharias? É preciso, portanto, estar preparado para decepção em cada etapa até que se adapte.

Isto é especialmente verdadeiro na adivinhação, porque a essência do horror de não conhecer o Anjo é a total perplexidade e angústia da mente, complicada pela perseguição do corpo, e envenenada pela dor da alma. Colocam-se as perguntas erradas, e colocando-as erradas; recebe-se as respostas erradas, julga-se que estão erradas, e age-se de forma errada sobre elas. É preciso, no entanto, persistir, aspirando com ardor no sentido do Anjo, e confortado pela certeza de que Ele está guiando um segredo para si mesmo, e que todos os erros são preparativos necessários para a hora marcada de conhecê-Lo. Cada erro é o pentear de algum emaranhado no cabelo da noiva quando ela está sendo penteada para o casamento.

¹ **N. do A. = Nenhuma inteligência do tipo que opera adivinhação é um Microcosmo completo como o Homem é. Ele sabe perfeitamente o que está dentro de sua própria esfera, e pouco ou nada além dele. Graphiel sabe tudo o que é cognoscível sobre assuntos Marciais, como nenhum homem pode fazer. Pois mesmo o homem mais Marcial está limitado quanto ao Madim pelo fato de que Marte é apenas um elemento em sua molécula; os outros elementos tanto inibem a concentração em seu colega, e o vela insistindo em interpretá-lo em referência a si mesmos. Nenhuma entidade cuja estrutura não inclui toda a Árvore da Vida é capaz de Fórmulas de Iniciação. Graphiel, consultado pelos Aspirantes a Adeptos, seriam obrigados a encarar a Grande Obra como puramente uma questão de Combate, e ignorar todas as outras considerações. Seu conselho seria absoluto em pontos técnicos deste tipo; mas a sua própria perfeição seria capaz de persuadir o Aspirante a um curso de ação desequilibrada, o que implicaria o fracasso e destruição. É pertinente mencionar, neste contexto, que não se deve esperar a informação absoluta sobre o que vai acontecer. "Adivinhação" é um abuso de palpite. No máximo só se pode verificar o que pode ser razoavelmente esperado. O bom funcionamento do processo é o de orientar o julgamento de cada um. O diagnóstico é bastante confiável; conselho pode ser confiável, de modo geral; mas o prognóstico deve ser sempre cauteloso. A essência do negócio é a consulta de especialistas.**

Por outro lado, embora o adepto esteja em comunicação diária com o seu Anjo, ele deve ter o cuidado de consulta-Lo somente sobre perguntas adequadas à dignidade da relação. Não se deve consultar um Anjo com muitos detalhes, ou mesmo sobre quaisquer assuntos estejam dentro do ofício de alguns espíritos familiares. Não se vai ao Rei com ninharias pessoais mesquinhas. **O romance e ruptura da união inefável que constitui o Adepto não deve ser profanado pela introdução de preocupações comuns.** Não se deve aparecer com bobes no cabelo, ou reclamar da impertinência do cozinheiro, se alguém quiser fazer a maior parte da lua de mel.¹

Para a adivinhação do Adepto torna-se, portanto, uma consideração secundária, embora ele agora possa empregá-la com absoluta confiança, e provavelmente usá-la com maior frequência do que antes de sua realização. Na verdade, esta é provável à medida que ele aprende que o recurso da adivinhação (em todas as ocasiões em que sua Vontade não o instrua instantaneamente) com a obediência implícita de seus assessores descuidados quanto à possibilidade ou não, eles podem transformar em desastre, é um meio admiravelmente eficaz de manter sua mente perturbada por impressões externas e, portanto, na condição adequada para receber os golpes reiterada do êxtase com o amor do seu Anjo o arrebatada.

Nós já mapeamos os limites da possibilidade e conveniência que definem a geografia física e política da adivinhação. O estudante deve precaver-se constantemente em supor que esta arte oferece quaisquer meios absolutos de descobrir a "verdade", ou mesmo, de usar essa palavra como se ela signifique mais do que a relação de duas ideias cada uma dos quais é em si como sujeito a "mudança sem notar" como um programa musical.

¹ N. do A. = Como o poeta coloca; "Psique, cuidado como tu divulgas os teus truques privados para Eros, ou o deixe saber que aqueles lábios líricos cuspidores de amor que sussurram, enfeitando Suas sobrelhas com ouro-enfeitando, são igualmente especialistas em repreender; Que aquelas mãos acariciando talvez entanto, ainda fechem suas orelhas e deem palmada no bebê !"

Adivinhação, na natureza das coisas, não pode fazer mais do que colocar a mente do consulente em conexão consciente com outra mente cujo conhecimento do assunto em questão é a própria como a de um especialista para um leigo. O perito não é infalível. O cliente pode colocar a sua questão de forma enganosa, ou mesmo baseá-la em uma concepção completamente errada dos fatos. Ele pode interpretar mal a resposta do especialista, e pode interpretar mal o seu significado. Além de tudo isso, excluindo todos os erros, tanto de perguntas e respostas são limitadas em validade por suas próprias condições; e essas condições são tais que a verdade pode deixar de ser verdade, quer com o passar do tempo, ou se isto for viciado no defeito de não considerar algumas circunstâncias cujo funcionamento escondido cancela o contrato.

Em uma palavra, adivinhação, como qualquer outra ciência, é justificada por seus filhos. Seria extraordinário uma mãe fértil dever ser imune a natimortos, monstrosidades, e abortos.

Nenhum de nós demite nossa ciência serva com um pontapé e uma maldição cada vez que o telefone fica com defeito. As pessoas do telefone não fazem nenhuma alegação de que ele sempre funcione.¹ Adivinhação, com igual modéstia, admite que "se muitas vezes dá errado; mas funciona bem o suficiente, tudo é levado em consideração. A ciência está em sua infância. Tudo que podemos fazer é o nosso melhor. Nós não mais fingimos infalibilidade do que o especialista em mineração que se considera com sorte se ele atinge o olho do boi quatro vezes em dez."

O erro de todos os dogmáticos (do mais antigo profeta com a sua "palavra de inspiração literalmente de Deus" ao mais novo professor alemão com sua explicação via única do Universo) reside na tentativa de provar muito, para se defenderem dos críticos por esticção uma teoria provavelmente excelente para incluir todos os fatos e as fábulas, até que estourem como a bexiga exagerada que é.

Adivinhação não é mais que um método prático áspero e pronto, que nós não entendemos quase nada, e operamos apenas como empíricos. Sucesso para o melhor adivinho vivo não é mais determinado em qualquer caso particular do que um longo batido levemente por um golfista campeão.

¹ N. do A. = Exceto em Nova Iorque.

Seus cálculos são infinitamente mais complexos do que o xadrez, um xadrez jogado numa placa infinita com homens cujos movimentos são indeterminados, e fica ainda mais difícil pela interferência de forças imponderáveis e leis não formuladas; enquanto que a sua conduta demanda não só das virtudes, de eles próprios serem raros o suficiente, da integridade intelectual e moral, mas a intuição combinando delicadeza com força em tal perfeição e a tais extremos a tornar a sua existência parece monstruosa e milagrosa contra a Natureza.

Admitir isso não é desacreditar em oráculos. Pelo contrário, os oráculos caíram em descrédito apenas porque fingiram fazer mais do que podiam. Adivinhar relativamente a um assunto é pouco mais do que calcular probabilidades. Obtemos o uso de mentes que têm acesso ao conhecimento além da nossa, mas não onisciência. HRU, o grande conjunto de anjo sobre o Tarô, está além de nós como nós somos para além da formiga; mas, pelo que sabemos, o conhecimento do HRU é superado por alguma mente mais poderosa na mesma proporção. Nem temos qualquer mandado acusando HRU de ignorância ou erro, se lermos o Tarô para nossa própria ilusão. Ele pode ter conhecido, ele pode ter falado a verdade; a falha pode estar no nosso próprio *insight*.¹

O MESTRE THERION tem observado em inúmeras ocasiões que adivinhações, feitas por ele e descartadas como dando respostas falsas, justificaram-se meses ou anos mais tarde, quando ele foi capaz de rever o seu julgamento em perspectiva, imperturbável por sua paixão pessoal.

Na verdade, é surpreendente como muitas vezes as adivinhações mais descuidadas dão respostas precisas. Quando as coisas vão mal, é quase sempre possível rastrear o erro na própria presunção obstinada e insolente em insistir que os eventos devem acomodar-se ao nosso egoísmo e vaidade. É comicamente não científico aduzir exemplos dos erros dos adivinhos como prova de que sua arte é fátua.

¹ N. do A. = A questão do sentido em que uma resposta é verdade surge. Em não misturar os planos. No entanto, como o Sr. Russell mostra, *Op Cit. p.61*, os mundos que se encontram por trás dos fenômenos devem possuir a mesma estrutura que a nossa. "Toda proposição que tem um significado transmissível deve mentir apenas na essência de individualidade que, por essa mesma razão, é irrelevante para a ciência". Apenas assim: mas isto é confessar a impotência da ciência para alcançar a verdade, e admitir a urgência de desenvolver um instrumento mental de capacidade superior.

Cada um sabe que as experiências químicas mais simples, muitas vezes dão errado. Cada um sabe as excentricidades das canetas; mas ninguém fora dos círculos evangélicos faz o divertimento da experiência do tabaco em tabletes, ou afirma que, se canetas de fonte, sem dúvida, trabalham agora e, em seguida, o que elas fazem é mera coincidência.

O fato do caso é que as leis da natureza são incomparavelmente mais sutis do que até mesmo os suspeitos das ciências. Os fenômenos de todos os planos estão intimamente entrelaçados. Os argumentos de Aristóteles eram dependentes da pressão atmosférica que impediu o seu sangue de ferver. **Não há nada no universo que não influencie todas as outras coisas, de uma forma ou de outra.** Não há nenhuma razão na Natureza porque as aparentemente casuais combinações de meia-dúzia de bananas de carapaça de tartaruga não devam ser tão ligadas tanto com a mente humana, e com toda a estrutura do universo que a observação da sua queda não deva nos permitir medir todas as coisas no céu e na terra.

Com um pedaço de vidro curvo descobrimos galáxias incontáveis de sóis; Com outro, pedidos intermináveis de existência no infinitesimal. Com o prisma analisamos luz para que matéria e força tornaram-se inteligíveis apenas como formas de luz. Com uma haste temos convocadas as energias invisíveis da energia elétrica para ser o nosso espírito familiar servindo-nos para fazendo nossa Vontade, seja para subir o condor, ou para mergulhar mais fundo no mundo do demônio da doença de que qualquer um dos nossos sonhadores se atreveu a sonhar.

Uma vez com quatro pedaços de vidro comum a humanidade aprendeu a saber tanto, conseguiu tanto, que ousam negar que o Livro de Thoth, a sabedoria quintessencial dos nossos antepassados cujas civilizações, pereceram embora existam, tenham deixado monumentos que diminuam os nossos até nos perguntarmos se somos degenerados a partir deles, ou evoluímos dos Símios, quem se atreve a negar que tal livro pode ser dotado de poderes inimagináveis?

Não faz tanto tempo desde que os métodos da ciência moderna foram zombados por todo o mundo culto. Nos salões sagrados os telhados a si mesmos tocaram o alto dos telhados com o riso do escárnio dos sumos sacerdotes com cada novo postulante que se aproximava com a sua oferta não ortodoxa.

Não há praticamente uma descoberta científica na história que não foi descrita como charlatanismo pelo próprio homem cujas próprias realizações eram escassas ainda reconhecidas pelo mundo em geral.

Na memória da geração atual, a possibilidade de aviões foi ironicamente negada por esses mesmos engenheiros que representaram mais experientes para dar suas opiniões.

O método de adivinhação, o *ratio** dela, como é obscura hoje, como foi a de análise de espectro há uma geração. Que a composição química das estrelas fixas devesse ser conhecida pelo homem parecia uma imaginação louca ridícula demais para discutir. Hoje parece igualmente irracional, consultar a areia do deserto sobre o destino dos impérios. No entanto, certamente, se qualquer um sabe, deve saber!

Hoje pode parecer impossível para objetos inanimados revelar os segredos mais íntimos da humanidade e da natureza. Nós não podemos dizer por que a adivinhação é válida. Não podemos rastrear o processo pelo qual ela executa suas maravilhas.¹ Mas as mesmas objeções se aplicam igualmente bem ao telefone. Ninguém sabe o que é eletricidade, ou a natureza das forças que determinam a sua ação.

* N. do E. 2008 = [Lat., “razão.”]

¹ N. do A. = A principal diferença entre uma Ciência e uma Arte é que a primeira admite mensurações. Seus processos devem ser susceptíveis de aplicação das normas quantitativas. Suas leis rejeitam variáveis imponderáveis. Ciência despreza Arte por sua recusa em conformidade com as condições calculáveis. Mas ainda hoje, na Idade vangloriada da Ciência, o homem é ainda dependente da Arte como a maioria dos assuntos de importância prática para ele; as Artes do Governo, de Guerra, de Literatura, etc, são extremamente influentes e Ciência faz pouco mais do que facilitá-las, fazendo seus materiais mecanicamente dóceis. A maior extensão da Ciência pode simplesmente organizar a casa da Arte. A Arte, assim, evolui em percepção e poder pelo aumento do controle ou precisão automática de seus detalhes. O MESTRE THERION tem feito uma Época na Arte da Magia^(k) através da aplicação do Método da Ciência para os seus problemas. Seu trabalho é uma contribuição de valor único, só comparável ao daqueles homens de gênio que revolucionaram as conjecturas empíricas de "filósofos naturais". Os Magos de amanhã serão armados com a teoria matemática, observação organizada e prática comprovada experimentalmente. Mas a sua Arte permanecerá inescrutável como sempre, em essência; talento nunca vai suplantará gênio. Educação é impotente para produzir um poeta maior que Robert Burns; a perfeição do aparelho de laboratório prepara de fato o caminho de um Pasteur, mas não pode fazer mestres de mediocridades.

Sabemos apenas que, ao fazer certas coisas nós obtemos certos resultados, e que ao menor erro da nossa parte vai conduzir o nosso trabalho a nada. O mesmo é exatamente verdade na adivinhação. A diferença entre as duas ciências não é mais do que isso: que, quanto mais mentes tenham estado no trabalho do antigo aprendemos a dominar seus truques com maior sucesso do que neste último caso.

CAPÍTULO XIX

DOS RITUAIS DRAMÁTICOS

A Roda gira nesses métodos eficazes de invocação empregados nos antigos Mistérios e por certos organismos secretos de iniciados hoje. O objeto deles é quase invariavelmente¹ a invocação de um Deus, aquele Deus concebido em um material mais ou menos e de forma pessoal. Estes rituais são, portanto, bem adequados para tais pessoas que são capazes de entender o espírito da Magia^(k) e não ao pé da letra. Uma das grandes vantagens deles é que um grande número de pessoas pode tomar parte, de modo que não é, conseqüentemente, mais força disponível; mas é importante que todas elas devam ser iniciadas nos mesmos mistérios, amarrados pelos mesmos juramentos e preenchidos com as mesmas aspirações. Elas devem ser associadas apenas a esta finalidade.

Tal companhia sendo preparada, a história do Deus deve ser dramatizada por um poeta bem qualificado acostumado a esta forma de composição. Longos discursos e invocações devem ser evitados, mas a ação deve ser muito cheia. Tais cerimônias devem ser cuidadosamente ensaiadas; mas os cuidados dos ensaios devem ser tomados para omitir o clímax, que deve ser estudado pela personagem principal em particular. A peça deve ser disposta de modo que este clímax dependa dele sozinho. Por isso significa evitar a cerimônia de se tornar mecânica ou banal, e o elemento surpresa auxilia as personagens menores a saírem de si mesmas no momento supremo. Seguindo o clímax deve sempre haver uma cerimônia não ensaiada, um improviso. A forma mais satisfatória desta dança. Em tais cerimônias podem ser utilizadas livremente libações apropriadas.

¹ N. do A. = A palavra é injustificavelmente universal. Não seria impraticável adotar esse método para operações como Magia^(k) Talismã. Por exemplo, pode-se consagrar e cobrar um Pantáculo pela comunicação com AIWAZ ao Escriba do LIVRO da LEI, o Mago que representa o Anjo, o Pantáculo sendo o Livro, e a pessoa a quem o Pantáculo destina-se a intervir, tendo a parte do Escriba.

O Rito da Luna (Equinox I. VI) é um bom exemplo deste uso. Aqui o clímax é a música da deusa, os assistentes restantes em êxtase silencioso.

No rito de Júpiter, o improvisado é a dança, no de Saturno longos períodos de silêncio.

Será notado que nestes Ritos poesia e música foram amplamente empregadas - na sua maioria peças publicadas por autores e compositores bem conhecidos. Seria melhor¹ escrever e compor especialmente para a cerimônia².

¹ N. do A. = "TALVEZ! Pode-se pensar em certas consequências terríveis". "Mas, afinal de contas, elas não parecem assim aos autores!" "Mas – que pena dos pobres Deuses" "Incomodar os deuses!"

² N. do A. = Um corpo de Magos qualificados acostumados a trabalhar em conjunto pode ser competente para realizar improvisada Orgia. Para citar um exemplo real nos últimos tempos; o sangue de um Cristão que está sendo necessário para algum propósito, um galo jovem foi adquirido e batizado na Igreja Católica Romana por um homem que, sendo o filho de um Sacerdote ordenado, foi magicamente uma encarnação do Ser daquele Sacerdote, e foi, portanto, congenitamente possuidor de poderes a ele pertencente. Este galo, "Peter Paul", foi, portanto, um Cristão batizado para todos os efeitos mágicos. Ordenou-se então que aprisionasse a ave; feito assim, os Magos assumindo, respectivamente, as personagens de Herodes, Herodias, Salomé, e o Executor, agiram fora da cena da dança e a decapitação, sobre as linhas de drama de Oscar Wilde, "Peter Paul" foi escalado para o papel de João Batista. Esta cerimônia foi concebida e feita no calor do momento, e sua espontaneidade e simplicidade foram fatores presumivelmente potentes em seu sucesso.

Do ponto da teologia, duvido que Dom Gorenflot tenha evitado com sucesso comer carne na Quaresma batizando a franga numa carpa. Porque, assim como o sacramento - pela sua intenção, apesar de seus defeitos de forma - não poderia falhar na eficácia, a franga deve ter se tornado um Cristão, e, portanto, um ser humano. Carpa foi, portanto, apenas seu nome de batismo - cf. Policarpo - e Dom Gorenflot comeram carne humana na Quaresma, deste modo, por tudo o que o tornou um bispo, ele é condenado.

CAPÍTULO XX
DA EUCARISTIA
E DA ARTE DA ALQUIMIA

I

Uma das mais simples e mais completas de cerimônias Magia^(k) é a Eucaristia.

Isto consiste em tomar coisas comuns, transmutando-as em coisas divinas, e consumindo-as.

Até agora, é um tipo de cada cerimônia mágica, para a reabsorção da força é um tipo de consumo; mas tem uma aplicação mais restrita, do seguinte modo.

Dê a uma substância¹ simbólica de todo o curso da natureza, torne-a Deus, e consuma-a.

Há muitas maneiras de fazer isso; mas estas podem facilmente ser classificadas de acordo com o número de elementos que o sacramento é composto.

A forma mais elevada da Eucaristia é aquela em que o Elemento consagrado é Um.

É uma substância e não duas, não é viva e não é morta, nem líquida, nem sólida, nem fria nem quente, nem masculina nem feminina.

Este sacramento é secreto em todos os aspectos. Para aqueles que podem ser dignos, embora não seja oficialmente reconhecida como tal, esta Eucaristia tem sido descrita em detalhe e sem ocultação, *em algum lugar* nos escritos publicados do MESTRE THERION. Mas Ele não disse a ninguém onde. Isto é reservado para os mais altos iniciados, e é sinônimo de Trabalho Realizado no plano material.

¹ N. do A. = Isto pode ser composto de uma personagem.

É a Medicina de Metais, a Pedra do Sábio, o Ouro Potável, o Elixir da Vida que nela for consumido. **O altar é o seio de Isis, a mãe eterna; o cálice está em vigor a Taça de Nossa Senhora Babalon a própria; a Varinha é o que Era e É e Está Por Vir.**

A Eucaristia de *dois* elementos tem sua matéria dos passivos. A hóstia (pantáculo) é de milho, típico da terra; o vinho (taça) representa a água. (Há certas outras atribuições A Hóstia é o Sol, por exemplo: e o vinho é apropriado a Baco).

A hóstia pode, contudo, ser mais complexa, o "Bolo de Luz" descrito em Liber Legis.

Isto é usado na exotérica **Missa da Fênix** (Liber 333, Cap: 44) misturado com o sangue do Mago. **Esta missa deve ser realizada diariamente ao pôr do sol por cada mago.**

Milho e vinho são equivalentes à carne e sangue; mas é mais fácil converter substâncias vivas no corpo e sangue de Deus, do que realizar esse milagre sobre matéria morta.

A Eucaristia de *três* elementos tem por base os símbolos das três Gunas. Para Tamas (escuridão) tomar ópio ou erva-moura ou algum medicamento para dormir; para Rajas (atividade) tomar estricnina ou outro excitante; para Sattvas (calma) os bolos de Luz podem novamente ser adequados. ¹

A Eucaristia de *quatro* elementos consiste de fogo, ar, água e terra. Estes são representados por uma chama de fogo, por incenso ou rosas para o ar, pelo vinho para água, e de pão e sal para terra.

A Eucaristia de *cinco* elementos tem como base o vinho para o gosto, um rosa para o cheiro, uma chama para visão, um sino para o som, e um punhal para o toque. Este sacramento está implicado na Missa da Fênix em uma forma ligeiramente diferente.

¹ N. do A. = **Os Bolos de Luz são universalmente aplicáveis; eles contêm farinha, mel e óleo (carboidratos, gorduras e proteínas, as três coisas necessárias à nutrição humana): Também perfume dos três tipos essenciais de virtude mágica e curativa; o princípio sutil da própria vida animal é fixado nelas pela introdução de sangue vivo fresco.**

A Eucaristia de *seis* elementos tem Pai, Filho e Espírito Santo acima; respiração, água e sangue abaixo. É um sacramento reservado para altos iniciados. ¹

A Eucaristia de *sete* elementos é misticamente idêntica à de um.

Do método de consagrar os elementos só é necessário dizer que eles devem ser tratados como talismãs. O círculo e outros móveis do Templo devem receber o benefício usual dos banimentos e consagrações. O Juramento deve ser tomado e as Invocações feitas. Quando a força divina manifesta nos elementos, eles devem ser consumidos solenemente. Há também um método mais simples de consagração reservada para iniciados de alto grau, da qual é aqui ilegal a falar.

De acordo com a natureza do Sacramento, assim será seu resultado. Em alguns pode-se receber uma graça mística, culminando em Samadhi; em outros, uma mais simples e mais benefício material pode ser obtido.

O maior sacramento, aquele de Um elemento, é universal em sua operação; de acordo com o propósito declarado do trabalho assim será o resultado. É uma chave universal de toda a Magia^(k).

Estes segredos são de importância prática suprema, e são guardados no Santuário com uma espada de dois gumes flamejantes cada direção²; **para este sacramento é a Árvore da Vida em si, e aquele que se alimenta de seu fruto, nunca morrerá** ³.

A menos que ele assim o faça. Quem não preferiria trabalhar através da encarnação; uma renovação real do corpo e do cérebro, do que contentar-se com uma imortalidade estagnada sobre esta mote na Luz Solar do Universo a que chamamos terra?

¹ N. do A. = O Lance e o Graal são em primeiro lugar dedicados ao Espírito Santo da Vida, em Silêncio. O Pão e o Vinho são, então, fermentados e manifestados por vibração, e recebidos pela Virgem Mãe. Os elementos são então misturados e consumidos depois da Epifania do Iacchus, quando "Semblante, está vendo o Semblante".

² N. do A. = J. K. Huysmans, que tinha medo deles, e tentou trair o pouco que sabia deles, tornou-se um Papista, e morreu de câncer de língua.

³ N. do A. = O uso do Elixir da Vida é somente justificável em circunstâncias peculiares. Para ir contra ao curso da mudança natural é aproximar perigosamente ao erro dos "Irmãos Negros".

No que diz respeito aos preparativos para tais Sacramentos, a Igreja Católica tem mantido bastante bem as tradições da verdadeira Igreja Gnóstica que consiste em manter os segredos. ¹

Castidade² é uma condição; jejum durante algumas horas anteriores é uma condição; uma aspiração sincera e contínua é uma condição. Sem estes antecedentes, mesmo a Eucaristia do Um e Sete é parcialmente - embora tal seja a sua força intrínseca que nunca pode ser total - impedida dos seus efeitos.

O mago torna-se preenchido com Deus, alimentado por Deus, intoxicado com Deus. Pouco a pouco, seu corpo vai se tornar purificado pela lustração interna de Deus; dia a dia seu quadro mortal, derramando seus elementos terrenos, se tornará em verdade o Templo do Espírito Santo. Dia a dia matéria é substituída pelo Espírito, o humano pelo divino; em última análise, a mudança será completa; Deus manifestado em carne será o seu nome.

Este é o mais importante de todos os segredos mágicos que de todos os segredos mágicos que já foram ou são ou podem ser. Para um Mago, portanto, renovar a consecução do Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião se torna uma tarefa inevitável; cada força de sua natureza, sem impedimentos, tende a esse objetivo e meta de cuja natureza nem homem nem deus pode falar, por isso é infinitamente além da fala ou pensamento ou ecstacy ou o silêncio. Samadhi e Nibbana são apenas suas sombras lançadas sobre o universo.

¹ N. do A. = Estudar, no Missal Romano, o Cânone da Missa, e o capítulo dos "Defeitos".

² N. do A. = A Palavra Castidade é usada por iniciados para significar um certo estado de alma e de espírito determinante de um certo hábito do corpo, que não é de modo algum, idêntico ao que é comumente entendido. Castidade, no verdadeiro sentido da palavra mágica é inconcebível para aqueles que não são totalmente emancipados da obsessão do sexo.

II

Se os efeitos de Mestre Therion por este livro não forem nada além de demonstrar a continuidade da natureza e da uniformidade da lei, Ele vai sentir que Seu trabalho não foi desperdiçado. Em seu projeto original da Parte III ele não contempla qualquer ilusão à alquimia. Foi de alguma forma dado como certo que este assunto é totalmente estranho à Magia^(k) regular, tanto no âmbito quanto no método. Ele será o principal objeto da seguinte descrição para estabelecê-lo como essencialmente um ramo do assunto, e para mostrar que ela pode ser considerada simplesmente como um caso particular da proposição geral - diferindo da Magia^(k) evocatória e talismã apenas nas equações pantomorfias.

Não há necessidade de fazer qualquer tentativa sistematizada para decifrar o jargão dos tratados Herméticos. Não precisamos entrar numa discussão histórica. É suficiente dizer que a palavra alquimia é um termo árabe que consiste no artigo "al" e o adjetivo "khemi", que significa "o que diz respeito ao Egito" ¹. A tradução aproximada seria "O assunto egípcio". A suposição é que os gramáticos Maometanos mantiveram tradicionalmente que a arte fora derivada daquela sabedoria dos Egípcios que era o motivo de orgulho de Moisés, Platão e Pitágoras, e a fonte de sua iluminação.

A pesquisa moderna (por estudiosos profanos) deixa ainda dúvidas quanto ao fato de tratados alquímicos devam ser classificados como místicos, mágicos, médicos ou químicos. A opinião mais razoável é que todos esses objetos formaram a preocupação dos alquimistas em proporções variáveis. Hermes é tanto o Deus da Sabedoria, Taumaturgia, terapêutica, e da ciência física. Todos estes podem, conseqüentemente, reivindicar o título Hermético. Não se pode duvidar que escritores como Fludd aspiravam a perfeição espiritual. É igualmente certo que Edward Kelly escreveu principalmente a partir do ponto de vista de um Mago;

¹ **N. do A. = Esta etimologia difere daquela dada pelo Skeat; Não posso fazer mais do que apresentar a minha submissão.**

que Paracelso aplicou-se à cura de doenças e prolongamento da vida como a primeira consideração, apesar de suas maiores conquistas parecerem a pensadores modernos terem sido preferencialmente suas descobertas do ópio, zinco, e hidrogênio; de modo que temos a tendência de pensar nele como um químico não menos do que Van Helmont, cuja concepção de gás classifica-o como um daqueles raros gênios que aumentaram o conhecimento humano por uma ideia de fundamental importância.

A literatura da Alquimia é imensa. Praticamente tudo é total ou parcialmente ininteligível. Seus tratados, a partir do "Asch Metzareph" dos Hebreus à "Biga de Antimônio" são deliberadamente expressos em enigmas hieráticos. Perseguição eclesiástica e a profanação dos segredos do poder, foram igualmente temidos. Pior ainda, do nosso ponto de vista, este motivo induziu escritores a inserir declarações intencionalmente enganosas, o mais profundamente para atormentar pretendentes indignos de seus mistérios.

Não nos propomos a discutir qualquer um dos processos reais. A maioria dos leitores já estará ciente de que os principais objetos da alquimia foram o da Pedra Filosofal, a Medicina de Metais, e várias tinturas e elixires que possuem diversas virtudes; em particular, as de cura de doenças, estendendo o tempo de vida, aumentando capacidades humanas, aperfeiçoando a natureza do homem em todos os aspectos, conferindo poderes mágicos, e transmutando substâncias materiais, especialmente metais, em formas mais valiosas.

O assunto é ainda mais complicado pelo fato de que muitos autores foram charlatões inescrupulosos. Ignorantes dos primeiros elementos da arte, eles plagiavam sem vergonha, e colheram uma safra de ganho fraudulento. Eles se aproveitaram da ignorância geral, e a convenção de mistério, exatamente da mesma maneira como seus sucessores modernos fazem na matéria de todas as ciências Ocultas.

Mas apesar de tudo isso, uma coisa é muito clara; todos os escritores sérios, embora eles pareçam falar de uma infinidade de assuntos diferentes, por tanto que não tenha sido provados impossível para a pesquisa analítica moderna determinam a verdadeira natureza de qualquer processo único, foram acordados na teoria fundamental sobre a qual eles basearam suas práticas. Parece, à primeira vista, como se quase nenhum dos dois estivessem de acordo quanto à natureza da "Matéria Prima da Obra".

Eles descrevem isso em uma multiplicidade desconcertante de símbolos ininteligíveis. Nós não temos nenhuma razão para supor que eles estavam todos falando da mesma coisa, ou de outra forma. As mesmas observações aplicam-se a todos os reagentes e todos os processos, nada menos do que o produto final ou produtos.

No entanto, sob essa diversidade, podemos perceber uma identidade obscura. Todas elas começam com uma substância na natureza que é descrita como existente em quase toda parte, e tão universalmente estimada de nenhum valor. O alquimista é em todos os casos quem toma esta substância, e submete-a a uma série de operações. Ao fazer isso, ele obtém o seu produto, Este produto, independentemente da sua designação ou descrição, é sempre uma substância que representa a verdade ou a perfeição da "Matéria Prima" original; e as suas qualidades são, invariavelmente, tais como referem-se a um ser vivo, não a uma massa inanimada. Em uma palavra, **o alquimista é quem toma uma coisa morta, impura, sem valor, e sem poder, e transforma-a em uma coisa viva, ativa, inestimável e taumatúrgica.**

O leitor deste livro certamente irá encontrar a mais impressionante analogia com a qual já dissemos sobre os processos de Magia^(k). O que, por nossa definição, é a iniciação? A matéria prima é um homem, isto é, um parasita perecível, criado da crosta terrestre, rastejando irritado sobre ela por um breve espaço de tempo e, finalmente retornando para a terra onde ele nasceu. O processo de iniciação consiste em retirar suas impurezas, e encontrar em seu verdadeiro eu uma inteligência imortal que o que importa não é mais do que os meios de manifestação. O iniciado é eternamente individual; ele é inefável, incorruptível, imune a tudo. Ele possui infinita sabedoria e poder infinito em si mesmo. Esta equação é idêntica a de um talismã. O Mago tem uma ideia, purifica-a, intensifica-a invocando nela a inspiração de sua alma. Ela não é mais um rabisco riscado em um pergaminho, mas uma palavra de verdade, imperecível, poderosa a prevalecer em toda a esfera de seu teor. A evocação de um espírito é precisamente semelhante em essência. O exorcista toma substâncias materiais mortas de carácter solidário com o ser a quem pretende invocar. Ele bane todas as impurezas da mesma, impede toda interferência nela e passa a dar vida à substância sutil assim preparada por inculcar sua alma.

Mais uma vez, não há nada nisto exclusivamente "mágico". Rembrandt Van Ryan usado para tirar uma série de minérios e outros objetos brutos. Destes baniu as impurezas, e consagrou-os ao seu trabalho, pela preparação de telas, pincéis e cores. Isto feito, ele os obrigou a tomar o selo de sua alma; a partir dessas maçantes criaturas, sem valor da terra ele criou um ser vital e poderoso da verdade e da beleza. De fato, seria surpreendente para qualquer pessoa que tenha chegado a uma clara compreensão da natureza se houvesse alguma diferença na essência dessas várias fórmulas. As leis da natureza são igualmente aplicáveis em todas as circunstâncias possíveis.

Estamos agora em condições de entender o que a alquimia é. Podemos até ir mais longe e dizer que mesmo que nunca tenha ouvido falar dela, sabemos o que deve ser.

Vamos enfatizar o fato de que o produto final é em todos os casos uma coisa viva. Ele tem sido o grande obstáculo para a pesquisa moderna onde as declarações de alquimistas não podem ser explicadas. Do ponto de vista químico pareceu não *à priori* impossível que o chumbo deva ser transformado em ouro. A nossa recente descoberta da periodicidade dos elementos tornou aparentemente provável, pelo menos em teoria, que os nossos elementos aparentemente imutáveis devam ser modificações de um único.¹ Química Orgânica, com suas metáteses e sínteses dependentes sobre as concepções de moléculas como estruturas geométricas tem demonstrado uma práxis que dá a este corpo teoria; e as propriedades de Radium têm impulsionado a Velha Guarda do reduto que hasteou a bandeira da heterogeneidade essencial dos elementos. As doutrinas da Evolução trouxeram a teoria alquímica e monista da matéria alinhadas com a nossa concepção de vida; o colapso da parede entre os reinos animal e vegetal abalou o que os separava do mineral.

Mas mesmo que o químico avançado pudesse admitir a possibilidade de transmutar o chumbo em ouro, ele não poderia conceber o ouro como outros não metálicos, da mesma ordem da natureza como a liderança que tinha sido feita.

¹ N. do A. = Ver R. K. Duncan, "O Novo Conhecimento", para uma popularização dos resultados recentes.

Aleister Crowley defendeu esta doutrina na sua adolescência em um período em que isto era a heresia mais grosseira.

Que este ouro deve possuir o poder de multiplicar-se, ou de agir como um fermento sobre outras substâncias, parecia tão absurdo que ele se sentiu obrigado a concluir que os alquimistas que afirmavam estas propriedades ao seu Ouro devem, afinal, não estavam se referindo a química, mas a algumas operações espirituais, cuja santidade exigiu alguns desses véus simbólicos como o uso de criptografia da linguagem do laboratório.

O MESTRE THERION é otimista que a sua redução presente de todos os casos da arte de Magia^(k) a uma única fórmula será tanto para elucidar quanto vindicar a alquimia, enquanto estende a química para cobrir todas as classes de Mudança.

Há uma condição óbvia que limita nossas operações propostas. É que, como a fórmula de qualquer trabalho efetua a extração e visualização da Verdade a partir de qualquer "Primeira Matéria", a "Pedra" ou "Elixir" que resultam do nosso trabalho será o indivíduo puro e perfeito originalmente inerente à substância escolhida, e nada mais. O jardineiro o mais hábil não pode produzir lírios do rosa selvagem; suas rosas serão sempre rosas, no entanto, ele aperfeiçoou as propriedades de seu estoque.

Não há aqui nenhuma contradição com a nossa tese anterior da última unidade de toda a substância. É verdade que Hobbs e Nobbs são ambas modificações do Pleroma. Ambos desaparecem no Pleroma quando atingirem o Samadhi. Mas eles não são equivalentes na medida em que eles são modificações individuais; o iniciado Hobbs não é o iniciado Nobbs mais do que Hobbs uma loja de miudezas é Nobbs de "prego e negócios sarapan como ele obteve o seu dinheiro". Nossa habilidade em produzir corantes de anilina não nos permite dispensar a anilina original, e usar o açúcar em seu lugar. Assim, os alquimistas disseram: "Para fazer ouro você deve levar o ouro"; sua arte era trazer cada substância à perfeição de sua própria natureza adequada.

Sem dúvida, parte deste processo envolveu a retirada da essência da "Matéria Prima" dentro da homogeneidade de "Hyle", assim como a iniciação insiste na aniquilação do indivíduo no Infinito impessoal de existência a emergir mais uma vez como um menos Eidolon confuso e deformado da Verdade de Si mesmo. Esta é a garantia de que ele não está contaminado por elementos estranhos.

O "Elixir" deve possuir a atividade de uma substância "nascente", assim como "nascente" hidrogênio combina-se com o arsênio (no "teste de Marsh"), quando a forma ordinária do gás é inerte. Mais uma vez, o oxigênio satisfeito pelo sódio ou diluído pelo nitrogênio não atacará materiais combustíveis com a veemência própria do gás puro.

Podemos resumir essa tese, dizendo que a **Alquimia inclui o maior número de operações possíveis, pois há ideias originais inerentes à natureza.**

Alquimia se assemelha a evocação em sua seleção de bases materiais apropriadas para a manifestação da Vontade; mas difere dela no processo sem personificação, ou a intervenção de planos estranhos. ¹ Pode ser mais de perto em comparação com a Iniciação; para o elemento eficaz do produto é da essência de sua própria natureza, e que lhe são inerentes; o Trabalho semelhante consiste em isolá-lo de seus acréscimos.

Ora, assim como o Aspirante, no Limiar da Iniciação, encontra-se assaltado pelos "complexos" que o corrompem, sua exteriorização excruciante, e sua relutância agonizante à sua eliminação mergulhando-o em tais provações que ele parece (tanto para si mesmo e para os outros) ter se transformado de um homem nobre e reto em um canalha indizível; de modo que a *Matéria Prima* mancha e apodrece quando o Alquimista rompe seus coágulos de impureza.

O estudante pode trabalhar por si mesmo as várias analogias envolvidas, e descobrir o "Dragão Negro", o "Leão Verde", o "Água Lunar", o "Cabeça de Corvo", e assim por diante. As indicações acima dadas devem ser suficientes a todos os que possuem aptidão para Pesquisa Alquímica.

Apenas uma reflexão mais aprofundada parece necessária; saber, que a Eucaristia, com o qual este capítulo está devidamente preocupado, deve ser concebida como um caso - como o caso crítico - da Arte do Alquimista.

O leitor terá observado, talvez com surpresa, que o MESTRE THERION descreve vários tipos de Eucaristia. A razão é aquela, dada acima; não há nenhuma substância incompetente para servir como um elemento de algum Sacramento;

¹ N. do A. = **Alguns alquimistas podem opor-se a esta declaração. Eu prefiro não expressar parecer final sobre o assunto.**

além disso, cada Graça espiritual deve possuir sua forma peculiar de Massa e, portanto, sua própria "matéria mágica"*. É totalmente não científico tratar "Deus" como uma homogeneidade universal, e utilizar os mesmos meios para prolongar a vida como enfeitiçar gado. O mesmo não invoca "Eletricidade" indiscriminadamente à luz da casa de alguém e impulsiona um brougham; um trabalha por medida de aplicação de poderes outro para a compreensão analítica inteligente das condições de cada caso separado.

Há uma Eucaristia para toda a Graça que devemos apreender as características essenciais em cada caso, selecionar elementos e dispositivos de processos adequados.

Para considerar os problemas clássicos da Alquimia: a Medicina de Metais deve ser a quintessência de alguma substância que serve para determinar a estrutura (ou taxa de vibração), cuja manifestação é em qualidades metálicas características. Isso não precisa ser uma substância química em tudo, no sentido comum da palavra.

O Elixir da Vida consistirá da mesma forma em um organismo vivo capaz de crescimento, em detrimento do seu ambiente; e de tal natureza que a sua "verdadeira Vontade" é fazer com que o ambiente o sirva como os seus meios de expressão no mundo físico da vida humana.

A Medicina Universal será um dissolvente de tal sutileza a ser capaz de penetrar toda a matéria e transmutar no sentido da sua própria tendência, enquanto que de tal pureza imparcial quanto a aceitar perfeitamente a impressão da Vontade do Alquimista. Esta substância, preparada e carregada adequadamente, é capaz de realizar todas as coisas por mais que seja fisicamente possível, dentro dos limites das proporções do seu momento de inércia do objeto ao qual ela é aplicada.

Pode ser observado na conclusão que, ao lidar com formas de Matéria-Movimento tão sutis como estas, não é o suficiente passar a Pons Asinorum* do conhecimento intelectual.

O MESTRE THERION possuiu a teoria desses Poderes por muitos anos; mas Sua prática ainda está em andamento para a perfeição. Mesmo eficiência na preparação não é tudo; não há necessidade de ser criterioso na manipulação, e hábil na administração, do produto. Ele não faz milagres ao acaso, mas aplica Sua ciência e habilidade em conformidade com as leis da natureza.

* N. do E. 2008 = [Lat., “material mágico.”]

* N. do E. 2008 = [Lat., “ponte do burro”, ou seja., obstáculo.]

CAPÍTULO XXI

SOBRE MAGIA NEGRA

OS PRINCIPAIS TIPOS DE OPERAÇÕES DA ARTE MÁGICA

E OS PODERES DA ESFINGE

I

Como foi dito na abertura do segundo capítulo, o Supremo Ritual único é a realização do Conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião. *É a elevação do homem completo em uma linha reta vertical.*

Qualquer desvio desta linha tende a se tornar magia negra. Qualquer outra operação é magia negra.

Na Verdadeira Operação a Exaltação é equilibrada por uma expansão nos outros três braços da Cruz. Daí o Anjo imediatamente dá o poder ao Adepto ao longo dos Quatro Grandes Príncipes e seus servidores. ¹

Se o mago precisa realizar qualquer outra operação além desta, só é legítima na medida em que isto seja uma preliminar necessária a Esse Trabalho.

Há, no entanto muitos tons de cinza. Não é todo mago que está bem armado com a teoria. Talvez um desses pode invocar Júpiter, com o desejo de curar os outros de seus males físicos. Esse tipo de coisa é inofensiva, ² ou quase. Não é mal em si mesmo.

¹ N. do A. = Veja o Livro da Magia Sagrada de Abramelin o Mago.

² N. do A. = Há, no entanto, a objeção geral para o desvio de canais de Iniciação ao Mar de Realização, em valas de irrigação para os campos de vantagem material. É mau negócio pagar moeda boa por produtos perecíveis; como casar por dinheiro, ou prostituir gênio poético para fins políticos.

Ela surge de um defeito de compreensão. **Até que a Grande Obra seja realizada, é presunçoso para o mago a pretensão de entender o universo, e ditar sua política. Apenas o Mestre do Templo pode dizer se um determinado ato é um crime.** "Matar aquela criança inocente?" (I ouço a palavra ignorante) "Que horror!" "Ah!" responde o conhecedor, com previsão da história ", mas aquela criança vai se tornar Nero. Apresso-me a estrangulá-lo!"

Há um terceiro, acima destes, que compreende que Nero era tão necessário quanto Júlio César.

O Mestre do Templo, portanto, não interfere no esquema das coisas, exceto apenas na medida em que ele está fazendo o Trabalho que ele é enviado a fazer. Por que ele deveria lutar contra aprisionamento, banimento, morte? É tudo parte do jogo em que ele é um peão. "Era necessário que o Filho do homem padecesse e entrasse na Sua glória."

O Mestre do Templo é tão distante do homem, no qual Ele manifesta que todas estas questões são de nenhuma importância para Ele. Pode ser de importância ao Seu Trabalho que o homem se assentará sobre um trono, ou seja enforcado. Em tal caso, ele informa seu Mago, que exerce o poder confiado a Ele, e isso acontece em conformidade. No entanto, tudo acontece naturalmente, e por necessidade, e ao que tudo indica, sem uma palavra Dele.

Nem o simples Mestre do Templo, como regra, presume agir sobre o Universo, salvar como o servo de seu próprio destino. É apenas o Mago, Aquele do grau acima, que tenha atingido a Chokhmah, Sabedoria, e assim ousa. Ele deve se atrever, embora ele não goste. Mas Ele deve assumir a Maldição do seu grau, como está escrito no Livro do Mago. ¹

Há, é claro, formas inteiramente negras de magia. Para aquele, que não tenha dado cada gota de seu sangue para a taça de BABALON todo o poder mágico é perigoso.

O curso inverso, embora igualmente censurável como a poluição da pureza dos aviões, é pelo menos respeitável por sua nobreza. O asceta da Tebaida ou o Mosteiro Trapista são infinitamente mais dignos do que a saúde-mascate e sucesso-trafficante de Boston ou Los Angeles; para aquele oferece lixos temporais para ganhar riqueza eterna, enquanto os outros valores substância espiritual apenas como capacitando-o a obter melhores condições corporais, e um aperto mais firme sobre os dólares.

¹ N. do A. = Equinox I, VII, 5-9.

Existem formas ainda mais degradadas e más, as coisas em si negras. Tal é o uso da força espiritual para fins materiais. Cientistas Cristãos, Curandeiros Mentais, Adivinhos Profissionais, Videntes e afins, são todos *ipso facto* Magos Negros.

Eles trocam ouro por escória. Eles vendem os seus poderes superiores por benefício bruto e temporário.

Que a ignorância mais grosseira da Magia^(k) é a sua principal característica, é nenhuma desculpa, mesmo se a Natureza aceita desculpas, o que ela não faz. Se você beber veneno por engano em vez de vinho, o seu "erro" não vai salvar sua vida.

Abaixo destes, em certo sentido, porém muito acima deles em outro, **estão os Irmãos do Caminho da Mão Esquerda**¹. Estes são os que "se fecham", que recusam seu sangue para o Cálice, que pisaram no Amor na Corrida pelo auto engrandecimento.

Quanto ao grau do Adepto Isento, eles estão no mesmo caminho da Fraternidade Branca; Pois até que esse grau seja atingido, o objetivo não é divulgado. Em seguida, são apenas as cabras, as solitárias saltitantes mestras da montanha, separadas do amontoamento gregário do limite do vale das ovelhas. Então, aqueles que têm aprendido bem as lições do Caminho estão prontos para serem dilacerados em pedaços, a desistir de suas próprias vidas para o Bebê do Abismo que é - e não é - eles.

Os outros, orgulhosos em sua dignidade real, recusam. Fazem-se a falsa coroa do horror do Abismo; Puseram a Dispersão de Choronzon sobre suas testas; eles se vestem com as roupas envenenadas da Forma; eles se fecham; e quando a força que os fez o que são se esgota, suas torres fortes caem, eles se tornam as Páscoas de Estrume no Dia do Esteja-conosco, e seus pedaços, espalhados no Abismo, são perdidos.

Nem por isso os Mestres do Templo, que se sentam como pilhas de pó na Cidade das Pirâmides, esperando a Grande Chama que consumirá aquela poeira de cinzas. Por causa do sangue que se renderam é estimado no Cálice de NOSSA SENHORA BABALON, um medicamento poderoso para uma vigília do Eld do Todo-Pai, e resgatar a Virgem do Mundo de sua virgindade.

¹ N. do A. = Veja Liber 418, e estudá-o bem, nesta matéria. Equinox IV. Suplemento.

II

Antes de deixar o assunto de Magia Negra, pode-se tocar levemente sobre a questão dos Pactos com o Diabo.

O Diabo não existe. É um nome falso inventado pelos Irmãos Negros para implicar uma Unidade em seu meio ignorante de dispersões. Um diabo que tinha a unidade seria um Deus ¹.

Foi dito pelo Feiticeiro da Jura que **para invocar o Diabo é necessário apenas chamá-lo com toda a sua vontade.**

Esta é uma verdade mágica universal, e se aplica a todos os outros seres, tanto quanto ao Diabo. Para toda a vontade de cada homem é, na realidade, toda a vontade do Universo.

É, no entanto, sempre fácil chamar os demônios, pois eles estão sempre chamando você; e você só tem que descer ao seu nível e confraternizar com eles.

¹ N. do A. = "O Diabo" é, historicamente, o Deus de todos os povos que alguém não gosta pessoalmente. Isto levou a muita confusão de pensamento que A BESTA 666 preferiu deixar nomes como estão, e proclamar simplesmente que AIWAZ - o solar-fálico-hermético "Lúcifer" é Seu próprio Santo Anjo Guardião, e "O Diabo" SATANÁS ou HADIT da nossa unidade particular do Estrelado Universo. Esta serpente, SATANÁS, não é o inimigo do homem, mas Aquele que fez Deuses da nossa raça, conhecendo o Bem e o Mal; Ele ordenou que "Conhece a ti mesmo!" E ensinou Iniciação. Ele é "o Diabo" do Livro de Thoth, e Seu emblema é BAPHOMET, o Andrógino que é o hieróglifo da perfeição arcana. O número de Seu ATU é xv, que é Yod Hé, o Monograma do Eterno, o Pai com a Mãe, a Semente Virgem contendo todo o Espaço. Ele é, portanto, a Vida e o Amor. Mas, além disso, sua carta é Ayin, o Olho; ele é Luz, e sua imagem Zodiacal é Capricórnio, aquela cabra saltitante cujo atributo é Liberdade. (Note que o "Senhor" dos Hebreus está etimologicamente relacionado com estes. O exemplo clássico de tal antinomia, que levou a tais equívocos desastrosos, é que entre NU e HAD, Norte e Sul, Jesus e João. O assunto é demasiado hermético e complicado para ser discutido em detalhe aqui. O estudante deve consultar os escritos de Sir R. Payne Knight, General Forlong, Gerald Massey, Fabre d'Olivet; etc. etc., para os dados em que estas considerações são, em última análise baseadas.)

Eles irão, em seguida fazer você em pedaços por lazer. Não de uma só vez; eles vão esperar até que você tenha totalmente quebrado o vínculo entre você e seu Santo Anjo Guardião antes de atacar, para que no último momento você escape.

Antony de Pádua e (nos nossos dias) "Macgregor" Mathers são exemplos de tais vítimas.

No entanto, cada mago deve firmemente estender seu império à profundidade do inferno. "Meus adeptos estão de pé, a cabeça acima dos céus, seus pés abaixo dos infernos." ¹

Esta é a razão pela qual o mago que executa a operação da "Magia Sagrada de Abramelin o Mago", imediatamente depois de atingir o conhecimento e Conversação do Santo Anjo Guardião, deve evocar os Quatro Grandes Príncipes do Mal do Mundo.

"A obediência e a fé para Aquele que vive e triunfa, que reina acima de você em seus palácios como a Balança da justiça e verdade" é o seu dever para com seu Sagrado Anjo Guardião, e o dever do mundo dos demônios para você.

Estas forças da natureza "má" são bestas selvagens; elas devem ser domesticadas, treinadas para a sela e o freio; elas vão dar-lhe bem. Não há nada de inútil no Universo: não encerre o seu Talento em um guardanapo, porque é apenas "dinheiro sujo"!

No que respeita aos Pactos, eles raramente são lícitos. Não deve haver nenhuma barganha. Magia^(k) não é um comércio, e vendedores ambulantes não precisam aplicar. Dominar tudo, mas dar generosamente aos seus servos, uma vez que tenham incondicionalmente submetido.

Há também a questão das alianças com vários poderes. Estas novamente quase nunca são permitidas. ²

¹ N. do A. = Liber XC, Versículo 40. Veja o Equinox.

² N. do A. = Não obstante, existem certos organismos de seres espirituais, em cujas classificações não são apenas forças angelicais, mas elementais, e até mesmo demônios, que atingiram tal Compreensão Correta do Universo que eles uniram-se em conjunto com o objetivo de tornarem-se Microcosmos, e perceberem que o seu melhor meio para este fim é a devoção ao serviço dos verdadeiros interesses da Humanidade. Sociedades de forças espirituais, organizadas nestas linhas, dispõem de enormes recursos. O mago que é o próprio jurado a serviço da humanidade pode contar com a ajuda cordial dessas Ordens. Sua sinceridade pode ser sempre assegurada em colocá-los à prova da aceitação da Lei de Thelema.

Sem Energia que não é um microcosmo em si mesmo - e até arcanjos chegam raramente a este centro de equilíbrio - está apto a tratar em pé de igualdade com o homem. O estudo da humanidade é Deus; com Ele é o seu negócio; e com Ele sozinho. Alguns magos tem contratado legiões de espíritos para algum propósito especial; mas sempre se mostrou um erro grave. Toda a ideia de troca é alheia a magia^(k). A dignidade do mago proíbe compactos. "A Terra é do Senhor e da sua plenitude".

III

As operações de arte Mágica são difíceis de classificar, como elas fundem-se umas as outras, devido à unidade essencial do seu método e resultado. Podemos citar:

1. As operações como a evocação, em que um espírito vivo é trazido da matéria morta.

2. Consagrações de talismãs em que um espírito vivo é obrigado na matéria "morta" e vivifica a mesma.

3. Obras de adivinhação, em que um espírito vivo é feito para controlar as operações da mão ou do cérebro do Mago. Tais obras são, portanto, mais perigosas, para serem usadas apenas por magos avançados, e depois com muito cuidado.

4. Obras de fascínio, como operações de invisibilidade, e transformações da aparente forma da pessoa ou coisa em interesse. Este consiste quase completamente em distrair a atenção, ou perturbar o julgamento, da pessoa a quem se pretende enganar. Há, no entanto, as transformações "reais" do adepto que são muito úteis. Veja o Livro dos Mortos para os métodos. A suposição das Formas de Deus pode ser realizada até o ponto de transformação real.

5. Obras de Amor e Ódio, que também são executadas (em regra) por fascínio. Estas obras são muito fáceis; e raramente úteis. Elas têm um truque sujo de ressaltar no mago.

Quem nega "Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei" confessa que ainda se agarra ao conflito em sua própria natureza; ele não é, e não quer ser, fiel a si mesmo. Por maiores razões, ele irá revelar-se falso para você.

6. Obras de destruição, que podem ter sido feitas de muitas maneiras diferentes. Podem fascinar e submeter alguém a ser uma pessoa que tem de seu próprio direito o poder para destruir. Pode-se empregar espíritos ou talismãs. Os magos mais poderosos dos últimos séculos têm empregado livros.

Em matéria privada, essas obras são muito fáceis, se forem necessárias. Um adepto conhecido do MESTRE THERION achou uma vez necessário matar uma Circe que estava enfeitiçando irmãos. Ele apenas caminhou até a porta de seu quarto, e desenhou um T Astral ("traditore"* e o símbolo de Saturno) com um punhal astral. Em 48 horas ela atirou em si mesma.¹

7. Obras de criação e dissolução, e as invocações mais elevadas.

Há também centenas de outras operações; ² para trazer objetos procurados - ouro, livros, mulheres e semelhantes; para abrir portas trancadas, para descobrir o tesouro; nadar debaixo d'água; ter *nen* armado no comando - etc., etc. Todas estas são realmente questões de pormenor; o Adepto Maior vai entender facilmente como executá-las se necessário. ³

* N. do E. 2008 = [It., "traidor".]

¹ N. do A. = Como explicado acima, em outra ligação, aquele que "destrói" qualquer ser deve aceitá-lo, com todas as responsabilidades anexadas, como parte de si mesmo. O Adepto aqui em questão foi, portanto, obrigado a incorporar o espírito elemental da menina - ela não era humana, a bairra de uma Estrela, mas um demônio planetário avançado, cuja arrojada ambição tinha capturado um corpo além de sua capacidade de conduzir - no seu próprio veículo mágico. Com isso, ele comprometeu-se a subordinar tudo à adesão repentina de qualidades - apaixonado, caprichoso, impulsivo, irracional, egoísta, míope, sensual, volúvel, louco, e desesperado, a sua Verdadeira Vontade; à disciplina, coordenar e empregá-los na Grande Obra, sob pena de se dilacerar pelos cavalos selvagens que ele tinha ligado rápido ao seu próprio corpo pelo ato de "destruir" a sua consciência e o controle de seu escolhido independente veículo. Ver Seu Registro Mágico Um XX, ☉ em ☿ para frente.

² N. do A. = Exemplos de Rituais para vários desses efeitos são dados no Equinox.

³ N. do A. = Moral: se tornar um Adepto Maior!

Deve-se acrescentar que todas estas coisas acontecem "naturalmente".¹ executar uma operação para trazer Ouro - seu tio rico morre e deixa-lhe o seu dinheiro; livros - você vê o livro que queria em um catálogo naquele mesmo dia, apesar de ter anunciado em vão por um ano; mulher - mas se você fez os espíritos lhe trazerem ouro suficiente, esta operação vai se tornar desnecessária.²

Deve-se ainda comentar que isto é Magia Negra absoluta usar qualquer um desses poderes se o objeto pode, eventualmente, ser alcançado de outra forma. Se o seu filho está se afogando, você deve saltar e tentar salvá-lo; isto não tem nada a ver com invocar as Ondinas.

Também não é permitido em qualquer circunstância invocar essas Ondinas mesmo quando o caso é sem esperança; talvez seja necessário para você e para a criança que ela deve morrer. Um Adepto Isento no caminho certo não vai fazer nenhum erro aqui - um Adepto Maior é bem capaz de fazê-lo. A apreensão através deste livro vai armar adeptos de cada série contra todos os erros mais graves relacionados com as suas posições infelizes.

IV

Necromancia é de importância suficiente para exigir uma seção para si.

É justificável em alguns casos excepcionais. Suponha que o mago não conseguiu

¹ N. do A. = O valor da evidência de que suas operações têm influenciado o curso dos acontecimentos é apenas para ser avaliado pela aplicação das leis da probabilidade. O MESTRE THERION não iria aceitar qualquer um único caso como conclusivo, por mais improvável que seja. Um homem pode fazer uma estimativa correta em uma chance em dez milhões, não menos do que em uma em cada três. Se alguém pegar um seixo, a chance era infinitamente grande contra esse seixo particular; ainda qualquer um que foi escolhido, a mesma chance "saiu". Ela exige uma série de eventos antecedentemente improváveis para deduzir que o design é uma obra, que as mudanças observadas são causalmente, não casualmente, produzidas. A predição de eventos é mais uma prova de que eles são afetados por vontade. Assim, qualquer homem pode lançar com sorte um tiro de dez no bilhar, ou até mesmo fazer uma pausa de alguns cursos. Mas a possibilidade não pode ser responsável por sucesso consistente, mesmo se moderada, quando se estende ao longo de um longo período de tempo. E a capacidade do especialista para "nomear seu remate" manifesta um conhecimento das relações de causa e efeito que confirma o testemunho de sua habilidade empírica de que seu sucesso não é acaso e coincidência.

² N. do A. = Esta declaração cínica é um absurdo da Magia Negra.

obter acesso a Professores vivos, ou deveria precisar de algum pedaço de conhecimento que ele tem razão para acreditar que morreram com algum professor do passado, pode ser útil evocar a "sombra" deste alguém, ou ler o "registro Akashic" de sua mente. ¹

Se isto for feito, deve ser feito corretamente muito sobre as linhas da evocação de Apolônio de Tiana, que Eliphas Levi realizou. ²

O máximo cuidado deve ser tomado para evitar a personificação da "sombra". É claro que é fácil, mas raramente pode ser aconselhável, evocar a sombra de um suicida ou de um violentamente morto ou morto de repente. De que serve tal operação, salvo para satisfazer a curiosidade ou vaidade?

Deve-se acrescentar uma palavra sobre o espiritismo, que é uma espécie de necromancia indiscriminada – pode-se preferir a palavra necrofilia - por amadores. Fazem-se perfeitamente passivos, e, longe de empregar quaisquer métodos de proteção, deliberadamente convidam toda a gente espíritos, demônios, conchas dos mortos, todos os excrementos e sujeira da terra e do inferno, para esguichar seu lodo sobre eles. Este convite é prontamente aceito, a menos que um homem limpo esteja presente com uma aura boa o suficiente para assustar esses habitantes abomináveis do poço.

Nenhuma manifestação espiritualista já ocorreu na presença mesmo de FRATER PERDURABO;

¹ N. do A. = As únicas mentes que podem ser úteis para o Mago pertencem a Adeptos jurados a sofrer reencarnação em intervalos curtos, e os melhores elementos de tais mentes estão ligados no "eu inconsciente" do Adepto, não à esquerda para passear de braços cruzados sobre o Plano Astral. Assim, será mais rentável tentar entrar em contato com o "Professor Morto" em sea presente avatar. Além disso, os Adeptos estão nas dores para gravar seus ensinamentos em livros, monumentos, ou imagens, e de designar tutores espirituais para preservar tais relíquias ao longo das gerações. Sempre que estes são destruídos ou perdidos, a razão é que normalmente o próprio Adepto julga que a sua utilidade é longa, e retira as forças que os protegiam. O aluno é, portanto, aconselhado a consentir; as fontes de informação disponíveis para ele, provavelmente, são selecionadas pelos Vigilantes da Humanidade, com vista a suas necessidades reais. É preciso aprender a confiar no Santo Anjo Guardiã para moldar circunstâncias com habilidade. Se alguém for, porém absorvido no ardor da aspiração para Ele, é breve o tempo antes da Experiência incutir certa convicção de que as suas obras e os Seus caminhos são infinitamente aptos a suas necessidades.

² N. do A. = Veja Rituel et Dogme de la Haute Magie; Rituel, cap. XIII.

quanto menos na do MESTRE THERION! ¹

De todas as criaturas que Ele já conheceu, o mais proeminente dos espíritas ingleses (um jornalista e pacifista de mais fama Europeia) teve a mente mais imunda e boca mais suja. Ele iria quebrar qualquer conversa para contar uma história suja estúpida, e mal podia conceber qualquer sociedade montada para qualquer outro propósito que "orgias fálicas", sejam elas quais forem. Totalmente incapaz de manter-se em um assunto, ele iria arrastar a conversa para baixo novamente e novamente para o único assunto de que ele realmente pensava - sexo e sexo-perversões e sexo e sexo e sexo e sexo novamente.

Este foi o resultado puro de seu espiritismo. Todos os espíritas são igualmente atingidos, mais ou menos. Eles se sentem sujos mesmo do outro lado da rua; suas auras são esfarrapadas, lamacentas e fétidas; eles escorrem o lodo de cadáveres* em putrefação.

Nenhum espírita, uma vez que ele é totalmente enredado em sentimentalismo e medos fantasmas Freudianos, é capaz de pensamento concentrado, de vontade persistente, ou de caráter moral. Desprovido de qualquer centelha da luz divina que era seu direito de primogenitura, uma presa antes da morte para os inquilinos medonhos da sepultura, o miserável, como o cadáver vivo fascinado e de Poe Monsieur Valdemar, é uma "massa quase líquida repugnante, de putrescência detestável."

O estudante desta Santa Magia^(k) está seriamente advertido a evitar frequentar as suas sessões, ou mesmo admiti-los à sua presença.

Eles são contagiosos, como Sífilis, e mais mortíferos e repugnantes. **A menos que sua aura seja forte o suficiente para inibir qualquer manifestação das larvas repugnantes que assumiram sua morada neles, evite-os como se você não precisasse de meros leprosos!** ²

* N. do E. = No segundo parágrafo, última linha, há um erro de digitação, ao invés de 'coprses', a palavra seria *corpses* (cadáveres).

¹ N. do A. = Mesmo as primeiras Iniciações conferir proteção. Compare o medo sentido por D. D. Home de Eliphas Levi. Ver Equinox I, X, "A Chave dos Mistérios".

² N. do A. = Isto ocorre em certos casos raros em que um grau muito incomum de pureza pessoal, combinado com integridade e força de caráter fornece ainda ao ignorante com uma certa defesa natural, e atrai para a sua aura únicas entidades inteligentes e beneficentes.

Dos poderes da Esfinge muito tem sido escrito.¹ Sabiamente Foram mantidos na vanguarda da verdadeira instrução mágica. Até mesmo o principiante pode sempre recitar o que ele tem de saber, para ousar querer e para manter o silêncio. É difícil escrever sobre este assunto, por estes poderes serem realmente abrangentes, e a interação de um com o outro se torna cada vez mais evidente à medida que se vai mais profundamente no assunto.

Mas há um princípio geral que parece digno de atenção especial neste lugar. Estes quatro poderes são, portanto, complexos, porque eles são os poderes da Esfinge, ou seja, eles são funções de um único organismo.

Agora aqueles que entendem o crescimento de organismos estão conscientes de que a evolução depende da adaptação ao meio ambiente. Se um animal que não sabe nadar ocasionalmente é jogado na água, ele pode escapar por algum pedaço de boa sorte, mas se ele é jogado em água continuamente ele vai se afogar, mais cedo ou mais tarde, a menos que aprenda a nadar.

Organismos sendo até certo ponto elásticos, logo se adaptam a um novo ambiente, desde que a mudança não seja tão repentina para destruir essa elasticidade.

Agora uma mudança no ambiente envolve uma reunião repetida de novas condições, e se você quer adaptar-se a um determinado conjunto de condições, a melhor coisa que você pode fazer é colocar-se cautelosamente e persistentemente entre elas. Esse é o fundamento de toda a educação.

Os antiquados pedagogos não eram tão estúpidos como alguns educadores modernos gostariam de nos fazer pensar. O princípio do sistema foi atacar o cérebro com uma série de golpes constantemente repetidos até que a reação se tornou adequadamente normal ao organismo.

Essas pessoas podem talvez praticar o espiritismo, sem maus resultados óbvios, e mesmo com bons resultados, dentro dos limites. Mas tais exceções de modo algum invalidam a regra geral, ou de alguma forma servem como argumento contra a teoria mágica descrita acima com tal persuasão suave.

¹ N. do A. = Em Liber CXI (Aleph) o assunto é tratado com profunda sabedoria e todo-abrangente.

Não é desejável a utilização de ideias que excitam interesse, ou podem vir a calhar mais tarde, como armas, neste treinamento fundamental da mente. É muito melhor obrigar a mente a si mesma ocupada com ideias profundas que não significam muito para a criança, porque você não está tentando excitar o cérebro, mas perfurá-lo. **Por este motivo, todas as melhores mentes foram treinadas pelo estudo preliminar de clássicos e matemática.**

O mesmo princípio para a formação do corpo. Os exercícios originais devem ser de um caráter para treinar os músculos geralmente para realizar qualquer tipo de trabalho, ao invés de treiná-los para algum tipo especial de trabalho, a concentração a qual os incapacita para outras tarefas, privando-os da elasticidade a qual é a condição adequada de vida. ¹

Em Magia^(k) e meditação este princípio aplica-se com uma força tremenda. É completamente inútil ensinar as pessoas como realizar operações mágicas, quando pode ser que tais operações, quando eles aprenderem a fazê-las, não estão em conformidade com as suas vontades. O que deve ser feito é perfurar o Aspirante na dura rotina dos elementos da Arte Real.

Na medida em que o misticismo está em causa, a técnica é extremamente simples, e tem sido muito simplesmente descrita na Parte I deste Livro 4. **Não se pode dizer muito fortemente que qualquer quantidade de sucesso místico por mais que não seja compensação por negligência no que diz respeito à técnica. Pode chegar um momento em que Samadhi não é parte do negócio do místico. Mas o caráter desenvolvido pela formação original permanece em ativo.**

¹ N. do A. = Algumas poucas formas de exercício são isentos destas restrições. Escalada, em particular, treina cada músculo em uma variedade infinita de formas. E, além disso, obriga o aluno a usar seu próprio julgamento, a confiar em si mesmo, para desenvolver recursos e depender de sua própria originalidade para atacar cada novo problema que se apresenta. Este princípio pode ser alargado a todos os departamentos da educação das crianças. Elas devem ser colocadas em contato com todos os tipos de verdade, e permitidas a fazer suas próprias reflexões nelas e reações aos mesmos, sem a menor tentativa de influenciar seu julgamento. Pupilos mágicos devem ser treinados em linhas semelhantes. Eles devem ser feitos para trabalharem sozinhos a partir do princípio, para cobrir todo o chão de forma imparcial, para elaborar as suas próprias experiências e tirar suas próprias conclusões.

Em outras palavras, a pessoa que se fez um cérebro de primeira classe capaz de elasticidade é competente para atacar qualquer problema que seja, quando aquele que meramente especializado tem em um sulco, e já não pode adaptar-se e ajustar-se às novas condições.

O princípio é bastante universal. Você não treina um violinista para tocar o Concerto de Beethoven; você o treina para tocar cada consecução concebível de notas com facilidade perfeita, e você o mantém na perfuração mais monótona possível por anos e anos antes permitir que ele continue na plataforma. Você faz dele um instrumento perfeitamente capaz de ajustar-se a qualquer problema musical que possa ser definido antes dele. Esta técnica de Yoga é o detalhe mais importante de todo o nosso trabalho. O MESTRE THERION tem sido ele mesmo um pouco culpado em representar esta técnica como de valor, simplesmente porque ela leva a grandes recompensas, como Samadhi. Ele teria sido mais sensato em basear seus ensinamentos apenas por força da evolução. Mas, provavelmente, Pensou nas palavras do poeta:

"Você balançar uma cenoura na frente de seu nariz,

E ela vai para onde a cenoura vai."

Pois, afinal, não se pode explicar a necessidade do estudo do latim, quer para crianças imbecis ou para educadores estúpidos; por, não terem aprendido Latim, eles não desenvolveram o cérebro para aprender alguma coisa.

Os Hindus, compreendendo essas dificuldades, tomaram a atitude de Deus Todo-Poderoso sobre o assunto. Se você for a um professor Hindu, ele trata você como menos do que uma minhoca. Você tem que fazer isso, e você tem que fazer aquilo, e você não está autorizado a saber por que você está fazendo isso. ¹

Depois de anos de experiência no ensino, O MESTRE THERION* não é totalmente convencido de que esta não é a atitude certa.

*** N. do E. = Erro de digitação no último parágrafo, ao invés de THERION, aparece a palavra TUERION.**

¹ N. do A. = Isso não entra em conflito com o "saia-quando-você-quiser" plano apresentado na nota anterior. Um Adepto autocrático é realmente uma bênção para o discípulo, não porque ele é capaz de orientar o aluno "corretamente" no caminho particular que acontece para se adequar a sua personalidade, mas porque ele pode obrigar o iniciante a moer afastado no trabalho cansado e, assim, adquirir toda capacidade, e impedi-lo de escolher as ameixas que lhe agradam da torta do Conhecimento, e tornando-se doente de um excesso de doces à negligência de uma dieta equilibrada de nutrição saudável.

Quando as pessoas começam a discutir sobre as coisas, em vez de fazê-las, elas se tornam absolutamente impossíveis. Suas mentes começam a trabalhar sobre elas e sobre, e elas saem pela mesma porta que entraram. Eles permanecem brutos, volúveis e incompreendidas.

A técnica da Magia^(k) é tão importante como a do misticismo, mas aqui temos um problema muito mais difícil, porque a unidade original da Magia^(k), o Corpo de Luz, já é algo desconhecido para a pessoa comum. No entanto, este órgão deve ser desenvolvido e treinado com exatamente a mesma disciplina rígida como o cérebro, no caso do misticismo. A essência da técnica de Magia^(k) é o desenvolvimento do corpo de Luz, que deve ser alargado para incluir todos os membros do organismo, e na verdade do cosmos.

As práticas de perfuração mais importantes são:

1. A fortificação do Corpo de Luz pelo uso constante de rituais, pela assunção de Formas Divinas, e pelo uso correto da Eucaristia.
2. A purificação e consagração e exaltação daquele Corpo através do uso de rituais de invocação.
3. A formação desse Corpo é pela experiência. Ele deve aprender a viajar em todos os planos; quebrar todos os obstáculos que podem enfrentá-lo. Esta experiência deve ser tão sistemática e regular quanto possível; pois é de nenhum uso apenas viajar para as esferas de Júpiter e Vênus, ou mesmo explorar os 30 Aethyrs, negligenciando meridianos pouco atraentes. ¹

¹ N. do A. = O aspirante deve se lembrar que ele é um Microcosmo. "Universus sum et Nihil universi a me alienum puto" deve ser o seu lema. Ele deve fazê-lo a sua prática diária para viajar no Plano Astral, levando-se a transformar cada uma das seções mais sintéticas, o Sephiroth e os Caminhos. Estes sendo completamente compreendidos, e um Anjo em cada comprometido a proteger ou para guiá-lo em caso de necessidade, ele deve começar em uma nova série de expedições para explorar as seções subordinadas de cada um. Ele pode, então, praticar Elevação nos Planos dessas esferas, uma após a outra em rotação. Quando ele estiver completamente familiarizado com os vários métodos para atender emergências inesperadas, ele pode preceder a investigar as regiões do Qliphoth e as Forças Demoníacas. Isto deve ser o seu objetivo de obter um conhecimento abrangente de todo o Plano Astral, com amor imparcial da verdade para seu próprio bem; assim como uma criança aprende a geografia de todo o planeta, embora ela possa não ter nenhuma intenção de deixar sua terra natal.

O objetivo é possuir um Corpo que seja capaz de fazer facilmente qualquer tarefa específica que possa estar antes dele. Não deve haver nenhuma seleção de experiência especial que apele ao desejo imediato de alguém. É preciso ir de forma constante através de todos os possíveis pilões.

FRATER PERDURABO foi muito infeliz em não ter tido professores de magia para explicar essas coisas a Ele. Ele foi bastante incentivado ao trabalho assistemático. Muito feliz, por outro lado, Ele foi por ter encontrado um Guru que O instruiu nos princípios próprios da técnica de Yoga, e Ele, que teve senso suficiente para reconhecer a aplicação universal dos referidos princípios, foi capaz, até certo ponto de reparar sua inclinação inicial muito mais forte no sentido de Magia^(k) do que para o misticismo, ele é muito menos competente em Magia^(k). ¹ Um traço deste pode ser visto até mesmo em seu método de combinar as duas divisões da nossa ciência, pois nesse método Ele faz concentração de carregar a Cruz do Trabalho.

Este é possivelmente um erro, provavelmente um defeito, certamente, uma impureza de pensamento, e a raiz do que é para ser encontrado em sua má disciplina original com relação à Magia^(k).

Se o leitor se voltar para a conta de suas viagens astrais o Segundo Número do Primeiro Volume do Equinox,* ele vai achar que estas experiências foram bastante caprichosas. Mesmo quando, no México, ele teve a ideia de explorar as 30 Aethyrs sistematicamente, ele abandonou a visão depois que apenas 2 Aethyrs tinham sido investigados.

¹ **N. do A. = Reconsideração dessas observações, a pedido de um colega leal, obrigado a admitir que isso pode não ser o caso. É verdade que a Ele foi concedida toda a realização mística que é teoricamente possível, enquanto Seus poderes em Magia^(k) parecem ser irregulares e imperfeitos. Apesar disso, ele ainda pode ser que Ele compreendeu o Possível. Para Realizações Místicas não são mutuamente exclusivas; o transe da Tristeza (por exemplo) não é incompatível com a Visão Beatífica, ou a "Piada Universal". Mas, em Magia^(k) qualquer uma Operação exclui seu intérprete de realizar alguma outra. A razão disso é que o Juramento de qualquer Trabalho une o Mago de uma vez por todas para ser os princípios nele implícitos. Ver capítulo XVI Parte I. Além disso, é obviamente possível alcançar a essência do nada, sem interferir em outras coisas, que obstruem o outro. Viagens pelo país são muitas vezes pouco praticáveis.**

* N. do E. 2008 = [Em O Templo do Rei Salomão.]

Muito diferente é o Seu registro após o treinamento em 1901 e.v. o colocou no caminho da disciplina. ¹

Na conclusão desta parte deste livro, pode-se resumir toda a questão com estas palavras: **Não há nenhum objeto qualquer que seja digno de realização, mas o desenvolvimento normal do ser do Aspirante pelo trabalho científico constante; ele não deve tentar executar antes que ele possa andar; ele não deve querer ir a algum lugar até que ele saiba ao certo aonde ele quer ir.**

¹ N. do A. = Desenvolvimentos recentes permitiram-Lhe corrigir essas condições, de modo que este livro (como agora, finalmente, revisado por uma Editora) pode ser considerado praticamente isento de defeitos graves neste particular.